

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA- UNESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (DOUTORADO)**

PATRÍCIA MARCONDES DE BARROS

**“PROVOCAÇÕES BRASILEIRAS”:
A IMPRENSA CONTRACULTURAL MADE IN BRAZIL –
COLUNA UNDERGROUND (1969-1971), FLOR DO MAL (1971) & a
ROLLING STONE BRASILEIRA (1972-1973)**

ASSIS

2007

PATRÍCIA MARCONDES DE BARROS

PROVOCAÇÕES BRASILEIRAS:
A IMPRENSA CONTRACULTURAL MADE IN BRAZIL –
COLUNA UNDERGROUND (1969-1971), FLOR DO MAL (1971) & a
ROLLING STONE BRASILEIRA (1972-1973)

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Doutora em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientador: Dr. Milton Carlos Costa

ASSIS

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Barros, Patrícia Marcondes de
B277p Provocações brasileiras: a imprensa contracultural Made in
Brazil - coluna Underground (1969-1971), Flor do mal (1971)
& a Rolling Stone brasileira (1972-1973) / Patrícia Marcondes
de Barros. Assis, 2007
400 f. il.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Maciel, Luiz Carlos. 2. Imprensa – Brasil. 3. Contracul-
tura. 4. Militarismo – Brasil. 5- Brasil – História- 1964-1985.I.
Título.

CDD306.1
981.063

A todos que viveram intensamente
o período de “chumbos & flores”
em nosso país.

AGRADECIMENTOS

A Luiz Carlos Maciel, Ana Maria Bahiana e Ezequiel Neves pela gentileza e colaboração.

Aos amigos que me ajudaram nesta difícil travessia: Deborah Mendes e Gustavo Bersouza, Renata Gomes e Carlos Gustavo Nobrega, César Augusto de Carvalho, Alexandre e Adriana Fiúza, Hertz Wendel de Camargo, Cláudia Jawsnicker e família, Rafael Dutton, João Antônio Jabuher, Sérgio de Carvalho, Luiz Lima, Ênio Martins, Alexandre Inagaki, Antonieta, Róbi Schneider e Gabriel Giannattasio.

Ao orientador Milton Carlos Costa, pela amizade e atenção.

À minha família, pela ajuda de sempre.

Ao Rodrigo, pelo amor e companheirismo.

A CAPES, que financiou esta pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo a análise do movimento contracultural brasileiro no período de 1969 a 1973, através de algumas publicações da chamada imprensa alternativa, editadas no Rio de Janeiro por Luiz Carlos Maciel. As fontes elencadas para esta pesquisa são: a coluna *Underground* (1969-1971), veiculada no semanário *O Pasquim* (1969-1991), o jornal *Flor do Mal* (1971), bem como a versão brasileira da revista *Rolling Stone* (1972-1973), entre centenas de impressos alternativos que emergiram na época.

Através do estudo dessas fontes, mapeou-se e caracterizou-se a contracultura no Brasil, seus caminhos e descaminhos, em um período de recrudescimento do regime militar, que cerceava qualquer manifestação de oposição ao sistema vigente. Ironicamente, essa fase consistiu um período fértil de proliferação dos alternativos. Estes, através da arte e do humor, davam respostas desconcertantes àquele momento vivido, originando a formação do discurso da chamada "nova consciência nos trópicos".

Grande parte dessas produções alternativas, especificamente as de cunho underground, permaneceu no anonimato, sendo divulgada apenas em círculos restritos. Contudo, mesmo sendo um trabalho consumido por minorias vindas, sobretudo, da classe média, estavam ligadas ao surgimento de uma nova consciência de juventude, de caráter internacional, e que resultou na utopia hippie vivida em vários pontos do planeta.

Embora não tivessem uma definição ideológica, em termos de uma razão marxista, voltavam-se para uma situação contracultural, em relação aos textos divulgados pela imprensa convencional. O teor desses impressos remetia-se à arte, ao comportamento e à necessidade de criação de espaços alternativos de produção e de divulgação da informação. Isso ocorria mesmo quando utilizavam dados do underground americano, referências místicas e messiânicas das mais diversas, nos mais variados estilos e ritmos, numa linguagem irreverente, que passava pela antropofagia oswaldiana, o Tropicalismo, o kitsch e a própria contracultura.

O caráter experimental, assistemático, não-alinhado e sem fins lucrativos desses impressos manifestavam um aspecto de luta ideológica. Embora não tenham resistido ao sistema, em determinado momento, essas publicações souberam criar uma voz dissonante no modo de se fazer oposição ao regime militar.

PALAVRAS-CHAVE

Contracultura, Luiz Carlos Maciel, Imprensa *Underground* no Brasil, Regime Militar de 64, Pós-Tropicalismo.

ABSTRACT

The present study analyzes the countercultural movement in Brazil from 1969 to 1973, through investigation of publications by the alternative press, edited in Rio de Janeiro by Luiz Carlos Ferreira Maciel. The sources listed for this research including the following: the column named Underground (1969-1971), published in the weekly newspaper *O Pasquim*, the newspaper *Flor do Mal* (1971); and the Brazilian version of *Rolling Stone* magazine (1972-1973); as well as hundreds of publications that appeared during that period.

Through the study of these sources, Brazilian counterculture was mapped and characterized, in a period when the military regime was increasing its power, cornering any oppositional manifestation to the ruling system. Ironically, this situation consisted of a very fertile period for the proliferation of the alternative press. By means of art and humor this press was giving surprising answers to that living moment, creating the discursive formation of the so-called "new tropical consciousness".

A great part of these alternative productions, specifically the underground ones, remained anonymous, being divulged only in restricted circles. However, even though it was a work consumed mainly by minorities coming from the middle class, these practices were linked to the appearance of a new youth consciousness; international in its feature, resulting in the hippie utopia that lived in many places around the planet.

Although lacking a defined ideology, in terms of having a Marxist reason, they turned to the countercultural situation, in relation to the texts published by the conventional press. The content of these publications alluded to art, behavior; and the necessity of creating alternative spaces for producing and publishing information. This occurred even when they were using data taken from the American underground, mystical and messianic references taken from the most diverse sources, in many different styles and rhythms, in an irreverent language, that went through Oswald de Andrade's concept of anthropophagy, as well as Tropicalism, kitsch, and counterculture.

The unsystematic, experimental, not-aligned, and non-profitable features of these publications were important aspects of the ideological struggle and, although unable to survive the system, in a given moment they were able to create a dissonant voice in the way that opposed the Brazilian military regime.

KEY-WORDS

Counterculture, Luiz Carlos Maciel, Brazilian Underground Press, Military Regime of 1964, Post-Tropicalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 10
1 O BRAZILIAN WAY OF LIFE & O DESBUNDE TUPINIQUIM	p. 16
1.1 O BRAZILIAN WAY OF LIFE	p. 17
1.2 “A FORÇA JOVEM BRASILEIRA”	p. 23
1.3 “VANGUARDAS & DESBUNDE TROPICAL”	p. 36
2 INTERLOCUÇÕES COM O VAZIO: A GERAÇÃO PÓS-TROPICALISTA	p. 55
2.1 A Imprensa Alternativa como alternativa	p. 56
2.2 O <i>Underground</i> em coluna.....	p. 70
2.3 O desabrochar da Flor do Mal.....	p. 83
2.4 “O Poder da Pedra”: A revista <i>Rolling Stone brasileira</i>	p. 87
3 FRAGMENTOS DE CONTRACULTURA BRASILEIRA ATRAVÉS DAS FONTES: “DA POLÍTICA PARA A VIDA”	p. 96
3.1.1 A Revolução Sexual & A Esquerda Freudiana.....	p. 97
3.1.2 “A Nova Família”: proliferação das comunidades alternativas.....	p.122
3.1.3 “Homulher e mulhomem”: Norman O. Brown e a androginia como mutação da espécie.....	p.130
3.1.4 “Este Cavalo Metálico chamado Rock´N´Roll”: decodificando a nova sensibilidade	p.134
4 “DA HISTÓRIA PARA O MISTÉRIO”.....	p.144
4.1 A Era de <i>Aquarius</i> e a Orientalização do Ocidente.....	p.145
4.2 “Batendo nas portas do céu”: A esquizofrenia sintética do <i>underground</i>	p.157
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS:	p.169
6 FONTES	p.179
6.1.1 Impresses Alternativos (coluna <i>Underground</i> (1969-1971), jornal <i>Flor do Mal</i> (1971), versão brasileira da <i>Rolling Stones</i> (1972) e a revista <i>Bondinho</i> (1970-1974).....	p.179
6.1.2 Filmografia.....	p.191
6.1.3 Entrevistas.....	p.191

7 Referências.....	p.193
7.1 Livros.....	p.193
7.2 Artigos em revistas e jornais	p.201
7.3 Referências Virtuais.....	p.203
8 ANEXOS	p.204
8.1 Entrevistas	p.205
8.2 Ilustrações	p.244

INTRODUÇÃO

Surgido, inicialmente, na imprensa norte-americana, nos anos 60, o termo “contracultura” ganhou um espaço de circulação amplo, principalmente, à medida em que o fenômeno a que ele se referia expandia-se também, revelando-se, aos olhos de um número crescente de pessoas - estudantes, grupos minoritários e marginalizados da sociedade, intelectuais da chamada “nova esquerda”, entre outros -, como um tema obrigatório de discussão.

Os pioneiros da contracultura são comumente associados aos músicos, aos poetas *beatniks*, aos “*drop outs*” em geral, enfim, a uma infinita gama de “malucos” norte-americanos, no período do pós-guerra, os quais resolveram descrever o capitalismo e a tecnocracia norte-americana como “Moloch” - divindade fenícia e cartaginesa para quem eram feitos sacrifícios humanos – que, neste contexto, representava a modernidade, a mecanização, a desumanização (dos indivíduos e do espaço público), a alienação e o poder (PEÇANHA, 1988, p.42). A panacéia, para os males de “Moloch”, é uma cultura marginal, engendrada em seu seio, que se pauta por uma transcendência desse mundo, através do sexo, das drogas, do orientalismo, enfim, de formas de desterritorialização, numa busca pela reintegração da totalidade humana.

Os Estados Unidos, na década de 50, viviam dias de grande prosperidade econômica gerada no período do pós-guerra, o que criou uma euforia consumista que marcaria os novos tempos. Ao lado de novas promessas - “segurança e estabilidade” - caminharam as ameaças nucleares, resultantes da pretensão de um domínio efetivo da natureza, “da vida e da morte”. Para a manutenção efetiva do sistema, criaram-se formas cada vez mais sutis de dominação da massa. Não se utilizavam mais da força bruta dos exércitos para a manutenção da ordem. Criavam-se outras estratégias - como a do conforto, a da segurança, da ordem e da proteção, instilando, em todos os meios sociais, uma atitude conformista, em uma nação que tinha provado ao mundo ser o sistema econômico, político, social e cultural mais eficaz e estável do planeta. Havia, também, um clima de histeria anticomunista, comandado pelo senador Joseph Macarthy - de onde se originou o termo “macarthismo” - que gerou um período de perseguições aos intelectuais que discordavam do sistema ideológico então vigente.

Foi no seio de uma sociedade modernizada, como a dos Estados Unidos, país onde a tecnocracia desenvolveu-se de forma incisiva, que irrompeu o movimento contracultural dos anos 60. Foi um movimento eclético, de caráter místico-político, que tinha por objetivo rebelar-se contra os valores instituídos pela sociedade norte-americana.

Theodore Roszak (1972, p.18) considera a tecnocracia como uma forma social, na qual, uma sociedade industrializada atinge o máximo de sua integração organizacional, proporcionando uma racionalização humana que compete em precisão com a organização mecânica.

Com a tecnocracia, o aparelho produtivo da sociedade tende a se tornar totalitário¹ a partir do momento que determina, não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais, instituindo, assim, novas formas eficazes de controle social, sob a aparente máscara de neutralidade, apresentando-se como um fenômeno apolítico, não ideológico, que seduz “direitas e esquerdas”, enfim, as mais diversas tendências da política tradicional.

Foi contra esse caráter racional, desenvolvido pela tecnocracia – que tornou-as parecidas com “peças bem ajustadas de uma máquina” (funcionando com perfeição para aumentar a eficiência da produtividade) – que os jovens rebelaram-se, através de uma postura de descondicionamento, mola propulsora da contracultura, com a colocação do lado inconsciente e dionisíaco da existência. Buscou-se, assim, uma resposta crítica frente à gama de condicionamentos que levaram o ser humano àquilo que o existencialismo sartriano denunciou como existência inautêntica.

O conceito sartriano de existência inautêntica foi criado e avivado pelas ilusões do capitalismo e pelo rigoroso sistema tecnocrático, que racionalizou, ordenadamente, toda a estrutura social, forjando uma natureza humana de acordo com as conveniências do sistema. Os comportamentos adequados à funcionalidade do sistema são padronizados e normatizados através de uma violência implícita que promove a vigilância e uma política de exclusão de todos os desobedientes, taxados, geralmente, de “loucos e criminosos”. O sistema aviva, no indivíduo,

¹Termo empregado por Herbert Marcuse (1967, p.24 e 25), designando que o totalitarismo não se vincula apenas a uma forma específica de governo ou direção partidária, mas também a um sistema específico de produção que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos, impedindo, assim, o surgimento de uma oposição eficaz.

necessidades para o consumo, para tentar distraí-lo de sua verdade existencial: a morte, a falta de sentido, o nada. É o que Herbert Marcuse chama de dessublimação repressiva², quando se estimulam necessidades através do grande aparato da publicidade e da propaganda, sem nunca as satisfazer: nisto consiste a dinâmica do capitalismo.

O orientalismo *zen* budista³, com sua proposta de “aniquilamento do ego”, foi uma das formas de transcender e, assim, descondicionar o indivíduo impotente frente a um mundo rápido, moderno e incompreensível. Através do descondicionamento, chegar-se-ia à existência autêntica, embasada pela formação de uma “nova consciência”, caracterizada pelo ideário do movimento *hippie*, pela “Nova Esquerda”, por novas formas educacionais (surgem os programas das antiuniversidades na Europa e Universidades Livres nos Estados Unidos), pela antipsiquiatria, pela revolução sexual e, também, por uma simpatia a manifestações anteriores aos anos 60, como o surrealismo, o romantismo *Sturm und Drang* (“Tempestade e Ímpeto”), a Geração *Beat*, entre outras posturas e pensamentos que encontraram eco na geração da década de 60.

O primeiro capítulo trata o contexto político cultural que propiciou o desenvolvimento das matrizes e construções de uma contracultura específica no Brasil, alcançando, contudo, uma minoria juvenil, que tentava articular um discurso diferente do propagado pelos esquerdistas ortodoxos e pela direita militar, dando respostas diferenciadas (e até mesmo constrangedoras, devido à conotação irônica) à questão da nacionalidade, geradora de ferrenhos embates na época.

As idéias contraculturais, provenientes do movimento *hippie* dos Estados Unidos, chegaram ao Brasil no final dos anos 60, adquirindo cores locais incompreendidas por grande parte da população brasileira. Estas idéias ganharam visibilidade com o Tropicalismo, apreendido como algo exótico, um “enlatado americano”, uma moda burguesa, considerada um verdadeiro perigo para a

²Marcuse utiliza esse termo para expressar a alienação do homem que não vive plenamente sua vida, pois apenas desempenha funções preestabelecidas. Enquanto trabalha, desloca sua energia sexual, o que gera um aumento na carga da agressividade. A repressão sexual aumenta, utilizando-se, não da sublimação, mas de uma dessublimação. Ou seja, não se oprime, proibindo as manifestações do instinto sexual, ao contrário, estimula-as, sem satisfazê-las. (Cf. MARCUSE, 1978)

³A partir do século XII, o Zen Budismo radicou-se profundamente na cultura do Japão, passando a exercer influência sobre todas as formas de expressão. Aos poucos, foi penetrando também no Ocidente e, na primeira metade do século XX, teve reverberações na psicologia de C. G. Jung e na literatura de Herman Hesse. Exerceu um fascínio sobre a juventude contracultural no que tange à literatura, à religião, à arquitetura e, principalmente, à forma revitalizante de vida.

sociedade, devido às suas idéias desagregadoras da família e do sistema. Tanto a direita militar quanto a esquerda ortodoxa consideravam o “desbunde” como um movimento “imaturo”, subjetivo e individualista. Seus participantes eram rotulados de “meninos de Marcuse”, “alienados” e, por fim, “malucos” por causa da valorização dos processos intuitivos, sensórios e imaginativos. As críticas, contudo, não impediram as manifestações da contracultura brasileira, que obteve visibilidade através de *shows* improvisados, espetáculos teatrais, filmes super-8 e publicações (que raramente chegavam a uma grande circulação e tinham uma existência efêmera).

Tomamos a referência norte-americana para a experiência brasileira pelo alcance das suas idéias, com seus componentes libertários, através dos meios de comunicação, advindas da revolução comportamental proposta pelo movimento *hippie*. Há, contudo, diferenças contextuais que distinguem a contracultura norte-americana da brasileira. Nos Estados Unidos, apesar da contracultura ter significativa ressonância no plano cultural e comportamental, houve uma contestação, também, de cunho político, que eclodiu em movimentos pacifistas contra a Guerra do Vietnã e contra o sistema capitalista, caminhando ao lado das reivindicações dos direitos das chamadas minorias, a exemplo dos movimentos negros, feminista, homossexual, entre outros, o que atingiu as classes médias e também setores da juventude trabalhadora.

No Brasil, houve uma deglutição tardia da contracultura norte-americana, expressa numa face mais artística e cultural, restrita à crítica comportamental e cultural de uma classe média insatisfeita com as formas de protesto até então delineadas pelos esquerdistas que em muitos momentos, configuravam-se de forma tão autoritária quanto a direita militar.

Entre os meios encontrados para a expressão livre das idéias contraculturais, estava a chamada **imprensa alternativa**, tema do segundo capítulo desta pesquisa. A imprensa alternativa era também designada, genericamente, de “*underground*”, “tropicalista”, “marginal”, “nanica”, “não-alinhada”, “emergente”, “poesia jovem”, entre outros vocábulos com suas múltiplas conotações e contradições, usados como sinônimos perfeitos de produção literária independente. (MICCOLIS, 1986, p.61).

Segundo Kucinski (1991), a imprensa alternativa surgiu da articulação de duas forças igualmente compulsivas: o desejo das esquerdas de protagonizarem as transformações institucionais que propunham e a busca, por jornalistas e

intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa. É na dupla oposição: ao regime, representado pelos militares e as limitações à produção intelectual-jornalística, sob o autoritarismo, que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos.

Uma grande parte dessas produções permaneceu no anonimato, sendo divulgadas em círculos restritos. Contudo, mesmo sendo um trabalho consumido por minorias, oriundas da classe média, estava ligado ao surgimento de uma nova consciência de juventude, de caráter internacional, resultando numa utopia *hippie* vivida em vários pontos do planeta.

Neste capítulo, remetemos-nos, especificamente, ao contexto de cada publicação elencada para esta pesquisa, todas editadas por Luiz Carlos Maciel, considerado “o guru da contracultura brasileira”. Este estereótipo deu-se pela sua incursão na imprensa alternativa, através do trabalho ímpar realizado na coluna *Underground*, veiculada através do jornal *O Pasquim*, de 1969 a 1971; no jornal **Flor do Mal** (1971), idealizado pelo mesmo e editado pelos poetas Tite de Lemos, Torquato Mendonça e Rogério Duarte; e na revista de música e comportamento **Rolling Stone** (1972-1973). Através desses impressos, Maciel procurou informar aos leitores brasileiros sobre os movimentos alternativos que eclodiam no mundo.

No terceiro capítulo, tratou-se da travessia das idéias contraculturais através das fontes, que adquiriram especificidade no Brasil, pautadas na vivência da conjuntura nacional. Em “**Da política para a vida**”, tratamos da questão sexual numa perspectiva social, abordando temas como androginia, sexismo, homossexualismo, poligamia, comunidades alternativas, a decodificação de uma nova sensibilidade através do rock, entre outros.

No quarto capítulo, “**Da História para o Mistério**”, tratamos do descondicionamento proposto pela contracultura através do orientalismo, da utilização de drogas lisérgicas, da alimentação macrobiótica, da astrologia, do candomblé, formas concebidas naquele contexto como marginais e irracionais de se apreender o homem e seu universo.

Cada impresso produzido neste contexto revela horizontes de possibilidades, resultando em diversas matrizes contraculturais. Contudo, apesar da especificidade dessas produções, pode-se dizer que havia um objetivo comum a todas elas: o desvincular-se dos esquemas oficiais, comerciais e institucionais, o que já era um dos aspectos fundamentais da luta ideológica, para, através de novas formas de linguagem, disseminar a filosofia da contracultura.

1 *THE BRAZILIAN WAY OF LIFE* & O DESBUNDE TUPINIQUIM

“É proibido pisar na grama: o jeito é deitar e rolar”

Chacal

Neste capítulo, investigaremos o cenário brasileiro que propiciou o desenvolvimento das matrizes e construções da contracultura no Brasil. Mostraremos que, dadas às circunstâncias políticas estrangeiras e nacionais, formou-se, aqui, uma contracultura de caráter local, genuinamente brasileira. Dos CPCs (Centros Populares de Cultura) da UNE às vanguardas concretistas, passando pelo “desbunde” tropicalista, pretende-se estudar alguns movimentos e contextos que antecederam “o torpor” da geração denominada de “pós-tropicalista”. Esta veiculou, através da imprensa alternativa *underground*, em fins da década de 60 e início de 70, um discurso “desviante” de resistência ao regime militar e também de divulgação de informações e posturas que transcendiam o entendimento da maior parte da população brasileira. Eram os anos da ditadura militar.

1.1 *The Brazilian Way Of Life*

(...) para a liberdade e luta
 me enterrem com os trotskistas
 na cova comum dos idealistas
 onde jazem aqueles
 que o poder não corrompeu
 me enterrem com meu coração
 na beira do rio
 onde o joelho ferido tocou a pedra da paixão
 (Paulo Leminski)

No Brasil, na década de 50, vivia-se a promessa de um país em que as artes floresciam e em que a discussão social e política caminhava otimista, para uma possível democracia. Acreditou-se, com o governo do presidente Juscelino Kubitschek, na ilusão de um governo que tiraria o país de seu estágio de subdesenvolvimento, atraindo capital estrangeiro e criando um mercado interno forte. Contudo, um efeito colateral imediato desse desenvolvimentismo foi o aumento da dependência econômica junto aos Estados Unidos, colocando o país em uma crise aguda.

Na década seguinte, até o ano de 1964, o país passou por um período reformista e esquerdista, no qual as esperanças, as apostas, os erros, os acertos e as diversas lutas pareciam caminhar, inevitavelmente, para uma revolução, palavra de ordem no imaginário social da época. Tanto que até o golpe efetuado por militares passou para a história oficial (aprendido em livros didáticos da época até meados dos anos 80) como a “Revolução de 64”.

(...) o golpe militar designou-se “Revolução de 64”, a fim de legitimar-se. Antes do golpe, a revolução era pensada na maior parte dos meios artísticos e intelectuais de esquerda como revolução burguesa, pela via eleitoral, de libertação nacional, antiimperialista e antilatifundiária, para supostamente vir a ser socialista numa etapa seguinte, quando as forças produtivas capitalistas estivessem suficientemente desenvolvidas. (RIDENTI, 1993, p.79).

Com o golpe dado pelos militares em 1964 e a deposição do então presidente João Goulart, viveu-se uma época denominada, por muitos, como a “idade das trevas” brasileira:

(...) Quando os militares deram o golpe em abril de 1964, abortaram uma geração cheia de promessas e esperança. A esquerda, como acreditava Luís Carlos Prestes então, não estava no governo, mas já estava no poder. As reformas de base de João Goulart iriam expulsar o subdesenvolvimento e a cultura popular iria conscientizar o povo. “Os intelectuais olhavam no olho a tragédia de seu país” (VENTURA, 1988, p.44).

Com o AI-5, em 1968, também chamado de “segundo golpe”, caracterizado pelo recrudescimento da ditadura, houve um esgotamento do impulso político em relação ao período anterior, tendo como consequência o refluxo dos movimentos de massa e as seguidas derrotas sofridas pelas forças transformadoras. Associe-se a isto, a censura cada vez mais vigilante e a ausência de canais para o debate, bem como, para a divulgação de qualquer proposta contestadora, para os quais só restava uma opção: cair na clandestinidade.

(...) Na verdade foi uma geração, como eu gosto de dizer, que se trifurcou, no Brasil. Uma parte dela, após o AI-5 quando a ditadura se transformou em ditadura total, foi para a luta armada, para a clandestinidade; outra

parte resolveu ir fundo na questão da contracultura, procurando criar um universo à parte, em que fosse possível viver: foram as comunidades rurais, o uso de drogas, sobretudo das alucinógenas, como o LSD. As pessoas passaram a viver juntas em comunidades, pequenas famílias, tentando não ler jornal, sair daquela realidade, sair daquele bode, como se dizia na época. Foram as pessoas que viraram *hippies*. E houve um terceiro segmento daquela geração que acabou rapidamente se integrando àquilo que o sistema oferecia. Porque ao mesmo tempo que vivíamos sob uma ditadura sanguinária, paradoxalmente, para a classe média intelectualizada, preparada profissionalmente, havia alternativas fantásticas de emprego e ascensão social (SIRKIS apud GARCIA, 1999, p.112).

Parte dessa geração aproveitou o momento para se integrar àquilo que o sistema oferecia. Em certos aspectos, poderia-se dizer que era uma espécie de importação do *American way of life*. Pais que tinham vivido em épocas de crise econômica ansiavam por garantir aos filhos aquilo que denominavam como “uma boa vida”, sinônimo de um emprego estável que geraria posses e a possível constituição de uma família monogâmica, no futuro, continuando assim os projetos da sociedade. Paul Goodman cita a “frase/síndrome” da submissão dos adultos que viveram a Segunda Grande Guerra, o mal do “nada pode ser feito...” A exaustão causada pela guerra gerou, mundialmente, uma instabilidade emocional e material que os lançou na busca de segurança através das instituições sociais; do deslumbramento da fartura dos anos dourados; do terror ocasionado pela fabricação da primeira bomba nuclear e, também, do receio comunista, pois havia um clima de histeria, com denúncias e “caça às bruxas”, comandado pelo senador Joseph Macarthy, de onde se originou o termo macarthismo. Espalhava-se a crença de uma conspiração comunista comandada por uma rede de espionagem. (CARMO, 2001, p.29).

No Brasil, o desenvolvimentismo do regime militar acabou beneficiando a indústria cultural e editorial, o crescimento do segmento de livros didáticos e universitários, a construção de obras faraônicas, bem como, propiciou melhorias no transporte e nos meios de comunicação. Até fins da década de 70, com o chamado “milagre econômico”⁴, o Brasil tinha se tornado um dos maiores mercados consumidores do mundo:

⁴ Este período, que vai de 1969 a 1973, ficou conhecido com a época do “Milagre Econômico”. O PIB brasileiro crescia a uma taxa de quase 12% ao ano, enquanto a inflação beirava os 18%. Com investimentos internos e empréstimos do exterior, o país avançou e formou uma base de infraestrutura. Todos estes investimentos geraram milhões de empregos pelo país. Foram executadas algumas obras consideradas faraônicas, como a Rodovia Transamazônica e a Ponte Rio-Niterói. Porém, todo esse crescimento teve um custo altíssimo e a conta ficaria para ser paga no futuro. Os

(...) Estávamos tão confortáveis com a Nova Ordem, tão seguros no nosso trabalho, certos da queda da inflação, da alta da Bolsa, da vitória na Copa, do aumento da renda per capita, do desenvolvimento do Nordeste – e vem essa grande conspiração de fanáticos perturbar nossas certezas. Já não podemos acordar às seis horas da manhã com a certeza de que dormiremos após a novela das dez. Já não podemos ver televisão sem que apareçam nossos filhos correndo nas ruas com cartazes obscuros nas mãos, ou com olhares sampacus tocando músicas lisérgicas (...) não podemos apelar para a Igreja porque a voz dos padres já não os alcança e são os padres que procuram seguir o novo fanatismo, o novo bezerro de ouro. Não podemos apelar para as leis, porque não há nada nas leis que nos proteja da nova ameaça. Só o poder, só a autoridade pode nos salvar, apela meu povo (...). (ANGELO apud DIAS, 2003, p. 57).

Esses “fanáticos”, “perturbadores das certezas”, eram os opositores do regime, geralmente artistas, intelectuais, estudantes, entre outros, que utilizavam “metáforas” para não desaparecer e morrer “sem motivo aparente”. Utilizavam-se da criatividade e do ativismo estético e político para poder expressar seu descontentamento. Compunham folhetos, jornais, revistas, manuscritos, enfim, uma centena de iniciativas espontâneas, sem padrões estéticos definidos e com distribuição precária, que marcavam uma postura de resistência e protesto.

Muitos desses pais que, em um primeiro momento, “Marcharam com Deus pela Liberdade” (1964) começaram a ser alvos da ditadura, pois a luta armada e a guerrilha, a exemplo dos movimentos políticos de libertação em outros países, como Cuba e Vietnã, por exemplo, foram a opção de muitos jovens brasileiros. A tônica que os motivava à guerrilha era a bandeira, não apenas socialista, mas também antiimperialista.

Em 1959, inicia-se a Revolução Cubana, quando Fidel Castro toma o poder, acabando com a corrupta política instaurada por Fulgêncio Batista, que transformara o país num “bordel” dos Estados Unidos, com uma intensa exploração econômica, mantendo os cubanos submissos moralmente e, assim, descaracterizando-os de sua nacionalidade. Fidel, a partir disso, iniciou um amplo programa de reforma agrária e industrial. Implantou reformas na educação e na saúde, fiel ao compromisso revolucionário de estabelecer a igualdade e a justiça social. Ao fechar um acordo com a União Soviética, Cuba sofreu um embargo comercial dos Estados Unidos.

empréstimos estrangeiros geraram uma dívida externa elevada para os padrões econômicos brasileiros.

Mais tarde, uma tentativa fracassada de invasão à ilha ocorreu no dia 17 de abril de 1961: 1500 exilados cubanos de direita, treinados pela agência central de informações norte-americana (CIA), invadiram a Baía dos Porcos. Fidel os venceu e eles se renderam. (CARMO, 2001, p.37).

Este fato significou muito para o pensamento socialista da época, reforçando-o e abrindo, no imaginário juvenil, o sonho romântico de que se poderia lutar por uma sociedade mais justa e vencer os poderosos inimigos: “a ditadura” aqui instaurada e “o imperialismo norte-americano”.

Outro momento marcante deu-se em 1965, com o recrudescer da Guerra do Vietnã. O presidente norte-americano, Lyndon Johnson, ordenou um sistemático bombardeio ao Vietnã do Norte, bem como o desembarque, no Vietnã do Sul, de um reforço de mais de 300 mil soldados para evitar uma possível vitória dos *vietcongs* (guerrilheiros comunistas que combatiam o governo sul-vietnamita, formado e apoiado pelos Estados Unidos). A questão principal dessa guerra, para os norte-americanos, era a de conter o comunismo no mundo. Os *vietcongs*, neste contexto, significavam uma grande ameaça. Tal como ocorrera em Cuba, houve uma enorme resistência dos vietnamitas contra a agressão imperialista, o que enfraqueceu o inimigo, que se retirou da guerra em 1973 (embora a guerra tenha se estendido até 1975), com um grande número de mortos. (CARMO, 2001, p.38) O conflito serviu de mote para o célebre lema de Che Guevara: “Criar um, dois, três, muitos Vietnãs”.

Paralelamente à Guerra Vietnamita, na China Popular, Mao Tse-Tung desencadeou, a partir de 1965, a Grande Revolução Cultural Proletária, convocando a juventude para grandes manifestações. Estudantes, filhos de funcionários, de trabalhadores e de camponeses, de idades entre 14 a 18 anos, agrupados nas Guardas Vermelhas, tomaram conta das ruas das grandes cidades chinesas num grande protesto contra os “Zou Zi Pai”, elementos do partido comunista que, acreditavam eles, tinham simpatias pelo capitalismo e pela burguesia e que se encontravam infiltrados nos aparatos do poder. Mao Tse-Tung, em velada luta contra os altos setores da hierarquia do Partido Comunista chinês, convocou os jovens para auxiliá-lo a recuperar a sua autoridade. Para tanto, fanatizou-os com a leitura do “O Livro Vermelho dos Pensamentos do Presidente Mao”, que passou a ser interpretado com fervor religioso pelos militantes juvenis. Estes se voltaram contra o passado tradicional chinês, provocando cenas de vandalismo e intolerância. A imagem de milhares deles, marchando e cantando por praças e avenidas chinesas,

em nome da Revolução, serviu de estímulo para que os estudantes ocidentais também viessem a “imitá-los”, quando a ocasião se tornou propícia.

Além da indignação geral provocada pela guerra no Vietnã e do fascínio pelas multidões juvenis da Revolução Cultural Chinesa, o assassinato de Che Guevara, na Bolívia, ocorrido em outubro de 1967, também foi fato marcante para o desencadeamento dos movimentos políticos de 1968. Seu martírio pela causa revolucionária serviu para que muitos se inspirassem no seu heroísmo. Tentando atender ao seu apelo, muitos jovens, especialmente europeus e latino-americanos, lançaram-se na vida guerrilheira.

Em 1968, além das célebres manifestações de Maio na França, quando estudantes reivindicaram mudanças no setor educacional, nos comportamentos e na política, aconteceu, anteriormente, outro fato que colocaria a prática tradicional de esquerda em cheque: a Primavera de Praga.

No dia 5 de janeiro de 1968, Antonin Novotny, um velho burocrata stalinista, foi substituído, no comando do Partido Comunista da Tchecoslováquia, por Alexandre Dubcek. Este representava uma nova geração de comunistas, reformistas e progressistas, ou seja, menos dogmáticos. Há tempos, esta geração vinha criticando, cada vez mais abertamente, o imobilismo e a arbitrariedade na direção do partido. Este movimento fortificou-se, principalmente entre os intelectuais: universitários, filósofos, historiadores e jornalistas. O desejo de abrir o máximo possível de contatos com o exterior quebrava uma velha tradição de fechamento, há muitos anos, imperante, garantindo uma enorme repercussão internacional. A aspiração desses comunistas era a de recuperar a humanidade do socialismo, pervertida pelo terror policial e pela esclerose ideológica. Contudo, os comunistas russos, além de ironizarem tal movimento, numa ação rápida, enviaram mais de dez mil tanques para Praga, esmagando o movimento violentamente. Este acontecimento foi mais um prenúncio da crise do socialismo real que se instaurava e que ruiria, finalmente, com a queda do muro de Berlim, em 1989.

Pautados nessas experiências mundiais, no Brasil, os movimentos esquerdistas, sindicais e estudantis, entre outros, lutavam contra a ditadura militar e contra o imperialismo norte-americano, ansiando por uma sociedade democrática.

1.2 “A Força Jovem Brasileira”

(...) A juventude é eterna. Não é mais uma fase, uma etapa, um momento do ciclo de vida. É mais. Na visão do “Jovem Rebelde”, esse momento revela uma verdade absoluta sobre o mistério da existência. É sagrado. Ser jovem é saber – e o que então se sabe é definitivamente esquecido na fase adulta, pois amadurecer é necessariamente decair. O destino inevitável, aceito, o desenrolar implacável da história pessoal, é sempre a morte. A juventude, pelo contrário, vive na eternidade, desde que, além de rejeitar o passado, negue também o futuro. (MACIEL, 2001, p.32).

Houve uma tentativa, por parte dessa geração, de dar um conteúdo à rebelião, antes “transviada”, “sem causa”⁵, transformando-a em uma revolução sistematizada, com estratégias e finalidades, embasada na politização dos instintos para fins revolucionários.

As instituições escolares, especificamente as universidades, que tinham como papel fundamental o regramento do jovem para o ingresso na vida adulta e profissional, transformaram-se em verdadeiras oficinas de “rebeldes e revolucionários” em potencial, ecos de uma rebelião estudantil de caráter internacional como as barricadas em Paris e em Londres (com os movimentos estudantis) e nos Estados Unidos (com o movimento *hippie*), em fins da década de 60 do século XX:

(...) Da mesma forma que as diabólicas usinas da fase inicial do industrialismo concentraram a mão-de-obra e ajudaram a criar a consciência de classe do proletariado, da mesma forma o *campus*, que chega a congregar 30.000 estudantes, tem servido para cristalizar a identidade grupal dos jovens. (ROSZAK, 1972, p.40).

⁵ O “jovem”, no contexto mercadológico, vai aflorar a partir dos anos 50, através dos meios de comunicação de massa, especificamente através do cinema. O filme *Rebel Without a Cause* (EUA,1955) nominou a referida geração como “juventude transviada”. O protagonista deste filme, o ator James Byron Dean, representava, inicialmente, o arquétipo do “jovem rebelde”, aquele que rejeita a maturidade, certo de que sua maneira de ver as coisas é final. Em conseqüência, suas encarnações mais puras morrem cedo, antes dos 30, como os poetas românticos ou como os mártires do rock. Esta juventude era considerada “rebelde sem causa” por ser composta por jovens brancos, da classe média norte-americana e que, portanto, usufruíam de todos os privilégios de um país que tinha alcançado o ápice da prosperidade; era caracterizada, por uma monotonia inerente e uma submissão generalizada, oriunda do mundo das máquinas (e assim sendo, da tecnocracia), do progresso e do capital.

É comum identificarmos a geração dos anos 50 e 60 o paradigma de comportamento juvenil rebelde ou revolucionário, portador das utopias e de projetos de transformação da sociedade.

(...) se produziu uma espécie de fixação do modelo ideal de comportamento juvenil nos movimentos da década de 60, quando as manifestações estudantis e juvenis parecem ter atingido o grau máximo de utopia e de capacidade de interferência nos acontecimentos sociais. A fixação, assim, acabou por cristalizar uma “essência” da condição juvenil como portadora de utopias e de projetos de transformação. (ABRAMO, 1994, p.XIII).

Segundo Abramo (1994,p.XIII), o conceito de juventude é uma das marcas da “cultura de massas”, tendo sua origem no século XIX, quando foram delimitadas determinadas funções, como as de maturação e educação, para a formação de valores sociais fundamentais para esta idade específica. Assim, podemos afirmar que não é só o critério etário que define a juventude, mas o papel e a relevância deste grupo ou classe etária na sociedade em que se insere. Cada sociedade preenche a seu modo os significados e a importância social das faixas etárias. Com a industrialização, o desenvolvimento do capitalismo, a racionalização e a autonomização crescentes nas esferas sociais, bem como o surgimento de valores universalistas, tornou-se possível e necessária a criação generalizada de grupos juvenis nas sociedades ocidentais modernas.

Num primeiro momento, essa “necessidade” foi suprida através das instituições disciplinares, como escolas, quartéis, internatos, orfanatos, entre outros, que tinham, como objetivo, normatizar o indivíduo para manter a vigilância social, ajudando a criar e organizar os grupos etários juvenis numa sociedade cada vez mais universalista.

As ciências humanas, psicológicas e médicas tornaram-se uma força atuante para a formação e estruturação dos grupos etários juvenis, nas escolas, e para a definição de adolescência, em meados do século XIX e início do século XX. As organizações estudantis eram controladas por forças adultas que, juntamente com as escolas, formavam o que pode ser chamado de grupos juvenis heterônomos, ou seja, tentativas de formação de uma juventude exclusivamente demarcada, de fora para dentro, por instituições adultas especializadas ou interessadas no controle e na

coesão social. Contudo, tal intento, pelas forças adultas, não obtinha sucesso total, na medida que esse grupo formava uma determinada cultura que tinha, como traço principal, a inquietude e a rebeldia contra as instituições que o cercava. As sociedades modernas levaram ao extremo o universalismo na definição de papéis, funções e valores nas esferas sociais, notavelmente naquelas que adquiriram mais importância: a economia, a política, a cultura e a religião. No caso histórico mais extremo do universalismo (não-domínio dos critérios particularistas, como os de parentesco), os grupos etários juvenis ganham importância como socializadores (transmissores de valores universalistas e preparadores da personalidade individual para além das esferas familiares) ou como mediadores entre a família e as esferas sociais regidas por critérios universalistas.(GROPPO,1996, p.16).

Concomitante a isso, as ciências biológicas e psicológicas tenderam a procurar uma definição objetiva para as faixas etárias e para os critérios que definiriam os estágios de maturação do indivíduo, com o intuito de naturalizar as mesmas. Segundo essa naturalização, poder-se-ia ter certeza de que, no momento indicado, o sinal da natureza traria transformações biológicas, psicológicas e sociológicas pré-avaliadas.

Enquanto não chega a essa esperada maturação, o jovem, apesar de não ser levado “a sério” pelas forças sociais adultas, carrega a vitalidade “hormonal”, causando intempéries ao sistema instituído e canalizando os processos de mudança social. Abramo (1994, p.18) relaciona “a efervescência biológica que marca a etapa da adolescência (a qual, entre outras coisas, predispõe à experimentação e à aventura) com o fato de que é nessa fase que o indivíduo é introduzido na vida pública e se confronta pela primeira vez com os valores em circulação”.

Essa “efervescência biológica” do jovem ganha contornos sociológicos na figura do estudante que, reunido em escolas e universidades, cria uma identidade grupal que o insere na história oficial como elemento detonador de revoluções para grupos maiores.

Marialice Foracchi (1972) afirma que, na universidade, a crise juvenil aflora devido ao processo intenso de criatividade que não encontra amparo na estrutura institucional, o que gera, nos jovens, uma postura de rejeição ao modo de ser adulto e à estrutura social vigente, preocupada apenas em alimentar o sistema capitalista através da formação de técnicos. Nos anos 60, a rebelião juvenil ganha um caráter

de engajamento, carregando consigo forças sociais adultas desfavorecidas pelo sistema.

Nas décadas de 60 e 70, em decorrência dos estímulos da pesquisa para o desenvolvimento, houve um aumento significativo do número de contratações de professores universitários e, conseqüentemente, de universidades:

(...) À medida que rapazes e moças recebiam educação superior, os governos – pois, fora os EUA, Japão e uns poucos outros países, as universidades eram mais instituições públicas e privadas – multiplicavam o número de novos estabelecimentos para recebê-los, sobretudo na década de 70, quando o número de universidades quase dobrou. (HOBBSAWN, 1995, p. 292).

Esse grande contingente de estudantes e professores universitários, aglomerados nas chamadas cidades universitárias, constituía um novo fator político e cultural. O agrupamento nas universidades facilitava a transnacionalização das idéias e dos experimentos, formando uma força ativa reveladora dos descontentamentos com a política.

Durante muito tempo, os estudos sobre a juventude, no Brasil, restringiram-se aos movimentos estudantis engendrados nas universidades:

(...) O papel dos estudantes esteve muito relacionado com o valor que, nos países da América Latina, foi dado à universidade, ponto obrigatório de referência da vida cultural e política desses países e de construção do jogo democrático. Assim, o movimento estudantil sempre teve aqui o caráter de ator político, com capacidade para falar em nome de outros setores, empunhando bandeiras de transformação social, tendo sua relevância reconhecida pela sociedade. (FALETTO apud ABRAMO, 1994, p.24).

Desde 1937, quando foi fundada a União Nacional dos Estudantes (UNE), a juventude brasileira reunia-se, tendo como pauta as questões nacionais, tornando-se, assim, uma organização de luta e resistência. A bandeira do movimento estudantil brasileiro rejeitava, veementemente, o imperialismo norte-americano e o regime militar, em prol do “povo” miserável e injustiçado.

(...) A efervescência política e o intenso clima de mobilização que experimentávamos no dia-a-dia favoreciam a adesão dos artistas e

intelectuais ao projeto revolucionário. Esse projeto, ao lado das contradições levantadas pelo processo de modernização industrial, configurado de forma acentuada a partir do período JK, emerge como referente de uma poesia que seja de vanguarda ou de dicção populista e traz para o centro de suas preocupações o empenho da participação social. (HOLLANDA, 1992, p.15-16).

No início dos anos 60, a UNE lutava por uma maior representatividade estudantil e se posicionava frente à crise nas universidades brasileiras, reflexo da sociedade que precisava ser transformada estruturalmente. A produção cultural foi amplamente controlada por essa organização estudantil até 1964, tendo os debates políticos como eixo norteador e o marxismo como base. Em 1962, com o Manifesto do Centro Popular de Cultura (CPC), a UNE tenta organizar suas posições diante do quadro político e cultural do país. Segundo o manifesto, “fora da arte política não poderia existir arte popular” afirmando a sua postura como “revolucionária e conseqüente”:

(...) Para nós tudo começa pela essência do povo e entendemos que esta essência só pode ser vivenciada pelo artista quando ele se defronta a fundo com o fato nu da posse do poder pela classe dirigente e a conseqüente privação de poder em que se encontra o povo enquanto massa dos governados pelos outros e para os outros. Se não se parte daí não se é nem revolucionário, nem popular, porque revolucionar a sociedade é passar o poder para o povo. (HOLLANDA, 1992, p.18).

A esquerda ortodoxa, tendo como imperativo a conquista do poder pelo proletariado, toma para si o papel de orientadora, de “adestradora” do povo e, também, de salvaguarda da cultura brasileira frente à invasão estrangeira, sobretudo norte-americana.

O escritor Paulo Mendes Campos, em seu poema “Testamento do Brasil” (1966), traduz a vontade do intelectual de se fundir ao povo e o sentimento de culpa de uma classe média consciente e engajada:

Que se faça a partilha
Antes de chegar à morte.
Que todos partam comigo
Suas riquezas mais duras.
Só de quem nada possui
Nada de nada terei.

Que seja aberto na praia,
 Não na sala do notário,
 O testamento de todos.
 Da cidade da Bahia
 Quero os pretos pobres todos,
 Quero os brancos pobres todos.
 Do meu Rio São Francisco
 Quero a dor do barranqueiro
 Quero as feridas do corpo
 Quero a verdade do rio
 Quero o remorso do vale,
 Quero os leprosos famosos,
 Escrofulosos famintos,
 Quero roer como o rio
 O barro do desespero.
 Dos mocambos do recife
 Quero as figuras mais tristes,
 Curvadas mal nasce o dia
 Em um inferno de lama.
 (CAMPOS apud HOLLANDA, 1992, p.22).

Os artistas, empenhados na luta para a conscientização do povo, advinham das classes média e alta da sociedade e definiam sua luta como um posicionamento moral e ético, num ambiente cheio de contradições. A intenção era a de, através de sua intelectualidade, “comover e culpar” os autores dessa situação agravante. Contudo, tal meta implicaria no empobrecimento da linguagem, abrindo mão da força de sua palavra poética ao almejar um alcance mais popular:

(...) O laborioso esforço de captar a “sintaxe das massas” significa para o escritor a escolha de uma linguagem que não é a sua. Programaticamente ele abre mão do que seria a força de seu instrumento de trabalho, a palavra poética – seu único engajamento possível -, em favor de um mimetismo que não consegue realizar, não levando, inclusive, em conta o nível de produção do simbólico nessa mesma poética popular. Produz então, uma poesia metaforicamente pobre, codificada e esquematizada. (HOLLANDA, 1992, p.26).

É fato que havia um descompasso entre a qualidade literária e o engajamento político. Contudo, é preciso entender que isso era resultante do cenário de efervescência política da época. O grupo concretista, liderado por Décio Pignatari e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, não desvinculava forma de conteúdo na criação artística, seguindo o lema do poeta russo Vladímir Maiakóvski, que defendia que “não há arte revolucionária sem forma revolucionária”. Eram tempos de idéias.

Havia um clima de “predestinação” por parte de muitos jovens brasileiros, cujo escopo era transformar a realidade nacional, pautada no “complexo de inferioridade” inerente ao colonizado. A questão da identidade nacional, baseada na constituição de valores “puramente brasileiros”, foi extremamente importante para essa geração que procurava, assim, vencer “o inimigo ianque” em prol da justiça social e da emancipação econômica do país, o que teria de ser alcançado através de uma revolução social e política:

(...) Tínhamos consciência que estávamos predestinados. A cultura brasileira queria se libertar definitivamente do complexo colonial e, no mínimo, igualar-se às mais desenvolvidas do planeta. No Brasil, a década começou com um grande projeto coletivo pela emancipação nacional, pelo menos no plano do espírito, e se isso não fosse de todo também possível, nos planos mais concretos, o econômico e o social. Contribuir para a execução desse projeto era responsabilidade de todo o jovem que não fosse completamente alienado. (MACIEL, 1987, p.11).

Os que viveram aqueles tempos intensos guardam a impressão de que não se fazia outra coisa: mais do que fazer amor, trabalhar e ler, fazia-se política.

Nem todos os jovens engajados tinham aspirações comunistas. No entanto, um pré-requisito básico era expressar uma posição clara em relação ao marxismo, pois não “se colocar”, de alguma forma, poderia parecer uma postura “suspeita”, resultando em desaparecimentos e mortes. Na esquerda militante, houve várias dissidências que não cabe a esta pesquisa explicitar. Tomo as palavras de Zuenir Ventura para ilustrar, de forma geral, os diversos tipos revolucionários da época:

(...) Discutia-se um modelo de revolução, e como se chegar a ela. Pelo menos duas concepções se chocavam. Uma entendia a revolução como ruptura violenta, isto é, como uma explosão desencadeada por uma vanguarda que, ao ser logo substituída pela classe operária, criaria uma sociedade nova e um homem novo (...) A outra posição, defendida pelo PCB, via a revolução, não como objetivo imediato, e sim como um lento processo, que poderia até culminar com uma ruptura, desde que fosse o resultado da gradual organização da sociedade civil e da acumulação de forças. Uma boa iniciação política passava pela adoção de uma ou de outra linha. (VENTURA, 1988, p. 61-62).

Os que se posicionavam a favor da revolução como uma ruptura violenta eram denominados de “revolucionários”. Os a favor da revolução a longo prazo eram tidos como “reformistas”.

Tanto o revolucionário quanto o capitalista reacionário viam o mundo como algo objetivo, acreditando na condução racionalista da História.

A necessidade de identificação dos indivíduos, de um rótulo, tornava-se prática comum, quase uma obsessão. Através de uma conversa, de um contato, se detectava-se a linha política de uma pessoa: “esquerdista-revolucionário”, “reformista”, ou ainda, “desbundado”, referindo-se àqueles que recusavam os discursos proferidos, transcendendo à chamada política tradicional.

Esse afã, pela tentativa de identificar alguém como um camarada ou como um reacionário, ocasionou, na época, episódios curiosos como os relatados por Zuenir Ventura (1988, p.63). Ele conta que, na segunda de suas quatro prisões, o artista e escritor Ziraldo, de *O Pasquim*, foi levado pelo DOPS e colocado no “maracanã”, um amplo local de triagem de presos. Logo ao chegar – com sua camisa cáqui da moda, de presilhas no ombro – ele foi abordado por um rapaz que queria saber “a linha do companheiro”. A pergunta soava como uma impertinência. Ziraldo, um combativo intelectual, não pertencia ao partidão, mas era como se fosse. Se tivesse que declarar, ali, a sua “linha”, era evidente que seria tomado por reformista – e, certamente, começaria uma daquelas infundáveis discussões. “Sabe de uma coisa”, pensou, “eu não vou me abrir não”. Disse:

– Eu não pertenço à linha nenhuma, sou um democrata e não quero discussão!!!!

O rapaz ficou sem entender nada. Entre as dezenas de presos que chegaram naquele dia, havia também um grupo de motoristas de ônibus que haviam sido pegos, numa blitz policial, a fim de se descobrir qual deles tinha destratado a filha de um general. O rapaz, identificando Ziraldo como um desses motoristas, disse:

– Calma companheiro! Eu só queria saber qual é a sua linha de ônibus!

Afora esses acontecimentos cotidianos inusitados da época, que detectavam, ou não, a presença “do inimigo”, o jovem, personificado na figura do “estudante”, já levantava suspeita por si só, chamando a atenção dos militares. A imprensa alternativa, feita em grande parte por jovens e para jovens, sentirá reflexos imediatos, como veremos.

Para ilustrar esse contexto de crise de valores, Foracchi (1972, p.11) afirma que a visão da sociedade, desenvolvida pelo jovem, retém e elabora o processo de tensão que o atinge, na medida em que permeia o sistema como um todo : “(...) ultrapassada a etapa do conflito de gerações, que marca a primeira crise da adolescência e encaminha a busca de identidade, o jovem define, em termos também críticos, a crise da sociedade”.

É importante ressaltar que essa crítica à sociedade, por parte da “força jovem”, deu-se em escala mundial. Contudo, ela adquiriu formas diferentes de contestação. Para exemplificar, Roszak (1972) aponta que a diferença entre o movimento juvenil norte-americano e o europeu residia no fato de que o último amparava-se numa herança esquerdista institucionalizada, assumindo a função de “paladinos do povo” contra a opressão da burguesia, enquanto que o primeiro, por não ter a mesma tradição, inclinava-se a soluções mais inovadoras. A educação norte-americana rompia com os grilhões da militância convencional européia:

(...) Para o bem ou para o mal, a maior parte do que atualmente ocorre de novo, desafiante e atraente, na política, na educação, nas artes e nas relações sociais (amor, corte sentimental, família e comunidade) é criação dos jovens que se mostram profundamente, até mesmo fanaticamente alienados da geração de seus pais, ou de pessoas que se dirigem primordialmente aos jovens. É entre a juventude que a crítica social significativa busca hoje uma audiência receptiva, à medida que, cada vez mais, cresce o consenso de que é aos jovens que compete agir, provocar acontecimentos, correr os riscos e, de forma geral, proporcionar os estímulos. Seria interessante que o processo imemorial do conflito de gerações já tivesse deixado de ser uma experiência periférica na vida do indivíduo e da família e se transformado numa alavanca importante de reforma social radical. (ROZAK,1972, p.15).

Na Europa, o ano de 1968 foi mitificado como sendo o marco da tentativa de ruptura com os laços que prendiam a referida geração às anteriores. Porém, é importante observar, aqui, que não se pode reduzir a um ano, e muito menos a um

mês (maio), o montante de transformações ocorridas, como se tratasse de uma ruptura brusca. Lembremos que, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, foi se desenvolvendo, mediante a conjuntura econômica, social, política e cultural vigente, um amplo espectro de práticas sociais e transformações que levaram à implosão de um mundo que já não correspondia aos novos paradigmas que se impunham:

O movimento de maio de 1968 começou na realidade bem antes, no início dos anos 60, na Califórnia e no Japão. Disseminou-se pela Europa Ocidental, pela Europa Oriental, por parte da América Latina e prosseguiu por muito tempo depois de 1968. O trabalho de maio de 1968 se desdobrou até 1975, 1976 e 1977. (GARCIA,1999, p.21).

Marcelo Ridenti afirma que o ano de 1968 foi caracterizado por intensos protestos e mobilizações políticas em todo o mundo. Basta citar eventos como o maio dos estudantes e trabalhadores franceses, a Primavera de Praga contra o socialismo burocrático, o massacre dos estudantes no México, as manifestações mundiais contra a Guerra do Vietnã, a alternativa da contracultura norte-americana, as guerrilhas, entre outros movimentos que adquiriram cores locais ao redor do mundo.

Embora ocorrendo em várias partes do globo, Ridenti observa, com propriedade, alguns aspectos comuns aos movimentos libertários de 1968, como

(...) a inserção numa conjuntura internacional de prosperidade econômica, crise no sistema escolar, ascensão da ética da revolta e da revolução, busca do alargamento dos sistemas de participação política, cada vez mais desacreditados, simpatia pelas propostas revolucionárias alternativas ao movimento soviético, recusa de guerras coloniais ou imperialistas, negação da sociedade de consumo, aproximação entre arte e política, uso de recursos de desobediência civil, ânsia de libertação pessoal das estruturas do sistema (capitalista ou comunista), mudanças comportamentais, vinculação estreita entre lutas sociais amplas e interesse imediato das pessoas, aparecimento de aspectos precursores do pacifismo, da ecologia, da antipsiquiatria, do feminismo, de movimento dos homossexuais, de minorias étnicas e outros que viriam a desenvolver-se nos anos seguintes.(RIDENTE apud GARCIA, 1999, p.55)

Marco Aurélio Garcia afirma que as singularidades dos movimentos contraculturais consistiam no fato de que estes buscavam novas referências para

poderem refundar suas vidas, seja através do ritmo e da postura eletrizantes do rock, das experiências com as drogas e com o misticismo, do voluntarismo e da superpolitização do cotidiano.

Garcia (1999,p.7) argumenta que analistas contemporâneos buscaram mostrar que em 1968 combinaram-se três dimensões de um processo revolucionário mais amplo, em desenvolvimento no mundo. A primeira dimensão, anti-imperialista, apontava para a revolução em curso, no então denominado “Terceiro Mundo”. A segunda, anti-capitalista, tinha, como cenário, os países industriais avançados. Por fim, a terceira dimensão, subjacente a 68, manifestava-se com a crise das experiências socialistas no mundo e com a (auto) crítica que ela suscitou na esquerda.

Wolfgang Fritz Haug argumenta que na Alemanha, além das manifestações por parte dos estudantes contra o imperialismo norte-americano, havia a importante quebra do silêncio em torno do pesadelo nazista. Os manifestantes eram tidos como “os alemães feios”, “os macacos de cabelos compridos”. Mesmo com as represálias, aumentava o número de alemães interessados em repensar o *establishment* e a começar, então, a se articular de forma mais contundente. Em 1959, surge a primeira revista de esquerda da Alemanha Ocidental, *Das Arguments* (existente até hoje). A partir da revista, surgiram discussões, em forma de palestras, sobre temas polêmicos como: sexualidade e dominação, fascismo e anti-semitismo, os graves problemas dos países subdesenvolvidos, educação e escola (semente da formação de um caráter autoritário), bem como o poder manipulativo dos meios de comunicação em massa. (HAUG apud GARCIA,1999, p.27).

Rafael Rosa Hagemeyer afirma que, na França, além da questão política da luta contra a Guerra do Vietnã e contra o imperialismo norte-americano, havia outras questões de cunho libertário, como a da liberdade sexual. Na Universidade de Nanterre, ocorreu, por exemplo, a reivindicação contra a proibição de moças visitarem os alojamentos masculinos. Daniel Cohn-Bendit protestou contra essa proibição junto ao Ministro de Educação e, como consequência, foi ameaçado de expulsão da universidade. Cohn-Bendit formou então o Movimento 22 de Março, que consistia em uma organização estudantil aberta, surgida à revelia e contrária às organizações estudantis tradicionais, como a União dos Estudantes Franceses (UNEF). Ocorreram vários protestos por parte dos estudantes, fazendo com que o reitor pedisse uma intervenção na Universidade de Nanterre, interrompendo as

aulas. Esse ato provocou a solidariedade de outros estudantes, especificamente os da Sorbonne, que invadiram a universidade, dando início a barricadas e confrontos com a polícia. Este ato repercutiu, não apenas na sociedade francesa, alastrando-se por vários cantos do globo, tendo, como reflexos, por exemplo, as greves generalizadas na França, que colocaram o general de Gaulle numa situação política muito difícil, quase o tirando do poder.

Tais acontecimentos foram considerados sintomas de uma situação pré-revolucionária, não pela organização dos estudantes, mas devido às forças que estavam sendo mobilizadas, como a dos trabalhadores jovens em greve, que organizavam-se em comitês dentro das fábricas. Contudo, logo esta revolução frustrar-se-ia, devido à própria esquerda tradicional (neste caso, o Partido Comunista francês que, embora sendo de base sindical, retirou seu apoio às greves e mandou os operários voltarem ao trabalho, à espera de condições revolucionárias “mais objetivas”). O ápice do movimento juvenil francês deu-se em maio, refluindo nos meses seguintes e sendo sabotado por medidas repressivas de “aumento de salário” para as forças adultas trabalhadoras. (BUENO,1979,p.14). A questão colocada pelos jovens ia além da materialidade. Eles almejavam acabar com a tecnocracia, com os dogmas científicos e com a visão limitada da realidade:

(...) A revolução que está começando questionará não só a sociedade capitalista como também a sociedade industrial. A sociedade de consumo tem que morrer de morte violenta. A sociedade da alienação tem de desaparecer da história. Estamos inventando um modo novo e original. A imaginação está tomando o poder. (ROSZAK,1972,p.32).

Em 15 de março de 1968, Pierre Viansson-Ponté publicou um artigo célebre no jornal *Le Monde*, na edição especial *Dossiers e Documents*, intitulado “Quando a França se Entedia”. Nele, Ponté apontava a luta contra o tédio generalizado como um dos fatores principais que levou a juventude para as barricadas. Era a “revolução pelo desejo”:

A juventude se entedia. Os estudantes se manifestam, se mobilizam, se agitam na Espanha, na Itália, na Bélgica, na Argélia, no Japão, na América, no Egito, na Alemanha, mesmo na Polônia. Eles têm a impressão de que têm conquistas a realizar, um protesto a se fazer ouvir, ao menos um sentimento de absurdo opor ao absurdo. Os estudantes franceses se

preocupam em saber se as moças de Nanterre e de Antony poderão entrar livremente nos quartos dos rapazes, concepção apesar de tudo limitada dos direitos humanos. Quanto aos jovens operários, eles procuram trabalho e não encontram. (HAGEMEYER, 1999, p.67).

Os chamados acontecimentos de maio, na França, foram seguidos, na Iugoslávia, por grandes manifestações estudantis, que protestavam contra as deformações do socialismo local, atacando a nova classe economicamente privilegiada de burocratas comunistas. O então presidente Tite utilizou-se do bom senso e tentou obter uma conciliação com os estudantes.

A “revolução jovem” atravessou o Atlântico e alcançou o México, resultando em um grande massacre de estudantes em um comício público, antes da abertura dos Jogos Olímpicos.

Na América Latina, a alternativa dos jovens passou a ser, em boa parte das vezes, a da guerrilha contra os grupos detentores do poder – as ditaduras militares – que instalavam o medo e o terror na juventude ansiosa pela paz e igualdade de direitos, sem discriminação de qualquer espécie. Foram inúmeras as manifestações de estudantes no mundo, traduzindo-se numa equação assistemática que confluía na busca de uma sociedade ideal.

O movimento estudantil brasileiro alinhava-se mais à tendência europeia de militância, ganhando sua especificidade pela situação vivida no país. Contudo, o caráter didático do movimento estudantil era insuficiente quando tratava de temas que começavam a aparecer, internacionalmente, através dos meios de comunicação, a exemplo dos colocados pelo movimento contracultural norte-americano.

A questão da política institucionalizada foi transferida para a visão da contracultura norte-americana, chamada de “nova consciência”. Esta transcendia a primeira por assinalar, não apenas as condições de sobrevivência material, as necessidades materiais, os meios de produção e os meios pelos quais o homem assegura sua sobrevivência, mas, também, o aspecto desumanizador resultante do sistema tecnocrático e suas conseqüentes reverberações no corpo e na mente do indivíduo, independente de sua classe social. Seguindo esse raciocínio, tanto “o explorado” quanto “o explorador” sofrem os males da tecnocratização gradual da vida. Além da chamada “luta de classes”, também havia outros matizes de lutas não menos importantes e que transcendiam a questão de classe para as questões de

gênero. Novos paradigmas postulavam novas perguntas e exigiam novas respostas. Essas idéias alcançaram o Brasil, ganhando cores específicas com o Movimento Tropicalista, surgido em 1967. Este movimento deflagrou uma verdadeira renovação dentro da arte brasileira, com dados e referências novas e revolucionárias, justamente num momento, cada vez mais, marcado pelo aumento da repressão e do obscurantismo.

1.3 As Vanguardas e o “Desbunde Tropical”

“Invenção e Saque. Originalidade na combinação dos elementos. Os indígenas se apropriando dos temas dos conquistadores”
(SALOMÃO, 1972, p.19-20).

Antes de 1964, havia outras formas artísticas além das defendidas pelo CPC (Centro Popular de Cultura, fundado em 1961 e atrelado à UNE), como a dos concretistas e outras vanguardas que empunharam a bandeira do experimentalismo e do moderno sem restrições, nas artes e em todos os campos, formando discursos divergentes dos proferidos, até então, pelos militantes do “nacionalismo popular”. Essas vanguardas definiam-se como uma superação do imperialismo norte-americano e do arcaísmo explorador das oligarquias, nas relações de trabalho no campo, numa interpretação política demarcada pelo PCB.

A esse respeito Décio Pignatari, em 1959 postulava:

(...) Um operário que trabalha uma peça ao torno não escreve nela seu nome ou sua revolta. A lucidez racional da máquina lhe ensina a perceber a irracionalidade básica das relações de produção capitalistas: constrói super luxuosos aviões e sabe que nunca voará neles. E sabe também que só poderá acabar com as injustiças sociais através das idéias claras e conjugadas. (PIGNATARI apud HOLLANDA, p.38, 1992).

O Concretismo, segundo o “Plano-piloto para a Poesia Concreta” (1958), pretendia, através da linguagem dos novos padrões de comunicação não-verbal, da linguagem publicitária, do *outdoor* e do cartaz, configurar-se em um “poema/objeto

industrial”. O poema concreto era um “objeto útil” que, segundo Hollanda (1992), não se desvinculava, também, de um discurso didático e crítico:

Beba coca cola
 Babe cola
 Beba
 Beba coca
 Babe cola caco
 Caco
 Cola

Cloaca

Este esmiuçamento dos signos da Coca-Cola resulta na “cloaca”, cujo conteúdo final é referenciado como fossa, coleta de esgoto, latrina, lugar imundo, pautando-se em uma crítica à sociedade de consumo, à antipropaganda da mesma.

A poesia concreta, segundo Haroldo de Campos (1978, p.153), estava capacitada para ingressar “numa fase de exportação”, fato que não ocorreu devido à inadequação do padrão internacional de seus objetos industriais à realidade da demanda cultural no país. Subtende-se que, por ser o padrão internacional guiado pela realidade das economias capitalistas centrais, desenvolvidas e modernas, o Brasil, neste contexto, estava muito aquém para possibilitar tal integração:

(...) Caía então a vanguarda na armadilha desenvolvimentista: a crença de que o país estaria ultrapassando o subdesenvolvimento para ingressar numa nova era de país desenvolvido. A modernização que de fato ocorria - mas para adequar a economia brasileira a uma nova etapa de dependência, marcada pela integração ao capital monopolista-era mal avaliada e mitificada. Nesse sentido, podemos dizer que a revolução imaginada pela vanguarda concretista era uma ficção. (HOLLANDA, 1992, p.41-42).

O poema concreto trazia no bojo de sua produção o afã desenvolvimentista, tentando inserir as novas informações dos grandes centros internacionais e criando um ambiente cultural propício a um futuro país desenvolvido. Essa preocupação foi interdita pelo populismo de esquerda, mas abriu frentes de discussões quanto ao momento vivido e ao processo de modernização no Brasil.

Perry Anderson, ao tratar do modernismo no Terceiro Mundo, oferece três coordenadas: a intersecção de uma ordem dominante semi-aristocrática, uma economia capitalista semi-industrializada e um movimento operário semi-insurgente. Para Anderson, as obras modernistas no Terceiro Mundo surgem em constelações muito bem delimitadas, que ainda se encontram em cruzamentos históricos bem definidos. No caso brasileiro, as tendências artísticas revelam essas ambigüidades e especificidades. (RIDENTI apud ANDERSON, 1993, p. 77).

Neste cenário, além da poesia concreta, co-existiam outros movimentos de vanguarda dignos de nota, como o poema-práxis e o poema-processo.

O poema-práxis não trabalhava com um tema, mas partia de áreas, de setores da realidade, fatos emocionais ou sociais, de elementos sensíveis que lhe conferiam realidade e existência:

(...) o poema-práxis pretende ser um produto que produz, adequado a uma arte vista como “objeto e argumento de uso, um instrumento que constrói”, “útil dentro e fora da literatura”. Como projeto de totalização – a única totalização válida e não alienada da consciência poética contemporânea – ele recusa a história da literatura, embora admita que dela faça parte por uma “fatalidade cronológica”. A vanguarda-práxis espera que no futuro, com as transformações revolucionárias da sociedade, a literatura-práxis instale-se definitivamente, “abolindo a história da literatura escrita e de autores”. (HOLLANDA, 1992, p.45).

A crítica em relação ao Concretismo pautava-se na recusa à tradição literária discursiva e de autor e na ênfase ao consumo, pois o poema – embora procurasse expressar criticidade – acabava sendo igualmente reproduzido como objeto industrial ou propaganda.

Segundo Hollanda (1992, p.49), a poesia-práxis foi de suma importância num contexto marcado pela arte engajada, populista, como, também, pelos concretistas alinhados (mesmo que de forma crítica) à ideologia da modernidade e do desenvolvimentismo. Ela surgiu como uma opção àqueles que não se identificavam com essas tendências. Sua diferença em relação à linha populista dava-se na ênfase dada à linguagem e, quanto ao Concretismo, a uma apreensão mais crítica da realidade, sem a condição de poeta simplista, nem tampouco erudito. O movimento da Poesia-Práxis, criado por Mário Chamie, clara dissidência do

Concretismo, teve, como objetivo, contribuir para a revolução da poesia brasileira através da preocupação com a linguagem.

Ainda vale ressaltar, neste rico cenário, um movimento totalmente dessacralizador, representado pela poesia vanguarda-processo, que chegava a pregar a poesia “sem poesia”, inerente ao sistema que o produz. O “Poema-Processo” enfatizava a poesia como produto e a supervalorização da civilização técnica, inclusive no aspecto visual, o que muitos concebiam como uma radicalização do Concretismo.

Estas vanguardas foram importantes no sentido da renovação da linguagem, em uma era desenvolvimentista, e acabaram por colaborar para o surgimento do Movimento Tropicalista, que trataria da questão da dependência econômica brasileira, colocando abaixo a crença no Brasil como o país da “Ordem e do Progresso”.

“O colonizado deglutindo o colonizador”, assumindo todos os pecados dos que nascem abaixo dos trópicos, inclusive a antropofagia, ato ritual de nossos ancestrais indígenas. Este foi o mote pelo qual, através do conceito oswaldiano de antropofagia cultural, o Movimento Tropicalista enfatizava a coragem de assumir o que se era: um país subdesenvolvido e exótico, que continha, em seu interior, uma marca de ecletismo cultural, originada por sua multiracialidade: negros, índios, portugueses, italianos, sul-americanos e norte-americanos. Como diria o artista plástico Hélio Oiticica, que batizou o movimento com sua obra “Tropicália”: “A pureza é um mito”:

(...) creio que a Tropicália veio contribuir fortemente para a objetivação dessa imagem brasileira total, para a derrubada do mito universalista da cultura brasileira, toda calcada na Europa e na América do Norte, num arianismo inadmissível aqui: na verdade, quis eu com a Tropicália criar um mito de miscigenação – somos negros índios, brancos, tudo ao mesmo tempo –, nossa cultura nada tem a ver com a européia, apesar de estar até hoje a ela submetida: só o negro e o índio não capitularam a ela. (...) Para a criação de uma verdadeira cultura brasileira, característica e forte, expressiva ao menos, essa herança maldita européia e americana terá de

ser absorvida, antropofagicamente, pela negra e índia de nossa terra, que na verdade são as únicas significativas, pois a maioria dos produtos da arte brasileira é híbrida, intelectualizada ao extremo, vazia de um significado próprio. (OITICICA apud CALADO, 1997, p.163).

A marca comum aos tropicalistas era o fato de que se valiam de uma extensa teia de referências culturais e transformavam todas numa arte brasileira diferente das vertentes nacionalistas, pregada, por um lado, pelos tradicionalistas de direita e, de outro, por intelectuais e universitários das alas esquerdistas ortodoxas.

Delimitamos, aqui, o Movimento Tropicalista em sua primeira fase (de 1967 até o exílio de seus principais protagonistas, em 1970), quando se percebe, explicitamente, o ideário antropofágico, advindo das leituras oswaldianas e das similaridades com o movimento contracultural norte-americano.

(...) Fico apaixonado por sentir dentro da obra de Oswald de Andrade um movimento que tem a violência que eu gostaria de ter contra as coisas da estagnação, contra a seriedade. É fácil você compreender como Oswald de Andrade deve ser importante para mim, tendo passado por este processo, tendo ficado apaixonado por um certo deboche diante da mania de seriedade em que caiu a bossa nova. (CAMPOS,1986,p.204).

Este ataque à seriedade revela a tendência libertária e carnalizada dos tropicalistas, assim como havia pregado Oswald, quando afirmava, em seu manifesto, que era preciso, acima de tudo, “ver com os olhos livres” a realidade. Ou seja, aquilo que verdadeiramente somos: “uma mistura de “vatapás e chaminés, xarope bromil, abacaxi e coca-cola”. Esta visão do mundo, encontra no movimento, o suporte de agregação das formas da modernidade, transformando as diversas informações universais num Brasil que era “isto e aquilo” e não o “isto ou aquilo”. Para Haroldo de Campos, a tarefa do movimento tropicalista era a de

(...) assimilar sob espécie brasileira a experiência estrangeira e *reinventá-la em termos nossos*, com qualidades ineludíveis que dariam ao produto resultante um caráter autônomo e lhe confeririam, em princípio, a possibilidade de passar a funcionar por sua vez, num confronto internacional, como produto de exportação. (CAMPOS apud VELOSO, 1997, p.247)

A Antropofagia, como forma de reinvenção cultural, inspirava-se nas vivências de volta a um passado tribal, o "Matriarcado de Pindorama"⁶ - país das palmeiras – gênese dessas pulsões primárias e “dionisiacas”. A idéia, porém, não era a de uma volta a estágios naturais, mas sim a de defender a interação dessas pulsões primárias com os avanços da cultura e da sociedade contemporâneas, não cindindo tais influências.

O termo deglutição seria a maneira encontrada para trabalhar influências colocadas como opostas: o rural versus o urbano, o industrial versus o artesanal, o irracional versus o racional, o país subdesenvolvido, mas industrializado, ao mesmo tempo. O resultado dessa deglutição seriam novas formas culturais, aparentemente antagônicas, consistindo numa construção mais próxima de elementos nacionais do que dos ditames instituídos pelas academias.

Segundo Pelegrini (1993), as similaridades entre os modernistas e os tropicalistas são expressas através do deboche, da ironização dos conceitos e dos preconceitos sociais, da subversão da ordem estética e moral. A visão de mundo carnavalesca de Oswald de Andrade, retomada pelos *neo-clowns* tropicalistas, pode ser percebida, claramente, no seu manifesto “Cruzada Tropicalista”, publicado no jornal carioca *Última Hora*, na coluna “Roda Viva”, do jornalista e letrista Nelson Mota. A matéria de 5 de fevereiro de 1968, ilustrada com uma foto de Vicente Celestino, anunciava que algo de extraordinário estava prestes a acontecer na vida cultural do país:

(...) O filme *Bonnie and Clyde* faz atualmente um tremendo sucesso na Europa e sua influência estendeu-se à moda, à música, à decoração, às comidas, aos hábitos. Os anos 30 revivem em força total. Baseados neste sucesso e também no atual universo pop, com o psicodelismo morrendo e novas tendências surgindo, um grupo de cineastas, jornalistas, músicos e intelectuais resolveu fundar um movimento brasileiro, mas com possibilidades de se transformar em escala mundial: o Tropicalismo. Assumir completamente tudo que a vida nos trópicos pode dar, sem preconceitos de ordem estética, sem cogitar de cafonice ou mau gosto, apenas vivendo a tropicalidade e o novo universo que ela encerra, ainda desconhecido. (MOTA apud CALADO, 1997, p.175).

⁶ Pindorama é a denominação dada pelos índios ao Brasil, significando, em Tupi, “terra de muitas palmeiras”.
(Cf. PELEGRINI, 1993, p 66)

Através do seu manifesto, os tropicalistas ironizavam, também, a música que os emepistas tradicionais, estudantes e demais nacionalistas ortodoxos defendiam com unhas e dentes, com o intuito de popularizar a arte, forma direta e eficaz de manipular as “massas” para uma revolução:

O samba-canção, forma nacional de música, viverá o seu grande esplendor e o cavaquinho será eleito o instrumento da moda, em substituição às antiquadas e estrangeiras guitarras elétricas. Cada jovem terá em seu quarto um cavaquinho e muitos conjuntos surgirão, muitos regionais, todos uniformizados e com o indispensável chapéu de palhinha, já que o chapéu-chile é só para usar na rua, com o terno de linho... (CALADO, 1997, p.175).

O samba-canção, segundo os tropicalistas, já estaria ultrapassado em sua forma e conteúdo. O mesmo dar-se-ia com a bossa-nova, estilo com o qual a maior parte dos tropicalistas simpatizava. Esses artigos definiam as idéias tropicalistas: a filosofia, os ídolos, as músicas preferidas e até mesmo as roupas que deveriam vestir para se transformar numa mistura de “palmeiras, abacaxis, maria-mole e xarope bromil”.

A filosofia de assumir tudo o que a vida nos trópicos podia oferecer, sem preconceitos estéticos, expressando uma assimilação do “senso comum”, representado como arte genuína, dar-se-ia com o uso de chavões, provérbios e até cantadas da época, tais como: “Verde assim; que dirá madura”; “Esta é a nora que mamãe queria”, “Arte Moderna é prá enganar os trouxas”; entre outras. As festividades comerciais, colocadas como religiosas, também eram, segundo os tropicalistas, datas de extrema importância: Natal, Ano Novo, Dia das Mães, entre outras, deveriam ser comemoradas “em infindáveis piqueniques onde estarão sempre presentes laranjas, bananas, fritadas de vagem e garrafas de tubaína. Abaixo os jantares e coquetéis. Viva o piquenique!” (CALADO, 1997, p.178).

A ironia, assim, funcionava como um estopim na guerrilha ideológica que atingia tanto os militares, quanto os militantes de esquerda. Os tropicalistas eram vaiados nos festivais de música por aqueles que fomentavam o sonho da “queda da bastilha brasileira”. Foram presos “sem motivos concretos” pela polícia e eram ridicularizados pela família brasileira, que não aceitava a caricatura mal-feita do Brasil apresentada pelos chamados (pejorativamente) de “desbundados”.

Além da visão carnavalizante advinda das leituras oswaldianas, o pensamento do grupo tropicalista recebia influências: do Cinema Novo, das artes plásticas, da poesia concreta e do rock estrangeiro, assim como, das manifestações culturais anteriores aos anos 60. Ao contrário do didatismo da esquerda, a compreensão do Tropicalismo exigia, de seu público, uma postura ativa, interativa e intelectual, à medida em que o receptor deveria decifrar os signos, mais ou menos ocultos, presentes tanto nas letras das músicas, como nas TV capas dos discos e nos shows, considerados verdadeiros *happenings*⁷. Caetano Veloso (HOLLANDA,1984,p.28) afirmava, em 1966: “Sei que a arte que faço agora não pode pertencer verdadeiramente ao povo. Sei também que a arte não salva nada nem ninguém, mas que é uma das nossas faces”.

A forma de se pensar numa renovação da música popular, e conseqüentemente, em novas maneiras de ser e sentir o Brasil, foram desencadeadas devido às modernizações, cada vez maiores, nos meios de comunicação. Enquanto os modernistas de 22 recebiam influências do cinema, os tropicalistas estavam “ligados” às informações rápidas da TV, do rádio e da indústria fonográfica:

(...) Acredito que a necessidade de comunicação com as grandes massas seja responsável, ela mesma, pelas inovações musicais. O rádio, a TV, o disco, criaram sem dúvida uma nova música: impondo-se como novos meios técnicos para a produção de música, nascidos por e para um processo novo de comunicação exigiram/possibilitaram novas expressões. (CAMPOS,1986,p.199).

O americano Marshall McLuhan e sua teoria sobre comunicações de massa, ao lado dos inúmeros acontecimentos que marcariam para sempre a humanidade (o homem pisando, pela primeira vez, na lua; as barricadas na França e Inglaterra, em 68; a antipsiquiatria e a abertura dos manicômios na Itália, entre outros fatos que

⁷O termo *happening* significava “acontecimento” e consistia em espetáculos onde deveria haver, não só uma apresentação musical, mas também visual e estética: decoração do palco, vestuário; e de comportamento, muitas vezes provocativo por parte dos tropicalistas, que deveriam buscar uma interação constante com o público. Os *happenings* surgiram nos EUA, nos anos 60, quando “uma multidão de artistas executantes surgiu nas ruas tocando instrumentos ou cantando músicas de todos os tipos, dançando, desempenhando ou improvisando peças, saturando as ruas com imagens e sons “político-erótico-místicos”, confundindo-se com a “merda cotidiana” e, pelo menos algumas vezes, mistificando a si próprios e aos outros quanto a que caminho estavam seguindo”. (BERMAN,1986,p.304)

trouxeram mudanças comportamentais marcantes), levariam os místicos a profetizar que a década de 60, especificamente o ano de 1968, seria o marco da entrada na "Era de Aquarius". Essa era prenunciaria profundas transformações no mundo, quebrando os grilhões do passadismo. Além do que, através do Tropicalismo, fazia-se, cada vez mais visível, uma possível interseção com o ideário contracultural norte-americano. Coletivismo, experiências com drogas como o LSD e a maconha, a fim de expandir os níveis de consciência, revelavam um ideário bem diferente daquele pregado pelo sistema de consumo capitalista, com seu projeto de ascensão social, característico dos valores centrais da cultura ocidental.

O ideário da contracultura no Brasil pôde ser vislumbrado, inicialmente, nos artigos de Luís Carlos Maciel, sobretudo em sua coluna chamada *Underground*, veiculada no jornal *O Pasquim*.

Maciel foi considerado, por muitos, como "o guru da nova geração", pois trocava em miúdos, para os leigos leitores brasileiros, o que seriam essas manifestações culturais e políticas contra o sistema vigente, denominadas de contracultura:

(...) Contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário do termo é uma anticultura. Obedece a instintos desclassificados nos quadros acadêmicos.(...) A compreensão do fenômeno da contracultura depende da erradicação desse preconceito, introjetado em todos nós desde a infância: o de que nossa cultura particular e suas formas específicas e limitadas são, de alguma maneira, superiores, ou melhores, ou mais objetivas etc. do que quaisquer outras, pretéritas ou a inventar.

Esta é uma ilusão tenaz, amparada por todas instituições - da universidade à política -, e o primeiro ato indiscutivelmente positivo e genuinamente revolucionário da contracultura foi o de desmenti-la..

Este ato foi espontâneo. O surgimento e o desenvolvimento do que se chamou contracultura não foram previstos - e só foram precariamente apreendidos, à custa de distorções - pelos quadros de conhecimento elaborados por nossa cultura.

Sua fonte foi a magia fundamental da realidade, seu poder incessante de criação, insubmisso a todos os tipos de tentativas de racionalização.

Esta é a principal originalidade histórica da contracultura. Ela tem mais a ver com um passe de magia do que qualquer processo racionalizável.

(MACIEL, 1981, p.19).

A contracultura foi imprescindível para os tropicalistas em relação a questões como: a crítica comportamental e contra as instituições falidas; a militância ortodoxa

(surge, nessa época, a chamada “nova esquerda”⁸) e as universidades, temas estes que se viam refletidos e visualizados nas músicas e em outras manifestações artísticas. Desse modo, procuraram outros caminhos, como o da revolução comportamental e o da reformulação da cultura nacional, com a utilização das guitarras elétricas dentro da MPB, assim como, com a abordagem de um país que não poderia mais se assumir, musicalmente e poeticamente, tendo apenas, como base, a temática nordestina, proletária e periférica, numa forma paternalista, como a defendida pelo CPC, por exemplo.

Além dos *happenings* mundiais, as principais influências que o Tropicalismo recebeu partiram de produções nacionais como o filme *Terra em Transe* (1964), de Glauber Rocha, precursor do Cinema Novo⁹, e a obra de Oswald de Andrade, *O Rei da Vela* (1937), dirigida no teatro por José Celso Martinez Corrêa, que sintetizaria não apenas a visão carnalizada do autor, como aquilo que estava acontecendo no mundo e refletindo-se no Brasil.

O filme, *Terra em Transe* (1967), colocava como ponto crucial a questão política, uma crítica aos esquerdistas que têm o seu ideal revolucionário esmagado pelo poder político mundano:

(...) De uma forma estilizada, *Terra em Transe* narra o confronto entre um ditador e um poeta, num país fictício. O ditador é representado por Paulo Autran; o poeta, por Jardel Filho. O antagonismo dos personagens principais estabelece entre eles uma relação complexa, de interdependência dialética. São duas gerações diferentes, duas visões contraditórias da realidade, dois projetos existenciais opostos mas, entre esses dois pólos radicais, Glauber percebe uma continuidade dialética, a necessidade histórica(...) *Terra em Transe* faz uma metáfora do Brasil, apresenta uma imagem do país que não é mais a reprodução de uma realidade, mas uma imagem recriada. Sua intenção fundamental é a mesma que iria servir de fundamento para o surgimento do tropicalismo, ou seja, aprender e em seguida expressar a própria personalidade brasileira, sem os acidentes que distorcem ou mascaram sua essência, uma espécie de redução eidética, fenomenológica, do fenômeno brasileiro. (MACIEL, 1996, p.111).

⁸ A Nova Esquerda colocava em xeque a esquerda ortodoxa acreditando que a política deveria ser feita, antes de tudo, de envolvimento pessoais e não de abstrações. Acreditava-se que o lugar ideal para uma primeira revolução seria através de uma guerrilha contra si próprio.

⁹“O Movimento do Cinema Novo, na primeira metade dos anos 60, opôs-se tanto ao academicismo das produções respeitáveis da Vera Cruz quanto ao primarismo das chanchadas. Glauber Rocha liderou este movimento em favor da criação de um cinema superior, nascido da miséria brasileira, como o neo-realismo nascera da indignação das cidades italianas no imediato pós-guerra”. (VELOSO, 1997, p.100)

Terra em Transe não foi um sucesso de bilheteria, mas conseguiu escandalizar a esquerda, que chegou a fazer protestos nos cinemas onde o filme era exibido. Uma das cenas que mais chocou a esquerda foi assim descrita por Caetano Veloso:

(...) uma cena em particular chocava esse grupo de espectadores: durante uma manifestação popular – um comício – o poeta, que está entre os que discursam, chama para perto de si um dos que o ouvem, operário sindicalizado, e, para mostrar quão despreparado ele está para lutar por seus direitos, tapa-lhe violentamente a boca com a mão, gritando para os demais assistentes: “Isto é o Povo! Um imbecil, um analfabeto, um despolitizado!” Em seguida, um homem miserável, representante da pobreza desorganizada, surge dentre a multidão tentando tomar a palavra e é calado com um cano de revólver enfiado na sua boca por um segurança do candidato.(VELOSO, 1997, p.104).

Outra obra de extrema importância para o ideário tropicalista, que ia acompanhar esses novos caminhos da arte, seria a encenação da peça de Oswald de Andrade, *O Rei da Vela*, dirigida por José Celso Martinez Correa.

A peça, escrita em 1933 e publicada em 1937, foi encenada, em 1967, pelo Grupo Oficina de São Paulo. Mesmo passados quase trinta e quatro anos, o texto trazia elementos altamente inovadores para o teatro brasileiro, e sua montagem afirmou a originalidade e a atualidade das idéias oswaldianas.

O Rei da Vela manifestava a amargura de Oswald frente aos acontecimentos que antecederam 1933, como a crise da bolsa de Nova York, a Revolução de 30 e a Revolução Constitucionalista de 1932, que arruinara suas finanças e o forçara a percorrer infundáveis escritórios de agiotagem para se equilibrar financeiramente. O agiota, na peça, é personificado como Rei da Vela. O texto, porém, supera a experiência pessoal de Oswald, mostrando os mecanismos da engrenagem em que se baseia o esquema sócio-econômico do país. A peça divide-se em três atos e os personagens principais são: Abelardo I (fabricante de vela, chamado de Rei da Vela, promissor industrial, que representava a burguesia em ascensão), Abelardo II (empregado de Abelardo I, que pretende superá-lo), Heloísa de Lesbos (noiva de Abelardo I, lésbica e representante de uma família aristocrática rural falida de São Paulo), Pinote (o intelectual que serve à burguesia, não assumindo o seu compromisso social, tal como o poeta de *Terra em Transe*), Poloca (virgem com

mais de sessenta anos que é tentada a passar uma noite com Abelardo) e o representante do capital estrangeiro, Mr. Jones.

A peça discutia, de forma extremamente caricatural, a incipiente sociedade industrial do início do século XX, evidenciando personagens arrivistas que, para ter um nome ou sobrenome, casavam-se com filhas de famílias aristocráticas rurais falidas. A questão sexual é de extrema importância nesta peça: como Heloísa, que tinha tendências homossexuais, ou o seu irmão Totó Fruta do Conde, os quais revelavam o nível de hipocrisia da moralidade da aristocracia rural.

As figuras em cena caracterizavam-se como anti-heróis, expressões negativas de um mundo decadente:

HELOÍSA — Enfim...aqui estou...negociada. Como uma mercadoria valiosa...Não nego, o meu ser mal educado nos pensionatos milionários na Suíça, nos salões atapetados de São Paulo...vivendo entre ressacas e preguiças, aventuras...não pôde suportar por mais de dois anos a ronda da miséria...

ABELARDO I — Conheço uma só coisa, a realidade. E por isso subjugo você que é sonho puro...

HELOÍSA (mostrando a Gioconda) — Por que você tem esse quadro aí...

ABELARDO I — A Gioconda...Um naco de beleza. O primeiro sorriso burguês...

HELOÍSA — Você é realista. E por isso enriqueceu magicamente. Enquanto os meus, lavradores de cem anos, empobreceram em dois...

ABELARDO I — Trabalharam e fizeram trabalhar para mim milhares de seres durante noventa e oito... (silêncio absorto)

HELOÍSA — Dizem tanta coisa de você, Abelardo...

ABELARDO I — Já sei...Os degraus do crime...que desci corajosamente. Sob o silêncio comprado dos jornais e a cegueira da justiça da minha classe! Os espectros do passado...Os homens que trai e assassinei. As mulheres que deixei. Os suicidados...O contrabando e a pilhagem...Todo o arsenal do teatro moralista dos nossos avós. Nada disso me impressiona nem impressiona o público...a chave milagrosa da fortuna, uma chave Yale...Jogo com ela!

HELOÍSA — O pânico...

ABELARDO I — Por que não? O pânico do café. Com dinheiro inglês comprei café na porta das fazendas desesperadas. De posse de segredos governamentais, joguei duro e certo no café-papel! Amontoei ruínas de um lado e ouro do outro! Mas, há o trabalho construtivo, a indústria...Calculei ante a regressão parcial que a crise provocou...Descobri e incentivei a regressão, a volta à vela...sob o signo do capital americano.

HELOÍSA — Ficaste o Rei da Vela! (ANDRADE,1976,p. 46-47).

O que surpreendia o público que assistia à peça não era apenas o texto, mas o modo como Zé Celso dirigia, ao lançar novas formas de expressão artística, manifestando-se num espetáculo desconcertante onde, através da comicidade dos estilos insólitos dos personagens, interpretava-se uma crítica ao imperialismo americano, ao fascismo, ao socialismo, à tradicional aristocracia cafeeira de São Paulo, a todos os “ismos” e à intelectualidade quadrada, racional. Um aspecto interessante, no teatro de Zé Celso, eram também, os elementos mágicos, intuitivos e “desbundados” postos em cena.

Caetano Veloso, antes de assistir ao espetáculo *O Rei da Vela*, já havia composto a música “Tropicália”, tomado de entusiasmo com que vira em *Terra em Transe*. Entretanto, após ver o espetáculo de Zé Celso, realmente percebera que algo estava mudando no cenário das manifestações artísticas no Brasil.

“A música popular brasileira dos universitários” invadia os festivais de música, exigindo dos artistas uma “proposta séria e engajada”. Músicos e intelectuais de esquerda queriam que a música brasileira voltasse às suas raízes, desprezando, assim, o “iê-iê-iê” da Jovem Guarda e o uso de guitarras elétricas na MPB, que eram vistos como uma verdadeira afronta: o imperialismo americano invadindo a cultura brasileira.

Os tropicalistas, ao contrário dos militantes esquerdistas, eram contra a arte utilitária e adestradora. Queriam escancarar aquilo tudo que muitos intelectuais caracterizavam como “cafonice” e que era uma das faces do Brasil, concentrando na figura do Chacrinha – o ídolo *pop* – um dos principais referenciais tropicalistas. O apresentador representava, assim, uma síntese viva do movimento: carnavalização, *glamour*, erotismo, mau-gosto, televisão, indústria cultural, kitsch, humor, anarquia, lógica inclusiva do isto e aquilo, personificado na imagem de um homem gordo, excêntrico, que provocava seu público gritando, na melhor tradição do Teatro do Absurdo, “Vocês querem bacalhau?”

Mesmo saudado como ícone pelo tropicalismo, certa vez, Chacrinha ironizou: “Esse negócio de Tropicalismo é fofoca. Sou tropicalista há mais de 20 anos. O que acontece é que antes a imprensa me chamava de débil mental, de maluco e de grosso...” (PAIANO, 1996, p.45). Sem se apegar a um “plano de revolução”, os

tropicalistas acreditavam numa arte revolucionária agressiva, na medida em que esta transformasse o indivíduo e sua forma de se relacionar com a sociedade.

Em 20 de agosto de 1967, Caetano Veloso deixava evidente sua ansiedade por novidades e rupturas no cenário da música popular brasileira (inclusive com relação às posteriormente chamadas de “patrulhas ideológicas”), em uma entrevista a Zuza Homem de Mello:

(...) Acho que a música brasileira, depois da bossa nova, ficou discutindo tudo que a bossa nova propõe, mas não saiu dessa esfera, não aconteceu nada maior. Eu, pessoalmente, sinto necessidade de violência. Acho que não dá pé prá gente ficar se acariciando. Me sinto mal já de estar ouvindo a gente sempre dizer que o samba é bonito e sempre refaz o nosso espírito. Me sinto meio triste com essas coisas e tenho vontade de violentar isso de alguma maneira. É a única coisa que me permite suportar e aceitar a idéia de manter uma carreira musical, porque uma coisa é inegável: a música é a arte mais viva em todo o mundo. O que acho é que a música tem sido utilizada muito pra gente se manter enganado e eu não quero mais. Quero que a gente saiba mesmo, que a gente engula e veja que a gente está num país que não pode nem falar de si mesmo. A gente tem que passar a vergonha toda pra poder arrebentar as coisas.(VELOSO apud CALADO,1997,p.117).

Além da necessidade de violência e transformação da música nacional, a idéia de retomar e levar adiante o ponto de encontro entre a musicalidade brasileira e a modernidade musical, assumiria, naquele momento, um caráter provocativo e renovador para as alas conservadoras.

Vejamos alguns pronunciamentos críticos a respeito do Tropicalismo, retirados de jornais e revistas da época (Cf. LONTRA,2000,p.32):

Dinah Silveira de Queiroz, 1968:

Esta Tropicália, que anda por aí, importada da Europa, não é nada para nós.(...) Não se aperceberam de uma realidade dramática: estão caricaturizando a sua própria condição.

Chico Ribeiro, 1968:

O que é válido, o que é essencial para o pensamento velosiano, é que leve as circunstâncias cerebrais o mesmo aspecto de desordem capilar que o Caetano Veloso apresenta fora da cachola.

Manchete de O Estado de São Paulo, 30/04/68:

Tropicália não convence

Manchete de *Jornal da Tarde*, 30/04/68:

Um novo Tropicalismo: Tropicalismo é um negócio que a gente sente que está deste lado, mas está do lado de lá.

Augusto Boal, no artigo “Que pensa você da arte de esquerda?” caracterizou o Tropicalismo como:

(...) romântico: agride o predicado, mas não o sujeito; homeopático, por endossar o objeto da crítica; inarticulado; tímido e gentil, pois teria satisfeito apenas os burgueses e um fenômeno de importação – cópia dos Beatles. Enfim, o Tropicalismo se caracterizaria por completa ausência de lucidez.(BOAL apud LONTRA, 2000, p.32).

Celso Favaretto (1996) afirma, em *Tropicália, Alegoria, Alegria* que o Tropicalismo surgiu como um discurso inovador, propondo uma discussão, substancialmente distinta das anteriores, como tática cultural, como proposta ideológica e de relacionamento com o público. Era uma posição definitivamente artística e musical. Rearticulando uma linha de tradição abandonada desde o início do século e retomando as pesquisas sobre o Modernismo, principalmente a antropofagia oswaldiana, o tropicalismo rompeu com o discurso explicitamente político para concentrar-se numa atitude primitiva que, pondo de lado a realidade nacional, via o Brasil sob um ótica verdadeiramente revolucionária: a visão cultural. Confundindo o nível em que se situavam as discussões culturais, o Tropicalismo deu uma resposta desconcertante à questão das relações entre arte e política.

Antagônicos à idéia de que “fora da arte política não poderia haver arte popular”, os tropicalistas ironizavam o movimento que utilizava as mesmas armas do inimigo, seja na arte, ou na violência – “só se modificaria a farda” – na guerra pela “tutela do povo”.

Neste contexto, os festivais de música eram como uma arena onde se decidiam os caminhos, não só da música popular brasileira, mas, também, do Brasil, enquanto nação. A platéia agitada, composta, em sua maioria, por estudantes, artistas e eruditos da chamada cultura engajada, decidiam os “músicos e as

músicas-símbolo” da geração dos “anos de chumbo”. Os aplausos e a classificação das músicas eram a glorificação “do herói nacional”. As vaias, tomatadas, entre outras agressões, representavam a estereotipação de “traidores”, não só da cultura brasileira, mas também da pátria.

Os organizadores e o júri não se manifestavam, tentando evitar transtornos em algumas apresentações. Além disso, os *happenings* improvisados caíam como uma luva no espetáculo estilo “*panis et circenses*”, onde platéia local e televisiva viam seus discípulos serem elevados ou rebaixados – heróis e anti-heróis – que aumentavam a audiência deste verdadeiro júri popular.

(...) Os festivais eram o ponto de interseção entre o mundo estudantil e a ampla massa de telespectadores. Esta, naturalmente, era maior do que a de compradores de discos. Mas em todos os níveis tinha-se a ilusão, mais ou menos consciente, de que ali se decidiam os problemas de afirmação nacional, de justiça social e de avanço na modernização. (VELOSO, 199, p.177).

Nos festivais de música, os ideais tropicalistas puderam ser visualizados com maior amplitude devido ao alcance que a televisão permitia. As músicas “Alegria, Alegria” e “Domingo no Parque” dariam continuidade às propostas de Glauber, em *Terra em Transe*, do teatro de Zé Celso, com a montagem do *Rei da Vela*, da poesia concreta e da obra “Tropicália” (de Hélio Oiticica). Isso, sem mencionar a fundamental carnavalização oswaldiana, que propunha a deglutição crítica de todas as influências do passado e do presente, recriando e criando um futuro onde a diferença seria a nossa igualdade, nosso maior código de identificação.

A Tropicália fundaria o folclore urbano na MPB, inaugurado com a música de Caetano Veloso, “*Alegria, Alegria*”. A letra dessa música foi construída a partir de referências ao cotidiano da cultura urbana, constituindo uma espécie de colagem (procedimento artístico modernista por excelência) ou painel fragmentado do “mundo das bancas de revistas, das fotos, espaçonaves, guerrilhas”. Esboçava uma crítica comportamental, influenciada pela atitude *hippie*, de quem vai pelas ruas “sem lenço e sem documento” e também fazia uma crítica às instituições e a questões localizadas, tais como a família, o casamento, os papéis sociais, a arte, o amor, o sexo e o corpo.

“Alegria, Alegria” foi apresentada no III Festival de Música da Record, com uma grande expectativa, visto que, pela primeira vez, a MPB experimentava o uso das guitarras elétricas, tocadas por um grupo de rock argentino, os *Beat Boys*. Para surpresa geral, Caetano saíria aplaudido e se transformaria, a partir desse acontecimento, num cantor *pop*.

A música “Domingo no Parque”, de Gilberto Gil com o acompanhamento do grupo Mutantes, também representava uma nova sensibilidade, moderna e brasileira, o que ficava explícito no arranjo extremamente criativo do maestro Rogério Duprat, que mesclava elementos extraídos da tradição popular, da cultura “culta” e do que havia de mais avançado, tecnicamente, na música internacional.

Com a ditadura fechando o cerco gradativamente com os Atos Institucionais, Caetano e Gil foram presos “sem motivos concretos”. Na cela da prisão, junto com Paulo Francis, Ferreira Gullar, Antônio Callado, entre outros intelectuais, Caetano foi levado a um soldado numa sala da Vila Militar. Como narra, em seu livro *Verdade Tropical*, este soldado, excepcionalmente, intelectualizado e politizado, ponderou-lhe o quanto o rock e a música pop poderiam funcionar como elementos desagregadores da família, e o quanto o movimento tropicalista feria os militares que, até então, perseguiam, com mais voracidade, os militantes políticos da esquerda:

(...) Com essa capacidade de pulverizar a realidade, esse modo de tratar fragmentariamente os costumes e valores morais, vocês podem causar mais danos à estabilidade de nossa sociedade do que à esquerda. Essa é a verdadeira subversão.(CALADO, 1997, p.18).

O caráter subversivo de exposição do quadro de fragmentação da verdade absoluta entrelaçava-se com os novos dados internacionais pautados na experiência *hippie*:

(...) o tropicalismo, além de ter atuado seu ufanismo e sem demagogia populista; além de ter incorporado o tom parodístico e bem-humorado, crítico e dessacralizador, de Oswald de Andrade e do legado antropofágico do Modernismo; além de ter transferido a criação poética revolucionária para as letras de música; além de ter antropofagicamente, colocado em confronto o legado anterior da música popular brasileira com a música pop internacional; além disso tudo estava assumindo, nos palcos e nos meios de massa, atitudes e comportamentos (...)linguagens novas, muito mais

próximas da agitação juvenil internacional do que qualquer outro movimento, dentro ou fora do Brasil. (BUENO,1979,p.25).

Não podemos dizer que o tropicalismo fosse um movimento “colonizado”, ou seja, que estivesse meramente imitando as tendências internacionais, como sempre se fez, com atraso e diluição, mas sim, promovendo a incorporação e a deglutição desse novo dado.

Fernando Gabeira afirma que o Tropicalismo foi uma nascente da contracultura no Brasil:

(...) Eu diria que, ao mesmo tempo que o Tropicalismo significava um mergulho no Brasil, talvez rompesse um pouco com a visão européia, e já estava trazendo alguns elementos da própria perspectiva *hippie*. O tropicalismo foi talvez o precursor da entrada de uma concepção *hippie* no Brasil. Tanto que no momento de desbunde, que é já no fim dos 60, princípio dos 70, o Tropicalismo passa a ser também um elemento de inspiração para aquelas pessoas que iam para as praças, que tentavam viver o momento *hippie* um pouco já com atraso, mas um momento importante no Brasil porque era uma tentativa de escapar daquela dicotomia: ou encareta ou vai para a luta armada. (GABEIRA apud CYNTRÃO, 2000, p.180).

Uma das importantes colaborações desse movimento foi quanto à descentralização da cultura, antes enfocada sob uma lógica linear. Maciel comenta sobre a “importação” da contracultura norte-americana:

(...) Este “transplante de cultura” (risos) eu acho que se não houver más intenções, ocorre de maneira mais ou menos natural, espontânea, porque aquilo era uma informação que veio a alimentar o processo que já está ocorrendo, um processo cultural, no caso, de um país subdesenvolvido como o Brasil. Então é uma informação que vêm de um país desenvolvido que acho que esta absorção acontece naturalmente e ela é positiva, pois fecunda o processo que a adota né? Que a importa, sem haver necessariamente princípios, nenhuma coisa de sujeição e de subordinação a esta cultura exterior, uma relação colonizada que era o que se falava antes da contracultura sobre todas das influências estrangeiras e norte-americanas, embora a influência tenha sido permanente na cultura brasileira. A cultura brasileira não é autônoma, ela nasceu da cultura européia, eram os: franceses, portugueses, ingleses e esse transplante primeiro aconteceu naturalmente. A cultura brasileira desenvolveu com sua cara, com suas características próprias e tudo, então era uma coisa natural que acontecesse. Eu via isso acontecer em mim, porque eu fiz a coluna *Underground*, pois fiquei interessado nessas informações. Quando morei nos Estados Unidos me interessei, mas não tão intensa quanto na época

do *Pasquim*, porque aí eu estava conhecendo a *Beat Generation* americana que era parecido com o existencialismo europeu, o que eu estava mais ligado. Mas não havia uma motivação existencial maior da minha parte que já na época do *Pasquim* havia, era a época da ditadura militar. Então aquela informação aparecia como uma possibilidade de ação, de discurso, de reação naquele contexto autoritário da ditadura por isso que me interessou pessoalmente.¹⁰

Nos anos que se seguiram, até 1974, tentou-se realizar uma série de experiências genericamente rotuladas como “contraculturais”, desvinculadas das universidades, das instituições, da política oficial e do esquema comercial de produção e difusão da informação.

O chamado (pela poeta e escritora Ana Cristina César) “comportamento desviante” vai ser originado a partir das experiências com o tropicalismo:

(...) A marginalidade é tomada não como saída alternativa, mas sim como ameaça ao sistema, como possibilidade de agressão e transgressão. A contestação é assumida conscientemente. O uso de tóxicos, a bissexualidade, o comportamento exótico são vividos e sentidos como gestos perigosos, ilegais e portanto, assumidos como contestação de caráter político. (CESAR, 1993, p.123).

Uma dessas estratégias de contestação deu-se, exatamente, através do uso dos meios de comunicação, mais especificamente, pela chamada imprensa alternativa, numa fase culturalmente pessimista e tomada por um total descrédito às manifestações políticas tradicionais. Esta fase de desalento ao momento vivido foi, ao mesmo tempo, um período em que inúmeras manifestações novas e pensamentos “desviantes” eram postos e circulação, vividamente captados através desses protagonistas, ou seja, a imprensa alternativa. Esta tomou, como veremos, a estética unida à arte e a vivência do cotidiano imediato como postura existencial. Esta fase é denominada “pós-tropicalista” e vincula-se ao momento de produção acelerada desses impressos, intimamente ligados ao discurso oposicional da contracultura.

¹⁰ Entrevista realizada com Luiz Carlos Maciel, em sua casa, no dia 07 de setembro de 2005, Leblon, Rio de Janeiro.

2 “INTERLOCUÇÕES COM O VAZIO”: A GERAÇÃO PÓS-TROPICALISTA E O BOOM DA IMPRENSA ALTERNATIVA UNDERGROUND

“Alô, alô, todo mundo: a imprensa de *underground* acaba de nascer no Brasil. *Presença*, mensal, está nas bancas há quinze dias; *Flor do Mal*, semanal, há uma semana; e *Rolling Stones do Brasil* pintará dentro de poucos dias, ainda na primeira quinzena de novembro. Essa imprensa nova surgiu assim de estalo. Por mágica. Por feitiço da sempre imprevisível realidade. Sementes secretas. Flores bruscas na Terra do Sol. Luzeiros.

Alô, Alô, cidades brasileiras, do Norte ao Sul, do Leste ao Oeste. Espero notícias, quero saber de novas publicações, do que vocês estiverem fazendo. Vamos trocar jornais? O primeiro passo é o intercâmbio, para a criação de um estilo de vida mais bonito e mais feliz. Que esse jardim providencial cresça e se multiplique. Como Ele quis que fosse – e disse às crianças. Alô, alô, Alvinho Guimarães, em Salvador, Bahia. Já soube do lançamento de *O Verbo*, jornal das crianças baianas. Não posso mandar colaboração agora – falta tempo – mas, mesmo assim, quero ver o primeiro número. Intercâmbio. Você fala.

Alô, alô, bairros, escolas, comunidades, qualquer núcleo em que um jornalzinho possa nascer e crescer. Que, mais uma vez, no princípio seja o verbo. Flores bruscas. Luzeiros. Alô, alô, Rubinho Gomes, inventor da *Presença*. O primeiro número está lindo, muito legal e tudo. A batalha é dura mas, por isso mesmo, capaz de encher de alegria o coração. Em frente.”

(PASQUIM, no. 121 – 26/10 a 1/11/1971)

Para falarmos das manifestações da contracultura através da chamada imprensa alternativa, neste capítulo, remetemo-nos ao contexto de cada impresso elencado para essa pesquisa.

Uma grande parte desses jornais permaneceu no anonimato ou foi divulgado em círculos muito restritos, o que dificultou a ampliação e o aprofundamento desta pesquisa, pelo caráter assistemático das produções alternativas e de seus produtores.

Os impressos escolhidos tiveram uma certa visibilidade na época: a coluna *Underground* (1969-1971), veiculada no semanário *O Pasquim*, a *Flor do Mal* (1971) e a versão brasileira da revista *Rolling Stone* (1972-1973).

Uma parte dos textos produzidos, identificáveis sob o rótulo de “contraculturais, emergentes, alternativos ou marginais”, teve um sentido propriamente artístico e conseguiu, na época, uma relativa divulgação, embora nunca chegasse a ter continuidade de produção e as grandes tiragens das editoras comerciais e empresas jornalísticas.

Estes impressos tinham, em comum, a luta pela veiculação de uma informação independente dos esquemas empresariais, escolares ou oficiais de produção e difusão, dando margem ao exercício de uma linguagem, no seu sentido mais amplo, experimental e livre, inclusive de definições programáticas.

2.1 A Imprensa alternativa como alternativa

Segundo Holanda, a década de 70 começou um pouco antes, em 1968, com a decretação do AI-5, que anunciava um período denominado de “vazio cultural”¹¹, caracterizado pelo silenciamento dos movimentos sociais e das artes em geral. Procurava-se, neste contexto, tentar entender o fracasso da juventude imersa na guerrilha, ou então, na loucura do “desbunde”. Alex Pollari, em entrevista a Heloísa Buarque de Holanda (1980, p.234), comenta que estava na pedra do Arpoador, no Rio de Janeiro, e não sabia se ia se drogar ou entrar para a guerrilha, para ele, duas opções de desespero...

¹¹ Zuenir Ventura utiliza-se do termo “vazio cultural” na revista *Visão* em 1971, localizando no AI-5 e na censura os principais fatores da “fossa generalizada”. (DIAS,2003,p.48).

É neste clima ideológico que combinava frustração, medo e desalento, que se formou a geração chamada de pós-tropicalista.

Um dos meios encontrados para a expressão livre das idéias, neste período, foi através da chamada imprensa alternativa e suas dissidências, ou seja, desde a alinhadas com a política tradicional de esquerda, como também a de cunho existencialista, denominada, genericamente, de “*underground*, tropicalista, marginal, nanica, não-alinhada, emergente e poesia jovem”, entre outros vocábulos com suas múltiplas conotações e contradições, usados como sinônimos perfeitos de produção literária independente. (MICCOLIS,1986, p.61).

A palavra “alternativa” vem de *alter*, que sugere alterações, mudanças. Significa algo que se contrapõe a interesses ou tendências dominantes. Corresponde, também, ao desejo das gerações dos anos 60 e 70 de protagonizarem as transformações sociais que pregavam (KUCINSKI,1991, p.XIII). O primeiro alternativo que ganhou visibilidade, na época, foi o jornal *Pif-Paf*, lançado por Millôr Fernandes, em maio de 1964. *Pif-Paf* era, anteriormente, uma coluna de crítica, de cunho satírico, da revista *O Cruzeiro*¹², que foi transformada, então, em revista, que teve a efêmera existência de quatro meses, em oito edições. A revista *Realidade*, lançada em 1966, dirigida por Paulo Patarra e Sérgio de Souza e editada pela Editora Abril, também foi modelo para a imprensa alternativa. Em linhas gerais, discutia-se, além da política, assuntos comportamentais, como sexo e drogas. Em uma edição especial, em janeiro de 1967, reportou as transformações na vida da mulher brasileira e sua condição na sociedade, abordando temas como virgindade e aborto, trazendo ilustrações do aparelho reprodutor feminino, fotos do momento do parto e histórias de casamentos desfeitos. Levantou perfis de pessoas religiosas envolvidas em questões sociais, uma mãe solteira orgulhosa de sua condição e, de Ítala Nandi, que foi símbolo do rompimento dos padrões conservadores, proclamando a independência e a liberdade feminina. Toda a edição foi apreendida por ordem do Juizado de Menores da Guanabara.

Debateu, em suas reportagens, o racismo norte-americano; as instituições Igreja e família; a educação sexual; o trabalho dos compositores e músicos em destaque na década; a violência na vida urbana e outros temas polêmicos, sempre

¹² A primeira edição da revista *O Cruzeiro* foi lançada em 1928, sendo publicado, ininterruptamente, de 1943 a 1975. A revista tem recordes ainda não quebrados, como edições com mais de 750 mil exemplares. Cf. <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro>.

revelando a transformação dos padrões sociais e ampliando o conhecimento em torno do assunto, o que estimulava possibilidades de discussão. O questionamento sobre a utilização de drogas também ganhou destaque nesta revista, na reportagem sobre o perfil psicológico de um jovem viciado, durante o momento em que ele injetava a droga, descrevendo não só o ambiente, mas o estado emocional de todos que presenciaram a cena (uma fotógrafa, um policial, o casal que cedeu o local, posto acreditarem que parte da mercadoria lhes seria doada, e o próprio repórter da matéria, Narciso Kalili). Esse momento constituiu a primeira parte de uma reportagem que abordava os pontos de vista social, médico e legal do consumo de drogas.

José Hamilton Ribeiro foi enviado aos campos de batalha do Vietnã, cuja experiência é, nitidamente, a radiografia da filosofia de jornalismo praticada pela revista. Ao longo de 12 páginas, o repórter remonta a aventura e o drama que viveu na guerra. A foto, na capa da revista, revela o momento em que José Hamilton foi socorrido, após a explosão de uma mina que causou a amputação de sua perna esquerda.

A revista fez duras críticas à cultura de massas, envolvendo o movimento da Jovem Guarda, mas, ao tratar da MPB, desnudou o engajamento político dos compositores e cantores, louvando sua inovação estética e forte penetração junto ao público, pois esta, o que motivava a participação de estudantes em eventos político culturais.

Segundo José Salvador Faro (1999), as concepções jornalísticas da revista *Realidade* nem sempre eram uniformes e também sofriam, como outros meios, a forte pressão da censura imposta pela ditadura militar, mesmo antes do decreto do AI-5.

Segundo o jornalista Bernardo Kucinski, a revista, por sua natureza e concepção, esteve na origem da imprensa que, nos anos 60, foi portadora de um estilo de resistência à ditadura militar. Funcionava com uma redação que gozava de grande autonomia na orientação de cada número e a coesão do grupo que primava pelo espírito democrático e pela preocupação política. (KUCINSKI apud BRAGA, 2005, p. 09).

Entre 1964 e 1980, nasceram e morreram 150 periódicos alternativos¹³, e tinham todos, como traço comum, a oposição ao regime militar.

(...)Nos períodos de maior depressão das esquerdas e dos intelectuais, cada jornal funcionava como ponto de encontro espiritual, como pólo virtual de agregação e desagregação no ambiente hostil da ditadura. Pode-se traçar assim, uma demarcação entre imprensa convencional e imprensa alternativa no Brasil pelos seus papéis opostos como agregadores e desagregadores da sociedade civil, em especial, dos intelectuais, jornalistas e ativistas políticos. Conforme um raciocínio original de Elizabeth Fox, a imprensa alternativa pode até mesmo ser definida como uma forma de enfrentar a solidão, a atomização e o isolamento em ambiente autoritário. (KUCINSKI, 1991, p. XXII)

A imprensa alternativa surgiu da articulação entre jornalistas e intelectuais, numa busca por espaços alternativos à grande imprensa. É na oposição ao regime representado pelos militares e nas limitações à produção intelectual-jornalística, sob o autoritarismo, que se encontra o nexo dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos. A imprensa alternativa tinha como características:

(...)tiragem reduzida de impressão, repercussão reduzida - apenas na cidade onde é editado -, falta de esquema empresarial, com trabalho semi-artesanal, ausência de suporte financeiro adequado, inexistência de anúncios oficiais, elevado número de pessoas interagindo os órgãos de direção, administração e edição, e busca de sobrevivência nos fatores análise, denúncia e crítica. Uma última característica: imprensa de comunistas, feita por esquerdistas. (CAPARELLI, 1980, p.99).

Uma das ramificações da imprensa alternativa é denominada de “nanica”¹⁴, inspirada no formato tablóide adotado pela maioria dos jornais alternativos. Foi disseminada, principalmente, por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais. Enfatizava uma pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa.

¹³ Me refiro a imprensa alternativa que ganhou mais visibilidade e uma circulação mais ampla que outras centenas de iniciativas efêmeras.

¹⁴ A imprensa nanica é caracterizada como uma das ramificações da imprensa alternativa, menor, em geral, mimeografada e artesanal. O termo foi inserido por João Antônio na *Revista Realidade Brasileira*, intitulada *Escritores Malditos*, em 1977. (CAPARELLI, 1980, p.61).

(...)o termo nanico teve uma grande aceitação mas logo caiu em desuso. Talvez pela sua inadequação quanto ao significado e por nada indicar quanto ao contexto do surgimento dessa imprensa. Se o dicionário indica nanico como pequeno, acanhado, o termo se ajusta às dimensões do empreendimento. Mas nanica é a maioria dos jornais do interior, tomando-se como parâmetro um jornal de porte médio da região centro-sul. Estendendo para o resto do Brasil, nanica será também a imprensa de algumas capitais brasileiras: tiragens nanicas, instituições nanicas, mas com uma organização no mais das vezes complexa. Como chamar nanico o *Pasquim*, nanico gigante que chegou a tiragens de 100 mil exemplares? (CAPARELLI,1980,p.101).

Esse tipo de jornalismo brasileiro do final dos anos 60 e início dos 70 recebeu influências da contracultura norte-americana e do *New Journalism*¹⁵, ao abordar questões comportamentais e sociais com um “novo olhar”, aberto às transformações ocorridas no mundo em todas as instâncias. Surgem, não apenas novos conteúdos, abordados sob a nova forma, advinda da “nova visão”, mas também, um novo formato, uma estética própria, numa negação dos padrões de objetividade do jornalismo tradicional americano, o que permitia o exercício da subjetividade e a vivência das situações durante a reportagem. Tal jornalismo contrapunha-se aos padrões de objetividade do jornalismo tradicional americano e permitia o exercício da subjetividade e a vivência das situações durante a própria reportagem.

Nos Estados Unidos, a disseminação do método *off set* (de impressão a frio) facilitou o surgimento da imprensa *underground* dos anos 50 e 60, permitindo pequenas tiragens a baixo custo, nas próprias gráficas dos grandes jornais, que passaram a oferecer o tempo ocioso de impressão para terceiros. Um exemplo de impresso *underground*, que se beneficiou desse método, foi à famosa revista norte-

¹⁵ O *New Journalism* nasceu a partir da literatura de não ficção, *faction*, fato+ficção. Foi um fenômeno da imprensa americana do pós-guerra. Como precursores desse estilo estão Stephen Crane, no começo do século, e I. F. Stone no final da década de 50. O livro que se torna o marco pelo qual se pensa a eclosão desse fenômeno foi *In Cold Blood* (A Sangue Frio) de Truman Capote. Nesta obra, utilizava ferramentas próprias da literatura para trabalhar sua reportagem de longo fôlego a respeito de um assassinato. Essa mistura de jornalismo, com técnicas literárias era algo que estava no espírito da época porque ela vai aparecer em modulações diferentes em outros grandes autores jornalistas como Hunter Thompson, Gay Talese, Tom Wolfe, Raymond Mungo, entre outros. O termo *New Journalism* foi cunhado por Tom Wolfe para nomear essa tendência da qual ele colige uma coletânea com textos do panteão da literatura de não ficção americana. A coletânea *New Journalism* de Tom Wolfe serve como parâmetro pelo qual esse novo modo do fazer jornalístico encontra sua identidade. O primeiro estudo mais elaborado sobre o tema foi o de Michael Johnson, o qual trabalha com um recorte mais amplo para definir o *New Journalism*, incluindo sob uma mesma perspectiva o fenômeno da contracultura e da imprensa *underground*. (Cf. Entrevista com o jornalista Sílvio Demétrio, no dia 19 de abril de 2006, Londrina-Paraná).

americana *Oracle*. No número 1535 da *Haight Street*, funcionava um dos pontos de encontro dos *hippies* de *Hashbury*, a *Psychedelic Shop*, onde se vendiam jornais, revistas, discos e livros. Na loja, havia, também um café, uma sala de meditação sempre na penumbra e outra para se fazer amor. Nesta última, foram concebidos muitos dos bebês de *Hashbury*. Neste *shopping* psicodélico, funcionava a redação do jornal, precursor da imprensa *underground*. O *Oracle* foi o porta-voz da tribo, chegando às ruas perfumado de jasmim, contando eventos ligados à vida da comunidade. As edições esgotavam-se em horas. Quando fechou as portas, estava com uma tiragem de 100 mil exemplares e distribuição em toda a Califórnia, sendo que algumas das edições alcançaram tiragens de 120 mil exemplares. Ninguém lucrou com o jornal. Em caso de emergência, os colaboradores podiam somente tirar um vale para o aluguel. O espaço vazio deixado por esse jornal foi ocupado por aqueles que seriam os mais bem-sucedidos e poderosos jornais alternativos - a *Rolling Stone* e o *Village Voice*.

No Brasil dos anos 70, o método *off-set* foi implantado pela Editora Abril, que oferecia um sistema nacional de distribuição, estimulando o surgimento de jornais alternativos, portadores de projetos nacionais, a partir de uma tiragem de 25 mil exemplares. O objetivo não era o de abrir concorrência, ou o de grandes vendas, mas sim, o de reduzir seus próprios custos operacionais, apontando para a natureza política e não mercantil dos jornais alternativos.

O modelo ético-político da imprensa alternativa consistia no repúdio ao lucro e, em alguns jornais, até mesmo no desprezo por questões de administração, organização e comercialização. A insistência numa distribuição nacional antieconômica, a incapacidade de formar grandes bases de leitores-assinantes e um certo triunfalismo em relação aos efeitos da censura contribuíram para fazer da imprensa alternativa, não uma formação permanente, mas algo provisório, frágil e vulnerável, não só aos ataques de fora, como às suas próprias contradições. Uma das notórias contradições da imprensa alternativa era a da mesma se prover da crítica à grande imprensa.

(...) A imprensa alternativa era fundamentalmente dependente da imprensa chamada grande (...). Era uma dependência contraditória, evidentemente, para não dizer dialética. Era preciso que os grandes jornais e revistas dissessem alguma coisa para que os pequenos alternativos pudessem dizer o contrário ou completar o que não fora dito, corrigir o dito, desmistificar a

distorção, desvendar os mistérios reais habilmente escondidos pelas palavras oficiais. Enfim, clarear o obscuro. (ABRAMO apud BRAGA, 2005, p.20).

Segundo Kucinski, a imprensa alternativa, no Brasil dos anos 60 e 70, dividia-se em duas classes. Uma consistia em jornais alternativos predominantemente políticos, embasados nos ideais do marxismo, da valorização do nacional e do popular, nos anos 50, que, nos anos 60, foram utilizados, pelos meios estudantis, como manuais pedagógicos e didáticos de “revolução”.

A outra classe consistia numa imprensa alternativa denominada de “existencial”, contracultural, criada por pessoas que rejeitavam a primazia do discurso militante e não se alinhavam à ideologia da esquerda tradicional.

Uma grande parte destas produções alternativas permaneceu no anonimato, sendo divulgada apenas, em círculos restritos. Contudo, mesmo sendo um trabalho consumido por minorias, oriundas da classe média, estava ligado ao surgimento de uma nova consciência de juventude, de caráter internacional, divulgada pelos meios de comunicação de massa, que resultou numa utopia vivida em vários pontos do planeta.

No Brasil, a imprensa contracultural concentrava-se nos grandes centros urbanos, como: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Belo Horizonte, entre outros. Segundo o professor Francisco Bicudo Pereira, a concentração nos principais centros seria uma questão estratégica; a proximidade dos grandes jornais. (PEREIRA apud BRAGA, 2005, p.27). Este tipo de imprensa enfocava, de forma geral, temas como sexo, drogas, feminismo, orientalismo, entre outros inerentes ao movimento contracultural que irrompia na época. A imprensa *underground* ou aquilo que chamaram de imprensa marginal, no Brasil, está relacionada aos movimentos de contracultura, especificamente à experiência norte-americana.

(...)o jornalismo *underground* diz respeito ao pipocar dos jornais universitários na década de 60 e de toda mídia radical vinculada à militância pelos direitos civis e outras lutas da contracultura. Historicamente o jornalismo *underground* pode ser entendido como um fenômeno molecular de resistência à grande mídia. Aliás, quando falamos mídia, isto já nos coloca numa perspectiva de grandes estruturas - pensar o *underground* neste sentido é pensar uma contra-mídia. O filósofo Antonio Negri escreveu um breve ensaio no qual pensa as articulações e agenciamentos possíveis decorrentes de uma era pós-mídia que se começa a vislumbrar a partir das novas tecnologias de comunicação.

Entendo o *underground* como essa possibilidade de desregramento da informação, desencaminhando-a das rotinas de produção e padrões formais que impõem à imprensa convencional a triste figura do escriba arrogante e orgulhoso.¹⁶

A imprensa *underground* seria, conceitualmente, segundo Michael Johnson, (1971) a desenvolvida no meio estudantil norte-americano, tendo como impulso os protestos contra a guerra no Vietnã e a luta pelos direitos civis nos EUA. Já a imprensa contracultural engloba experiências mais generalizantes como a de San Francisco, com o *Oracle*, que selecionava, como fonte de notícias, organizações contraculturais como os *Black Panthers*, os *Diggers*, entre outros. No Brasil, utilizaram o termo “udigrudi”, cunhado de forma depreciativa por Glauber Rocha¹⁷ em relação aos cineastas Julio Bressane e Rogério Sganzerla, para referir-se, ao cinema *underground* que surgia em contraposição ao Cinema Novo. Essa denominação também é referenciada como marginal, essencialmente tupiniquim, relacionada com às propostas de Torquato Neto (“a marginália”), apelidado, então, de “udigrudi” por sugestão de seu próprio crítico, Glauber Rocha, reverberando-se através das artes: poesia, teatro e cinema.

A coluna mantida por Torquato Neto no jornal *Última Hora*, intitulada “Geléia Geral”¹⁸, foi porta-voz dessas experiências das artes marginais, veiculadas dentro da imprensa tradicional, constituindo-se em “medula e osso” da resistência através das palavras e da poesia. O aspecto existencial de Torquato foi levado ao extremo em seus poemas, a exemplo do “Hoje tem espetáculo”.

(...)e nas palavras todas
na ferrugem dos gestos e nas trancas
da porta da rua
no movimento das imagens:violência

¹⁶ Entrevista concedida pelo jornalista Sílvio Demétrio no dia 19 de abril de 2006, Londrina, Paraná.

¹⁷ Atribui-se a Glauber Rocha a origem do termo “udigrudi”, que, a partir da década de setenta, passou a designar a cena da cultura marginal que não se relacionava imediatamente com as formas convencionais de resistência política à ditadura militar - o cinema marginal de Sganzerla, Bressane, por exemplo. Glauber usava “udigrudi” certamente pelo seu desafeto em função da ruptura do cinema marginal com o cinema novo.(Cf.DEMÉTRIO, 2004)

¹⁸ “Geléia Geral” foi uma expressão criada por Décio Pignatari, em 1963, numa discussão com Cassiano Ricardo: (...)certa vez um bi-acadêmico poeta de vanguarda nos disse: o arco não pode permanecer tenso o tempo todo um dia tem que afrouxar & um dia vocês tem de afrouxar & nós: na geléia geral brasileira alguém tem de exercer as funções da medula e do osso.¹⁸ Torquato Neto intitulou “Geléia Geral” sua famosa letra dos tempos da tropicália e sua coluna no jornal carioca *Última Hora*. (DIAS,2003,p.51)

e frescura:montagem.
 Divirta-se. O inferno
 É perto é longe, o paraíso custa muito pouco.
 Pra quem serve esse filme, serve a quem?
 Pra que serve esse tema, serve a quem? (NETO,1982,p.25)

Torquato fez parte da geração tropicalista, compondo várias músicas com Caetano Veloso e Gilberto Gil. Quando o cerco se fechou, na fase de sua volta ao Brasil nos anos 70, continuou escrevendo sobre o período sombrio; sua linguagem, a partir de então, demonstrava o que se chamava de “bode”, contrapondo-se ao “barato” da fase anterior, tropicalista. “Salvem-se quem puder!”

(...)Informação: há palavras que estão nos dicionários e outras que não estão e outras que eu posso inventar, inverter. Todas juntas e à minha disposição, aparentemente limpas, estão imundas e transformaram-se, tanto tempo, num amontoado de ciladas. Uma palavra é mais de que uma palavra, além de uma cilada. Elas estão no mundo e, portanto, explodem, bombardeadas. Agora não se fala nada e tudo é transparente em cada forma; qualquer palavra é um gesto e em sua orla os pássaros de sempre cantam nos hospícios. No princípio era o Verbo e o apocalipse, aqui, será apenas uma espécie de caos no interior tenebroso da semântica. Salvem-se quem puder. As palavras inutilizadas são armas mortas e a linguagem de ontem impõe a ordem de hoje. (NETO,1982,p.23).

Mesmo numa situação repressiva, Torquato denunciava, em sua coluna, questões como a dos direitos autorais (que resultaram em sua expulsão da SICAM¹⁹, sociedade arrecadora a qual pertencia), a asfixia imposta à música popular brasileira pelas gravadoras e a politicagem nas artes em geral (“o jabá”). No cinema, enfatizava a importância do cinema marginal e sugeriu o uso da nova tecnologia do então super 8mm, como alternativa para experimentos e registros da realidade, por ser barata, e de fácil manejo. Ivan Cardoso, Júlio Bressane e Rogério Sganzerla foram alguns dos protagonistas desses experimentos no cinema²⁰, que rompia com os padrões da linguagem, aceitos ou impostos, estrangeiros ou nacionais, driblando o esquema de produção oficial e empresarial que, naquele contexto, estava investindo nas pornochanchadas.

¹⁹ Sociedade Independente de Compositores e Autores Musicais.

²⁰ Os filmes “Amor e Tara”, “Nosferato no Brasil” e “Os Piratas do sexo voltam a matar”, entre outros, são produzidos neste contexto.

Em todos os poemas, colunas de jornal, notas de diário e fragmentos que compõem “Os últimos dias de paupéria” (1973), organizado por Ana Maria S. de Coraújo Duarte e Waly Salomão, o inconformismo e o desespero são visíveis. Até o final de sua vida, Torquato “desafinou o coro dos contentes”²¹.

Waly Salomão foi um dos artistas que marcaram o chamado pós-tropicalismo, constituindo um poeta fundamental para a produção contracultural, emergente e marginalizada. Publica, com um título no mínimo estranho, “Me segura que eu vou dar um troço”(1972), um texto de caráter ambíguo, fragmentário e oscilante, em vários aspectos, demonstrando os impasses pessoais e as desagregações com a instância política, social e cultural da época. Seu texto condizia com a situação do país, subdesenvolvido e colonizado, e também com os dados da contracultura internacional, no que diz respeito ao aspecto místico e apocalíptico. Era uma “verdadeira salada” que resultava em nenhuma saída. Segundo Bueno (1979, p.91), o texto incorpora o retrocesso, a repressão e o fechamento vivido pelo Brasil depois de 68, além de um forte negativismo.

(...)Mortecimento precoce de nossas cidades mornas carvão cansado/ das nossas matas derruídas vomitório repleto de nossa/brasilidade senil ou melhor senilidade auriverde. (SALOMÃO,1972, p.21).

(...)Estamos na ruína. Somos uns malditos para nossos irmãos e/para o povo da América. Horas Amargas estão reservadas/para o nosso país... (SALOMÃO,1972, p.37)

(...)Posso respirar dentro do cadáver do terceiro trópico/destes tristes mundos? (SALOMÃO,1972, p.14)

O texto de Waly pregava o fim do sonho, percebido através do pessimismo e do descrédito à contracultura *hippie*, principalmente na sua vertente brasileira, já folclorizada.

²¹ Sua última composição com Jards Macalé foi “Lets play that”: “(...)quando eu nasci um anjo louco muito louco veio ler a minha mão não era um anjo barroco era um anjo muito louco, torto com asas de avião eis que esse anjo me disse apertando minha mão com um sorriso entre dentes vai bicho desafinar o coro dos contentes vai bicho desafinar o coro dos contentes let's play that”.

(...)Temos em comum, eu e os policiais, ódio asco aos *hippies* nacionais, à nossa campada horripielândia *on the road*. Viagens miseráveis, vapor barato. Um silone qualquer expõe desilusões descrenças e desgostos. Pronunciamento durante a cerimônia de auto e heterocrítica: abaixo a passividade repre-regressiva da horripielândia patricia.(SALOMÃO,1972, p.21).

No mesmo ano, organiza, junto a Torquato Neto, a revista *Navilouca*, que seria publicada anos após, em 1974. Subintitulada “Almanaque dos Aqualoucos”, teve propositalmente, apenas uma edição. Graficamente bem elaborada, foi uma produção totalmente diversa da precariedade e da improvisação características de outros alternativos. Unidos pela proposta de uma linguagem artística nova e experimental, nos campos da poesia, cinema e artes plásticas, reuniram-se Rogério Duarte, Duda Machado, Ivan Cardoso, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Hélio Oiticica e Lygia Clark, entre outros.

O título, criado por Waly, foi inspirado na Idade Média, considerada, comumente, como o “período das trevas”, por um navio chamado de *Stultiferas Navis*, que recolhia loucos, idiotas e desgarrados nas costas da Europa Medieval.

Heloísa Buarque de Hollanda afirma que a revista foi à renovação da linguagem, numa fase em que o sonho parecia ter se findado.

(...)injetava vitalidade no torpor em que ficou o Brasil no começo do governo Médici. O pós-tropicalismo puxou o tropicalismo para o quadro do ‘milagre’. Mas foi um movimento muito mais heróico (...)Todo mundo estava sufocado com tanta repressão. Foi justamente no final de 71, que começou a aparecer uma brisa no ar, ligada à vontade que as pessoas tinham de inventar, explodir com todo o comportamento super reprimido pela situação política daquele momento. (Cf. HOLANDA, 1985).

Segundo Toninho Vaz (2005, p.177), Torquato Neto idealizava fazer um almanaque que pudesse oferecer um painel da poesia marginal e experimental que se produzia no país. Idealizou, junto com Waly, os parâmetros editoriais da publicação e escolheu os convidados para participar da experiência. Ele queria unir o “academicismo” dos artistas concretos à poesia marginal de Duda Machado, Hélio Oiticica, Chacal e dos artistas performativos. Em ambas as tendências, deveria haver o sentido de experimentação. Ele discutia a idéia do projeto gráfico com os amigos

Luciano Figueiredo e Oscar Ramos. Na memória de Luciano, a chave da revista estava nas mãos de Torquato, que tinha conseguido um patrocinador, o Lúcio de Abreu, que era o mais importante. Devido a dificuldades financeiras o projeto arrastou-se por alguns meses.

Waly desenvolveu um trabalho ímpar, não apenas com seus artigos para a imprensa alternativa, mas, também, em suas composições como letrista. Vale ressaltar a canção “Vapor Barato” (1972), gravada por Jards Macalé e Gal Costa e regravada, atualmente, por Zeca Baleiro e o grupo Rappa. A música é uma alusão ao vapor que faz o trajeto rota Pirapora (MG) - Juazeiro (Bahia), numa referência à rota aventureira, na qual está inclusa o uso da droga. É uma canção romântica, de inconformismo frente ao torpor da época, que expressa cansaço e a necessidade de se tomar “aquele velho navio...”, como a última esperança.

Oh, sim, eu estou tão cansado
 Mas não pra dizer
 Que eu não acredito mais em você
 Com minhas calças vermelhas
 Meu casaco de general
 Cheio de anéis
 Vou descendo por todas as ruas
 E vou tomar aquele velho navio
 Eu não preciso de muito dinheiro
 Graças a Deus
 E não me importa, honey.
 (“Vapor Barato”, Wally Salomão e Jards Macalé, 1972).

Ramiro Silva Matos, ou “Gramiro de Matos” (em alusão a Gregório de Matos), lança, também, em 1972, o “Urubu-Rei”. Nesta obra, tenta, ao contrário de Waly, superar o provincianismo brasileiro, através de um texto não linear, no qual o narrador é um “ser-de-papel” e incorpora temas como magia, curtição e maneirismo, empregando técnicas sofisticadas.

Não poderíamos deixar de comentar, também, a obra de Jorge Mautner, considerado, por muitos, como o “veterano do desbunde”, pois vinha da fase da *Beat Generation*, dos anos 50, e foi, talvez, o primeiro *beatnick* brasileiro, com a obra *Deus da Chuva e da Morte* (1958).

(...)Mautner não faz concessões ao fetiche do passado morto, embora seja excepcionalmente sensível ao que, do passado, ainda está vivo e renovado no presente. Seu interesse é a cultura viva, isto é, a que fazemos aqui e agora. Há bastante tempo é assim. A primeira vez que ouvi o seu nome foi ainda nos últimos anos da década dos cinqüenta. Havia, então, o ainda lembrado Suplemento Dominical do Jornal do Brasil que agitava nossas letras e artes com novidades do concretismo e afins – isto é, as últimas modas da cultura oficial da época. (MAUTNER apud MACIEL, 1985, p.07).

Maciel, na apresentação de “Fundamentos do Kaos” (1985) cita Nelson Coelho, colaborador do Suplemento Dominical do Jornal do Brasil, como um dos primeiros a escrever sobre ficção, poesia *beat* e sobre a obra do então jovem Mautner, com a Trajetória do Kaos²².

A trajetória do Kaos, segundo Caetano Veloso (1997), simbolizava: a imaginação no poder, o sexo na política, a religião além da irreligião, enfim, temas abordados pela contracultura.

O movimento do KAOS com K consistia na subversão e na contestação dos valores vigentes – não apenas políticos, econômicos e sociais, mas, principalmente, morais, psicológicos e existenciais. (MACIEL, 1996, p.251).

Kaos é o anti cor-de-rosa
 É Marx + Nietzsche
 É a chegada do irracional
 Num mundo economicamente satisfeito
 No dia da fatura econômica
 Virá sobre o mundo o grande delírio do sangue e do sexo
 Surgirá de novo
 Que nem na Grécia arcaica o ta-tã selvagem das canções de Dionísio-Exu
 E de outros deuses asiáticos
 Não haverá deuses, o deus será o próprio homem que se agoniará à procura do grande mistério que restou: a morte.
 (...) Kaos = conflito criador. Kaos = rebelião constante, postura trágica e dinâmica para a morte Heráclito e Heidegger, os maiores pensadores, que deram ao homem sua terrível dimensão. (MAUTNER, 1985, p. 31-32).

É com esse intuito que a revista KAOS surge em idéia, contando também com a participação de Caetano Veloso.

Fizeram um *release* da idéia em forma de gravação, comentando, através de um “bate-papo” informal, as principais propostas e mandaram para jornais e revistas.

²² Segundo Mautner, o Caos com “C” significa a dominação e o Caos com “K”, a transcendência. (Cf. MAUTNER, 1985).

A idéia não só foi negada por todas estas instâncias, como, também, estereotipada como uma iniciativa *hippie*, contracultural, associada a uma “maluquice sem propósitos sérios”.

Mautner era músico, poeta, escritor, cantor e um dos que embarcaram na utopia da chegada da Era de *Aquarius*, sem a visão pessimista, colocando todo seu lado pagão e dionisíaco sem culpas: “(...)A minha carne é assim, vivo assim, compromete-se assim e neste despedaçamento atinge sua densidade porque está montada num cavalo metálico que se chama rock’n’roll”. (BUENO apud MAUTNER, 1979, p.106).

Acreditava que, após a revolução econômica, haveria a existencial, a transcendência do homem, como assinalaria Norman O Brown (1972): “da política para a vida”.

(...)O coração do mundo. O coração em tudo. O amor, o romântico ululante e embriagado e dionisíaco dos sambas de Mirabeau, do Jorge Ben, dos Rolling Stones, nosso espaço cultural fragmentado é o caminho da liberdade. E a liberdade como lembra Norman Brown lembrando Shakespeare é como Cordélia, vem com as mãos vazias, vem trazendo o nada. E o nada são todas as possibilidades... (MAUTNER, 1985, p.37).

Essas foram **algumas** das muitas iniciativas nas artes que formularam, a partir de uma extensa teia de referências nacionais e estrangeiras, a formação da contracultura no Brasil. Embora não tivessem uma definição ideológica em termos de uma razão marxista ou de uma “luta política de esquerda”, voltavam-se para uma situação contracultural em relação aos textos divulgados pela imprensa convencional, assim como, empenhavam-se na discussão acerca da criação de esquemas alternativos de produção e divulgação da informação, mesmo quando usavam, para, isso dados do *underground* americano, referências místicas e messiânicas das mais diversas, nos mais variantes estilos e ritmos, numa linguagem de irreverência, que passava pela antropofagia oswaldiana, tropicalismo, *Kitsch* e contracultura. Tratavam de “dar um salto no escuro” e ousar, sem as barreiras já convencionalizadas, abrindo espaço para novas experiências musicais, literárias, teatrais, cinematográficas, psicanalíticas, existenciais entre outras. Estes artistas, além de referência para o pensamento da contracultura no Brasil, faziam parte de um grupo seletivo, de “marginalizados” por opção que, em determinados momentos,

trabalharam juntos na imprensa alternativa, concentrando-se, principalmente, no Rio de Janeiro e São Paulo.

2.2 O *Underground* em coluna

A resposta extraordinária que o *Underground* teve em matéria de cartas refletia uma situação que se manifestava também na vida da gente, na minha própria vida. Era uma situação concreta do país e do mundo, uma situação concreta do desenvolvimento da humanidade, que estava exigindo, naquele momento, que alguma coisa acontecesse. Alguma coisa que desmentisse toda a estrutura da vida civilizada do nosso tempo. Que dissesse que tudo aí é mentira. Algo que desmanchasse esse verniz da nossa civilização. Alguma espécie de volta a uma visão mais direta das coisas e a uma maneira mais primitiva de viver. Uma espécie de volta a natureza. (MACIEL, 1982, p.76).

Um dos trabalhos pioneiros de divulgação das idéias contraculturais foi a coluna *Underground* (1969-1971), editada por Luiz Carlos Maciel e veiculada no semanário alternativo *Pasquim*, no Rio de Janeiro.

O *Pasquim* foi fundado por Sérgio Cabral, Jaguar e Tarso de Castro, seis meses após o governo militar decretar o Ato Institucional n.º5, acabando, assim, com a chamada liberdade de imprensa. Seu primeiro número chegou às bancas no dia 26 de junho de 1969. Era, primeiramente, considerado um jornal de bairro, no caso, de Ipanema, denominado, por muitos, como um “jornal de costumes”, que conseguiu, em poucas semanas, emplacar 200 mil exemplares e alcançar, rapidamente, leitores de vários pontos do país, por sua linha editorial irônica.

Segundo Henfil, um dos participantes do jornal, o “*Pasquim* foi a Lei Áurea da Imprensa”:

(...)O jornal modificou a linguagem; nele se escrevia como se falava. Isso reformulou a propaganda no Brasil inteiro, libertou todo mundo, usou palavrões que daí em diante podiam ser falados. Por exemplo, pô, putisgrila, pacas.(...)E outra coisa: a gente podia escrever e desenhar de uma maneira muito pessoal – foi essa a chave do negócio - e muito irreverente. Havia uma crítica política, no momento em que a imprensa toda estava calada, uma crítica de costumes. A gente podia fazer as experiências e dar continuidade a elas. Era um exercício muito grande de democracia: ninguém pensava igual ao outro, ninguém concordava com

ninguém (...), houve, inclusive, grandes paus escritos, dentro do próprio jornal.(MORAES, 1999, p.02).

Os artigos eram variados, assim como a abordagem de cada membro da “patota”. A princípio, a linhagem ideológica eclética do grupo acabava por definir uma identidade para o jornal:

(...)Como explicar que cabeças tão diferentes tocassem na mesma orquestra sem rasgar as partituras? Afora a afinidade oposicionista, no *Pasquim* havia as idiossincrasias, longe de serem ocultadas, subiam à superfície. Se um molestava o outro, pode acreditar, por trás havia rusgas insolúveis ou charme para azeitar o *marketing*. As alfinetadas ajudavam a construir a identidade do jornal, da mesma forma que as bordoadas de Newton Carlos às ditaduras latino-americanas, a lucidez de Sérgio Augusto na coluna “É isso aí”, a faca amolada de Paulo Francis e a página *underground* de Luiz Carlos Maciel. (MORAES, 1999, p.02).

Segundo Henfil, o *Pasquim* funcionava como uma espécie de time de onze garrinhas que tinham uma linha política mais ou menos comum, embora um jogasse mais recuado, outro avançasse bem mais, outro só lançasse. O ponto chave desse jogo era o humor e, nisso, as individualidades acabavam por se compatibilizar.

O *Pasquim* inovou o jornalismo brasileiro, impondo-se, não apenas através do humor, mas, também, da criatividade e da quebra de formalidades, tendo, como alvos, a ditadura, a classe média moralista, a grande imprensa e todos os coniventes de plantão.

A linguagem coloquial e desabrida seduzia, pois a escrita aproximava-se do jeito que se falava. O palavrão passou a valer. A palavra “bicha”, execrada pelo falso puritanismo, pôde finalmente ser impressa. As gírias e expressões, como “inserido no contexto”, e as junções “olhaqui”, “sacumé”, “cumé”, “preu”, “praquilo”, “prele” viraram “moeda corrente”.

A diagramação criativa valorizava as ilustrações (desenhos, caricaturas e montagens fotográficas). As frases da capa deixavam os leitores aturdidos, exemplificando: “*Pasquim*, ame-o ou deixe-o”, “um jornal que tem a coragem de não se definir”, “O papel da grande imprensa: papelão”, “Imprensa é oposição, o resto é armazém de secos e molhados”.

As entrevistas coletivas feitas pelo *Pasquim* também foram impactantes. As personalidades entrevistadas eram as mais diversas, iam desde Vinícius de Moraes e Darcy Ribeiro a Madame Satã e Beki Klabin. O esquema das entrevistas era através de um bate-papo informal, onde entrevistados e entrevistadores emitiam suas opiniões sobre diversos assuntos, depois, as falas eram reproduzidas do gravador para o jornal, sem cortes, e, muitas vezes, sem revisões. Tarso brinca com o tamanho sucesso das entrevistas:

(...)E as entrevistas, Deus meu? É claro que vocês pensam que descobriram alguma coisa nova. Quer dizer os leitores pensam isso, porque vocês sabem muito bem o que estão fazendo. Antes tomavam seus pileques diários e ainda tinham que pagar a despesa. Com isso, não havia dinheiro que chegasse. E o que fizeram, então? Ora, compraram um gravador (sou capaz de jogar que foi na base de permuta) e passaram a gravar devidamente seus porres. E as entrevistas- se é possível chamá-las assim – estão aí, todas as semanas, a provar que o álcool corrompe o organismo e funde a alma. E o que me admira, senhor editor, é que muita gente compra esse jornaleco pensando numa leitura saudável e nem sonha que está colaborando com a bebedeira de vocês. (CARDOSO, 2005, p.122).

A entrevista realizada com Leila Diniz, na edição 22, do dia 20 de novembro de 1969, impulsionou as vendas de *O Pasquim* que, de 14 mil exemplares, pularam para 117 mil, e, na edição posterior, 140 mil, chegando a 225 mil na edição de no. 32. (CARDOSO, 2005, p.124). Esse *boom* da revista deu-se pela aceitação do público paulista que foi conquistado através de uma provocação de Tarso em uma manchete depreciativa: “Todo paulista é bicha” e, em letras minúsculas, “que não gosta de mulher...”. A maioria levou na brincadeira e passou a comprar o semanário carioca.

Para Maciel, o sucesso do jornal estava relacionado a uma questão existencial:

(...)Com nome de jornalzinho de colégio e tudo, *O Pasquim* começou a vender adoidado, virou um sucesso jornalístico indiscutível e passou a ser uma espécie de questão existencial para todo mundo (...)Não estou exagerando não. Hoje pelo menos nos chamados grandes centros urbanos, as pessoas tomam posição em relação ao *Pasquim*, são contra ou a favor, discutem, inventam teorias, etc e tal. Já se viu uma coisa dessas? Pelo o que tenho observado, as pessoas não ficam discutindo os órgãos de imprensa: elas lêem ou não; compram-nos ou não; gostam deles ou não. (...) Para *O Pasquim* todo mundo tem uma teoria de como deveria

ser, mais corajoso ou mais covarde, mais agressivo ou mais tático. Tenho a impressão que cada um projeta neste desprezioso hebdomadário algumas de suas mais profundas necessidades pessoais.²³

Na seção *Dicas* – quatro páginas com notas curtas (todas assinadas), *cartoons* e caricaturas – eram colocados recados e todas as reclamações possíveis, que iam desde queixas de anuidades escolares e pontualidade nos *shows*, até sugestões de obras públicas contra as enchentes do Rio de Janeiro, como também, críticas à situação opressiva do país.

Outra marca do *Pasquim* era a de um jornal quase impautável. Rascunhava-se uma pré-pauta nas mesas dos botecos, regados a idéias, discussões e confusões, além de muito uísque e seus derivados. Jaguar, Maciel, Ziraldo, Fortuna, Francis, Tarso de Castro, entre outros, davam diversos palpites e, antes de pedir a conta, chegavam a um consenso mínimo.²⁴

O caráter humorado e informal do *Pasquim* atingiu os leitores brasileiros, vendendo muitos exemplares, oferecendo resistência, em situações, nas quais, esta não parecia ser possível. Contudo, sua natureza “anárquica” diluiu-se com o passar dos tempos e o jornal acabou, em 1989, mergulhado em dívidas.

(...)Cínicos e libertários, os escritores satíricos e cartunistas desempenharam um papel central na resistência à ditadura brasileira. Nenhuma outra categoria se opôs de forma tão coesa. Em primeiro lugar, como diz Henfil, "o humorista tem a consciência de que só pode expressar o que sente das coisas, se tiver absoluta liberdade. Em segundo lugar, esse humor funcionava como uma terapia coletiva, socializando uma das principais funções psicológicas do riso, a de dissipar tensões lentamente acumuladas. Por isso, ele floresceu nos dois momentos de anti-clímax do regime militar, logo após o golpe, e, de novo, quando se esgotou o impacto do AI-5.(KUCINSKI,1991, p.14).

O *Pasquim* surge como resposta a uma necessidade social que se manifestava na oportunidade, tornando-se um dos ícones da imprensa alternativa no Brasil, tendo uma circulação de âmbito nacional (o que não ocorria com a maior parte dos jornais alternativos da época).

²³ MACIEL, Luiz Carlos. *Pasquim. O Pasquim*, Rio de Janeiro, nº 20. 06 a 12/11/1969, p.08.

²⁴ IDEM, p.08.

Maciel acreditava que o semanário era, primordialmente, de cunho humorístico, feito apenas por humoristas, e tentou adequar-se a esse critério. Com o passar das edições, percebera que o jornal tinha outros espaços que não apenas o do humor. Paulo Francis, que compunha o grupo, era um exemplo disso.

Para Maciel (1973, p.72), Francis era de uma prosa corajosa e irritante. Com seu “sagrado mau-humor”, cuidava de não deixar “pedra sobre pedra”, dos vários otimismoes ingênuos ainda disponíveis. No entanto, havia pontos de confluência entre Francis e o pensamento contracultural de Luiz Carlos Maciel, embora o primeiro recusasse os desenvolvimentos da “nova visão”.

Uma dessas confluências era o diagnóstico implacável sobre os destinos da cultura e da civilização ainda vigentes. Segundo Maciel, Francis estava enfastiado com as ideologias e as previsões racionais, mesmo que ainda procurasse uma categoria intelectual que se adequasse aos seus conceitos.

Alguns grupos *hippies* profetizaram um apocalipse inevitável, para até o final do século XX, baseados em revelações “místicas”. Francis também profetizava o destino de destruição da humanidade, contudo, alicerçado em análises históricas e políticas que se reconheciam em fenômenos concretos: como a ascensão do irracionalismo direitista, os violentos impasses políticos em áreas como o Oriente Médio, a impotência do pensamento liberal, a loucura dos imperialismos do Leste e do Oeste, a falência dos sistemas, os grandes estoques de armamentos nucleares, a repressão obstinada e, finalmente, o suicídio ecológico através da fome, poluição e outros problemas até aqui insolúveis, que a tecnologia não conseguiu resolver, ao contrário, criou e aprofundou.

Para Maciel, o ensaio de Francis, *Certezas da Dúvida* (1966), deixa o fantasma nascente da Contracultura insinuar-se, sem nomeá-lo, em suas entrelinhas:

(...)Todo esforço de filósofos, historiadores e sociólogos até hoje se voltou para conscientizar a condição humana, atribuindo-lhe rumos definidos e objetivos racionais. Depois de Hegel, então, ninguém mais ousou fazer o contrário, sistematicamente, apesar de todo mundo pichá-lo, virá-lo de cabeça para baixo, etc. O inconsciente da História é ainda terra incógnita. Alguns raros, Sartre (na Crítica da Razão Dialética) e Lewis Namier, duas personalidades em outros sentidos antagônicas, mexeram de leve no assunto. Mas acredito que com a ruína moral dos sistemas liberal-capitalista e comunista-leninista, teremos na década de 70 um exame de consciência adequado à realidade, o qual anulará os ideologismos cujos estertores presenciamos. (MACIEL, 1973, p.74).

Esse exame de consciência procurado por Francis e adequado à realidade pôde ser encontrado nas propostas divulgadas por Luiz Carlos Maciel, sustentadas por uma perspectiva holística de avaliação do homem e de sua existência, através da coluna *underground*.

Maciel pouco se assemelhava ao perfil de Francis, o qual apresentava um comportamento ríspido, crítico e cético que se refletia em seus artigos no *Pasquim*. Ao mesmo tempo, não se considerava um humorista, como acreditava ser o perfil da parte majoritária do grupo. Começa, então, aos poucos, a se cristalizar a idéia de uma coluna antenada com os movimentos de contracultura no mundo.

A coluna *underground* foi inserida na fase inicial do *Pasquim*, idealizada e intitulada por Tarso de Castro, que ciente do interesse de Luiz Carlos Maciel pelas idéias contraculturais, abriu o espaço dentro do semanário por acreditar ser uma área jornalística nova, que poucas pessoas conheciam (inclusive as que formavam o grupo). O *Pasquim* teve várias fases, mas, segundo Luiz Carlos Maciel, teve duas fundamentais: a primeira, curta, que durou dois anos, tendo como editor o jornalista Tarso de Castro e a segunda, a posterior, que foi sem o mesmo.

(...)Então se você for estudar a história do *Pasquim* você vai ver que o grande sucesso foi quando o Tarso estava lá, foi quando era editor do *Pasquim*. Quando o Tarso saiu brigado, os outros todos que brigaram com o Tarso: Millor, Ziraldo, Jaguar (todo mundo brigou com o Tarso!) costumavam dizer que isso é apenas uma coincidência, que o jornal fez sucesso não foi por causa de Tarso e que depois ele começou ladeira abaixo e não foi porque o Tarso saiu. Mas de qualquer maneira é uma coincidência engraçada não é? Enquanto o Tarso estava lá, o jornal vendia horrores, Tarso saiu, passou cada vez mais a vender menos até entrar num buraco do qual ele não conseguiu sair mais. As tentativas de tirar o *Pasquim* desse buraco que ele ia entrando cada vez mais, foram as outras fases do *Pasquim*. Por exemplo, teve uma fase que o Ziraldo assumiu. Daí ele chegou dizendo "Ah, vamos resolver esse negócio do *Pasquim*" "Como é que vai resolver?" "Primeiro o *Pasquim* vai ser um jornal de tamanho grande e com cor..." Você sabia que existia isso? Existem alguns números do *Pasquim* em determinadas fases, do tamanho grande de jornal, de jornal tablóide, tamanho de um jornal e com essas páginas externas em cor. Teve então essa fase que o Ziraldo acreditou que o *Pasquim* ia ter sucesso, deixando de ser tablóide. Depois assumiu o Jaguar, aí depois o Jaguar vendeu o *Pasquim*, teve até uma fase de um rapaz, eu não lembro do nome dele, que era um rapaz que não tinha nada a ver com a história do *Pasquim* e que resolveu comprar o jornal, e investiu, lutou, fez fé que o *Pasquim* ia voltar, mas não adiantou nada... O *Pasquim* continuou se esfarelando até desaparecer. O que ficou do *Pasquim*, o que eu acho que

ficou mesmo, foi à fase do “fenômeno *Pasquim*”, que foi a primeira fase, a fase do Tarso.²⁵

Esta primeira fase do *Pasquim*, com Tarso de Castro, foi, segundo Maciel, a mais libertária, com a marca do temperamento impulsivo e ousado do jornalista que, obstinadamente, fez com que vingasse a idéia do semanário, totalmente desencorajado por outros colegas, a exemplo de Millôr Fernandes, recém saído da experiência efêmera do *Pif- Paf*:

(...) Convidei Ziraldo para participar como sócio. Ele recusou. Millôr Fernandes também caiu fora – chegou a escrever um artigo prevendo o final da publicação em poucos números, coisas que se explicam pelo fato de que ele considera insuportável qualquer coisa que dê certo e que não o tenha como autor. Doente. Cláudius ia para a Europa e Prospéri tinha, no momento, outros interesses. Acabamos como sócios eu, Jaguar e Sérgio. Fiz esta exigência a Murillo: não queria os meus cinquenta por cento sozinho. E dei a eles dois uma parte maior da sociedade, em termos individuais. Maciel foi o primeiro não-sócio que convidei. (CARDOSO, 2005, p.113).

Do grupo inicial formador do *Pasquim*, Tarso possuía empatia apenas com Luiz Carlos Maciel, amigo desde os tempos de Porto Alegre, colaborador e colega do tablóide *Última Hora*, e, também, com Fortuna, editor gráfico de *O Panfleto*. Martha Alencar também compunha a ala de fiel escudeira de Tarso e entrou no semanário um ano após o lançamento do *O Pasquim*, a convite do mesmo, que já a conhecia do projeto *O Sol*, uma espécie de jornal-escola inventado pelo artista plástico e editor Reynaldo Jardim. A nomeação de Martha como secretária da redação desagradou parte dos colaboradores:

(...) O Tarso não gostava do trabalho braçal de editor. Acho que acabei lá por causa disso. Houve uma reação machista do Millôr, do Ziraldo: “Não pode, o que é isso?”. Na verdade, ali não existia chefe de redação. As decisões eram tomadas na porrada. Existia a pessoa que colocava o jornal no papel, que estabelecia as prioridades, os títulos, que dava forma ao jornal. E isso eu fazia junto com Tarso. Mas era difícil, pois o *Pasquim* era uma colcha de retalhos de egos gigantesco. (CARDOSO, 2005, p.128).

²⁵ Entrevista feita com Luiz Carlos Maciel, no dia 07 de setembro de 2005, em sua casa, Leblon, Rio de Janeiro.

Havia uma luta pelo poder dentro do jornal, que começava pela escolha dos entrevistados; uns defendiam a postura da escolha de personagens polêmicas, antiacadêmicas, a exemplo de Tarso, Maciel, Martha, Cabral e Jaguar; outros, como Millôr e Paulo Francis, queriam entrevistas mais “densas” no sentido intelectual. As brigas contínuas chegaram ao extremo, levando Tarso e Ziraldo a se atracarem, fisicamente, em meio a uma entrevista com Flávio Cavalcanti. A sugestão do entrevistado, por si só gerou desavenças, por ser o mesmo um representante das forças conservadoras. Martha Alencar, que vivenciou este episódio, pondera que que o semanário chegou ao fim por questões meramente ideológicas, embora muitos apontem os problemas administrativos.

Depois da referida entrevista, não aparecia mais o nome de Tarso como editor-chefe, e sim o de Sérgio Cabral. Paralelamente, Millôr entra como sócio do semanário, provocando a saída definitiva de Tarso e Maciel. Para tirarem Maciel do semanário, a princípio, cortaram seu salário, mesmo assim, este continuou escrevendo seus artigos na coluna *Underground*. Devido à persistência de Maciel, acharam a melhor saída: sua demissão... A coluna *Underground* não agradava a parte majoritária do *O Pasquim* que compartilhava de uma visão tradicional de esquerda. Para eles, o tema contracultura estava associado a um descompromisso, ao “desbunde”, advindo do movimento *hippie* norte-americano.

Na referida coluna, Maciel apresentava textos, informações, sugestões e teorias, estreitamente vinculadas ao ideário da geração *beat*, que foi perpetuado, nos anos 60, pelos festivais de rock, pelos *hippies*, pelos movimentos *underground* e pelos ecos destes no Brasil.

(...) Comecei a ler e me informar, embora aqui não houvesse muita informação, mas o que eu conseguia, eu fiquei conhecendo mais do que as outras pessoas do *Pasquim* que não se interessavam e também não sabiam nada. E aí quando conversava com o Tarso e contava dessas coisas que estavam acontecendo, o Tarso falava “Então vamos botar isso aí no *Pasquim* porque isso é um assunto novo, é uma área jornalística nova, ninguém está fazendo isso e você está se metendo nisso, então vamos fazer. Eu vou dar duas páginas para você editar, botar o que você bem entender nessas páginas.” Então foi isto, foi assim que surgiu o *Underground*, batizado pelo Tarso, ele deu o nome e me deu carta branca.

Ninguém dava palpite, porque ninguém sabia do que estava se tratando aquilo ali.²⁶

Segundo Maciel (1982,p.130), “o *Pasquim* era debochado, desaforado, crítico, etc., mas era um jornal tradicional no sentido que a cultura do Ocidente era religiosamente respeitada pelos seus colaboradores, que eram homens de pensamento tradicional(...)”.

Gabeira ingressou no semanário como um representante do pensamento e da visão tradicionais de esquerda, as quais o tinham popularizado. Esta visão tradicional perdurou por dez anos no periódico, quando, após o exílio, Gabeira retorna, imbuído da “nova visão”.

(...)Durante os seus anos de exílio, havia aderido à nova visão, naturalmente, devido a experiências existenciais irrecusáveis, porque esta não pode ser adquirida através de uma deliberação meramente intelectual. O mundo meramente intelectual, em que vivem o pensamento e a visão tradicionais, não permite que a nova visão possa aflorar, porque não pode ser alcançada através do raciocínio, da elocubração mental. Essa nova visão só pode nascer a partir de uma experiência existencial que envolva a vida, o corpo, a sensibilidade e os sentidos da pessoa, de uma maneira mais inteira e plena. (MACIEL,1982, p.130-131).

Maciel define sua primeira fase na coluna *Underground* (que podemos datar até sua prisão, em 1970), como consequência de sua curiosidade movida por propósitos meramente jornalísticos.

Depois da sua prisão, resolveu se aprofundar nas idéias contraculturais, assumindo-se como um *hippie*. Morou em comunidades, na praia e, por fim, na roça²⁷, quando percebeu, finalmente, que era um homem alternativo, porém urbano.

Recebia inúmeras cartas de pessoas que procuravam soluções para suas vidas de uma maneira não convencional. O principal teor das cartas, segundo Maciel, era a questão da sexualidade.

²⁶ Entrevista feita com Luiz Carlos Maciel, no dia 07 de setembro de 2005, em sua casa, Leblon, Rio de Janeiro.

²⁷ Em sua obra “As Quatro Estações” (2001) comenta de forma cômica sua experiência na roça, quando seus mais novos companheiros “cowboys” ridicularizavam-no devido à sua incapacidade de matar insetos e animais selvagens, em decorrência de sua prática zen budista.

(...)“Ah, quer dizer que eu posso?” Era um anseio generalizado (risos) por uma liberdade sexual maior. Isso era o que animava todo mundo e que motivava todo mundo. Era mulher que queria deixar o marido, “dar por aí”, o outro rapaz que queria ser gay, a menina também que queria ser sapata, sabe, era esse negócio assim de liberdade sexual, o grande apelo da transação toda, era essa coisa das pessoas encontrarem liberdade sexual e atingirem a felicidade através da liberdade, porque estavam submetidas às repressões externas e internas. Alguns reclamavam das repressões externas, outros, pela repressão interna que não permitia que eles fizessem as coisas que eles queriam fazer. Então eu acho que esse foi o grande impacto e a transformação de comportamento nessa área de sexo, acho que foi a mais profunda que houve naquela época. Porque até esta fase da contracultura e tudo, os costumes sexuais eram inteiramente repressivos mesmo! A mulher não podia casar se não fosse virgem, era um escândalo! Mil coisas que hoje não tem a menor importância, tinha uma importância incrível! Então foi uma coisa assim libertadora, que aliviou muita gente...(risos) Não precisa então ficar sujeito a essas coisas ou...Então isso poderia ser verificado nessas cartas.²⁸

Wilhelm Reich, Herbert Marcuse, Norman O. Brown e Norman Mailer foram contemplados na coluna *Underground* de Maciel, que dedicou alguns artigos sobre esta temática, intitulando-os de *A Esquerda Pornográfica*. Esta chamada Esquerda Pornográfica não tinha nada de pornografia, ao contrário, pregava o sexo sadio, não distorcido pelos labirintos entre o consciente (princípio de realidade) e o inconsciente (o princípio de prazer)²⁹, pois acreditava-se que só através de uma sexualidade sadia (de uma organização genital) poder-se-ia mudar a sociedade, aniquilando as dualidades que o sistema impõe e que geram os conflitos e, conseqüentemente, as neuroses. Outra questão comumente levantada na coluna foi quanto à utilização de drogas e sua influência no processo de descondicionamento do indivíduo³⁰.

Embora, no Brasil, as agitações nunca tivessem tido a extensão das que ocorreram, principalmente nos Estados Unidos, muitos dos textos veiculados na coluna *Underground* eram a respeito do que acontecia no exterior. Entretanto, discutir as contingências de uma cultura dependente, num país capitalista e subdesenvolvido, não era a intenção de Maciel, embora o problema não fosse ignorado, como bem mostra uma matéria intitulada “Questão Teórica”. A matéria,

²⁸ Entrevista concedida por Luiz Carlos Maciel no dia 07 de setembro de 2005, Leblon, Rio de Janeiro.

²⁹ O princípio de realidade e o de prazer são conceitos utilizados por Herbert Marcuse para designar o primeiro como sujeito consciente, *Thanatos* (princípio no qual o sistema se alicerça), enquanto que o segundo seria o inconsciente, o *Eros* totalmente excluído do indivíduo. Dentro deste contexto, a estrutura instintiva do indivíduo é modificada (e isto se dá através de uma contingência histórica e não biológica), desviando toda sua energia sexual para o trabalho. (BARROS,2002,p.154).

³⁰ A questão das drogas e do sexo, entre outras temáticas, serão tratadas no terceiro capítulo dessa pesquisa.

que foi publicada em 1970, mostra: Maciel colocando-se mediante a contracultura norte-americana, o seu interesse em divulgá-la em outro contexto e os eventuais riscos dessa importação.

(...) Dizem eles que não existe manifestação superestrutural autêntica desligada da infraestrutura que lhe é própria. Dentro dessa ótica a contracultura é uma importação inútil.

A estreiteza, segundo penso, reside no desconhecimento deliberado das complexas interações que existem hoje entre as diversas culturas nacionais, graças à eficiência dos modernos meios de comunicação de massa. O complexo colonial responde pela assimilação passiva, a-crítica, mas a influência estrangeira e os produtos culturais híbridos que ela gera, por piores que sejam, são inevitáveis. Na verdade, a global village, de que fala McLuhan, num quadro internacional ainda dominado pelo imperialismo é monstruosa. Mas está aí para ficar. Qualquer aspiração por uma cultura nacional com a pureza preconizada por Gramsci, por exemplo, está hoje fadada ao fracasso. (MACIEL, 1973, p. 77)

Entre 1968 e 1974, também com curta duração e funcionando num esquema precário de produção e distribuição, existiram alguns jornais com um sentido muito próximo ao trabalho pioneiro de Luiz Carlos Maciel na coluna *Underground: Presença* (Rio de Janeiro, 1971), *O Vapor* (Minas Gerais, 1973), *Verbo Encantado* (Bahia, 1971), *A Pomba* (Rio de Janeiro, 1973)³¹ e as revistas *Bondinho* (São Paulo, 1971), *Navilouca* (Rio de Janeiro, 1974), *Polém* (Rio de Janeiro, 1974) e *Código* (Rio de Janeiro, 1974).

Um caso atípico, dentro da imprensa alternativa, foi a revista ***Bondinho***, que, lançada em 1971, pela antiga equipe que formava a revista *Realidade*, contou, inicialmente, com o apoio de Thomas Farkas, dono da Fotóptica e do Grupo Pão de Açúcar. Foi editada pela Arte e Comunicação Editorial como um encarte, um guia da cidade de São Paulo, vinculado ao Grupo “Pão-de-Açúcar”. Sua tiragem inicial foi de 100 mil exemplares, tendo periodicidade quinzenal. O editor geral foi Hamilton Almeida e contava com profissionais como Roberto Freire, Ricardo Vespucci, Theresa Linhares, João Garcia Duarte, Antônio Passaras Marques, Valter Correia, Goulart de Andrade, Bernardo Kucinski, Cláudia Andujar entre outros. A intenção original era fazer, de um suplemento ligado a uma rede de supermercados, uma

³¹ A revista alternativa *A Pomba* tinha como redator Paulo Coelho. Foi através desta publicação que Raul Seixas conheceu Paulo Coelho, quando o mesmo escrevia sobre discos-voadores.

revista contracultural, mas a falta de anunciantes minou os esforços da equipe editorial.

Nesta revista foram publicadas longas entrevistas, literalmente transcritas do gravador com artistas conhecidos, como Caetano, Jorge Mautner e Maria Bethânia, assim como, matérias relatando experiências, como a do *Grupo Oficina de Teatro*, dirigido por José Celso Martinez Corrêa, quando da montagem do espetáculo *Gracias, Senhor*, o último trabalho do grupo antes de se retirar do Brasil e a de Arembepe, uma praia localizada na Bahia, para onde se dirigiam os “drop outs” brasileiros, fascinados pelo local e pela possibilidade de viverem a utopia da felicidade, do prazer e da alegria. Soma-se a isso, o fato de que, após a Tropicália, com o exílio dos baianos em Londres e principalmente depois, com o regresso dos mesmos, em 1971, a Bahia tornou-se um ponto obrigatório de referência, para onde se voltava parte da juventude embarcada na contracultura.

Criou-se, a partir disso, um clima condizente com os símbolos juvenis da época protagonizado nas praias, onde se podia tentar outro tipo de vida, a exemplo do carnaval puxado pelo trio elétrico, ou nas ruas, pelas manifestações populares, sem os vícios turísticos do Rio de Janeiro que já se tornara um acontecimento folclorizado e capitalizado.

Neste contexto, a Bahia tornou-se o “Éden” dos hippies brasileiros, figuras folclóricas da época, que para lá encaminhavam-se, vendendo artesanato nas ruas das grandes cidades, numa aceitação passiva das migalhas que o “sistema” lhes oferecia, sem, na verdade, partir para experiências mais profundas, em termos de alternativas existenciais ou de produção e veiculação de informações artísticas ou culturais.

Nos poucos números de sua existência, a revista *Bondinho* conseguiu, sem apelar para apologias fáceis, expressar o clima vivido nos anos posteriores a 1969. Por não ter limitação editorial ou esquema comercial, como as grandes empresas jornalísticas, e por estar voltada para as áreas mais avançadas da produção artística e da experiência existencial, veiculando dados numa linguagem visual e verbal em contraposição aos valores existentes, a revista não teve continuidade e passou a denominar-se, graças à censura, em 1974, como *Ex*.³²

³² Em 1974, a mesma editora lançaria o *Ex*, uma publicação que mesclava histórias em quadrinhos e artigos, cujos autores não cobravam nada. Em sua segunda edição, a capa reproduzia um pôster americano em que Henri Kissinger, por meio de uma montagem fotográfica, aparecia deitado e nu. A

Na capa de uma das edições, estampava-se uma matéria sobre a Revolução Gay nos Estados Unidos e do Movimento Negro em São Paulo. Relatava-se, também, experiências de despojamento total, como a do repórter Antônio Pizarra, que se ofereceu para passar dias em uma praia, sem dinheiro, moradia ou qualquer outro tipo de segurança material e afetiva.³³ Havia, ainda, uma seção de “Cartas”, onde afluíam questões existenciais, afetivas e sexuais e prenunciava-se o surgimento de uma nova consciência:

Consciente das coisas

Tou a procura de alguém que, como eu, esteja tentando se encontrar, ficar mais consciente das coisas. Gostaria que fosse um cara inteligente, sensível e sincero. Tou com 26 anos de vida, adoro livros, a arte em geral, a natureza (Janis, São Paulo).³⁴

Profundezas Abissais

Preciso de amigos que falem a minha linguagem, que amem tanto Back quanto Bethânia, que tenham se detido por um momento em Bosh e Renoir, que tenham ao menos tentado compreender Nietzsche e Vinícius de Moraes, que gostem muito e muito de teatro e cinema, que tenham voado para além das montanhas do horizonte, que tenham feito um dia uma poesia bem pequenininha e que, sobretudo, respeitem e procurem entender e amar as vagas angústias das nebulosas profundezas abissais de seus próprios espíritos (F. Joseph, Curitiba).³⁵

Bondinho abordava, também, o feminismo, artigos sobre as comunidades alternativas, entrevistas com artistas da época, rock, entre outros temas pertinentes ao universo da contracultura.

Houve a preocupação de veicular, discutir e confrontar textos estritamente ligados aos dados da emergência contracultural com a realidade política e social brasileira. É neste momento que surgem, em grande parte das publicações, referências ao misticismo, apresentado como uma saída a ser experimentada, com

ordem de apreensão das autoridades não chegou à revista porque o endereço havia saído errado no expediente. A capa de número 3 foi, então, planejada pela equipe e trazia o busto de Nixon – em pleno Watergate – de roupa de presidiário... só que, dessa vez, a ordem de apreensão chegou ao endereço certo, sendo o editor Sérgio de Souza, detido, colocando fim em mais uma experiência da imprensa alternativa. (Cf. BRAGA, 2005, p.17).

³³ FREIRE, Roberto. **A experiência de Antônio Pizarra**. BONDINHO, São Paulo, 09/12 a 22/12/1971, p.18-26.

³⁴ **CARTAS**. BONDINHO, São Paulo, 02/03 a 15/03/1972, p.03.

³⁵ **CARTAS**. BONDINHO, São Paulo, 02/03 a 15/03/1972, p.03.

todos os decorrentes desvios em termos de apocalipse, discos voadores, mutantes, magias, cabalas, astrologias, alquimias e desígnios divinos.

O misticismo, com todo o seu universo de opções, funcionava como um alucinógeno para essa minoria da classe média que, no contexto da ditadura política e ideológica, como numa crença messiânica, passava a enxergar “reinos” fora da História. A busca por êxtases, através do sexo, das “viagens de mochila e de ácido”, do misticismo, do hino universal da juventude - o rock -, e também da orientalização do mundo ocidental, foi uma das respostas desta juventude hedonista, ansiosa por viver o “aqui e o agora” intensamente.

2.3 “O desabrochar da Flor do Mal”

“O mal da Flor é ser um jornal por isso existe sua mistificação, assumindo e queimando no próprio fogo que apaga a última pala travada nos dentes da máquina, que bate, bate e está presente sem natal pois todo dia é natal, e nem todo dia tem panela na sopa. Quem diria que o pato é macho? Se tem barata embaixo do tapete? É mato, batalhões na dispensa, milhares nas bocas de lobo, centenas nas varandas tomando sol de lombra, procurando uma psidelinha. Ainda assim voam pra cascalho. Mas voltando ao assunto anterior, alguém bate na porta, eu não quis abrir e me distraí novamente no barato da barata que está aqui mentalmente, enormemente, fatalmente, despidoradamente anunciando a flor do mal. Chega de falar mal da Flor mas era indispensável no esclarecimento do assunto proposto cordialmente pela casualidade do personagem tão mal compreendido pelo vulgo verdadeiro, o diabo.

(LUIZ, ANDRÉ. *A Flor do Mal. A Flor do Mal*, no. 03, O Pasquim Empresa Jornalística, Rio de Janeiro, 1971,p.05).

Após a experiência com a coluna *Underground*, Maciel aventurou-se a editar um jornal de cunho independente e marginal, intitulado a *Flor do Mal*, fundado em 1971, com os poetas Tito de Lemos, Torquato Mendonça e Rogério Duarte.

(...)Ela nasceu na verdade, na Vila Militar, na prisão sabe? Eu estava preso na mesma cela com o Sérgio Cabral. Não o novo Sérgio Cabral, o pai dele, aquele que escreve sobre música popular, e aí, eu já tinha feito a coluna *Underground*, falando do fenômeno de contracultura e aí o Sérgio com aquela solidariedade de preso que se cria dentro de cela, falou assim: “quando a gente sair daqui, cada um de vocês que estiveram presos aqui comigo vão ter *O Pasquim* pra fazer o que quiserem, podem pedir alguma coisa!” Daí eu cheguei e disse assim: “Vou te pedir agora, já! Eu quero que *O Pasquim* edite um jornalzinho semanal, tablôide e tal, mas só com os

nossos assuntos do *underground* sabe?” Daí ele topou e disse: “Já está atendido o seu pedido!”. Claro, quando a gente saiu fui cobrar logo, mas a *Flor do Mal* não saiu do jeito que eu pensava, não foi uma extensão do *Underground*, porque envolveu outras pessoas: o Torquato, o Tite e o Rogério. Então não saiu mais da minha cabeça, eu não fui editor da *Flor do Mal*, tanto é que meu nome nem está no expediente. Os editores eram Tite e Torquato, eu não sei se meu nome está no expediente ou não. Eu sei que tinha que colocar eles na frente e o Rogério Duarte como produtor da arte.³⁶

Quem escrevia em *Flor do Mal* eram os próprios Tite de Lemos, Torquato Mendonça, Rogério Duarte e Luiz Carlos Maciel, assim como pessoas que eles conheciam, “antenadas” com as idéias contraculturais, tais como: Antônio Bivar, Joel Macedo, Waly Salomão, José Simão, Antônio Capinam, Célia Maria, Moleque Pereira e amigos da clínica psiquiátrica, que Rogério tinha conhecido quando de sua internação. A redação localizava-se na Rua Clarisse Índio do Brasil, 32, no Rio de Janeiro.

O principal interesse desse jornal era dar voz aos artistas jovens, de vanguarda, contraculturais, “malucos” que não eram aceitos por nenhum órgão de imprensa. Maciel conta que o psiquiatra que leu a *Flor do Mal* disse assim: “Lindo, parece aquele jornalzinho que os meus pacientes fazem no hospício”.³⁷ Era intencional a idéia de se fazer uma publicação nada convencional. Rogério Duarte afirmava que os textos tinham que ser escritos à mão, e, para tanto, deveriam contar com uma equipe de calígrafos, como os da Idade Média. O *Pasquim* era imprensa alternativa tradicional, feita por jornalistas, contudo, a *Flor do Mal* não o era e tinha um caráter totalmente poético, cultivado pelos seus proponentes. A fotografia, que ilustra o primeiro número, foi encontrada, por Torquato Neto, no chão da redação do jornal *Última Hora*, pisoteada. Era a foto de uma menina negra sorrindo, despida do peito para cima, representando a pureza espiritual que ansiavam. Esta iniciativa durou apenas cinco números, contudo, sua tiragem foi de 40 mil exemplares, dos quais, vendeu-se a metade.

³⁶ Entrevista concedida por Luiz Carlos Maciel, no dia 07 de setembro de 2005, Leblon, Rio de Janeiro.

³⁷ Entrevista concedida por Luiz Carlos Maciel, no dia 07 de setembro de 2005, Leblon, Rio de Janeiro.

Qual o pólem da Flor? “Abra a Flor do Mal: pétalas, corola, insetos maravilhosos, escaravelhos incríveis, beija-flores, algumas fadas voltejantes, serafins, gnomos, sílfides, ogros, ondinas, nereidas, etc”³⁸.

Maciel conta que o jornal de publicação semanal não atingiu índices de aceitação para um público amplo, Sérgio Cabral chamou-o e disse: “Pô Maciel, eu falei que ia investir no jornal, fiz, mas não dá! Não vende!”

O jornal *Flor do Mal*, apesar do curto período de circulação, obteve grandes considerações no meio *underground* brasileiro. Segundo Maciel, o artista plástico Hélio Oiticica considerava-o como o único jornal não machista da imprensa brasileira.

Luiz Carlos Maciel, em *Flor*, apresentava poesias em verso, poemas em prosa e alguns textos considerados absurdos pelos menos familiarizados com o tema:

(...) O novo Cristo é o homem que se liberte de seu pai, imagem psicanalística da autoridade, e com uma espada vai buscar o fogo do Olimpo para dá-lo aos homens. Mas ele não é punido como Prometeu. É Prometeu-Édipo o novo Cristo, com fígado intacto e olhos bem abertos, sem correntes, sem calvários ou crucificações.³⁹

Neste texto, intitulado *Pai, porque me abandonaste*, misturam-se imagens proféticas e apocalípticas com a de um Cristo descristianizado, um Prometeu sem castigo, e com a de um Édipo liberado, resultando num santo guerreiro que busca a verdade, livre das repressões, da autoridade, da idéia de pecado.

Esta idéia de desrepressão desenvolvida pelo discurso da imprensa contracultural ampliava o conceito de política, estendendo-a ao corpo, ao comportamento das pessoas, à questão sexual. A contestação era, não apenas a organização social, mas também, a genital e a espiritual.

Mas não era apenas o discurso místico, messiânico e hedonista que ocupava o espaço desses jornais, pois textos sobre arte, sobre produção emergente e mesmo sobre uma realidade social bastante reconhecível eram publicados. Para exemplificar, citamos o jornal *O Vapor*, publicado em Belo Horizonte, em 1973. Na edição de número 03, consta uma longa matéria sobre os ciganos, sua vida errante,

³⁸ MACIEL, Luiz Carlos. **Flor do Mal. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 121. 26/10 a 01/11/1971.

³⁹ **Pai, por que me abandonaste? Flor do Mal**. Rio de Janeiro, no.04. O Pasquim Empresa Jornalística, 1971.

as perseguições contra eles movidas através da história, e a sua realidade cotidiana, que é aproveitada nos textos. Em um deles, intitulado “Cristo é a única salvação?”, dividido em cenas e ilustrado com fotos, o personagem Geraldo País serve como pretexto para uma sátira à religião, enquanto elemento de alienação dos oprimidos: a matéria começa com os dados de uma pesquisa realizada pela equipe do jornal, indicando o número de igrejas católicas, protestantes, adventistas, mórmons, metodistas, luteranas, entre outras, e também centros espíritas e terreiros de macumba de Belo Horizonte, para, em seguida, ir mostrando a peregrinação de Geraldo País por várias delas, até que, de tanto chegar atrasado na repartição onde trabalha, é interpelado por seu chefe, ajoelha-se diante dele, abre a boca esperando uma hóstia que não vem e, com raiva, agride o chefe. Há tumulto na repartição e Geraldo País é levado para o manicômio.⁴⁰

Segundo Maciel, a força motriz desses impressos era o sentimento de grupo que havia entre os excluídos por opção.

(...) Nós achávamos bonito ser marginais, estarmos à margem, ser contra o estabelecido, não apenas contra, mas não participar do que estava estabelecido. Que é a idéia principal da contracultura de inventar seus próprios meios de expressões, das quais a mais forte foi à imprensa alternativa, a imprensa *underground* que estávamos propondo fazer, que foi a Flor do Mal. Então havia essa coisa da fraternidade, essa coisa de *brother*, a gente não chamava de *brother* ou irmão, mas esse espírito existia. Aliás, o *brother* vai aparecer acho com o *Black Power*, chamava “*men*”, aqui chamava “bicho”, Roberto Carlos usava muito. Mas havia o sentimento de que uma fraternidade seria necessária, porque nós éramos poucos e estávamos querendo mudar uma coisa que era adotada por muitos que era a maneira de viver tradicional. E a gente estava propondo uma nova maneira de vida, e essa nova fraternidade, que é uma característica de um grupo em fusão. O grupo em fusão precede o grupo organizado, como na Revolução Francesa, o grupo se une porque tem um inimigo comum e tem uma proposta em comum, daí eles se fundem e daí há esta coisa da fraternidade do grupo em fusão. É uma necessidade de preservação, de defesa. Então na época a gente tinha muito. A coisa do Norman O. Brown foi num sentido de revelação, tudo a ver. Eu fiquei fascinado pela obra “A Vida contra a Morte”, mas mais ainda com a obra *Loves Body*, que é um livro cheio de epigramas, textinhos curtos, todos estilosos e poéticos, então eu fiquei fascinado. O a “Vida contra a Morte” eu tenho até um pouco de responsabilidade por ter sido lançado em português. Porque a “Vida contra a Morte” foi sugerido pela Rose Maria Muraro que trabalhava na Editora Vozes, de Petrópolis. Editora católica, da igreja católica. Mas a Rose Marie conseguiu convencer os padres de que

⁴⁰ MORAIS, Aloísio. **Cristo é a única salvação? O Vapor**, no.03, Belo Horizonte, Vapor Barato-Empresa Jornalística, 03/1973.

aquele livro era importante e foi traduzido e lançado. E quem falou do “Vida contra a Morte” para a Rose Marie fui eu.⁴¹

A fraternidade, gerada neste denominado grupo em fusão, delineou o surgimento de outras iniciativas efêmeras a exemplo da *Flor*, que desabrochou e não resistiu frente às vicissitudes financeiras e à incompreensão dos temas por ela tratados.

2.4 “O Poder da Pedra”: A *Rolling Stone* brasileira

Ficava no segundo andar de um sobrado cor-de-rosa na esquina de Visconde de Caravelas com Conde de Irajá. Das janelas da redação, via-se o Corcovado e tudo parava no final da tarde para um sorvete e outras guloseimas menos legais. O chão era de tábuas corridas e rangia. O banheiro tinha um pequeno nicho a São Jorge, Iemanjá, Buda e Shiva. Num extremo do sobrado, ficava o santo dos santos: o escritório dos donos, um inglês e um americano muito festeiros.

Só os chefes - Luís Carlos Maciel, editor, Lapi, diretor gráfico – tinham acesso a ele. Fui lá uma vez: assinaram minha carteira de trabalho estalando de nova, a primeira anotação da minha vida.

No outro extremo, ficava a redação. A primeira sala era de Lapi. Parte do meu trabalho era manter Lapi feliz e sossegado, o que nem sempre era fácil considerando a noção vaga de “tempo”, “prazo” e “pauta” que reinava na outra sala, um cômodo de janelas enormes, eternamente fechadas. Este era o império de Ezequiel Neves, que às vezes respondia por Zeca Jagger e era, na verdade, o coração, a força motriz e o verdadeiro Shiva dançante de todo o sobrado. Zeca tinha uma juba encaracolada, um perpétuo bronzeado e uma lampadinha no pescoço. Várias vezes ao dia eu era chamada aos berros de “garotiiiiiiiiinhaaaaaaaaaa” ou “Aniiiiiiiiinhaaaaaa”. Em geral, o que me aguardava era uma aula prática de jornalismo *rock*.

A crueldade que Zeca reservava aos grandes era comparável apenas à ternura que ele guardava para os pequenos. Nenhuma banda local era obscura demais, nenhum guitarrista principiante demais para merecer sua mais devotada atenção.

Seus acólitos nesse ofício eram Okky de Souza, com cachinhos de querubim barroco; o repórter volante Dropê, sempre com um relato detalhado dos últimos acontecimentos; e o eternamente *on the road* Joel Macedo.

Se Zeca era a pilha, Maciel era o córtex cerebral do sobrado, pairando com uma calma *zen* sobre o festivo caos mal controlado que flutuava sobre as tábuas rangentes. Nenhuma crise - A polícia vai dar batida! A edição foi recolhida pela censura! Acabou o contrato com Jan Wenner! – era suficiente para abalar o Maciel.

Fora isso, Maciel sorria, tentava discutir com Zeca (impossível) e me ensinava o que eu pedia para aprender. Minhas tarefas consistiam inicialmente em marcar as laudas de matéria para a gráfica, recolher o

⁴¹ Entrevista concedida por Luiz Carlos Maciel, no dia 07 de setembro de 2005, Leblon, Rio de Janeiro.

material de ilustração, manter Lapi feliz e responder às cartas dos leitores, o que era quase uma psicanálise. Como eu sabia muito bem, os leitores se julgavam donos da revista, sócios, conspiradores. E eram. Dois escreviam quase toda semana: uns tais Jamari França e José Emílio Rondeau. Eu reclamava com Maciel: esses caras estão monopolizando as cartas!⁴²

A revista *Rolling Stone* surgiu em novembro de 1967, em São Francisco, por Jahn Wenner (que ainda é editor da revista) e Ralph J. Gleason. Wenner, na época com 21 anos, dizia ter mudado radicalmente sua vida depois de ter assistido “Os Reis do lê-lê-lê”, com os *Beatles*. Produziu a revista com 7.500 dólares coletados junto a amigos e, de interesse pessoal, a iniciativa passou a se tornar lucrativa, atingindo seu ápice de vendas, depois da fase do *rockismo* e *hippismo*, ao abordar assuntos como arte e política, tornando-se muito famosa nas décadas de 60 e 70. Já nos anos 80, a sua sede transfere-se para Nova Iorque, cidade situada mais próxima às agências de propaganda, e muitos afirmam que sua mudança de proposta começou a partir disso, o que lhe imprimiu um caráter comercial.

A revista de música e comportamento, ***Rolling Stone***⁴³, em sua versão brasileira, lançada por Luiz Carlos Maciel, em 1972, com o mesmo título da matriz americana, teve, como intuito, não apenas divulgar informações acerca dos grandes astros da música *pop* internacional e nacional, como também, discutir literatura, cinema, filosofia, comportamento, sexualidade, drogas, entre outros assuntos em voga. Era uma publicação, inicialmente mensal, voltada para o contexto da contracultura, com sua rebelião juvenil, que passou, depois, a uma periodicidade semanal, persistindo até o trigésimo sexto número (a revista durou um ano), podendo-se afirmar que foi uma das precursoras do gênero no país.

O projeto da revista começou no final de 1971, quando Maciel foi procurado pelo inglês Mick Killingbeck, que veio ao Brasil para trabalhar como físico nuclear, mas que cultivava intimamente um amor pelo rock'n'roll. Maciel conseguiu, assim, os direitos da revista *Rolling Stone*, que já era um grande sucesso nos Estados Unidos, para editá-la no Brasil.

⁴² BAHIANA, Ana Maria. **A revista Rolling Stone brasileira**. Digestivo Cultural. Disponível em <http://www.digestivocultural.com/ensaios/>. Acesso em 10 de maio. 2006, 16h30min.

⁴³ A versão brasileira da revista Rolling Stone foi relançada em outubro de 2006, e é editada por Ricardo F. Cruz, na cidade de São Paulo.

(...)Mick foi no *Pasquim* e me chamou para eu ser editor da *Rolling Stone* brasileira, eu era ligado ao assunto devido ao *underground*, e eles precisavam de um jornalista brasileiro, que fosse o diretor responsável pela publicação. Não sei se hoje em dia existe isso, de ter que ser brasileiro, ser responsável pela publicação, mas na época era. Daí eu topei e começamos a fazer. Eu reuni uma turma bem eclética: o Ezequiel Neves, o Zeca, que ficava lá o dia todo, escolhia as matérias, discutia a pauta comigo. Muito mais editor de que o Gab, o Gab só ia lá para entregar matéria. Agora o Ezequiel participava ativamente, a Ana Maria Bahiana... e o Mautner aparecia para visitar a redação e acabava escrevendo sobre qualquer coisa. Ana Maria Bahiana fez um filme inspirado na *Rolling Stone*⁴⁴, se passa nos anos 70 e foi na redação do jornal, tinha os personagens jovens e tal. Eu sei disso porque ela nos chamou. Foi eu, o Ezequiel e o Dropello, que era um garoto na época que fazia vendas do jornal na rua, fazia outras coisas (risos) e escrever não era o forte dele. Para conversar com o elenco, contar como era na época. (...)⁴⁵

A redação ficava localizada na Rua Visconde de Caravelas, 73, Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Inicialmente, a revista brasileira teve, como administradores, o inglês Michael Killinbeck e o norte-americano Theodore George, que firmaram contrato e dispuseram-se a pagar pelas matérias. Contudo, o pagamento não teria ocorrido e, depois de dois meses, o material não chegava mais. A opção, neste contexto, foi a de escolher as matérias que interessavam na *Rolling Stone* norte-americana, como também, em outras revistas de rock, traduzi-las e recortar as fotos. A *Rolling Stone* foi pirata desde os primeiros números (a partir do número 14⁴⁶), começando com uma periodicidade quinzenal (a mesma da matriz norte-americana) e tendo como público-alvo os fãs de rock, antenados com o movimento de contracultura e que não eram tantos assim para tirar a revista das oscilações financeiras. A iniciativa de fazer uma edição, a de número zero, para atrair anunciantes (principalmente as gravadoras) não funcionou.

Mesmo frente às adversidades financeiras, a revista número zero saiu em 1972, contendo uma longa matéria escrita por Maciel sobre a vinda do grupo de rock, Santana, ao Brasil, uma crítica de Mick ao show FA-TAL de Gal Costa, uma saudação à volta de Caetano ao Rio de Janeiro, através de uma poesia de Maciel, e entrevistas com o próprio Caetano e Jorge Mautner. O mesmo número, trazia

⁴⁴ "1972", filme dirigido por José Emílio Rondeau, produzido e dirigido por Ana Maria Bahiana (Rio de Janeiro, 2006), conta sobre os bastidores da versão brasileira da revista *Rolling Stone* (1972).

⁴⁵ Entrevista concedida por Luiz Carlos Maciel, no dia 07 de setembro de 2005, Leblon, Rio de Janeiro.

⁴⁶ Informação concedida por Ana Maria Bahiana, no dia 25 de outubro, em Londrina, Paraná na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

matérias sobre astros internacionais e nacionais da música, como Alice Cooper, Edgard Winter, Carole King, Bob Dylan, Pink Floyd; uma sobre a apresentação conjunta de João Gilberto, Gal Costa e Caetano Veloso, em um programa especial gravado pela TV Tupi em São Paulo; outra assinada por Jorge Mautner, sobre “cabelos”, um símbolo muito forte de rebelião juvenil e, finalmente, duas a respeito de teatro; a primeira comentando sobre o trabalho de José Celso Martinez Correia, e a outra sobre o grupo *Living Theater*.

A edição zero da revista, já na época, tornara-se raridade, tanto que não havia nem possibilidade de negociação a custo baixo: “Vendo o no. zero do Rolling Stone em perfeíssimo estado por 100,00 **sem contra oferta**”.⁴⁷

Havia, também, falsos rumores sobre a compra por gravadoras americanas, das ações da revista:

(...) É inteiramente falso o boato de que uma faz maiores gravadoras americanas comprou a Rolling Stone. Também não há nenhuma verdade no rumor de que a Rolling Stone está de alguma forma ligado à referida companhia, ou a qualquer outra gravadora brasileira ou americana. Além disso, o Rolling Stone não está sendo financiado por uma firma editora americana, que teria o propósito de fazer uma pesquisa realista de mercado no Brasil, nem a dita editora está em negociações para comprar uma das mais novas firmas editoras de São Paulo.⁴⁸

Luiz Carlos Maciel associou o fracasso de vendas da revista à não aparição constante nas bancas, resolvendo, então, que a periodicidade seria, ao invés de quinzenal, semanal, estratégia esta ineficaz, pois não aumentou as vendas da mesma. Apesar da crise econômica, a revista foi ganhando notoriedade e tinha já assinaturas, oferecidas em promoções tentadoras para os leitores: “Assine e ganhe um LP”. Podia ser o Barra 69, de Caetano e Gil, ou *Schools Out*, de Alice Cooper, ou, ainda, *Exile On Main Street*, dos Rolling Stones.

A seção “Correspondências & Consultório Sentimental” (até a edição de número nove, quando se torna a seção “Cartas”) traduz-se como um termômetro da aceitação da proposta do jornal. A maioria que escrevia à redação era favorável,

⁴⁷ SCIARRETTI, Carlos Antônio. **Classificados de Graça. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, no. 19, 05/09/1972, p. 23.

⁴⁸ **É só boato. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.06.

contudo, havia aqueles que se referiam à publicação ou como sendo um ataque norte-americano (por se tratar de rock) ou como a de “grupo fechado”, de patota:

Senhores:

Tive a infeliz oportunidade de tomar conhecimento do número zero de Rolling Stone. Não discuto a eficácia comercial da idéia. Mas culturalmente, trata-se de mais uma iniciativa de caráter tipicamente colonialista. Mais uma vez, a metrópole tenta impor seus produtos à colônia (no caso, discos), disfarçando a manobra através de uma nítida, escandalosa distorção cultural. Meus pêsames.⁴⁹

Sr. Editor:

Muito bonitinho esse jornal, mas receio que não esteja em boas mãos. Basta de imperialismo no terceiro mundo. Necessitamos de uma imprensa autenticamente brasileira. Precisamos voltar às raízes.⁵⁰

Sr. Editor

Sabemos de grupos de pessoas que têm escrito cartas e artigos para a RS, sendo os mesmos sistematicamente preteridos em função de matérias absolutamente inofensivas, que não têm nada a ver com nada. Sabemos que o underground brasileiro é, basicamente, um underground de patota, de afirmação de egos. Será que além disso, o RS vai se firmar como jornal “meramente musical”, alienando ainda mais essa já tão contraditória, triste e confusa contracultura nacional?⁵¹

Sr. Editor

Inicialmente eu deveria dizer maravilhas sobre o jornal, e depois atacaria para me valorizar e depreciá-los. Eu, porém, em contrário, gostaria de estimulá-los, mesmo sabendo que são os mesmos calhordas da turma do Pasquim, Flor, Bondinho e Presença, que dão uns rasgos de inteligência na mediocridade da sociedade Maia-Maia.⁵²

Apesar das maiores polêmicas serem as de cunho nacionalista, a maioria das cartas enviadas era favorável à proposta da revista, que sempre trazia novidades sobre música.

Ezequiel Neves assinava as colunas “Toque”, falando essencialmente sobre música, e “Notas Ligadas” que informava em forma de notinhas, sobre o *show bizz* e temas diversos.

⁴⁹ **Correspondências & Consultório Sentimental. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, no. 01, 01/02/1972, p. 03.

⁵⁰ **Correspondências & Consultório Sentimental. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, no.03, 29 de fevereiro de 1972, p.03.

⁵¹ **Cartas. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, no. 11. 27/06/1972, p.21.

⁵² **Cartas. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, no. 11. 27/06/1972, p.20.

Como o jornal (muitos a chamavam de “revista”, nunca se chegando a um termo comum sobre a versão brasileira da *Rolling Stone*) tratava de rock, havia também a seção “Discos”. Nesta seção, inicialmente, foram traduzidas resenhas norte-americanas em alternância com as nacionais. Podia-se contemplar críticas ao Lester Bangs, a Alice Cooper, como, também, texto de Maurício Kubrusly sobre um álbum do Zimbo-Trio.

Contudo, com o passar das edições, os editores resolveram democratizar mais o espaço, solicitando a contribuição de resenhas de discos aos próprios leitores, que começaram a participar efetivamente.

(...)O fato de você estar lendo este jornal mostra que você é diferente dos outros. Um pouco mais inteligente talvez? Mais esquisito? Mais perigoso? Bem, essa é a nossa viagem, mas agora é tempo de você fazer a sua. Envie-nos material sobre a música que você gosta, sobre as coisas que estão acontecendo ao seu redor. Você manda e nós publicamos.⁵³

Havia, também, espaço para a discussão de livros cujos temas variavam entre Budismo, Teatro, Cinema, Ecologia, entre outros, vinculados aos movimentos da contracultura. A exemplo, citamos “Tarântula” de Bob Dylan, “A História do Esquadrão de Assalto de Charles Mason” e “A Contracultura” de Theodore Roszak.

Os lançamentos de discos, livros, peças teatrais, entre outras manifestações artísticas compunham a página “Serviço”. Nessa seção, havia roteiros de viagens para os *drop outs*, anúncios de serviços de artesanato, de colchões d’água, de restaurantes macrobióticos, entre outros.

(...) Nós sabemos que tem muita gente por aí amarrada em viajar, mas que não pode gastar 5 dólares por dia para sobreviver nos Estados Unidos. Por isso resolvemos dar uma mãozinha, dando algumas dicas para viajar sem gastar um tostão. Primeiro o amizade resolve o problema da passagem – como chegar lá. A partir daí deixa com a gente. Estamos iniciando uma série de artigos feitos especialmente para informar ao viajante duro como se virar na terra do tio Sam – usando os mesmos expedientes que a turma que mora lá usa. Procuramos abarcar primeiro as coisas mais importantes: transporte, moradia, assistência médica e moedas úteis. Comida é o mais fácil – sempre se descola, depende de sua inventividade.⁵⁴

⁵³ SERVIÇO. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.03, 29/02/1972, p.27

⁵⁴ SERVIÇO. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.04, 21/03/1972, p.34.

Este artigo contemplava a possibilidade de viver a filosofia da contracultura em sua matriz, nos Estados Unidos. Algumas dicas para se viajar até a terra do tio Sam foram selecionadas a partir do livro “*Steal this book*” de Abbie Hoffman, que era, na época, um *best seller* nos Estados Unidos; um manual de sobrevivência para quem quisesse se aventurar: transporte (carona), moradia (em comunidades, igrejas, entre outros lugares), entre outras dicas pertinentes aos “viajantes”.

Na seção, “Classificados de Graça”, classificados inusitados, alguns, até mesmo, de cunho metafísico...

(...)Sou um verdadeiro gênio renegado. Escrevo peças, poemas, trechos tétricos, eróticos e paranóicos. Adivinho o futuro de qualquer pessoa que já pisou a avareza maldita da terra. Eu sou o Profeta do Além e moro num beco confortável da Rua Augusta pegado ao Center 3 – SP.⁵⁵

Na seção “Som”, discutia-se sobre a tecnologização, configurada pelos saudosos *headphones*, pelas “vitrolas” (com duas rotações!) de última geração e pelas “fitas-cassetes”:

(...)Simples, leve, portátil e de fácil manejo, o mini-cassete pegou fogo. Nada de tira rolo, bota rolo, ajusta de cá, ajusta de lá. Era só pegar aquela pequena caixinha de plástico onde ficava a fita, tacar lá dentro e ligar. Era aquela tranquilidade...⁵⁶

Joel Macedo era o jornalista-correspondente da revista que, através da seção “Estrada”, informava aos leitores sobre os movimentos e festivais que eclodiam no contexto contracultural, nos Estados Unidos.

(...)Eu estou escrevendo da grama do *Beach Park* e tentando fazer a minha cabeça para o papel, em português e numa certa ordem, o que está me custando um grande esforço. Tudo é tão simples. Todas essas pessoas passando, com suas mochilas, com suas guitarras, suas tatuagens. Tudo é tão fantástico! (...)de *New Jersey* até Nebrasca eu vim encontrando *freaks* pela estrada, todo mundo *heading up to Boulder* para o encontro das tribos.⁵⁷

⁵⁵ SERVIÇO. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.10, 13/06/1972, p.27.

⁵⁶ SOM. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no. 07, 02/05/1972,p.26.

⁵⁷ MACEDO, Joel. Estrada. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.17, 22/08/1972, p. 17.

Jefferson “Dropê” participou da *Rolling Stone* na qualidade de distribuidor alternativo da revista. Ele a distribuía nas praias, especificamente no Posto 9 de Ipanema (conhecido também como “as dunas da Gal”), em *shows*, entre outros pontos de encontro dos jovens. Com o passar do tempo, aumentou o número de pessoas para a distribuição do jornal, fazendo-se o trabalho no chamado “corpo a corpo”. Na edição de número 20, é lançada a coluna “*Free Press*” que contemplava informações de outros jornais alternativos brasileiros:

(...)Essa é uma coluna aberta ao contato, noticiário e publicações de todo *el pueblo libre del* universo. Piratas, freaks, loucos, poetas menores da literatura marginal, cantantes e desafiantes, todos juntos.⁵⁸

O caráter místico também encontrava, literalmente, seu espaço na revista, na seção iniciada na edição de no.12, intitulada “Horóscopo”, assinada por Sheila Shalders e Telmo de Jesus. Vejam a previsão para o signo de virgem:

(...)No dia 28 vão pintar transas espirituais que devem ser aproveitadas e curtidas. Ligue-se nelas. Ligue-se nelas. Dia 29 terá bastante energia para qualquer atividade. Dia 03 sua tendência a auto-destruição provocará grilos fortes em seu casamento(...)⁵⁹

Na edição de no. 33, estreou a coluna “*Flomps*”, com poemas de Chacal e Hélio Oiticica, entretanto, o projeto gráfico da revista, que foi idealizado por Lapi, não seguia um padrão e, assim como as colunas, era variável. A tiragem inicial da revista foi de 25 mil exemplares e com as edições seguintes foi baixando até chegar a 10 mil.

A tiragem inicial da revista foi de 25 mil exemplares, porém, embora tivesse um pequeno, mas fiel público, a *Rolling Stone* brasileira foi diminuindo, nas edições seguintes, a sua tiragem, até chegar aos 10 mil. Teve uma vida efêmera, acabando devido ao caráter assistemático de sua produção e de seus produtores, assim como aconteceu com inúmeras outras iniciativas da imprensa alternativa. Tais impressos tornaram-se um grande *happening* dentro do cenário da arte e da cultura brasileira,

⁵⁸ TOMASSI, Jefferson “Drope”. **Free Press. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, no.20, 12/07/1972, p.8.

⁵⁹ SHALDERS, Sheila, JESUS, Telmo de. **HORÓSCOPO. Rolling Stones**, Rio de Janeiro, no.12, 04/07/1972, p.22.

cujo empenho pela produção e difusão independente da informação, desvinculadas dos esquemas oficiais, através de novas formas de linguagem, por si só constitui um aspecto da luta ideológica: "Pedras que rolaram no Brasil nos anos de chumbo".

A coluna *underground*, veiculada no *Pasquim* foi de extrema importância na divulgação da contracultura no Brasil, dando origem a outras iniciativas, como a *Flor do Mal*, impresso de caráter poético, psicanalítico e místico, e a *Rolling Stone*, de cunho musical (especialmente o rock) e comportamental. Apesar da especificidade de cada produção, têm em comum: a busca da prática existencial (visto ser totalmente impedida a prática política num ambiente de ditadura); o questionamento não programático, não partidário da "verdade", em suas diversas instâncias (política, econômica, cultural, social, religiosa, entre outras); a busca da transcendência através do misticismo e das drogas; e a linguagem fragmentária, anárquica, lúdica e experimental, totalmente distante do que era então produzido pela imprensa convencional.

3. FRAGMENTOS DE CONTRACULTURA ATRAVÉS DAS FONTES: “Da política para a vida”

(...)A revolução está aí nas barbas e cabelos da gente, nos Estados Unidos, na União Soviética, na Suíça, na França, na China e no Brasil. Basta ver para crer, mas não basta contemplar; nós estamos neste barco e quase sempre não percebemos isso, ou o percebemos parcialmente. É a revolução interior: a expedição rumo ao abismo de nós mesmos, a verificação de que não só as contingências econômicas e sociais nos aproximam; deve haver uma força que nos une acima de tudo; e há; e a revolução do século, a maior de todos os séculos, é a consciência da substância desse amor. A gente vai ter que atirar toda essa casca de milênios para suportar a presença (real, efetiva e exuberante) do próximo sem se desintegrar na neurose cósmica que tem sido a História até nossos dias.⁶⁰

⁶⁰ BARRETO, Jule. **Reich está vivo**. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.06.18/04/1972, p.16.

No terceiro e quarto capítulos desta pesquisa, mapeamos o discurso da contracultura através das fontes, por eixos temáticos. “**Da política para a vida**” refere-se à ampliação do conceito de política, estendida à questão sexual, visualizada nas fontes com os temas acerca do surgimento das comunidades alternativas, em detrimento à família monogâmica; da androginia; da homossexualidade; do feminismo, entre outros de grande pertinência para o entendimento da contracultura.

3.1 A Revolução Sexual & a Esquerda Freudiana

(...)Somos *establishments* em miniatura, auto-suficientes, sistemas fechados de energia que podem romper-se numa tempestade mágica e nos derrubar e apagar – para que ressurjamos sempre na situação, e assim sejamos a situação, jogo dialético de ser e não ser fora do qual apenas sonhamos que existimos. É hora de ler Wilhelm Reich. Se a palavra é a máxima entidade cultural do Ocidente, e se nós mesmos somos o Verbo, somos ambos rígidos e incomunicáveis. (...)é fácil notar que temos sido, com pouquíssimas variantes, um arquétipo de nós mesmos até quando falamos em “revolução sexual reichiana”. A revolução de hoje é sobretudo a consciência de que não sofremos o tempo e a História, mas que os somos porque os fazemos a todo instante e corriqueiramente. Reich foi o paranóico de todos os tempos, que vive na pele a dimensão mítica e arquetípica do Homem. Libertar-se com ele é libertar-se do padrão e cair no cosmos, feito éter. Para existir é preciso antes inexistir alguns milhões de vezes.⁶¹

A busca por uma existência autêntica levou a juventude contracultural dos anos 60 a ampliar o seu conceito de política, estendendo-o ao corpo, ao comportamento dos indivíduos, à questão sexual. As considerações marxistas já não respondiam aos novos paradigmas que se impunham.

(...)Para os jovens, comer evidentemente não é tudo; pelo contrário, a juventude é uma fase da vida em que todos os instintos florescem. Havia,

⁶¹ BARRETO, Jule. **Reich está vivo**. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.16.

por exemplo, uma questão muito importante para os jovens, sobre a qual o marxismo não dizia nada, e que estava relacionada com o sexo. Muitas pessoas, que foram formadas, que se desenvolveram e evoluíram a partir da perspectiva marxista chegaram ao ponto de perceberem que era preciso alargá-la por exigência de sua própria vida cotidiana, na qual o sexo desempenhava um papel importantíssimo, preponderante, talvez a principal preocupação das pessoas. E, no entanto, a sua postura ideológica não tratava desse assunto. (MACIEL,1978, p.34-35).

Através da psicanálise e de sua proposta de autoconhecimento e sanidade psíquica, observava-se o quanto a sociedade era alienante e repressora da natureza humana; através do existencialismo sartriano, procurava-se o exercício pleno da liberdade, ou seja, da escolha; e, através das filosofias orientalistas e da utilização das drogas lisérgicas, apontavam-se novos caminhos para o entendimento e para a formação de uma nova consciência.

Em todas as fontes elencadas para este trabalho, a questão sexual é refletida como essencial para o descondicionamento do indivíduo. Parte dessa geração estava imersa nesta nova sensibilidade, originada dos veios abertos pela *Beat Generation*, pela busca dos êxtases “no instante vivido”: o paraíso agora!

O conceito de instantaneidade revela-nos que a realidade não é um sujeito que confronta um objeto: é uma experiência instantânea. O que aconteceu no instante anterior não existe mais em lugar nenhum, só em nossas cabeças, como memória; isto é, numa imagem. A compreensão do “aqui e agora” remete-nos à idéia de uma política libertadora, na qual a ação é exercida por homens livres, comprometidos com uma única realidade, que é a experiência do instante “vivo”.

(...)A atenção deve se concentrar inteiramente no instante presente, para uma percepção plena. Ao ler estas linhas, sua mente está inteiramente absorvida em acompanhar um jogo conceitual, dentro de um condicionamento rígido. Liberte a visão: veja o papel, a tinta sobre ele; sinta nos dedos o papel; cheire; escute. Repare que a experiência sensorial se renova, de instante a instante; repare como as impressões mentais se renovam. Surpreenda os fotogramas do cinema da vida. Veja a evanescência dos corpos físicos que se movem, não deixando resíduos de um instante para o seguinte, sendo o espaço uma articulação mental sobre essa outra articulação mental que chamamos tempo.(MACIEL, 2004, p.105)

A temporalidade à qual o homem é submetido, fixada na idéia dualista de vida e de morte, nesta perspectiva, deixa de ser ocasionadora do conflito principal do ser

humano, pois cada instante é a eternidade, suprimindo a continuidade dos mesmos. Em “Aqui e Agora”, Ernesto Bono⁶² dedica uma página inteira ao conceito de instantaneidade, com uma linguagem profética:

(...)O Aqui é o próprio homem-Deus, se desperto e livre como o foram os grandes mestres de todos os tempos, ou também é o próprio homem-Satanás, se dormindo ou escravizado ao “eu”, ao qual como Penélope tece a teia ilusória do espaço-tempo, em que caberia um um infinito universo de absurdos, dialéticos e sensoriais(...)⁶³

Em “A Mentira do tempo”, Maciel comenta sobre a fixação do ser humano no futuro, sendo que a única certeza é a da morte, o que ocasiona a angústia. O primeiro elemento da análise da existência humana, que marca todos os seus desenvolvimentos posteriores, é a descoberta da finitude radical da existência. A morte foi a grande musa dos existencialistas. Miguel de Unamuno (2001) expressa, com clareza, esse sentimento “trágico da vida”, ao declarar que só a continuidade da consciência individual pós-morte poderia tranqüilizar o torturado coração humano: “não morrer, sobreviver para sempre – esta é a aspiração suprema do ser humano, e tudo o mais é secundário diante dessa esperança vã, mas absoluta”.

Segundo Maciel, viver o momento presente de forma absoluta leva o indivíduo a suprimir a idéia de tempo (passado, futuro), eliminando a angústia da morte.

(...)O reconhecimento da mentira do tempo não é metafísica abstrata. É o reencontro da mente consigo mesma, no nível concreto, imediato, da experiência cotidiana. Estar de fato com os pés na terra não é ficar querendo atender loucamente a todas as solicitações dos jogos mundanos, suas necessidades egóicas, suas teias abstratas e dolorosas, mas focalizar-se inteiramente no aqui e agora eficiente. É uma questão de simples atenção. (MACIEL,1987,p.163).

Este novo comportamento, com componentes orientais e psicanalíticos mediante a vida, conferiria, também, à sexualidade uma transcendência, a união entre o “corpo e o espírito”.

⁶² Ernesto Bono, médico gaúcho que estuda vários assuntos ligados à religião. Ele afirma o monismo puro, sem o dualismo tanto religioso como filosófico que é uma forma de alienação ocasionadora de uma existência inautêntica.

⁶³ BONO, Ernesto. **Aqui e Agora. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 3ª. Edição. 18 de agosto de 1971, p. 03.

Na coluna *Underground*, no *Pasquim*, Maciel começou a escrever vários artigos referentes a esta nova postura, intitulando-os de “Esquerda Pornográfica”, numa menção à esquerda freudiana. Comentava acerca do pensamento de Marshall McLuhan, Wilhelm Reich, Herbert Marcuse, Norman O. Brown, entre outros, que tratavam da questão sexual na sociedade e contestavam, não só a organização da mesma, mas, também, a do próprio espírito. Anterior às diferenças sociais e econômicas, o sistema como um todo, ou seja, incluindo as classes menos favorecidas e as mais abastadas, estavam condicionadas à perpetuação de uma humanidade neurótica. A história maniqueísta de pobres “mocinhos” contra os ricos “bandidos” era colocada em cheque por essa “nova visão”. Entendia-se que, tanto uns como outros, padeciam de um mesmo sistema e que a transformação deveria ser mais aprofundada, começando pelo próprio indivíduo.

(...) O projeto revolucionário tradicional, marxista, político, era uma coisa toda da cabeça. Você continuava vivendo exatamente como antes, fazia as mesmas coisas, só que você queria fazer a revolução, e mudar a sociedade. E nessa visão, quando são juntos o marxismo e a psicanálise, você tem uma compreensão mais ampla, porque não é só mudar a sociedade, é mudar a si próprio também. E isso vai conduzir àquela modificação radical, pois você vai chegar à conclusão que pode fazer uma transformação radical em si próprio, não no futuro, não depois de uma análise ou de uma revolução, mas aqui e agora, isto é o que se chamou de desbunde. (MACIEL,1982,p.40).

O termo “desbunde” aparece de forma pejorativa nos tempos em que ter um posicionamento político (no sentido tradicional do termo) estava em voga, referindo-se às pessoas “com um grande desvio pequeno burguês”. Passou a representar uma maneira de ser descompromissada com o mundo que floresceria no Brasil, especialmente entre “as crianças do *underground* carioca”, que começaram a curtir o movimento no píer de Ipanema, contudo, sem muita informação teórica a respeito.⁶⁴ Para os “desbundados sem informação”, Maciel escreve um manual de sobrevivência “intelectual”, nas também chamadas “Dunas da Gal” ou “Dunas do Barato”. Em *Cultura de Verão*, algumas dicas para o verão de 1969:

⁶⁴ CARTA, Mino. **Foi apenas sonho e acabou.** A história de um esgoto, de uma festa em Ipanema e de um maremoto. VEJA, 07 de março de 1973, p.41.

(...)Não diga “válido”, “lúcido”, “autêntico” ou “inserido no contexto”, mesmo que morra de vontade. Essas palavras já viraram tanto piada, que você não deve dizê-las nem como piada. Se você tiver mania de engraçado, invente piadas novas. Essas não valem e o *copyright* pertence ao Jaguar.

(...)Esnobe a tal Revolução Sexual. Inventaram esse negócio na década de 30 e estão tentando ressuscitá-la, tantos anos depois. Diga que sua revolução sexual é outra, mas não explique qual, porque está pegando bem você despertar terríveis suspeitas sobre sua própria pessoa. Se alguém falar de Herbert Marcuse, pode cair na gargalhada sem o menor constrangimento. Marcuse foi bom papo no verão passado – e, olhe lá hein! Hoje, não cola mais. Diga antes que você é muito mais Norman O. Brown, que é um cara que não tem livro traduzido e, portanto pouca gente conhece. Antes de sair a *Revolução Sexual*, em português, pela Zahar, também dava para gastar um Wilhelm Reich de leve. Agora, não dá mais. Fique com Brown e procure restituir ao sexo um pouco de seu mistério perdido.

(...)Termino com mais alguns tópicos para o seu caderninho. Lembre que ser a favor do chamado Teatro da Agressão não é tão pra frente assim. A onda agora é teatro onde todo mundo fica nu em cena. Mas não fale com entusiasmo sobre suas perspectivas nos palcos brasileiros. Prefira filosofar sobre a inutilidade histórica do teatro. Condene o cinema à mesma triste sina. Diga que até Godard já acabou e que a única coisa que existe é o *underground*. Minta descaradamente que já viu alguns filmes. Em revista de cinema, você pode decorar o nome dos diretores e o assunto dos filmes: é o que basta. Se você quiser mostrar-se mais avançado do que os mais avançados, pode esnobar também Marshall Macluhan, a Teoria da Informação, o Umberto Eco e a Nova Esquerda Americana.⁶⁵

Joel Macedo, em “Fiquemos Todos”, comenta a respeito do fim do movimento *hippie* norte-americano e, correlatamente, do início do processo contracultural brasileiro, em 1971. Fala da especificidade do movimento brasileiro e que, tarde ou não, seria necessário viver todo o sonho para depois, como os norte-americanos, acordar.⁶⁶ Afirma que, em 1967, a cultura *pop* explodia na América e grupos como *Grateful Dead* e *Jeferson Airplane* começavam a estourar em todo o país. Em 1971, a música *pop* penetra no Brasil como fenômeno de massas e grupos nacionais como *A Bolha* e *Módulo Mil*, de cunho *underground*, começam a se projetar.

(...)Em 1967 acontece o Festival de *Monterey* que vem a ser o primeiro dos grandes festivais e que desencadeia a *Woodstock*. Em 1971 pinta por aqui o Festival de Guarapari que reúne pela primeira vez 10 mil *hippies* durante 03 dias e começa-se a transar o festival *pop* de Cabo Frio (...)Em 67 os cabelos grandes tomam conta da massa jovem na América. Em 71,

⁶⁵ MACIEL, Luiz Carlos. **Cultura de Verão. O Pasquim**, Rio de Janeiro, no. 21, 13 a 19/11/1969.

⁶⁶ MACEDO, Joel. **Fiquemos todos. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 2ª. edição, 1971, p.12.

os cabelos cumpridos se tornam um dado definitivo e pacífico no Brasil. (...) Em 67, o *Living Theater* ataca no off-off-Broadway e começam as transações de *Hair*. Em 1971, no Brasil, surgem “Longe daqui, aqui mesmo” e “Hoje é dia de rock”, primeiras manifestações *freaks* de autores nacionais. (...) Em 67, nascem os jornais *underground* americanos, o *Seed*, de Chicago; o *East Village*; *Other* de Nova York e o *Berkeley Barb*, de Berkeley. Em 71, começam a pintar *A Flor*, *Presença* e *Rolling Stones* como os primeiros de uma série.⁶⁷

O “desbunde” apareceu na coluna *Underground*, já em 1969, marcando a posição de Maciel dentro do semanário, frente a um grupo considerado por muitos, como preconceituoso em relação à nova consciência advinda da contracultura. Com o artigo *Revolução Sexual*⁶⁸, Maciel foi processado pela Lei da Imprensa, sob a acusação de ir contra “a moral e os bons costumes”. Este artigo foi colocado de forma lúdica pelo mesmo, que tinha visto em revistas norte-americanas, especificamente na *Playboy* e na *Evergreen Review*⁶⁹, anúncios de propostas de transas sexuais, e resolveu publicar algumas fantasias.

Garota Bacana – deseja encontrar outra garota bacana que goste de garotas bacanas. Caixa PS 1266.

Casal – bonito, sem inibições, bissexual, morador de Manhattan, com grau universitário, com menos de trinta anos, procura convites para festas sexuais, embaladas na base de todo mundo nu, com outros casais amorosos. Caixa PS 166

O Homem Grandalhão – que molestou a menina de sete anos de idade, de rabo-de-cavalo, vestidinho curto e sapatinhos de couro, há 11 anos atrás, na estação do subway, na esquina da Rua 14, com Canarsie, poderia aparecer e apresentar-se? Eu sou a menina. Agora estou pronta. Caixa PS 1166.⁷⁰

Na mesma matéria, contemplam-se anúncios da revista *Playboy*⁷¹, com o apimentado depoimento dos leitores, colocando em cheque o casamento monogâmico:

⁶⁷ MACEDO, Joel. **Fiquemos todos. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 2ª. edição, 1971, p.12.

⁶⁸ MACIEL, Luiz Carlos. **Revolução Sexual. O Pasquim**, Rio de Janeiro, no 08, 08/1969.

⁶⁹ **Evergreen Review**, Estados Unidos, no. 66, maio de 1969, p. 94.

⁷⁰ MACIEL, Luiz Carlos. **Revolução Sexual. O Pasquim**, Rio de Janeiro, no 08, 08/1969.

⁷¹ **Playboy**, Estados Unidos, vol. 15, no. 01, janeiro de 1968, p. 64.

(...) Depois de 18 anos de casamento, minha esposa e eu chegamos à conclusão de que eu necessitava de mais de uma mulher para satisfazer minhas necessidades sexuais. Minha esposa foi capaz de encarar a realidade sem nenhum ciúmes neurótico. Encontrei uma mulher adequada que era também capaz de aceitar a nossa relação pouco ortodoxa. Quando ela se mudou para nossa casa, dissemos aos vizinhos que era uma irmã minha vinda do Leste. Por sete anos, nós três temos vivido em completa felicidade.⁷²

(...)Estou noiva de um homem com quem venho saindo ultimamente e por quem estou apaixonada. Como seria de se esperar, ele me levou para conhecer a sua família. Aí é que vem o problema. Seu pai é rico e diretor de uma companhia de seguros. Logo depois que soube de nossas intenções de casar, convidou-me cordialmente para almoçar com ele. Durante o almoço, ficou claro que suas intenções não eram exatamente fraternais. Fez, então, vários outros convites que eu recusei, naturalmente. Agora, imaginem meu horror quando descobri que minha futura mãe também demonstrou por mim uma afeição consideravelmente maior do que a maternal. Ambos, pai e mãe, têm sido incômodos e persistentes. Nenhum deles parece perceber o interesse do outro em mim. Asseguro que isso não é apenas imaginação da minha cabeça.⁷³

Ao contrário do conteúdo desses classificados publicados na coluna, Maciel acreditava que aquilo não consistia na verdadeira Revolução Sexual, e sim, em repressão, com “vestes modernas”. Para ele, a repressão sexual é um processo intelectual, que interfere no sexo e tenta regulá-lo. É esse processo intelectual - o pensamento - que vai decodificar se o sexo é “bom” (lícito) ou “mal” (ilícito), ou seja, ele será o árbitro de uma função que deveria ser natural, desvirtuando-a.

O pensamento não é uma via natural, e sim, uma estrutura mental construída através da educação, geralmente deformadora, negadora do princípio de prazer. Mesmo quando se tenta destruir uma construção mental conservadora por outra, ou seja, por um pensamento mais libertário, não há um verdadeiro processo integral do ser que desconstrua as “antigas histórias” criadas pela mente. O que existe são novas construções, tendo, como base, “histórias (experiências) repressivas” não superadas. Para Maciel, a verdadeira transformação não se dá pela contraposição de idéias sobre o sexo, mas, sim, pela superação da questão sexual.

(...)a minha geração sofreu tantas contradições, com pessoas aparentemente tão liberadas, mas tão apegadas ainda às normas

⁷² MACIEL, Luiz Carlos. **Revolução Sexual. O Pasquim**, Rio de Janeiro, no 08, 08/1969.

⁷³ MACIEL, Luiz Carlos. **Revolução Sexual. O Pasquim**, Rio de Janeiro, no 08, 08/1969.

tradicionais. Porque elas estabeleceram com as normas tradicionais apenas um jogo intelectual, apenas um jogo mental. Não atravessaram a verdadeira experiência que pudesse permitir a liberação. Como todas as outras liberações, a liberação sexual depende de uma transformação total do ser. É uma ioga que pode ser atingida pelos métodos de meditação e que tem que transformar o seu corpo e o seu nível de consciência. Eu não sei qual é o primeiro, porque provavelmente é uma transformação simultânea. É uma transformação através da qual você não contrapõe uma idéia sobre o sexo a outra idéia sobre o sexo. Você supera a questão sexual. Supera, no sentido de que o sexo deixa de ser um problema a ser pensado, a ser refletido, a ser resolvido, a ser deliberado. O sexo passa a ser uma manifestação da vida que flui espontaneamente. (MACIEL, 1982, p.42).

A favor do sexo como uma manifestação da vida, o romancista norte-americano Norman Mailer, seguidor de Reich, pregava aquilo que o movimento *hippie* tinha como postura: o desligamento efetivo, do indivíduo, de todos os valores consagrados de sua cultura e civilização, em prol do físico e da fruição orgiástica de seus instintos finalmente libertos. Desenvolvem a teoria do poder religioso do sexo, colocando sua revolta e protesto contra a destruição dos instintos e da perversão, determinado pela moral protestante, monogâmica e repressiva do *square* americano. (MAILER apud MACIEL, 1973, p.33). Partindo da teoria de Reich, do “bom e mau orgasmo”, afirma que o “mau orgasmo” se dá pelo ajustamento do indivíduo ao sistema vigente. O ajustamento social, segundo ele, desenvolveria o câncer, que, mais do que uma desordem vital, seria, também, o resultado da repressão das células, que, revoltas, ocasionam a doença (MAILER apud MACIEL, 1982, p.62). Se o indivíduo, seguindo uma lógica externa, não se revolta contra a repressão que age incessantemente sobre ele, sua lógica interna, suas células, promovem a revolução. Dessa cisão de comunicação entre o externo e o interno, surgem as doenças. O câncer é considerado a doença do *establishment*. Nos Estados Unidos, é a ética protestante do país que origina o câncer e são os *hipsters*, segundo Norman Mailer, que a combatem, com sua conduta fora dos padrões da normalidade imposta. Os *hipsters*, em busca do “bom orgasmo”, rejeitam sua consciência moral, trituram seu superego, não devido a um desvio mental patológico, mas a partir de um projeto existencial consciente.

Mailer define, em termos psiquiátricos, o que seria o *hipster*:

O *hipster* é um psicopata filosófico. Ele se caracteriza, como o psicopata pelo desprezo às regras estabelecidas, pelo egoísmo individualista que não respeita o direito dos outros, pela sua entrega cega e total ao prazer do momento e pela sua negação anárquica e criminosa de todas as normas razoáveis de comportamento. (MAILER apud MACIEL,1973,p.37).

O termo *hipster* foi utilizado, pela primeira vez, no poema *Uivo* de Allen Ginsberg. *Hip* significa, em inglês, quadril, parte do corpo humano que simboliza o movimento, a graça e a deselegância, a rigidez e a leveza.

(...)O termo *hip* foi posto em circulação no mundo inteiro com o Movimento Internacional do Psicodelismo, movimento social e até certo ponto político, nascido de uma conquista científica: a descoberta das poderosas virtudes dos produtos químicos alucinógenos, dos quais o LSD é o mais famoso. Seus adeptos, os *hippies* infiltraram-se nas classes médias de todos os países, graças a uma eficiente campanha publicitária gratuita dos grandes meios de comunicação de massa. A roupa psicodélica, a música psicodélica, o Chacrinha de todos nós, são parte do cotidiano. (MACIEL,1973,p.33-34)

Algo ou alguém *hip* correspondia a ser antagônico ao padrão *square* (quadrado), os conformistas e ajustados do sistema. O termo foi popularizado através do artigo escrito por Norman Mailer: *The White Negro: Superficial Reflections on the Hipster* (1956). Neste artigo, Mailer coloca todas as angústias inerentes ao contexto da sociedade americana na segunda metade do século XX. Para ele, essa angústia era gerada pela ameaça concreta de destruição da própria humanidade, através de um holocausto nuclear e da correspondente dominação crescente de sistemas políticos totalitários, que roubam a liberdade dos indivíduos, transformando-os em conformistas bem ajustados, em objetos passíveis de manipulação. O *hipster*, nesse contexto, é o homem que, em face do fracasso da revolução proletária nas sociedades industriais desenvolvidas, rebela-se contra tal estado de coisas. O título “White Negro”(“o negro branco”) refere-se à condição inerente ao negro na sociedade norte-americana, que, marginalizado e em constante perigo de agressão pelo poder estabelecido, contém, em seu interior, o espírito da revolta. Essa revolta dá-se, em um primeiro momento, através do *jazz*, do instinto sexual não reprimido e de sua violenta negação dos valores do *american way of life*, o que torna essa raça, segundo Mailer, revolucionária. Contudo, o *hipster* que se ocupa em suas reflexões é o branco. Este nega, consciente e voluntariamente, as

suas origens, em busca da liberdade. Por isso pode ser definido como um novo tipo de existencialista, cuja principal diferença, mediante a versão francesa, sartriana, é quanto ao conteúdo místico e religioso de sua revolta.

O misticismo a que se refere é o da carne, o do poder religioso do sexo, porque, processando sua revolta num plano superestrutural, seu primeiro protesto é contra a destruição do instinto e a perversão do sexo, ambos determinados pela moral do *square* norte-americano.

A prostituição, a perversão e a pornografia são sintomas da dominação da sociedade capitalista, que torna algo natural em produto (um dos mais bem vendidos atualmente...). Estimulam-se desejos sem os satisfazer plenamente, neste contexto, as fantasias servem apenas para encobrir neuroses sexuais.

Quanto aos anúncios, Maciel acredita que consistiam na aquisição de uma nova estrutura mental para brigar e reclamar da necessidade de uma liberação, restituindo à função sexual a sua espontaneidade e naturalidade.

O inquérito contra o conteúdo dos artigos da coluna *Underground* deu-se, propositalmente, para censurar *O Pasquim*, por conta da entrevista com Tom Jobim, quando o mesmo afirmou haver racismo no Brasil. Maciel foi chamado para responder a este inquérito como testemunha, e o delegado resolveu saber a opinião do mesmo sobre o assunto. Ele concordou com as idéias de Jobim e, assim, levantou possíveis suspeitas a seu respeito. Procuraram todas as matérias escritas por Maciel e acharam este artigo que o denunciou como subversivo no aspecto comportamental. Contudo, o “crime” tinha prescrito há dois dias, pois, completava-se dois anos da publicação do artigo. Maciel livrou-se do processo.

Continuou escrevendo, na coluna, sobre o sexo numa perspectiva social, publicando artigos que, em cada edição, apresentavam, ao leitor, abordagens diferenciadas de alguns pensadores sobre o tema. Nestes artigos, que faziam parte da série “A Esquerda Pornográfica”, inicialmente apresentou o pensamento de Marshall McLuhan, conhecido pelo estudo que desenvolveu sobre a cultura de massa. Para McLuhan, a sociedade e a cultura são moldadas através dos meios de comunicação, transformando o mundo em uma grande tribo. E a tribo, segundo ele, tem como característica principal a liberdade sexual:

(...)Toda a orientação das jovens gerações é no sentido de uma volta ao nativo e isso reflete nos seus costumes, na sua música, no seu cabelo

comprido e no seu comportamento sócio-sexual. A geração com menos de vinte anos já está se tornando parte de um clã das selvas. Quando o jovem entra para esse clã, seus sentidos são eletricamente intensificados e ganham mais extensão. Há, então, uma amplificação correspondente de sua sensibilidade sexual. A nudez e a sexualidade desinibida estão crescendo porque a TV faz uma tatuagem de suas mensagens em nossa pele e transforma as roupas numa barreira e em algo absoleto. O novo sentido do tato faz com que seja natural, para os jovens, ficarem constantemente se tocando, uns aos outros. A televisão, estimulando todos os sentidos ao mesmo tempo, também dá uma dimensão sensual nova e mais rica à sexualidade cotidiana (...) No momento em que toda a sociedade adquire características tribais, é inevitável que nossa atitude em relação ao sexo também se transforme.⁷⁴

“O meio é a mensagem”. Com este aforismo McLuhan aponta para um novo tipo de sensibilidade, na qual, o meio traz conseqüências sociais e pessoais, resultantes do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia, que é a extensão de nós mesmos. A máquina, por exemplo, independente do tipo de produção que faz, constitui a mensagem, transforma as relações, dependendo da forma como é utilizada. O autor pretende assim postular que o meio, geralmente pensado como um simples canal de passagem do conteúdo comunicativo, é um elemento determinante da comunicação.

Para McLuhan, o meio, a tecnologia em que a comunicação se estabelece, não apenas constitui a forma comunicativa, mas determina o próprio conteúdo da comunicação. (MACLUHAN, 2006).

Partindo deste princípio, decorreram suas pesquisas sobre os meios comunicativos usados pelos homens ao longo da sua História e a identificação das características específicas de cada um. McLuhan delimita três períodos importantes na pesquisa dos meios comunicacionais: o primeiro seria a cultura oral ou acústica, própria das sociedades não-alfabetizadas; a segunda, a cultura tipográfica ou visual (Galáxia de Gutenberg) que caracteriza as sociedades alfabetizadas e que, pelo privilégio atribuído à escrita e, conseqüentemente, à leitura, traduz-se na valorização do sentido da visão; e, finalmente, a cultura eletrônica, determinada pela velocidade instantânea, caracterizada pelos meios elétricos de comunicação e pela integração sensorial para que esses meios apelam. A cada uma destas configurações ou galáxias, corresponde um modo próprio do homem pensar o mundo e de nele se

⁷⁴MACIEL, Luiz Carlos. **A Esquerda Pornográfica (I) - Hoje: Marshall McLuhan. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 25. 11 a 17/12/1969.

situar. Os meios de comunicação elétricos, com sua instantaneidade e velocidade, permitem a partilha de mensagens e experiências distantes e exóticas, promovendo um novo tipo de aproximação social, em larga escala, através do caráter massivo da sua recepção (difusão).

No artigo intitulado “A Esquerda Pornográfica (II): a vez de Marcuse”, Maciel coloca a perspectiva do mesmo, que parte de Freud, sobre seu conceito de fruição orgiástica do instinto, para uma conceituação filosófica altamente sofisticada, em sua obra *Eros e Civilização* (1978), no qual desenvolve o conceito de uma cultura libidinal não repressiva, ou seja, que não agride os instintos.

(...)O que ele diz é que toda vez que não há um orgasmo completo, ou seja, que não há uma liberação completa de energia libidinal, essa energia fica bloqueada em diferentes níveis do corpo. Ele chama de couraças, que impedem a transação da energia toda. E essas couraças, então, provocam a neurose, porque a energia é deslocada. A energia adoece retida pelas couraças. As couraças podem obstruir vários pontos do corpo (nariz, garganta, peito) até a última, que é a couraça pélvica. O tratamento de Reich é procurar liberar esta transação errada de energia para que o orgasmo seja completo e ela se descarregue totalmente. (MACIEL,1982, p.39).

Maciel discorre sobre a teoria freudiana, que concebe a civilização como castradora do ser humano em suas necessidades instintivas. Contudo, afirma, ao contrário de muitos, que a civilização cria as pré-condições para a abolição da repressão e transformação da sociedade.

No prefácio da primeira edição, escrito em 1966, Marcuse destaca o fato da moderna sociedade industrial depender, cada vez mais, da produção, do consumo e do obsoletismo planejado. Localiza o “inferno” nos guetos da sociedade afluenta e nas áreas cruciais do mundo subdesenvolvido, e interpreta a propagação das guerrilhas, no apogeu do século tecnológico, como um acontecimento simbólico: a energia do corpo rebela-se contra a repressão intolerável e lança-se contra as máquinas de opressão. Ou seja, dentro do corpo doente - a sociedade - manifestam-se os “anticorpos” geradores de sua destruição. A isto Marcuse (1968,p.65) chama de dialética da civilização.

Afirma que, dentro deste contexto, o princípio de realidade (sujeito consciente, Thanatos) supera o princípio de prazer (sujeito inconsciente, Eros), através de uma mudança em sua estrutura instintiva (que se dá através de uma contingência

histórica e não biológica) que desvia sua energia sexual para o trabalho. Nisto consiste a mais-repressão⁷⁵ e o princípio de desempenho.

A crença na razão individual dos séculos XVII e XVIII, extensiva a todos os aspectos da vida, deslocou-se para a crença nas técnicas e para uma aplicação, cada vez mais exclusiva, da razão utilitária.

Mais do que combater o capitalismo, como os grupos radicais faziam em diversos países, seria necessário detectar o perigo da tecnocracia, como uma forma de totalitarismo mais eficiente do que qualquer discurso político.

As modernizações revestem-se através do discurso da segurança e do controle social, que engloba a dinâmica da racionalização, da eterna atualização e do planejamento. Este sistema social, que chamamos de tecnocracia, caracteriza-se, a priori, pela sistematização de homens e recursos para a produção.

Segundo Peçanha, a tecnocracia desenvolveu-se, rápida e profundamente, nos Estados Unidos, porque encontrou condições favoráveis no caráter americano pragmático:

(...)O pragmatismo relaxa todas as nossas teorias, flexiona-as e põe-nas a trabalhar. Não sendo nada essencialmente novo, se harmoniza com muitas tendências filosóficas antigas. Concorda com o nominalismo, por exemplo, sempre apelando para os particulares; com o utilitarismo, dando ênfase aos aspectos práticos; com o positivismo, em seu desdém pelas soluções verbais, pelas questões inúteis e pelas abstrações metafísicas.(JAMES,1963,p.48).

Esse caráter pragmático dos norte-americanos é marcado pelo símbolo da fronteira. “O homem de fronteira”, segundo Peçanha (1998), é caracterizado pela praticidade, empenhado na luta pela sobrevivência em lugares isolados, nas pradarias e florestas, não se permitindo abstrações ou meditações que constituíam uma ameaça, visto que estavam constantemente em perigo. A fronteira consistia em um lugar aberto, que instigava à locomoção, à exploração e à dominação. A partir disso, surge o interesse americano pela conquista do espaço físico que, conjugado ao pragmatismo e ao otimismo, levou a um aprimoramento das técnicas e à crença de que essas, em si mesmas, poderiam deter o poder de controle e alteração de toda a natureza, inclusive a humana, através da conduta.

⁷⁵ Marcuse (1978,p.50) utiliza o conceito de “mais-repressão” para designar as restrições requeridas pela dominação social.

A importância dada à conduta é resquício do puritanismo dos “homens de fronteira”, que não admitiam deslizes nas ações manifestas. Tinha-se que adquirir “bons modos” e comportamentos aceitáveis pelos padrões sociais. Esses padrões convenientes ao sistema foram transformados numa “nova natureza humana”.

(...)A tecnocracia age no sentido de eliminar as brechas e fissuras anacrônicas da sociedade industrial. A metódica sistematização que Adam Smith louvou em sua famosa fábrica de alfinetes estende-se hoje a todas as áreas da vida, proporcionando-nos uma organização humana que compete em precisão com nossa organização mecânica. (ROSZAK,1972,p.19).

A política, a educação, o lazer, o entretenimento e os desejos conscientes ou não, devem, através desse sistema, ser racionalizados e normatizados para manterem o coração tecnológico batendo regularmente.

(...)A técnica exige previsibilidade e, em não menor grau, exatidão de previsão. É necessário, portanto, que a técnica prevaleça sobre o ser humano. Para a técnica isto é uma questão de vida ou morte. A técnica precisa reduzir o homem a um animal técnico, o rei dos escravos da técnica. O capricho humano esboroa ante a necessidade; não pode haver nenhuma autonomia humana face a autonomia técnica. É preciso que o indivíduo seja talhado por técnicas, quer negativamente (pelas técnicas de compreensão do homem), quer positivamente (pela adaptação do homem à estrutura técnica), a fim de se eliminar os defeitos que sua determinação pessoal introduz no projeto perfeito da organização. (ROSZAK apud ELLUL,1972, p.19).

Os objetivos da organização são atingidos através da relação de adaptação do indivíduo à tecnocratização de sua vida, compromissada com o trabalho. As motivações primeiras são de cunho econômico, tão-somente em resposta a compensações pecuniárias. Para tanto, este indivíduo deverá ser “convencido” a deixar suas aspirações pessoais para, então, “vestir a camisa da organização”.

As supostas motivações quanto à “conformação” do indivíduo à organização tecnocrática, segundo o economista John Kenneth Galbraith (1982, p.104-105), são quatro. A primeira é chamada de **compulsão**, que consiste no grupo forçar a aceitação de seus objetivos. Não aceitá-los derivaria em uma punição. A segunda é

chamada de **pecuniária**, que consiste na aceitação dos objetivos. O indivíduo oferece à organização seu “tempo e esforço” e, em contrapartida, recebe sua gratificação. A terceira é chamada de “**conformação**” e consiste na aceitação de que os interesses da organização estão acima dos indivíduos.

A quarta é chamada de **adaptação**, quando o indivíduo pode servir à organização, não porque considera os objetivos desta superiores aos seus, mas porque anseia por torná-los mais parecidos com as suas aspirações. Essa premissa está intimamente relacionada com o apetite de poder, no mundo das organizações.

(...)O indivíduo ao associar-se a uma organização, muito provavelmente adotará os objetivos dela em lugar dos seus, se espera modificar os que julga insatisfatórios ou repugnantes. E se estiver muito identificado com os objetivos da organização, mais ainda estará motivado para melhorá-la – alterar (isto é, adaptar) quaisquer objetivos insatisfatórios de modo que eles passem a ficar em consonância com os seus. (GALBRAITH,1987,p.108).

As modalidades de motivações, citadas por Galbraith, serão eficientes se conseguirem adaptar o indivíduo aos objetivos da organização. Para tanto, deve haver coerência entre os objetivos da sociedade, em geral, da organização e do indivíduo.

A coerência dar-se-á na identificação do indivíduo e da empresa com os objetivos sociais. Nessa relação, percebemos a motivação da adaptação. O indivíduo serve à organização com o intuito de adaptá-la, mais intimamente, aos seus objetivos, que refletem uma atitude ou visão social particular. Procurará fazer com que a empresa sirva a essa atitude ou visão. Assim, pensará de uma forma conveniente, que seus objetivos servem a um propósito social. A empresa torna-se, neste sentido, um instrumento para atribuir uma finalidade social aos objetivos daqueles que a formam. Assim, por esse processo de adaptação, serve aos objetivos dos membros da tecnoestrutura.

O sistema tecnocrático ampara-se, concomitantemente, no conceito de **planejamento**. A produção e o consumo devem ser estrategicamente planejados, e, portanto, o comportamento do indivíduo, que faz parte da engrenagem capitalista, deve ser passível de observação e controle. Este controle é efetuado através dos meios de comunicação e instituições que deverão incutir a importância dos bens que

estão sendo vendidos. Com o alto investimento na tecnologia, recursos de normatização fazem-se necessários, para a preservação das organizações frente às intempéries do mercado.

(...) O sistema de planejamento identifica-se com os objetivos da sociedade e os adapta a suas necessidades. A adaptação não seria tão bem sucedida se aqueles que formam a sociedade estivessem cômicos disso, se soubessem, com efeito como são dirigidos. É do espírito do sistema de planejamento fazer com que os objetivos que refletem suas necessidades- produção de mercadorias, expansão constante de sua produção e em seu consumo, vigorosa preferência pelos bens ao lazer, comprometimento irrestrito com as mudanças tecnológicas, autonomia da tecnoestrutura, adequado suprimento de mão-de-obra treinada e instruída – coincidam com a virtude social e o conhecimento humano. (GALBRAITH,1982,p.249).

Ou seja, a normatização é necessária para o controle do que se produz, como, também, para o avivamento de necessidades, que serão agregadas ao conhecimento humano e colocadas como virtudes sociais.

Nesta sociedade que se tornava, cada vez mais, complexa e racionalizada, era fundamental que os indivíduos a ela se adequassem, a fim de não emperrarem a grande marcha da história, do progresso inevitável.

(...)A palavra progrès ou progresso, deriva da expressão latina “progressus” e aparece na primeira edição da Encyclopédie em 1751 significando movimento a frente, ação de avançar ou no sentido figurado “fazer progresso no trabalho, na ciência”.(...) traduz a ação de avançar, em linguagem filosófica quer dizer a marcha do gênero humano em direção a perfeição e a felicidade. A humanidade se aperfeiçoa e caminha incessantemente do pior ao melhor, da ignorância ao conhecimento, da barbárie à civilização.(GIANNATTASIO, 2004, p.11).

O progresso, segundo Marcuse, não é um termo neutro; encaminha-se para fins específicos, e esses são definidos pelas possibilidades de se melhorar a condição humana. A sociedade industrial desenvolvida aproxima-se da fase em que o progresso contínuo exigirá a subversão radical da direção e da organização do progresso predominante. Essa fase seria atingida quando a produção material (incluindo os serviços necessários) se tornasse automatizada a ponto de todas as necessidades vitais poderem ser atendidas enquanto o tempo de trabalho

necessário fosse reduzido por um tempo marginal. Assim, o progresso técnico transcenderia ao reino da necessidade, no qual servirá como instrumento de dominação e exploração, limitando a sua racionalidade; a tecnologia ficaria sujeita à livre atuação das faculdades, na luta pela pacificação da natureza e sociedade.

(...) O que fundamenta o credo progressista é que ele é professado por um pregador sem palavra. A idéia de progresso se constituiu no mito maior da modernidade, um novo princípio de fé religiosa, pois ela garante a confiança e alimenta a esperança, mais ainda, o progresso gera o entusiasmo e o espírito de sacrifício e de solidariedade. Há ainda aqueles intérpretes que identificam na idéia de progresso um bálsamo, uma quimera que dê sentido a vida. Um meio de livrar-se do puro hedonismo, de um lado, e do pessimismo ou desespero total, de outro. (RENAN apud TAGUIEFF:2000) E mesmo Saint-Simon, um dos apóstolos do progresso, teria dito ao morrer que a religião não pode desaparecer do mundo: ela só se transforma. Muda o credo, trocam os pastores, transferem as igrejas e o sagrado reaparece travestido em nossos modernos templos profanos. (GIANNATTASIO, 2004, p.46-47).

Com efeito, o discurso racionalizante é justificado como paradigma ideal, consistindo num regime totalitário que não é visível, e que age subliminarmente e de forma dessublimada.

(...)uma das características da tecnocracia consiste em fazer-se ideologicamente invisível. Seus pressupostos em relação à realidade e seus valores tornam-se tão difusos quanto o ar que respiramos. Enquanto prossegue o debate político cotidiano dentro e entre as sociedades capitalistas e coletivistas do mundo, a tecnocracia expande-se e consolida seu poder em ambas (...) Em todas essas controvérsias, a tecnocracia assume uma posição semelhante à de um árbitro inteiramente neutro numa disputa atlética...(MARCUSE,1969,p.35).

As disparidades ideológicas são contestáveis, mas o sistema tecnocrático está acima de tudo, visto ser justificável através do discurso científico. E, apesar de **aparentemente** não ser coercitivo, **controla** a vida dos indivíduos, em prol de uma questionável segurança material e espiritual.

(...)Em virtude do modo pelo qual organizou a sua base tecnológica, a sociedade industrial contemporânea tende a se tornar totalitária. Pois “totalitária” não é apenas uma coordenação política-terrorista da sociedade,

mas também uma coordenação técnico-econômica não-terrorista que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos. Impede, assim, o surgimento de uma oposição eficaz ao todo. Não apenas uma forma específica de governo ou direção partidária constitui totalitarismo, mas também um sistema específico de produção e distribuição que bem pode ser compatível com o pluralismo de partidos, jornais, poderes contrabalançados, etc.(ROSZAK,1972,p.21).

O progresso técnico requer a aplicação de múltiplas áreas de conhecimento e, assim sendo, uma especialização crescente. Verifica-se, no bojo dessa sociedade industrial, um crescimento acentuado de trabalhadores qualificados, técnicos e gerentes de alto nível, capazes de colocar em execução empreendimentos mais complexos. Esta crescente interdependência das atividades deslocaria o comando dos negócios, do indivíduo para o grupo, ou, mais genericamente, para a organização. Neste sentido, a propriedade do capital e sua gestão estão dissociadas, o poder não emana mais do dono da empresa ou do empresário, e sim, da organização, da administração.

Assim, foi se constituindo uma cultura voltada ao binômio “dinheiro e poder”, a busca de necessidades forjadas que alimentam a mola propulsora desse mecanismo. Entendemos por necessidades forjadas aquelas impostas em prol do interesse social e que perpetuam a labuta e a agressividade do espírito competitivo. Estas “necessidades” tornam-se produtos vendáveis através da publicidade, resultando num consumo eufórico, por uma massa sem vontade própria, que ama e odeia conforme o que é estabelecido.

A racionalização advinda da tecnocracia transformou a economia do *laissez-faire* numa desumanização e mecanização crescentes do indivíduo. Este, separado brutalmente de sua natureza, vive uma experiência de profunda solidão, consumido pelos mecanismos opressivos e se tornando um eufórico consumista de necessidades avivadas pelo sistema.

O princípio de desempenho é o da sociedade aquisitiva em processo de grande expansão, quando, através de um longo desenvolvimento, verifica-se uma dominação crescentemente racionalizada (tecnocracia). O controle sobre o trabalho social reproduz a sociedade numa escala ampliada e sob a aparência de condições progressistas. Durante uma considerável parte dessa evolução, os interesses de dominação e os interesses do todo coincidem: a utilização lucrativa do sistema

produtivo satisfaz as necessidades e faculdades dos indivíduos. Para a maioria da população, a extensão e o modo de satisfação são determinados pelo seu trabalho. Contudo, é um trabalho para uma engrenagem que ela não controla (ao contrário, é controlada), que funciona como um poder independente, o qual o indivíduo tem de submeter-se para viver. A população torna-se mais “alienada”, quanto mais especializada for a divisão do trabalho. Assim sendo, os homens não vivem plenamente suas vidas, mas desempenham somente funções preestabelecidas. Enquanto trabalham, não satisfazem suas próprias necessidades e faculdades, pois o fazem sob alienação⁷⁶. Quanto mais trabalha, mais desloca sua energia sexual e, fazendo isso, sua carga de agressividade aumenta. A repressão sexual é avivada não por uma sublimação, mas sim por uma dessublimação. Ou seja, não se oprime proibindo as manifestações do instinto sexual. Ao contrário, estimula-se, sem satisfazê-las. Marcuse dá a esse fenômeno a denominação de dessublimação repressiva.

(...)Liberta da forma sublimada, a sensualidade se torna um veículo para os *best-sellers* da opressão. Esta sociedade transforma tudo o que toca em fonte potencial de progresso e de exploração, de servidão e satisfação, de liberdade e de opressão. A sexualidade não constitui exceção. Segundo Freud, o fortalecimento da sexualidade (libido) importaria necessariamente o enfraquecimento da agressividade e vice-versa. Contudo, a libertação da libido, socialmente permitida e encorajada, é a da sexualidade parcial, a localizada, ela equivale a uma compressão real da energia erótica e essa dessublimação é compatível com o crescimento tanto de formas não-sublimadas como sublimadas de agressividade. Esta é a desenfreada em toda a sociedade industrial contemporânea.⁷⁷

A dessublimação é entendida como uma excitação do instinto para adoecê-lo. E os homens doentes são mais submissos ao sistema de dominação...

Contudo, Marcuse não é a favor da liberação total do ego, pois acredita que o mesmo se auto-regula, sem necessidade de repressão. Acredita que apenas a “repressão excedente” deve ser totalmente abolida.

⁷⁶ O trabalho alienado é entendido como ausência de gratificação. A libido é desviada para desempenhos socialmente úteis (que muitas vezes não coincidem com suas vontades). Cf. Marcuse, 1978, p.58.

⁷⁷ MACIEL, Luiz Carlos. **A Esquerda Pornográfica (II) - Hoje: A vez de Marcuse. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 26. 18 a 24/12/1969.

A sociedade industrial, como postula Marcuse, gera a formação do homem e da sociedade unidimensional; o primeiro caracterizado pela sua “índole” conformista, consumista e acrítica. As mudanças só ocorreriam se houvesse a liberação de uma nova dimensão humana. Um princípio básico deveria permear essa nova revolução: a liberdade. A nova sociedade, que surgiria das ruínas da sociedade consumista, deveria ter uma dimensão estético-erótica e, no lugar do consumismo, do conformismo, da competição, surgiriam os valores da felicidade, da paz e da beleza.

O leitor da revista *Rolling Stone*, José Luís Vivas Frontana (de apenas 16 anos na época), comenta:

(...)Marcuse falava no homem unidimensional, como uma das conseqüências da paralização da crítica. Esse homem unidimensional não poderia ser um ser pessoal, isto é, individual, não podendo fazer na vida nenhuma transgressão, tendo que aceitar o que o estabelecimento impõe. Este o adverte que o que ele diz é melhor, que o que ele faz é o certo (e ai de quem duvidar). Mas para o estabelecimento impedir o indivíduo de duvidar dele, é preciso, antes de tudo, fazer com que o homem nem ao menos pense por si só, pois basta que a pessoa pense trinta segundos para descobrir toda a falsidade e hipocrisia do estabelecimento. Mas como não fazer com que o homem não reflita por si mesmo? Através da censura, do afastamento da crítica, da repressão, da propaganda, da lei, dos elogios aos melhores alunos da classe, do cidadão bem sucedido na sua carreira, através também e principalmente da escola, e outros meios inumeráveis.⁷⁸

Continua, a carta, falando a respeito da escola, de sua hierarquização e gratificação ao bom comportamento, com suas decisões, segundo o leitor, “irracionais”, que devem ser acatadas, inquestionavelmente, pelos estudantes, pois estes, quando adultos, terão que aceitar outras leis sem que haja questionamentos. Afirma, também, que nas aulas de humanidades, o processo de esteriotipação é total. Cita um exemplo extraído de um livro de Educação Moral e Cívica que por sua vez, foi inspirado em uma estória infantil:

(...)Toodle é uma pequena locomotiva que vai a uma escola onde as principais lições ensinam que se deve sempre parar diante de uma bandeira vermelha e nunca sair dos trilhos. Ensinaram que, cumprindo fielmente estas regras, poderia crescer e tornar-se uma locomotiva de linhas aerodinâmicas. Toodle inicialmente seguiu as normas mas depois foi

⁷⁸ FRONTANA, José Luís Vivas. **O processo de estereotipação.** *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.28-29.

descobrimo o prazer de sair um pouco dos trilhos para colher flores. Estas violações foram descobertas por sinais encontrados pelo limpa-trilho. A desobediência de Toodle criou uma crise na cidade das locomotivas (Engineville). Os membros da cidade se reúnem para discutir os meios de obrigar Toodle a cumprir rigorosamente as regras. Enquanto isso a pequena locomotiva continuou a agir de sua maneira. Finalmente elaboraram eles um plano para pô-la finalmente nos trilhos, Toodle deu de frente com uma bandeira vermelha. Habituada a deter-se diante da bandeira vermelha, parou e voltou-se para outra direção, porém aí também encontrou outra bandeira vermelha. Havia bandeiras vermelhas espalhadas ao longo de toda a via férrea. Toodle vai de um lado a outro mas não consegue ficar por causa das bandeiras. Finalmente olha para frente e lá estava a bandeira verde com sinal livre. Vendo que não tinha outra alternativa volta para seu lugar e promete ficar nele, para sempre, e ser, por toda a vida, uma boa locomotiva. Isto foi recebido com aplausos na Engineville e os elogios, assim como a aprovação recebida, fortaleceram definitivamente a vontade um tanto vacilante de Toodle.⁷⁹

Dessa forma, com esta estorinha “inocente”, construíam a consciência moral da “locomotiva”. O leitor assinala a meritocracia da sociedade, quando o indivíduo é gratificado por “andar nos trilhos”, fazendo o que os outros querem que ele faça. Comenta, também, a recorrência de imperativos no texto: “obrigar”, “dever”, “rigorosamente” e a forma pejorativa: “continuou a agir de sua maneira...”. Se ele faz o que quer, será punido ou pela tecnocracia ou por Deus.

(...)O livro aí quer explicar que nós não devemos agir à nossa maneira e sim à maneira que eles bem entenderem, proclamando sem a mínima discrição que nós devemos afundar nossa individualidade e nossos sentimentos para virarmos simples máquinas nas mãos do sistema. Apenas meras engrenagens da máquina administrativa, é o que nós devemos ser, segundo o Estabelecimento, e não seres vivos com direito à vida. Pensem bem, todos proclamam que reprimamos nossos prazeres, em troca do avanço tecnológico. Para que esse avanço, se não podemos desfrutar a vida? Em favor de quem, de que, para que droga serve esse avanço? O que nós vamos fazer com ele?⁸⁰

A exemplo da “estorinha”, o final é previsível: a locomotiva fica no lugar que os outros querem, “aplaudida”, “elogiada”, entre outras afirmações para que continue assim... seguindo em linha reta os trilhos do progresso... Contudo, a vontade da locomotiva era apenas a de olhar para os lados, parar para colher flores...

⁷⁹ FRONTANA, José Luís Vivas. **O processo de estereotipação. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.28-29.

⁸⁰ FRONTANA, José Luís Vivas. **O processo de estereotipação. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.28-29.

Em *A Esquerda Pornográfica(III)- Finalmente Whilhem Reich*, Maciel aborda o psicanalista, discípulo de Freud, em suas considerações sobre os malefícios da chamada direita sexual, que instaura a sociedade patológica, cuja expressão maior consiste na neurose.

A neurose, segundo Freud (1997,p.76), é encarada como “o resultado de uma luta entre o interesse de autopreservação e as exigências da libido, onde quem se sobressai é o ego sob o preço de graves sofrimentos e renúncias”.

(...)a chamada diferença individual dos homens é hoje, preponderantemente, a manifestação de comportamento transbordante, neurótico. Chama agora a atenção o fato de que, no decorrer deste processo de convalescença, tal diferença individual se diversifica grandemente, dando lugar a uma simplificação no comportamento geral. Tal simplificação faz que os convalescentes se tornem parecidos entre si em seus traços básicos, sem, no entanto perderem as suas características individuais. Cada doente oculta, por exemplo, sua perturbação de trabalho de forma muito diversa. Perdendo agora a sua perturbação no trabalho e adquirindo confiança em suas funções do ego, ele também perde todos os traços de caráter que tornam válido o sentimento de inferioridade.(REICH,1988,p.38).

A neurose, neste caso, não diz respeito a uma experiência individual, mas sim coletiva, oriunda de uma concepção sexual deformadora, que trata o assunto como algo sujo, dando vazão à pornografia e à prostituição.

(...)No campo da higiene mental, temos a tarefa de substituir o caos sexual, a prostituição, a literatura pornográfica e o gangsterismo sexual pela felicidade natural no amor, garantida pela sociedade. Isso não implica e nenhuma intenção de “destruir a família” ou “minar a moral”. Na realidade, a família e a moral é que já estão minadas pelas formas compulsivas de família e moralidade. A conduta anti-social surge de impulsos secundários que devem sua existência à supressão da sexualidade natural. Os crimes sexuais, os abortos criminosos, a agonia sexual dos adolescentes, o assassinato das forças vitais nas crianças, as perversões a granel, os esquadrões da pornografia e do vício, a exploração vil da ânsia humana por amor levada a cabo por empresas comerciais e publicitárias vulgares, as milhares de enfermidades tanto psíquicas quanto somáticas, a solidão e a mutilação, tudo isso é produto de uma repressão sexual sociologicamente determinada, e portanto, alterável. A alternativa que enfrentamos na educação sexual não é entre a sexualidade e a abstinência, mas entre uma vida sexual natural e saudável ou perversa e neurótica. (REICH, 1979, p.38).

Reich afirma que as pessoas que adquirem a capacidade de satisfação orgiástica tornam-se mais capazes de relações monogâmicas do que aquelas cuja capacidade de descontraimento encontra-se perturbada e reprimida. A poligamia, na visão da contracultura, passa a ser “careta”, a partir do momento em que se torna regra, algo imposto pelo grupo, ou seja, o “triângulo amoroso” passa a ser “quadrado”.

A moralidade, segundo Reich, é considerada uma ditadura que prolonga a existência da obscenidade, levando à ruína a felicidade natural do amor.

(...)É necessário se protestar quando se qualifica de imoral o homem que baseia seu comportamento social em leis internas e não em formas compulsivas externas. A hipocrisia moralizadora é mais perigosa do que a moralidade natural. O comportamento moral natural pressupõe a liberdade dos processos sexuais naturais. Reciprocamente, a moralidade compulsiva e a sexualidade patológica andam de braços dados.⁸¹

O chamado “imoral”, também considerado “louco”, é àquele que transgredir “os bons costumes”; um elemento desagregador da sociedade, por seguir suas leis internas. Entretanto, o “louco” é o portador (de forma inconsciente) dos “desejos incubados” dos “civilizados”. Em “Muito Louco Bicho”, Maciel comenta acerca do poema *Howl*, feito por Allen Ginsberg e dedicado a Carl Solomon, que se encontrava internado no Hospício de Rockland. Ginsberg traça a trajetória trágica de sua geração: da angústia existencial ao caminho das drogas (amortecedores do princípio de realidade, segundo Freud) e o confronto implacável do indivíduo rebelde com as instituições que os esmagam. Solomon, em *Report from the asylum* (1950), conta as relações entre o louco e a sociedade que a produz, sob ponto de vista do primeiro, narrando todas as formas psiquiátricas de repressão da “doença”. No mesmo artigo, Maciel comenta a respeito de Antonin Artaud, que foi internado no hospício de Rhodéz, na França, de onde escreve: “o louco é o homem que preferiu tornar-se o que é socialmente entendido como loucura, a trair sua idéia superior de honra humana e que uma sociedade dominada por vícios inventou a psiquiatria para se defender (ARTAUD apud MACIEL, 2004, p.43). Maciel também comentou acerca

⁸¹MACIEL, Luiz Carlos. **A Esquerda Pornográfica (III) – Finalmente Wilhelm Reich. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 27. 12/1969.

das práticas utilizadas pela psiquiatria tradicional: eletrochoques, enclausuramento, convulsões provocadas quimicamente para a cura da “doença”, remontando à gênese deste tipo de tratamento, relacionado à tradição judaico-cristã, pautada na recompensa e no castigo.

Com a publicação deste artigo, muitas cartas chegaram a Maciel, em sua maior parte, de psiquiatras e “ex-convictos” (nome dado às pessoas que “se trataram” em sanatórios). Os psiquiatras fizeram críticas aos artigos, considerando Maciel não apto a tratar do tema. Por sua vez, os “ex-convictos” agradeceram as ponderações de Maciel sobre este tema e fizeram denúncias ao tratamento que tiveram. Comentaram, também, sobre a difícil inserção do indivíduo na sociedade depois dessa experiência. Maciel cita a carta de uma “ex-convicta”:

(...)Procure saber a situação dos e das ex-convictos(as). Sobre o que fazem com a gente nestes sanatórios... não há palavras que descrevam tudo direito. Não existem palavras para descrever a situação da gente se sentir um número (toda a roupa da gente é numerada como a dos pobres presidiários – que quer que eles tenham feito antes, te garanto que o castigo de perder a individualidade é a pior coisa que pode acontecer para alguém). Perde-se a individualidade, a memória e a confiança nas outras pessoas que antes era uma coisa e depois são outra. Insulina, eletrochoque e drogas são coisas das quais não me livrei mais. (MACIEL,2004, p.52).

O tema é abordado, também, pelo jornal *Flor do Mal*, através de uma matéria do antipsiquiatra Ronnie Lang, que assinala a necessidade do questionamento do ajustamento do “paciente”, chamado também de esquizofrênico, destituído de seu status legal e existencial como agente humano e pessoa responsável, despojado de suas liberdades civis, antes e depois da internação:

(...)Agora por que e como isso acontece? E a que funções servem estes procedimentos, para a manutenção da ordem cívica? Só agora essas perguntas começam a ser feitas, quanto mais respondidas. Perguntas e respostas tem girado em torno da família como um subsistema social. Socialmente, este trabalho deve dirigir-se a uma compreensão mais profunda, não apenas dos perturbados e perturbadores padrões de comunicação dentro da família, dos procedimentos de duplo estrangimento da pseudomutualidade e do que eu chamei de mistificações e de posições insustentáveis, mas também do significado de tudo isso dentro do contexto mais largo da ordem cívica da sociedade, isto

é, da ordem política, dos modos pelos quais as pessoas exercem controle e poder sobre as outras.⁸²

Em seu livro *The Divided Self* (1960), Ronnie Laing comenta a respeito dos estados temporários de dissociação da subjetividade, fenômeno denominado de “esquizofrenia”, que pode ocorrer, com frequência, em pessoas ditas “normais”. A sensação de se estar “fora do corpo” é corrente em pessoas que se sentem presas ao mundo objetivo. Neste sentido, a linha limítrofe entre normalidade e patologia é tênue. A psiquiatria formal dá respostas tradicionais à questão, salientando que essa tendência é genética e quando o indivíduo não está produzindo o necessário (trabalhando), ou então, é considerado uma ameaça à ordem estabelecida, é enquadrado como “louco”, mesmo não apresentando diagnóstico. Para Laing, a solução esquizóide é apenas uma defesa do espírito ao confrontar-se com uma situação-limite intolerável. Ele afirma que “o esquizofrênico é alguém cujo o coração está partido, e mesmo corações partidos saberão recompor-se, se nós tivermos coração para ajudá-los”.⁸³

Na revista *Rolling Stone*, a carta do leitor Nelson trata do assunto, citando os antipsiquiatras Ronnie Lang e David Cooper, que assinalam a psiquiatria convencional como uma arma da polícia e da sociedade, numa pretensa ajuda ao “louco”. Nesta carta, o leitor apresenta algumas hipóteses sobre o esquizofrênico, colocando todas as instituições normativas em suspeita. Termina com algumas indagações sobre o que leva o indivíduo a apresentar comportamento esquizofrênico:

-Quantas vezes você foi obrigado a fazer coisas de que não gosta por forças contra as quais você não pode se defender?

-Quantas vezes você foi ou vai ser impedido de fazer o que gosta pelas mesmas forças?

-Quantas vezes pessoas estranhas interferiram e vão interferir em sua vida?

-Quantas vezes você foi ou vai ser sacrificado por coisas em que não acredita?

⁸² DUARTE, Rogério. A esquizofrenia segundo um médico (muito) louco – R. Laing. Flor do Mal, Rio de Janeiro, 2ª. Edição.1971, p. 08-09

⁸³ DUARTE, Rogério. **A esquizofrenia segundo um médico (muito) louco – R. Laing. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 2ª. Edição.1971, p. 08-09.

-Quantas vezes você foi ou vai ser agredido por preconceitos e falsos preconceitos?

-O seu direito de decidir sobre sua própria vida lhe é reconhecido?

-Você é livre? – os seus direitos são respeitados?

-Quantas pessoas exercem poder sobre você?

-Quantas pessoas defendem essa situação? Quantas pessoas pensaram sobre isso?

Chegue a suas próprias conclusões...⁸⁴

A família é a primeira instituição com a qual o ser humano toma contato. Através dela, são disseminados e inculcados os valores e comportamentos aceitáveis para o convívio em sociedade. E é nela que se manifesta, primeiramente, a esquizofrenia, principalmente entre os jovens que se deparam com “situações-limites”, o intolerável, que se torna inevitável com o chamado “conflito de gerações”. Neste caso, passam a ser “tratados” para se reajustarem à sociedade ou, então, *drop out!* “Caem fora”, indo das cidades para os campos, e da família para as comunidades, vivendo novas experiências à margem da sociedade instituída.

3.2 A “Nova Família”: a proliferação das comunidades alternativas

A formação de uma nova organização familiar fazia-se necessária, segundo Reich. Ele afirmava a deformação do indivíduo, tendo como origem a família patriarcal, instituição-base da sociedade. É nela que se realiza a inculcação dos valores capitalistas, a repressão sexual, a relação de poder, enfim, revela-se aí um microcosmo da sociedade. A nova organização social das comunidades dá prioridade às preocupações reichianas e caracterizam-se por sua estrutura não autoritária, pelas relações livres e não compulsórias entre seus membros e pela ausência de repressão sexual.

⁸⁴Nelson. **Sobre a Esquizofrenia**. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 25. 17/10/1972, p.20.

O psicanalista David Cooper, assim como Reich, também critica a família nuclear da sociedade capitalista, assinalando que, não só no atual contexto, como em outros momentos históricos, esse núcleo é o principal aparato ideológico de dominação. Na falta de deuses, a família é a abstração que nos mantém em permanente sacrifício...

(...)O poder da família reside na sua função de mediação social. Ao proporcionar a todas as instituições sociais um paradigma de fácil controle, ela reforça o poder efetivo da classe dominante, seja qual for a sociedade onde ocorra a exploração. Assim encontramos réplicas da família como tal em todas as estruturas sociais: na fábrica, no sindicato, nas escolas, na universidade, na grande empresa, na igreja, na organização governamental e nos partidos políticos, nas forças armadas, nos hospitais gerais e psiquiátricos e assim por diante. (COOPER, 1986, p.08)

Um dos condicionamentos mais eficazes da família, segundo Cooper (1986, p.12) é o de fazer com que acreditemos que não somos auto-suficientes: “O indivíduo é cuidadosamente ensinado a negar o seu *self*⁸⁵ e a viver aglutinado aos outros colando pedaços de outras pessoas a si mesmo, para em seguida, ignorar a diferença entre o que é dos outros e o que é de si mesmo no seu *self*”.

Além da família e das instituições educadoras, a psiquiatria ganha também destaque na luta contra a autonomia do indivíduo, que se torna paranóico e, assim, incompatível com os interesses socialmente instituídos. O ponto crucial da família é a indução do indivíduo ao conformismo e, neste sentido, a educação é uma forma de alienação, levando-o a um estado denominado de **eknóide**. Segundo Cooper (1986, p. 15-16), é neste estado, condicionado e obediente, que se encontra o indivíduo considerado “normal” pelo sistema, ou seja, este encontra-se alheio a todas as facetas de sua própria experiência pessoal, a todo impulso espontâneo para ação, como também, à mais elementar consciência do seu corpo, isto é, vive num estado “fora de si”. Este indivíduo pode sair deste estado através da **metanóia**⁸⁶. Numa primeira metanóia, passa-se ao estado de **paranóia**, quando o indivíduo está ao lado de seu próprio *self*, liberando-o para uma vida mais ativa, canalizadora de

⁸⁵ *Self* significa “si-mesmo” que é o centro de toda a personalidade. Dele emana todo o potencial energético de que a psique dispõe. É o ordenador dos processos psíquicos. Integra e equilibra todos os aspectos do inconsciente, devendo proporcionar, em situações normais, unidade e estabilidade à personalidade humana.

⁸⁶ Metanóia significa mudança a partir das profundidades do ser até as superfícies da aparência social (COOPER, 1986,p.15).

desejos próprios e não de condicionados impostos pela sociedade. A segunda metanóia, representa trabalho com o próprio *self*, no sentido do trabalho total (que supõe a noção psicanalítica de “elaboração”) que o leva à auto-consistência, a estar em si mesmo, vivendo como pessoa distinta das outras na solidão não solitária que se abre para o mundo. Nestas circunstâncias, o indivíduo enche-se de coragem, cria ânimo novo e se arrisca a enfrentar qualquer experiência nova no sentido da relação consigo mesmo, tornando-se livre para permitir um fluir generoso do seu *self* para o mundo. Quando atinge este ponto, o indivíduo está pronto para abrir mão do senso do *self*, de ser restrito a um ego finito. É a metanóia final, o fluente movimento entre o *self* ativamente autônomo e o *self*-e-mundo, ou seja, a síntese do processo de descondicionamento que é a transcendência. Aí já não importam mais “estados de ser” e nem a ilusória segurança que tais estados representam.

Há muitas contradições acerca destes estágios. Muitos tentaram o descondicionamento através das drogas, do orientalismo e de formas de vida comunitária (que não fogem, contudo, da família internalizada e das neuroses resultantes de histórias antigas não superadas), entre outras formas alternativas. Na perspectiva das comunidades não-autoritárias, acenava-se a possibilidade de gerir um novo homem, livre das compulsões neuróticas, e, conseqüentemente, uma nova sociedade.

Uma das primeiras comunidades formadas nesta proposta *hippie* foi a de Ken Kesey, o *The Merry Pranksters*. No início da década de 60, Kesey, com 30 anos, romancista de vida aparentemente estável, abandonou tudo, reunindo sua mulher e filhas, colocando “o pé na estrada”. Outros grupos se formaram a partir da experiência dos *Pranksters*, que viviam como ciganos, percorrendo as cidades norte-americanas dentro de um ônibus alugado, apresentando o *Acid Test*, experiências com ácido (LSD) gratuitamente. Para chamar a atenção do público em relação aos efeitos da droga, faziam *happenings*, show com luzes coloridas, vivas e brilhantes (que passaram a se chamar “psicodélicas”), música, projeção de filmes etc, procurando reproduzir a intensidade e as riquezas sensoriais da droga. A história deste grupo foi contada pelo jornalista Tom Wolfe em *The electric kool-aid acid test* (1967). Nesta obra, Wolfe relata várias situações inusitadas que presenciou, como o relacionamento pacífico deste grupo com os temíveis Hell’s Angels e as suas induções coletivas através da mente sugestionada. Kesey inventava que teriam a visita do grupo de rock *Rolling Stones* e, então, todos se preparavam para tal

encontro, minuciosamente, curtindo a visita sensacional, que, finalmente...não ocorria.

(...)Teoricamente, a coisa mais importante a enfatizar no trabalho pioneiro de Kesey é o seu perfeito alheamento das formas de pensamento místicas e mágicas que se afirmaram com a consolidação do *Underground*. Os *Pranksters* não davam muita bola para misticismos, discos voadores, apocalipses, mutantes, magias cabalas, astrologias e outros baratos semelhantes. Seu enfoque era puramente hedonista. Para ele, o ácido ensinava apenas uma reconciliação com nossa vida natural, a libertação das repressões, a conquista da saúde e da felicidade por simplesmente existir e estar vivo. (MACIEL,2004,p.59).

Havia comunidades de vários tipos. No artigo “Sexo para a classe média”, Robert Greenfield narrou o que acontecia no *Sandstone Institute* nos finais de semana, quando homens e mulheres reuniam-se e ficavam todos nus. Marty Zitter foi o vice-presidente executivo da Fundação *Sandstone* para Pesquisa de Vida Comunitária. Ele explicou que o instituto era uma comuna de classe média, tecnologicamente orientada, que oferecia mudança no estilo de vida. Consistia em um grupo de 14 pessoas que não se isolava, contudo, não interagia totalmente com a sociedade. Não trabalhavam, viviam do dinheiro dos sócios (com orientação política das mais diversas: desde o anarquista mais maluco até o direitista fanático que freqüentavam a casa aos finais de semana), comiam de forma saudável (sem ingestão de carnes vermelhas), utilizavam drogas psicodélicas e tinham vida sexual aberta.

(...)Somos 14 vivendo aqui, oito homens e 6 mulheres. Este desequilíbrio existe porque não tem lugar para a esposa de um dos caras, com três crianças. Senão, só teríamos casais. Condiçionados como estamos, cultural e biologicamente, acreditamos no casal como base da vida comunitária. Todos os que vivem aqui recebem ajuda, no sentido que se precisa de uma coisa, põem na lista geral, e outra pessoa arranja. Ninguém recebe salário, mas também ninguém precisa trabalhar fora. A dicotomia seria impossível de suportar.⁸⁷

⁸⁷ GREENFIELD, Robert. **Sexo para a classe média**. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.17.

Havia uma dissidência de comunidades *hippies*, contudo, o eixo em comum era à busca do “equilíbrio da loucura” e da vida em coletividade, aniquilando o ego e as posses.

Este processo de tribalização, com a formação das comunidades, foi anunciado no teatro pelo estilo de vida do *Living Theater*. Este grupo teatral, apesar das freqüentes dificuldades financeiras, considerava as mesmas abstratas, que logo teriam solução; diferente da questão sexual, supervalorizada no grupo. Nesta comunidade havia uma grande atividade sexual entre os membros, mas esbarravam em um problema contraditório sob o ponto de vista da nova consciência, o ciúmes, que, inevitavelmente, ocorria nos relacionamentos (a questão da posse).

Em entrevista a Maciel, Judith Malina e Julian Beck comentam a respeito da formação dessa comunidade como essencial para a criação coletiva do trabalho que desenvolviam, afora alguns reveses ocasionados por atritos entre os membros.

(...)O trabalho não se dirige a uma divisão de nossas vidas em categorias. Queremos dar toda essa energia simultaneamente às questões da nossa vida cotidiana, de nosso ambiente, nossas relações pessoais no mesmo quadro de referências, no mesmo ambiente de nosso trabalho.⁸⁸

Ou seja, trabalho e vida pessoal ficavam no mesmo nível, abastecendo-se reciprocamente. A criação era algo do coletivo, uma experiência vital não dissociada das outras instâncias da vida pessoal. No Brasil, proliferavam-se comunidades. Uma das mais conhecidas foi a dos Novos Baianos. Essa comunidade, localizada em Botafogo, no Rio de Janeiro, era composta, inicialmente, por Baby Consuelo, Luiz Galvão, Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor e Pepeu Gomes.

(...)Tendas improvisadas, feitas de toalha de cetim. Colchas de rendas, retalhos de chitas, franjados, patchwork amarrado com fitas e muitas cores. Colchões no chão. Pode ser uma esteira, vários cobertores dobrados ou até mesmo um anatômico. Não há regras, nem leis. É um apartamento de cobertura onde poderia estar vivendo um chefe de família com a sua família. (...) Dezoito pessoas morando. Tanto faz ser quinze ou duas e todas se isolam. Não é preciso se organizar, acordar às oito, escovar os dentes, tomar o café, fazer ginástica, almoçar, ler, trabalhar e muito menos ver televisão.(...) O dinheiro que pinta é dividido entre todo mundo. O cigarro é de ninguém. Na casa mora a felicidade.⁸⁹

⁸⁸ MACIEL, Luiz Carlos. **Beck e Malina. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 66. 23 a 29/09/1970.

⁸⁹ LÚCIA, Vera. **Novos Baianos. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 09. 30/05/1972, p.22-23.

Contudo, havia críticas às comunidades “de fachadas”. Em depoimento, Vera, que viveu na comunidade dos “Novos Baianos”, entre outras, fala que estas não diferiam muito da carece da família burguesa.

(...)Não tinha muita diferença. Talvez a gente só vivesse mais relaxada, fora dos padrões tradicionais. Isso visto mais pelo lado de fora do que de dentro. A organização dessas estruturas alternativas (...)a maioria é de fachada mesmo. Na verdade, dentro das casas, os esquemas ali traçados tinham os mesmos problemas de mesquinaria e mentira que existiam nas famílias burguesas. Não tinham uma mudança profunda. Era mais um anarquismo que uma mudança interior (...) e essas pessoas não eram tão felizes quanto pareciam. Que tinha um sofrimento muito grande, geral. (DIAS,2003,p.109)

Reich apontava que o principal obstáculo para a reformulação da sociedade é que o sistema introjeta, desde a infância, os seus valores através da educação familiar e, posteriormente, da escola. As comunidades para Reich seriam a forma familiar do futuro por sua estrutura não-autoritária, pelas relações livres e não compulsivas entre os membros e pela ausência de repressão sexual, assemelhando-se às estruturas tribais. Quanto ao casamento tradicional, Reich entendia ser uma imposição às necessidades sexuais por meio de processos sócio-econômicos. As necessidades sexuais e as condições econômicas tendem a desmoronar, resultando na infelicidade matrimonial, transformando-o num incesto disfarçado.

(...) Em condições desfavoráveis, internas e externas, as contradições que focalizamos levam à resignação. Isso precisa de uma severa inibição dos impulsos vegetativos. Essa, por sua vez, arranca das profundezas todos os mecanismos neuróticos disponíveis. A intimidade sexual e a amizade humana são substituídas, nas relações conjugais, por uma fixação paterna ou materna e por mútua dependência escravizante: em suma, por um incesto disfarçado.(REICH, 1979, p.175-176).

Reich, segundo Jule Barreto, em “Reich está Vivo”, antevia um futuro de liberdade absoluta, de convivência com a natureza, de harmonia com o trabalho e

um estado de felicidade pleno, desde que o indivíduo aprendesse a se descondicionar das construções ocidentais como tempo e História:

(...)Enquanto Freud falava da inevitabilidade da repressão como base da cultura, Reich antevia um futuro de liberação plena, de convivência com a natureza, de harmonia com o trabalho e felicidade plena. Mas como a História (uma neurose cósmica) vinha sendo feita com os tijolos (rígidos) de nossas couraças e resistências, nossas “cronicidades”, era preciso primeiro quebrar o monopolismo do caráter. Depois, então, se fosse o caso, fazer uma revolução social ou outra qualquer. Mas era preciso, antes de tudo, aprender a ser como a água: jamais uma forma, mas um estado; era preciso aprender a não ter caráter, a viver a situação como a água vive (fugazmente) o recipiente sem perder a essência, a natureza. E apontou nossos podres: no amor somos blocos de granito, dispostos a não nos entregar, mas só a usufruir o próximo; não sabemos respirar e não vamos aprender enquanto tivermos medo de romper a rigidez do “aparelho respirador” – que é o nosso ser-no-mundo, a idéia que fazemos de nós mesmos, o que temos que ser (à custa de terríveis limitações) para continuarmos sendo, etc.(...) Não amamos como as águas-vivas, pulsando; não respiramos como os outros animais, existindo e deixando de existir alternadamente a todo instante.⁹⁰

Afora questões como a das comunidades versus família, da “curtição” versus casamento, e o do poder versus prazer, existiam outras, referentes ao descondicionamento sexual, que exigiam reflexão e atitude, a exemplo do sexismo, do homossexualismo e do feminismo. O sexismo é a crença ou prática segundo a qual o sexo ou a orientação sexual dos seres humanos dá a alguns o direito de privilégios, poderes ou desempenhos, enquanto negam a outros suas potencialidades totais. Dentro do contexto social, o sexismo é, segundo as feministas, primordialmente manifestado através da supremacia masculina e do chauvinismo heterossexual. Em relação ao preconceito contra mulheres, diferencia-se do machismo por ser pretensamente racionalizado. Em “A Questão do Sexismo”, Maciel comenta que nos Estados Unidos uma das grandes preocupações da época era saber quem era ou não sexista. Allen Ginsberg, tido como um guru para as novas gerações, foi atacado em Berkeley, por ocasião de uma conferência que o poeta realizou em benefício do Centro de Meditação Tibetana Nyingmbpa, por ter declarado sua fixação em rapazes heterossexuais. Brincando, afirmou que estava quase colocando um anúncio no Berkeley Barb, pedindo um rapaz para “secretário, companhia, empregado que saiba dirigir, estenografia, competente para tratar de

⁹⁰ BARRETO, Jule. **Reich está vivo**. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.06. 18/04/1972, p.16.

negócios e correspondência, saiba cozinhar, acampar, bom carpinteiro e um hippie de floresta”.⁹¹

Estas declarações ocasionaram, como conseqüência, uma grande irritação entre os membros gays do jornal *The Effeminist* (“*Notes for gay males in the feminist revolution*”), que consideraram a atitude de Ginsberg idêntica à dos machões repressores.

(...)Ginsberg diz que não se interessa por mulheres e diz que suas fantasias homossexuais são, essencialmente, por um jovem escravo macho – uma mulher (esposa) no corpo de um homem. Isso é sexismo – opressão homossexual que torna impossível para nós sermos gay.⁹²

Este fato não foi o único de combate ao sexismo. No Brasil, feministas, como Rose Marie Muraro, desenvolveram intensas batalhas contra o sexismo, em um país de cultura arraigadamente machista. A contracultura trouxe a tona assuntos “intocáveis” pela História Oficial, como a dos direitos das chamadas “minorias”, a exemplo dos negros, mulheres e homossexuais, que passaram a ganhar espaço dentro da História Social. É certo que a questão das minorias se configura-se longe de sua superação e, mais ainda, de sua transcendência. Contudo, naquele momento, houve inúmeras tentativas de inserção de discussões acerca desses grupos, sem as medidas “comuns”, populistas e paliativas atuais (“cotas para negros”, “direitos dos homossexuais” e das “mulheres”, entre outros discursos previamente calculados para fins eleitoreiros). A idéia, naquele contexto, era de cunho estrutural, levada a cabo por uma educação deseducadora dos princípios culturais existentes e persistentes dentro da lógica da sociedade capitalista. Um aspecto que teria que ser resolvido seria a dualidade, ocasionadora dos conflitos. A dialética seria abolida em favor da reunificação dos opostos em um só corpo: “homulher e mulhomen”, segundo Rose Marie Muraro, que traduziu a importante obra de Norman O. Brown, que trata da questão sexual sob a perspectiva da androginia.

⁹¹ MACIEL, Luiz Carlos. **A Questão do Sexismo. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 109. 22/05 a 28/07/1971.

⁹² MACIEL, Luiz Carlos. **A Questão do Sexismo. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 109. 22/05 a 28/07/1971.

3.1.3 “Homulher e mulhomem”: Norman O. Brown e a androginia como mutação da espécie

(...) Talvez os sexos sejam mais aparentados do que se pensa e a grande renovação do mundo talvez resida nisto, o homem e a mulher, libertados de todos os sofrimentos falsos, de todos os empecilhos, virão a procurar-se não mais como contrastes, mas sim como irmãos e vizinhos; a juntar-se como seres humanos. O problema dos sexos no eu.⁹³

Foram vários os artigos escritos na imprensa *underground* reclamando os direitos de indivíduos que não poderiam ser discriminados por seu gênero e por sua opção sexual. Rose Marie Muraro em “Homem não é mulher, mulhomem. Mulher não é mulher, é mulhomem”, coloca a luta da mulher na perspectiva da contracultura. Enfatiza que a questão não era ser feminista ou machista, mas sim, a manifestação do equilíbrio entre essas duas essências que se fundem em um só corpo.

(...)Para Jung e Mircea Eliade, o símbolo do andrógino é um arquétipo do inconsciente coletivo, isto é, um símbolo-força que faz parte das estruturas psico-fisiológicas do homem. A gravura (uma das muitas que circularam na Idade Média) pode ser explicada assim: “O rei e a Rainha estão unidos em um só corpo de acordo com a concepção do livro do Gênesis: por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e serão dois numa só carne”. O andrógino pisando sobre um monstro de quatro cabeças e pés de águia. O monstro simboliza a matéria-prima dos alquimistas e a alma simboliza a alma. Como na gravura, a alma foi engolida pelo monstro, tendo somente os pés para fora, isso quer dizer que ela ainda não brotou das trevas da ignorância que a escondem.⁹⁴

Muraro, em outro artigo, “Feminismo e Androginia”, realizou pesquisa no Brasil sobre a condição da mulher na sociedade. Numa cidade do interior da Paraíba, perguntou a um jardineiro o que achava do movimento que levava as mulheres a trabalharem fora, a ganharem dinheiro, entre outras questões. O jardineiro responde: “Ói dona, isso é o diabo! Essas muié de hoje são perdida...”. Já

⁹³ Rilke – **Cartas a um jovem poeta. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 1ª. Edição. 06/1971, p. 08.

⁹⁴ JARY. **Homem não é homem, mulhomem. Mulher não é mulher, homulher** (entrevista com Rose Marie Muraro). **Bondinho**, São Paulo. 31/03 a 13/04 de 1972, p. 45.

no Rio de Janeiro, Muraro assinalou que os homens estavam, aos poucos, aceitando esse novo papel social da mulher, apesar de ainda haver machismo. Contudo, a polêmica acaba quando a questão feminina é colocada ao jovem da Era Eletrônica que, segundo a autora, não tem sexo especializado.

(...)Na juventude atual a mulher já vem espontaneamente igual ao homem. O jovem da Era Eletrônica não tem sexo especializado. A Era eletrônica é a Era do andrógino. O unissex não é mais do que um sintoma físico de uma transformação mais profunda. O machão tradicional reprimia a sensibilidade, assim como a mulher submissa reprimia a inteligência.⁹⁵

Na era Eletrônica, o jovem não tem medo de viver, até as últimas conseqüências, a sua sensibilidade e a mulher atira-se, em massa, às atividades intelectuais, ficando, assim, esmaecida a milenar especialização sexual (esquizofrênica) que dividiu o homem da mulher e os deixou sós.⁹⁶

Muraro assinala, ainda, que o problema não tem sua origem apenas em questões de gênero, mas é fruto de uma sociedade competitiva, matriarcal e autoritária. Ressalta que a luta deveria ser por uma sociedade mais justa, acreditando que uma mudança na relação entre os sexos propiciará a mudança de toda a estrutura social.

Norman O. Brown traduz essa nova consciência frente a sociedade, no campo não apenas do entendimento da sexualidade, mas, também, pela sua análise social. Acreditando que todos são antes de tudo, seres humanos, e mais, andróginos, funde a dualidade colocada pela visão ocidental.

Ao contrário de Reich e Marcuse, não se propunha apenas a uma interpretação de Freud e da psicanálise, queria se lançar além dela. Para tanto, pautado no misticismo, no romantismo alemão, que culmina com a grande reviravolta de Nietzsche e na poesia, lança-se numa lógica capaz de reconhecer a unidade final dos opostos. Esta nova percepção não-dualista oferece uma nova relação com a humanidade.

⁹⁵ MURARO, Rose Marie. **Feminismo e Androginia**. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.06-07.

⁹⁶ MURARO, Rose Marie. **Feminismo e Androginia**. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.06-07.

Em seu livro *Life against Death* (1972), Brown compara e relaciona as descobertas da psicanálise de Freud com as grandes tradições religiosas, para extrair reveladoras conclusões. Uma delas surge através do seu conceito de união dos opostos, ou seja, somos todos bissexuais, uma única libido, embora os objetivos sejam tanto ativos como passivos. Sua obra procura a reconciliação dos instintos “inimigos” de Freud: Eros (vida) e Thanatos (morte), uma unificação que, em nível inconsciente, é idêntica à unidade entre macho e fêmea.

A cura da neurose seria a superação do dualismo, causador de sofrimentos, existente no inconsciente “andrógino”, ou seja, a reunificação de Eros com Thanatos.

(...)Brown é monista. A coisa a lembrar em Marx, diz ele, é sua visão além deste mundo, para outro, possível, de união, comunhão, comunismo. É preciso deixar claro: o burguês ordinário não será capaz de levar seu pequeno eu, sua pretensa pessoa e sua prosperidade para o novo mundo. Mas o Reino dos Céus nesta terra é possível: outro mundo, a negação da selva vigente, comunhão. Uma forma mais elevada de caos, em vez de confusão. Unidade de sujeito e objeto, participação mística. (MACIEL,2001,p.144).

Em outra obra, *Love's Body* (1966), Brown afirma que só há um corpo – e que este é andrógino. Os corpos múltiplos são aparentes, segundo ele, e apesar das aparências, a unidade permanece sempre no inconsciente (tido por Brown como o real). O objetivo de Brown consiste em superar os principais dualismos dominantes em nossa cultura. A androginia é discutida no capítulo que trata da união de toda a humanidade num único corpo. Diz Brown: “Almas, personalidades e egos são máscaras, espectros, escondendo nossa unidade como corpo. Só há um corpo.” (BROWN apud MACIEL, 2001, p.144).

Sustentando seus argumentos através da religião, Brown cita o Gêneses bíblico para legitimar a natureza andrógina de Deus. Segundo sua interpretação: “Deus criou o homem à própria imagem, macho e fêmea”.(BROWN, 1972)

O andrógino reunifica os opostos, separados por nossa alienação psicológica fundamental, responsável por nossos conflitos internos, neuroses, e pelos múltiplos desastres daí resultantes. A regeneração da espécie, segundo Brown, é tal qual a teologia cristã prescreve: “a ressurreição do corpo”, ou seja, a plena atualização de todas as suas potencialidades – o corpo andrógino. Contudo, Brown não se refere à bissexualidade como nós a entendemos, e sim, como um corpo que ressurgir, sem

centro genital porque não tem mais um centro egóico; é um corpo místico, síntese da dualidade.

Os objetivos de Brown são apocalípticos, vão muito além das propostas de Freud, Reich e Marcuse. O tema central da obra *Love's Body* é exatamente o Juízo Final, a destruição do mundo, a abolição do tempo histórico e, nisto, se assemelha ao orientalismo. O apocalipse é o mundo interno e mental, concebido como a “segunda vinda de Cristo”. Consiste na libertação da mente em relação ao *maya* mundano, e na busca do *satori*. A ressexualização do corpo, segundo Brown, é a plenitude dos sentidos, livres das obstruções mentais elaboradas pelo ego. O andrógino é “Pai, Filho e Espírito Santo”.

Houve muitas polêmicas em torno das diferenças ideológicas entre Marcuse e Brown. Maciel também não deixou de as assinalar, explicando que:

A primeira questão, a básica, é a história. Para Marcuse, ela é real; para Brown, uma ilusão. Se os reinos políticos, como diz Brown, são “sombas”, o poder político é uma mentira: o rei está totalmente nú. Para Marcuse, o rei veste roupas cruéis, tangíveis: opressão, fome. Elas “fazem a história”, diz Marcuse. Brown, entretanto, conclama: devemos nos erguer da história para o mistério. Para ele, a própria revolução é cíclica. Mesmo o novo é renovação. Como no começo. A idéia de progresso sendo posta em questão: a realidade de Marx não pode esconder a realidade de Nietzsche. (MACIEL,2001, p.143)

Marcuse insiste no dualismo e o tem como principal fonte de prazer. Ou seja, as divisões, os opostos, “o pênis e a vagina” são a fonte maior do prazer humano. Acredita, também, na “verdadeira luta” como sendo a política, meio de se produzir um “eu”, uma “pessoa”, em substituição do falso “eu” (alienado), engendrado pelo sistema.

(...)Totalmente feminino, nada rejeitas: abriga todos os relâmpagos e os compreendes, na compaixão totalmente masculino, nada desejas: ofereces todos os relâmpagos, em doação atenta. Receber e dar, ativa e passivamente, é deixar que a dança de shiva te atravesse, rompendo a cascadinha do desespero e horror que também podes reconhecer, agora submersa na alegria amorosa que se manifesta. Mas esta treva brilha e se confunde com a luz.⁹⁷

⁹⁷ **A perfeição do andrógino. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 5ª. Edição.1971, p. 11.

Para Brown, a verdadeira luta não é a política, mas sim, a de abolir a política em favor de uma meta política, de uma organização genital, que segundo ele, reorganizaria a sociedade. Segundo Brown, o “eu”, “pessoa” e propriedade são o mesmo que organização genital.

“Da política para a vida”. Brown acreditava na revolução como criação, arte, ressurreição, renovação e não como um progresso no sentido que os tecnocratas entendem.

(...)A sagrada comunhão como base da comunidade; a Eucaristia: o canibalismo. Deus não é o Logos abstrato, a Razão desencarnada, mas – sustenta Brown – a Forma Humana Divinizada. A secreta tradição tântrica: a libertação através do corpo. A ressurreição do corpo. (MACIEL, 2001,p.145)

Marcuse acreditava ainda nos velhos ídolos, mantendo-se firme às tradições. Brown, ao contrário, derrubava os ídolos, acreditava que “do real, sobre o qual nada pode ser dito, tudo pode ser dito: poesia, eterna criação”.(MACIEL,2001,p.145).

Para Brown, deveríamos “nos erguer da história para o mistério, experimentando a ressurreição do corpo aqui e agora, como uma realidade eterna; experimentar a parúsia, a presença do presente, que é o espírito; experimentar a reencarnação da encarnação, a segunda vinda em nós”. (MACIEL,2001,p.219).

3.1.4 “Este cavalo metálico chamado rock’n’roll: decodificando a nova sensibilidade

(...)O que nós estamos precisando agora é de uma música que ressuscite todos os nossos pesadelos, um grupo com a noção perfeita da cloaca primitiva, que varra da consciência nossos sonhos medíocres, que nos liberte dessa última hipnose chamada civilização. Um conjunto e uma música que sejam um eletrochoque de aços implacáveis, grito nas cavernas da alma, gigante soluçante, anão em chamas, pedaço de sol na tribo, som perfurando a crosta dos sentados, uivo de paz, guerra de amor no veludo da goela.⁹⁸

⁹⁸ PIVA, Roberto. **Roberto Piva: um paulistano desvairado. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, 3a. edição, 29 de fevereiro de 1972, p. 13.

Se podemos identificar uma “trilha sonora” da contracultura, descortinadora de uma nova sensibilidade, sem dúvidas, remetemos-nos ao rock, com sua idéia de resistência, de crítica voraz e lúdica contra o sistema vigente. Os primeiros ruídos dissonantes foram sentidos na década de 50, com Elvis Presley, Chuck Berry, Bill Halley and the Comets, Little Richard, entre outros que apareceram nas trilhas sonoras de filmes como *Blackboard Jungle* e *Rock around the clock* (“O Balanço das horas”), incitando a juventude com suas propostas rebeldes, seus rebolados, suas jaquetas de couro e sua melhor caracterização, o ritmo selvagem e descompassado. As informações sobre o rock no Brasil, afora os protestos nacionalistas que viam, na eletricidade das guitarras, um ataque ianque, eram perceptíveis nos impressos de cunho *underground*, especificamente na versão brasileira da revista *Rolling Stone*, que contemplava a discussão acerca da música *pop* (não apenas o rock), e de todo o comportamento que era assumido através dessa escolha. Podia-se ler na revista, principalmente nas seções “Toque” e “Notas Ligadas”, assinadas por Ezequiel Neves, sobre Alice Cooper, Rolling Stones, Beatles, Bob Dylan, assim como sobre o que ocorria no cenário *pop* brasileiro: Roberto Carlos, Luiz Gonzaga, Os Mutantes, Zé Pínel e a Brigada do Vício, Paulo Bagunça e a Tropa Maldita, Francis Hime, Marcos Valle e o Terço, entre tantos outros.

O rock, até a sua incorporação ao mercado fonográfico, consistia em um produto que representava o “grito e o lixo”, o “comportamento desviante e transbordante”, o reflexo do mundo moderno e urbano.

(...)Ao contrário dos temas banais da época, cuja única preocupação parecia rimar ‘moon’ com ‘June’, os primeiros roqueiros projetavam o grito primal no cenário nervoso dos grandes centros urbanos e propunham um novo universo musical, aberto para a vida, com cheiro e cor. Suas canções, sublinhadas pelo ritmo frenético das guitarras elétricas, traziam para o público a própria realidade física da época: ruas cheias de carro, gente se acotovelando nas calçadas, se amando e se odiando, sapatos de camurça pisando o asfalto, hotéis, motéis, lanchonetes, viadutos, trevos e bombas de gasolina.(MUGGIATI, 1984, p.34).

O rock transformou-se em hino da juventude, não apenas em sua gênese, nos anos 50, mas, também, nas gerações posteriores, constituindo um ataque contra a tirania estética e o primeiro flanco aberto frente ao sistema de dominação. Os instrumentos elétricos foram sua artilharia pesada e sintetizavam a agitação, em

todos os níveis, de uma geração que desejava curar-se das neuroses modernas e viver de acordo com suas pulsões interiores.

(...)Guitarras enlouquecidas permitem entrever o silêncio restituidor. Na esquina da platéia, note leitor que na vagância entre o dizer de John Lennon e o cantar pessoal do The Who parece pender uma batalha, dolorosa tanto quanto apocalíptica, que problematiza a corporificação da visão conhecida como contracultural no mundo contemporâneo, exibindo sua dupla tentação: a de construir um registro perceptivo e vivencial alternativo àquele que a modalidade burguesa do capitalismo erigiu como ideal, assumindo sua alteridade em relação ao padrão estabelecido, ao mesmo tempo que se move pelo desejo de configurar-se como uma fenomenologia exemplar e generalizável da experimentação no mundo, revelando sua vontade em poder abarcar a totalidade da existência (...)Incorpore-se a dualidade que, num dos fios, preside a bipartição intentada no âmbito da produção musical de consumo, sob o qual a nova sensibilidade assenta sua expressividade e exprime seu modo particular de participar da cultura urbana. O rock é a sua linguagem. (MEDEIROS, 2004, p.32).

O rock atingiu a estrutura do poder, clamando contra o homem “sério”, “civilizado”, que tinha perdido o seu caráter lúdico. Reprimido em suas pulsões primárias, conformado e condicionado, porém sofrendo da doença social que o sistema insiste em impingir, este homem reluta em aceitar o que é considerado “vil” em seus instintos: a sexualidade, a revolta, o lixo que penetra na alma. Tudo isso estava projetado nessa nova sensibilidade roqueira, que anunciava a formação de uma nova consciência.

Para alguns, como Nik Cohn (1970), o rock atrai por sua ingenuidade primitiva, grossa e carnal, por sua burrice e falta de qualidade, resíduo da cultura ocidental e catalisador de forças instintivas e abandonadas no ventre do tempo. O rock, segundo ele, consiste numa espécie de manifestação biológica dos jovens, a ser abandonada com a idade, e que não tem nenhuma relação com a arte e a cultura. Seria um modo de celebrar o despertar dos instintos nos adolescentes.

(...)As letras das músicas falavam de problemas que os jovens sentiam na carne: como é chato ser adolescente, os adultos não sabem nada, as relações humanas são cheias de grilos, espinha na cara é um atraso de vida, bom é dirigir um carrão a toda a velocidade, mas a melhor coisa que existe no mundo é o rock'n'roll. (MUGGIATI, 1984, p.35).

Robert Somma, editor da revista *Fusion*, escreve, em *Rock Theatricality*, que além do espetáculo musical, a apresentação ao vivo de um show de rock, constitui uma arena teatral. Quebrando guitarras, dançando com o piano, a exemplo de Jerry Lee Lewis, “os atores do rock” misturavam suas agitadas, excêntricas e breves vidas pessoais com a atividade e a nova atitude musical. (SOMMA apud MACIEL,1978, p.70).

Os adultos acreditavam que o rock era uma ameaça à integridade das instituições e, conseqüentemente, da sociedade, e que sua influência geraria a perda de um controle maior sobre seus filhos. Esta oposição simbolizava, também, o racismo inerente à época, por ser o rock de origem negra, e denominado, pejorativamente, pelos mesmos de “grotesco e animalesco”.

(...)o Conselho dos Cidadãos Brancos do Alabama anunciou uma campanha para livrar o país deste “animalístico bop negro”. Muitos representantes governamentais, religiosos e educadores ecoaram estes sentimentos, caracterizando a música como imoral e pecaminosa – e seus intérpretes como delinqüentes juvenis e indolentes. (SOMMA apud MACIEL,1978, p.47)

Little Richard com a música *Tutti Frutti*, foi considerado um outro exemplo do caráter obsceno e do mau exemplo para os jovens da época. A letra, atualmente não “ruborizaria” os grupos brasileiros de música funk, mas naquele contexto, foi um escândalo:

(...)Tutti Frutti, good booty/If it don't fit, don't force it/You cangrease it/ Make it easy...(Tutti Frutti, corpinho bom/ se não encaixar, não force/ Você pode lubrificar/facilitar)...

A palavra rock'n'roll vem da gíria dos negros norte americanos, do começo do século XX, que usavam a expressão para o ato sexual. A junção erótica dos verbos *to rock* (balançar) e *to roll* (rolar) está num *blues* gravado por *Tirxie Smith* em 1922: *My Daddy Rocks me* (algo como meu pai me balança...). Nos anos 40, o

rhythm 'n' blues já era uma febre dançante, quebrando barreiras raciais e conquistando adolescentes brancos. O nome *rock 'n' roll* foi dado por Alan Freed, principal responsável por essa popularização por meio de um programa de rádio. (GROSSI, 2005, p.13). Com o passar do tempo, o rock foi se caracterizando como algo mais complexo do que apenas um ritmo sensual, denunciador das inquietudes adolescentes.

A história do rock simbolizava a evolução dos estilos musicais e sua aceitação pelo recente mercado cultural americano, nos anos 60 e 70, como também, a disseminação de gravadoras independentes e o sucesso destas em produzir música fora do mercado.

As principais gravadoras que controlavam o cenário musical começaram a ficar preocupadas com a procura crescente dos jovens brancos pela música negra, na década de 50, pois, devido à conotação sexual das letras e às apresentações não convencionais de seus protagonistas, não tinham por ela, nenhum interesse, nem vislumbravam o alcance que tal tipo de música poderia ter. Gravadoras como: RCA, Columbia e Decca, não possuíam o material e, por falta de lucratividade, desde a época da Segunda Guerra Mundial, deixaram de gravar música negra e country. Em 1953, a venda de gravações da R&B para as grandes empresas era constante, contudo, estas eram modificadas em versão *covers* (com letras modificadas e amenizando as partes “mais pesadas”). Com o tempo, as produtoras independentes não conseguiram prensar discos o suficiente e perderam o sistema de distribuição nacional, pois não tinham uma rede de influência, junto aos responsáveis pelas estações de rádio, necessária para assegurar a execução. O culto à rebeldia conferida ao rock transforma-o em produto mercadológico. O rock, ao lutar contra a sociedade capitalista, fomentou-a ainda mais, tendo se tornado um “grande negócio”.

(...) a criação de mercados juvenis consumidores de rock só se tornou possível com a gigantesca ampliação da indústria cultural no século XX. A indústria do entretenimento abusou largamente das inovações tecnológicas no sentido de criar bens de consumo cultural que se tornassem atrativos a milhões e milhões de pessoas, superando barreiras nacionais e sociais. O rock é música para ser usufruída por um grande número de consumidores, uma música comercial com valor de mercadoria. O rock tornou-se a trilha sonora de um sistema de consumo cultural que envolve a indústria fonográfica, mídia, artistas, público, lojas, locadoras, casa de shows, etc.(GROPPO,1992, p.11)

Hobsbawm (1995, p.320) coloca que, a partir do rock, surge uma cultura juvenil específica, de cunho internacional, que alimenta o mercado fonográfico, levando o sistema a apreender, rapidamente, essa nova maneira de ser.

Contudo, o rock consistiu numa revolução em processo, revelando a insatisfação de uma juventude frente às vicissitudes do mundo tecnocrático e capitalista e foi fator determinante para a formação da identidade deste grupo.

(...)Socialmente, o rock em grande parte é criação musical da juventude, e mais, tornou-se uma linguagem *youth* mundial, palco internacional de rebeldias e estilos juvenis. Apesar do rock gradativamente criar públicos também entre faixas não jovens (crianças e adultos), o lema do rock como música juvenil e de expressão das aspirações dessa classe de idade, é seu mais importante símbolo. (GROPPO, 1996, p.11)

O rock emergiu na década de 50, porque, neste contexto, estava se consolidando a indústria cultural e, conseqüentemente, o desenvolvimento da tecnologia de produção e reprodução das canções. Mas também, apesar de produto do mundo moderno e capitalista, foi comunicador de novas linguagens e da dissolução das mais arcaicas estruturas institucionais, fugindo do controle dos adultos:

(...) o rock and roll deixou adultos e instituições tradicionais (das igrejas ao Estado) perplexos diante de uma rebeldia juvenil que escapava do âmbito marginal ou subliminar, e se tornava destacada e generalizada na vida sócio-cultural dos anos 50. Mais que "rebeldia", na verdade, o rock and roll representava o advento e a projeção da classe de idade juventude no mundo contemporâneo. Mas este fenômeno assustava: nunca uma nova categoria social disseminou-se tão rapidamente pelo mundo. A juventude, e o rock, levados direta ou indiretamente pela indústria cultural capitalista, internacionalizarão-se e aparecerão em todos os países tocados pela "cultura de massa", inclusive no mundo socialista. (GROPPO apud PEKACZ, 1992, p. 31).

Nos anos 60 e 70, com a contracultura, o *rock and roll* dos anos 50 passa a ser chamado apenas de rock, continuando a ser "a trilha sonora" das revoltas e das

rebeliões juvenis, com os grandes festivais de rock, que intentaram colocar em prática a ideologia *hippie* de “paz e amor”. Esses festivais representavam o ideário da retribalização, com elementos dionisiacos; com a utilização de drogas psicodélicas, como a maconha e o LSD; e da eletrônica, através das guitarras, amplificadores, alto-falantes, que garantiam o “*happening* aquariano”. O Festival de Woodstock (1969) representou a concretização da utopia da contracultura enquanto que o de Altamont⁹⁹, realizado quatro meses depois, representou sua antítese. Maciel assinala, no artigo “O fracasso da contracultura”, o fim da utopia, pelo excesso de ingestão de bebidas alcoólicas, pela violência que ali se manifestou através da agressividade da gang que cuidava da proteção do show: os Hell’s Angels, culminando com a morte de quatro pessoas.

(...)Aviso aos navegantes: com o lançamento, nos Estados Unidos, do filme *Gimme Shelter*, de Albert e David Maysles, sobre a célebre excursão dos Rolling Stones em 1969, a mais nova curtição do mundo (e, certamente, já programada para chegar ao Brasil nos próximos meses) é o fim definitivo da Era de Aquarius. O movimento não passou de uma desvairada fantasia coletiva e a contracultura fracassou – proclamam os articulistas de todos os jornais. Os episódios sangrentos de Altamont, registrados no filme, são ao mesmo tempo – dizem eles – a prova e o símbolo mãos forte desse final melancólico. Até os mitos engendram o seu contrário dialético – e Altamont foi a antítese de Woodstock. A síntese, concluem os analistas é o silêncio. (MACIEL, 1973, p. 117).

No mesmo artigo, Maciel cita Jonathan Eisen e seu livro “*Death of Innocente in the Woodstock Nation*”, que procura responder quais foram os fatores que levaram ao fim a utopia *hippie*. Eisen assinala os seguintes fatores: desde o pacto de Mick Jagger (grande estrela do grupo Rolling Stones) com Lúcifer, assinalado em letras como a da música *Sympathy for the Devil* exortando a violência, até a institucionalização da contracultura ao sistema vigente, induzindo à neurose, ao sadismo, à violência e a tudo que implica o vil metal. Segundo o autor, as idéias da contracultura não atingiram a estrutura da sociedade, expressando-se em eventos róseos como o do festival de Woodstock, e nas ilusões de “dedos em V”, ansiando pela paz e pelo amor.

No Brasil, segundo Ana Maria Bahiana, a passagem do rock seguiu duas linhas: a primeira, que poderia ser chamada de ingênua, originada nos anos 50,

⁹⁹ Cf. **Rolling Stones: Gimme Shelter**. Direção de David Maysles, Albert Maysles e Charlotte Zwerin. EUA, 1969.

vindo a eclodir como fenômeno de massa em 1965, com o programa de TV “Jovem Guarda” e por artistas nele envolvidos, como Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa.

A segunda fase, segundo Bahiana, eclode em repulsão à fase da Jovem Guarda, primeiramente com a explosão tropicalista, que digere esse novo dado, e, na década de 70, especificamente em 1975, quando se busca a fonte exportadora, os Estados Unidos.

(...)Neste ponto é de novo preciso distinguir duas etapas do processo. Numa, a mais aparente, há o que se chamou de movimento rock no Brasil, ou a tentativa de um rock brasileiro. Começa imediatamente após a Tropicália, com o exílio e o afastamento das figuras motrizes mais importantes da música brasileira. Nos grandes centros – Rio e São Paulo principalmente, mas Porto Alegre, Recife, Salvador e Curitiba também – o vazio de idéias, de movimentação e de um debate provocado por essa ausência, pelo clima repressivo reinante, pelo esvaziamento da fórmula dos festivais conduz a uma geração emergente, com, na época, de 17 a 22 anos, a admirar e, conseqüentemente, tentar imitar com fidelidade a música que vinha de fora – e que era nessa época, vigorosa, incisiva, criativa, e com propostas de mudança de vida, de visão de mundo. Ouvir rock, informar-se sobre as idéias e atitudes de seus músicos e tentar tocar e ser como eles passa a ser uma forma fácil de sonho, de fuga, de um novo objetivo, um ideal. (BAHIANA apud MORAES, 2005, p. 54).

Não era apenas a música, mas os valores e as possibilidades de ruptura que se anunciavam. Na esteira do rock, surge uma sensibilidade de cultura marginal que se anunciam através dos impressos de cunho contracultural, como a exemplo da coluna *Underground* no Pasquim, o jornal Flor do Mal e, principalmente, a revista Rolling Stone. Os grupos de rock proliferaram-se em um formato advindo do padrão pós San Francisco e pós-Woodstock, assimilado incisivamente. Em depoimento, Paulinho Machado, líder, em 1972, do grupo carioca, Sociedade Anônima, afirmava que “seria através do rock que uma nova mentalidade seria criada”.

(...)Desde o princípio até o último show do Museu¹⁰⁰ onde finalmente conseguimos atingir o público no nível que nos propúnhamos, havia uma barreira entre nós e eles. Nosso interesse em fazer rock não era restrito aos sons, maneiras e palavrinhas bandeiras que faziam a moçada sacudir. A gente sabe que há toda uma mentalidade a ser recriada e é através do rock que isso vem se processando pelo mundo. E é dentro disso que nosso trabalho vem se desenvolvendo porque nós assumimos o compromisso.

¹⁰⁰ Museu de Arte Moderna – MAM, localizada no Rio de Janeiro.

Todo mundo está esperando alguma coisa e temos que ter seriedade. Fazer com que o público assimile as novas idéias e conceitos e captem as coisas que andam flutuando por aí.¹⁰¹

Contudo, a partir de 1975, as bandas começaram a se dissolver por dissensões internas, promovidas pelo choque de idéias, ou de rumos a seguir, de autocríticas e, principalmente, pelas dificuldades financeiras e de um público que minguava.

(...)A gente dos conjuntos tinha que fazer malabarismo para tocar. Aparelhagem ninguém tinha muita e tinha que juntar as misérias de cada um para fazer um som. Em momento algum (até hoje) pintou alguém para investir, contratar com vantagens ou mesmo anunciar uma perspectiva satisfatória. A gente continuava sem ter onde cair morto.¹⁰²

Em “O som da re-volição”, Paulo, Cláudio e Maurício (um conjunto sem nome que misturava rock com teatro) argumentaram sobre as condições desfavoráveis de se fazer música no Brasil, naquele contexto:

Há uma diferença fundamental entre as condições brasileiras e as estrangeiras de se fazer música. As vezes supergrupos quer dizer um negócio relativo, podem ser conjuntos superaparelhados, supertransados na máquina. No Brasil já houve super grupos: O Tamba trio na época era um exemplo disso. Barras pesadíssimas. Aqui há pessoas que são super-super no que fazem: Hermeto fazendo qualquer coisa.¹⁰³

Compositores e músicos procuraram digerir a forma importada e fazer a síntese. As raízes desse novo formato do rock beberam das águas tropicalistas, contudo, de forma diferenciada, sintetizando “de dentro para fora” e não o contrário. Uma dessas importantes sínteses foi a criada pelo grupo Novos Baianos, com o LP “Acabou Chorare”, onde se percebia a mistura das guitarras elétricas com o cavaquinho. A digestão dos elementos norte-americanos começara a se fazer.

¹⁰¹ SION, Carlos Alberto; MACHADO, Paulo. **Rock à brasileira. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.20.

¹⁰² SION, Carlos Alberto; MACHADO, Paulo. **Rock à brasileira. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.20.

¹⁰³ FRIDMAN, Luiz Carlos. **O Som da Re-volição. Rolling Stone**. Rio de Janeiro, no.06, 18/04/1972, p. 22

Houve, também, o chamado rock rural, levado a cabo por Luiz Carlos Sá, Zé Rodrix e Guarabira, que não tinham uma formação roqueira anterior e fundiram os instrumentos eletrônicos com a viola sertaneja e o baião.

Um novo rock e uma nova platéia brasileira constituem-se, então, abertos à experimentação, que era a tônica de todas as manifestações artísticas daquele contexto, e que vão perder espaço à medida que o estilo vai desaparecendo o seu caráter de rebeldia.

Embora muitos assinalem o caráter apenas mercadológico do rock, ao se inserir de forma incisiva na chamada indústria cultural, este continha, em seu interior, um caráter de negação a todo o esquema e aos valores que ele agrega. Paradoxalmente, utilizam a máquina empresarial como meio de combatê-la.

Tal música ampliava as possibilidades de sentido, na medida em que, através da recorrência melódica, celebrava, em êxtase, as descobertas da mente, para logo, em seguida, retomar, em deslocamentos, a busca por mais canais inesperados por onde a percepção possa filtrar, diferenciadamente, a múltipla sensorialidade do mundo. A libertação dos códigos refletiu-se numa manifestação espontânea: uma mensagem física para os sentidos, ocasionando uma nova sensibilidade. Música e corpo em um só signo.

Este foi o grande “plá” do rock.

4. FRAGMENTOS DE CONTRACULTURA ATRAVÉS DAS FONTES:

“Da história para o mistério”

Alguma coisa mudou no planeta. De repente fez clic e despertaram os mágicos, místicos, andarilhos, freaks, pirados, piratas, heads, hippies, eles são conhecidos por ripes.

Festivais secretos, como em Glatonbury onde tem fadas nos botões do jardim.

Estradas, Easy Rider, Woodstock Nation, Isle of Wight, Altamont, Superestars, Hell Angels, existe uma festa de iniciados mil no wonderground do planeta. Aquário é o novo, é o rock. É pedra rolando, Rolling Stones, é let go.

Sei lá de astrologia. Sei que Jesus Cristo inaugurou a Era de Peixes há mil novecentos e setenta e hum anos. Peixes conta (ou contava) a história do homem na terra. É a casa da morte e da revolução. É Jesus Cristo do lado de fora do túmulo, renascido dentre os mortos e subindo aos céus. É o homem cósmico.

De modo que estamos entrando na Era de Aquarius cujo o elemento é o ar. A Luiza me falou horas sobre Aquarius, mas eu esqueci tudo. Me lembro que aquarius é uma onda, é raio, é irradiação. Instant Karma. Só sei que em 67 para ir a San Francisco, na Califórnia você tinha que ir com flowers in your hand. E no dia 3 de setembro de 71 para ir ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Guanabara, você tem que ir com uma rosa branca, símbolo do love-peace-and-sex. Portanto não se assuste com esta lua crescente no céu da lagoa.¹⁰⁴

¹⁰⁴ VICENTE, Gil. **Ser criança, namorar, passear. Flor do Mal**, Rio de Janeiro. 1 edição, 1971, p.09.

Este capítulo refere-se à busca de êxtases através das drogas, das filosofias orientais, seitas, astrologia, entre outras formas de transcendência e de entendimento do homem e de seu universo, que ganharam eco na geração contracultural brasileira.

4.1. A Era de *Aquarius* e a Orientalização do Ocidente

Em *Aquarius* renasce tudo. Deve ser a casa do Renascimento. O planeta vai ficar mais exigente, em relação a bomba. Nada de poluição, de Química e mesmo de Física. E não deixar ninguém te botar para baixo. Os jornais serão considerados, todos (sem exceção) como objeto de uso ultrapassado. A linguagem não é mais aquela. Diz com o olho, com o cabelo, com a cor, com o sotaque, com o joint, com a macrobiótica, o sorriso, o incenso e a graça(...) *Aquarius* já começou...¹⁰⁵

“*Drop out, drop in*”. A viagem deveria ser de “dentro para fora”, porque “o que está fora, está dentro”... Mensagens proféticas, messiânicas, místicas e filosofias orientalistas. Viagens de “mochila” ou de “ácido”, entre outras formas alternativas de descondicionamento. Afirma Timothy Leary: “O que é novo e fascinante na presente convulsão é este fato incrível: os jovens são diferentes. Eles não vão crescer como papai e mamãe. E isso não é uma tendência sociológica. É uma guinada no processo de evolução”. (LEARY apud MACIEL, 1973, p.102).

A política de natalidade engendrada no pós-segunda guerra, chamada de *baby-boom* (1946-1964) teve, como resultado, 76 milhões de novos seres, o dobro da quantidade prevista para uma América despreparada. Em 1960, as “primeiras tropas do *baby boom*” já estavam entrando na adolescência, com expectativas diferenciadas das gerações anteriores, a começar pela educação que recebiam. Neste contexto, surgem os programas das antiuniversidades e das universidades livres, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Tinham, como base, a reforma universitária, a criação de atividades extra-curriculares, principalmente realizadas por iniciativa dos próprios acadêmicos, e investigava-se novas metodologias de ensino em detrimento das tradicionais. Infelizmente, com a rigidez imposta pela ditadura militar, no Brasil, foram impossibilitadas tais iniciativas. Nos Estados Unidos e na

^{105 105} VICENTE, Gil. **Ser criança, namorar, passear. Flor do Mal**, Rio de Janeiro. 1 edição, 1971, p.09.

Europa embora estas tivessem ocorrido, acabaram pela escassa estrutura material (aluguel, telefone, pagamento dos empregados, móveis, materiais escolares, impressos entre outros).

Maciel assinala na coluna *underground* o programa da *Free University*:

A *Free University of New York* foi instalada como resposta à falência intelectual e ao vácuo da educação norte-americana oficial. Ela procura desenvolver os conceitos necessários à compreensão dos acontecimentos deste século e do significado da vida de cada um de nós dentro dele, para examinar a expressão artística além das limitações acadêmicas e promover o compromisso social geralmente evitado pelos eruditos. Devemos estimular praticamente o envolvimento apaixonado, o confronto intelectual e o debate de idéias, pois acreditamos que simplesmente não existe uma atitude científica totalmente distanciada, objetiva e sem compromissos. (...) Estudantes e professores discutirão com igualdade de condições à direção da escola, os currículos, etc. A *Free University* de Nova Iorque é necessária porque as universidades foram reduzidas a instituições de servidão intelectual.¹⁰⁶

O programa da Universidade Livre denunciava a desumanização a que professores e alunos eram levados, sistematicamente, tratados como “matéria-prima” a ser transformada pelos “clientes” da universidade: as burocracias financeiras, militares e governamentais. Reclamavam, também, por uma nova relação com a sexualidade (sem o sentimento de culpa advindo da era cristã), e pela autonomia para viverem suas vidas, de acordo com o existencialismo sartriano. Sobre o aspecto demolidor dessa geração em relação aos paradigmas de seus pais, Leary comenta que:

(...)compartilhávamos com nossa geração a presunção de que os nossos filhos seriam criados de maneira mais saudável e equilibrada possível. Nossos pais tinham depositado em nós suas inseguranças econômicas, suas culpas sexuais, seu respeito inocente às autoridades, e a idéia de auto-sacrifício e dedicação a Deus e à sociedade. No entanto, nós seríamos um novo tipo de pais, trataríamos nossos filhos como seres humanos iguais, independentes e privilegiados. Nós os saciaríamos, faríamos deles o centro do nosso universo. Qualquer dúvida, doutor Spock e suas brigadas de pediatras modernos estariam prontos para nos socorrer. (LEARY, 1999,p.26)

¹⁰⁶ MACIEL, Luiz Carlos. **Programa da Universidade Livre de Nova Iorque. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 54. 02 a 08/07/1970.

Para Leary, o chamado “conflito de gerações” representava uma mutação na espécie. Considerava a juventude da época a “mais inteligente, a mais santa, a mais corajosa e a mais curiosa de todas as gerações da história” (LEARY apud MACIEL, 1973, p.102). Acreditava que esses “seres mutantes” eram caracterizados pelo pensamento de negação ao racionalismo engendrado pela sociedade ocidental e valorizavam os sentidos (visão, tato, olfato, audição, paladar) e os poderes da mente, até então pouco conhecidos. Ser mutante, neste contexto, era ter a perspectiva de mudar a vida e a linguagem, de recusar as relações dadas como prontas, de viajar em todos os sentidos da palavra. Havia, segundo Leary, uma vocação religiosa, uma tendência natural para a experiência mística de consciência cósmica, o que os aproximava das antigas religiões e filosofias orientais. Este ser mutante é, segundo Macluhan, um filho da tecnologia contemporânea, principalmente da eletrônica. A idéia de aldeia global, desencadeada pelo avanço dos meios de comunicação, enfraqueceu as fronteiras entre as nações, levando o indivíduo a uma idéia de fragmentação frente à comunidade planetária, que ocorre paralelamente à simultaneidade dos tempos e espaços dilatados, uma vez mais, pela intromissão plural e concomitante dos canais de informação e contra-informação. (MEDEIROS, 2004, p.38). Muitos, também, relacionavam essa “juventude/mutante” ao advento astrológico da entrada na Era de Aquarius, época de inovações, de experimentações em contraponto com a de Peixes, iniciada com o nascimento de Cristo e representada pelo sacrifício e pela culpa.

O fim da era de Peixes, marcaria também o fim da era cristã, isto é, o encerramento do período que tem Cristo como avatar? Não necessariamente: para alguns encerra-se apenas o primeiro dos 12 períodos que, juntos, somam os 26 mil anos em que se afirmará globalmente o humanismo cristão: a figura humana estará completa ao final deste período – a partir dos pés (em Peixes), em seguida as pernas (Aquarius) e assim por diante, até a cabeça (Áries). Sendo assim, o avatar de Cristo não estaria esgotado ao fim da Era de Peixes, mas apenas a sua manifestação específica no período. Em Aquarius, o avatar continuaria a ser Cristo mais em outra manifestação.¹⁰⁷

¹⁰⁷ **Naquele Tempo. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 1ª. Edição. 06/1971, p.09.

No Brasil, “Cristo Superstar” seria manifestado (apesar do pouco entendimento sobre o assunto) pela idéia de mutação da espécie, que ganhou traços apocalípticos ao se ligar a certas teorias espiritualistas e teosóficas sobre uma futura civilização a ser implantada, com a mudança do século, no coração da América do Sul. Estes seres mutantes “subdesenvolvidos” eram facilmente encontrados nas estradas rumo, principalmente, ao Nordeste, imaginado pelos mesmos como o “éden brasileiro”, lugar onde acreditavam poder viver de forma alternativa.

Embora desconhecêssem Buda ou Leary, sabiam que eram o produto desta nova era. Entre eles, alguns até tinham conhecimento detalhado de previsões relativas à idéia de uma nova civilização no Planalto de Brasília, fixando inclusive uma cronologia dos acontecimentos...

São deveras notáveis as surpresas propiciadas por essa fabulosa e original juventude atual, tanto no traçar como no palavreado. E é exatamente na fraseologia “prafrentex” que ficamos admirados de como os jovens conseguem proferir palavras que encerram as mais profundas verdades e vivência sem que eles, muitas vezes saibam exatamente o que estão dizendo. De qualquer modo, sem ligar muito para os dicionários e as gramáticas no que dizem porque acham ou sentem que o que eles proferem está certo; daí entre outras, temos a muita badalada frase: “Falou e disse”. Além desta há diversas mais que caracterizam bem essa juventude espontânea e florida.¹⁰⁸

Antagonicamente, em “Paz e Amor”, Ernesto Bono assinala o desconhecimento da juventude “florida” em relação a essas palavras e ironiza alguns trejeitos, como o sinal, com os dedos em “V”, tornando-se mais um aspecto psicológico, um sentimento do que propriamente uma construção.

As palavras só podem suscitar o aparente, o falso, um sentimentalismo barato e piegas, uma santarronice balofa e uma hipocrisia gritante, haja a vista que por causa dessa verborrêia atual, até alguns conhecidíssimos lobos humanos disfarçados de cordeiros acharam bacana entrarem no embalo verbal da Paz e do Amor! Eles também, numa evidente tentativa de engrandecimento e auto-promoção, repetem a tão badalada frase enriquecida com outras conhecidíssimas dos Evangelhos. É o proselitismo

¹⁰⁸ BONO, Ernesto. **Aqui e Agora. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 3ª. Edição. 18 de agosto de 1971, p. 03.

fútil que só pode impressionar os menos avisados, os quais concluem nunca ter existido seres tão bonzinhos...¹⁰⁹

O que ele afirma é que não se poderia confundir a vivência da contracultura com palavras que, ao serem ditas, pertenceriam imediatamente ao passado, ao que já está morto. Reclama da folclorização do movimento e da ignorância quanto às suas principais propostas.

Mesmo com a veiculação de jornais de cunho *underground*, as informações eram escassas, atingindo um público pequeno, e acabava por se desenvolver à margem da palavra escrita, principalmente da imprensa¹¹⁰. Os *hippies* passaram a valorizar a tradição oral e o pouco do que sabiam era transmitido de “boca em boca”, o que gerava várias interpretações, algumas absurdas.

(...)Nossa contracultura está crescendo no segredo e no silêncio. Isto é extraordinário porque neste exato momento uma alteração profunda de ordem social e cultural se desenvolve sem análises, sem discussões, sem estudo e sem o conhecimento de uma grande maioria da população. (MACIEL, 2004, p.71)

Buscavam nos campos e nas comunidades uma vida menos neurótica, e mais pura, despojados de necessidades supérfluas. Esta busca, e conseqüente decepção, é retratada no filme *Easy Rider*¹¹¹. A tônica do filme é a fuga, uma despedida, que se torna presente no cinema americano a partir de 1969. Tratava-se de um sentimento diferente do agitado ano de 1968. Para os dois personagens vividos por Dennis Hopper e Peter Fonda, nada mais restava senão “a estrada”. A paisagem rural e a maconha fornecem a tranqüilidade necessária para a desistência final. Os personagens viviam em uma comunidade teatral, quando resolvem abandoná-la e seguir a proposta *hippie* de busca de uma sociedade alternativa no espaço rural. Contudo, a criação de uma nova sociedade no seio da violenta e

¹⁰⁹ BONO, Ernesto. **Paz e Amor. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 4ª. Edição.1971, p.14.

¹¹⁰ Nos Estados Unidos existia muita informação a respeito das idéias contraculturais, ao contrário do que acontecia no Brasil. Proliferavam gurus e professores devido à falta de informação e pelas condições históricas que envolviam o temor à repressão, reforçando a tendência ao esoterismo, ao conhecimento privado, íntimo, quase em segredo.

¹¹¹ *Easy Rider* (Sem destino). EUA, 1969. Direção de Dennis Hopper. Conta a história de dois motoqueiros *hippies* que atravessam os Estados Unidos em suas motos, vivendo várias aventuras.

antiga ordem foi incompatível, criando um espaço de marginalização cada vez maior, que levou os personagens à morte:

(...) O sonho estava destinado ao fracasso. O triunfo final pertencia à violência estúpida. A realidade virtual criada pelas drogas não era suficiente para evitar a brutalidade do mundo real. As motocicletas de Billy e Wyatt encontram um caminhão na estrada. Um homem surge na janela do caminhão, vê os dois de motocicleta e, com um sorriso alvar e o olhar excitado de um débil mental, bota o cano de um rifle para fora da janela, aponta- e atira. (MACIEL, 2001, p.171-172).

O filme retrata a impossibilidade da proposição radical *hippie* em face da oposição violenta do sistema. A idéia de Dennis Hopper assemelha-se à de Wilhelm Reich, que percebeu, na década de trinta, que a saúde e a liberdade individuais eram impossíveis num contexto desfavorável. Seria necessário um trabalho coletivo que pudesse estabelecer, segundo suas palavras, “uma profilaxia eficaz das neuroses”. A transformação da sociedade, de acordo com Reich, é imprescindível para a cura das neuroses.

Para a juventude brasileira, a ação política tornava-se demorada e incerta, deixando um vazio, que foi preenchido por um sentimento exarcebado de misticismo profético, pela utilização das drogas e pela sensorialidade do rock, criações de reinos fora da História. A crença messiânica, por exemplo, assinalava o desespero de uma geração que vivia o obscurantismo da fase militar, assim como, o receio de um visionário apocalipse súbito, pelo perigo representado pela bomba atômica (revelado através de sinais da natureza, segundo alguns, para poucos eleitos...), e se traduzia em comportamentos de fuga dessa realidade, “édens misturados no vazio” e na proliferação de gurus e de fanatismo. Em “A Guerra dos Iluminados”, espelha-se a disputa entre ramificações do pensamento oriental (esta pesquisa não se propõe a fazer a análise de tais ramificações), no caso entre um monge budista e um guru não consagrado na Índia (por sua opção pelo não-celibato) pela tutela de fiéis seguidores em Santa Teresa, no Rio de Janeiro¹¹².

Em outro artigo, Joel Macedo esclarece o que é Yin (morte) ou Yang (vida), dentro da contracultura, chamando a atenção para o caráter sombrio do messianismo (ying) adotado pelos jovens, o qual os induzia aos fanatismos e ao

¹¹² FERNANDO, Luiz. **A Guerra dos Iluminados**. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.15.

modismo. Cita, como exemplo, os seguidores do *Jesus Freaks* e os do Guru Mahara-ji. Os *Jesus Freaks* eram seguidores de um menino que se autodenominava como Messias, tinham como referência principal a Bíblia, a qual liam de forma literal. Já os seguidores do guru Mahara-ji, segundo Joel:

(...)são ainda mais deprimentes. Eu encontrei esse menino na Índia há dois anos atrás e minha experiência com ele foi muito negativa. Eu vi eles pisando nos discípulos que se atiravam aos seus pés e sendo transportados por cadilacs. Agora dois anos depois, o mestre espiritual de 14 anos está abafando na América e seu cadilac é uma limusine e seu templo são os Hilton Hotéis das várias cidades. Seguindo o exemplo de Maharishi Mahesh e outros iogues indianos, Guru Mahaji e sua holy family está curtindo uma de superstar espiritual. Suas pregações são fúteis, primárias, em cima de almofadas de veludo em grandes auditórios e o pior de tudo que ele está sendo vendido (e seguido) como o novo Messias.¹¹³

O impresso *A Flor do Mal* tinha seu conteúdo mais dirigido à produção desse material místico-profético e, numa linguagem delirante, mesclava “pecado original”, “liberdade” e “realidade cotidiana”, buscando em Lúcifer e em Deus a vontade do autor-profeta.

O pecado de Lúcifer foi querer ser livre e por isso é reprimido através dos tempos, pela arteesclerose mundial.(...) Temer o diabo, é temer comprometer o reino que já está tão seguro quanto a teoria da relatividade estava. Amanhã será outro amanhã e ninguém vai lembrar de que depois de amanhã vai ser outro amanhã e que todos darão bom dia e calçaram sapatos e irão para os escritórios caírem ainda mais nesses cômodos apertados e total ignorância de que Deus não podia odiar o mais nobre de seus filhos, Lúcifer, e só o experimentava, pela sua cólera, para confirmá-lo no seu poder, mas ele quis ser proscrito e condenado me ditando adiantadamente a hora terrível em que exclamaria, no extremo do seu suplício: Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste (quanto me glorificas).¹¹⁴

Essa linguagem “delirante” também está presente em “Você nasceu” referindo-se a um possível renascimento que, contudo, é temido pela sociedade.

¹¹³ Estrada: *Yin e Yang*. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 25. 17/10/1972, p.17.

¹¹⁴ LUIZ, André. *Flor do Mal*. *Flor do Mal*, Rio de Janeiro, 3ª. Edição. 18 de agosto de 1971, p. 08-09.

Gerado no cosmo
 Colocado no âmago de uma mulher
 Do outono à primavera ele cresceu conseqüentemente no ventre dela
 Ela sentiu o peso, a fome, as cambalhotas do filho – curtia a dor antes da hora
 O tempo não marca o nascimento – esse acontece naturalmente
 Independente da vontade – assim ela pensava
 Enquanto isso, lê dentro alheio a caotisse de fora
 Ele forçava naturalmente a saída qual germinar da semente no ventre da terra
 20 anos passaram – ei-lo pelas ruas embrulhado de coisas
 Os indivíduos eram iguais a ele
 A moda, o social, queriam assim, despersonalizavam-se, embaraçando-se nos cordões invisíveis
 Que desciam dos umbigos ligando-se no lar para a proteção desse sinal.
 Matava-se, roubava-se os direitos do pensamento livre.
 Os mais poderosos faziam-se monstros, perseguidores da liberação instintiva. Tomava-se o poder dentro da mãe e ela o mesmo em cada um.
 O cordão umbilical era sagrado- psicó, psiquiá, sócio. Etc. Se empenhavam nos cérebros de cada indivíduo – conseguiam afinar os dos outros, mantinham os seus. Faça o que eu mando, não faço.
 Tempo passou dentro dele. Um homem sem cordão gritara a multidão. Correu sete metros. As mãos sibilantes, serpentes foram atiradas. E a multidão parou horrorizada segurando seus cordões. Temeram o nascimento.¹¹⁵

Essas tentativas de “renascimento”, chamadas também de descondicionamento, em relação ao sistema instituído, deram-se, comumente, através, não apenas do misticismo, mas também de outras religiões tidas como não oficiais, a exemplo do Candomblé. Em “O Candomblé como *underground*”, Franklin Machado explica sobre a inserção dessa religião africana no Brasil e suas ramificações, assim como perseguições aos seus adeptos. Ao contrário dos santos católicos, tais entidades foram pessoas que desencarnaram e que buscavam iluminação. Não são boas, nem más, carregam consigo as virtudes e os defeitos dos encarnados. O termo foi adotado na Bahia para designar tais cerimônias, porém, até hoje, tem a denominação de “macumba”, “coisa do mal”. A palavra Candomblé vem de caboclo e se refere mais à mistura com os valores animistas dos indígenas, tendo influência mais acentuada no sertão, do que entre os negros que se concentraram mais no litoral.¹¹⁶

¹¹⁵ PAIXÃO. **Você nasceu. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 2ª. Edição. 1971, p. 11.

¹¹⁶ Cf. MACHADO, Franklin. **O Candomblé como *underground*. Flor do Mal**, 3ª. Edição. 18 de agosto de 1971, p. 15.

A Astrologia também era levada a sério nesses impressos. Não como aqueles pronunciamentos diários inventados pelos jornais, mas como um estudo sério, que merecia maior aprofundamento. Leno, em “O nosso sonho está acabando”, assinala que, como todo produto da sociedade de consumo, a astrologia surgiu de uma necessidade coletiva, consciente ou inconsciente. Como o assunto é muito complexo, comenta apenas sobre as implicações da Astrologia no Brasil, afirmando que não é mais seguida apenas pelas alas menos favorecidas da sociedade, mas, também, por indivíduos intelectualizados, apesar do inevitável charlatanismo.

E aí, onde fica tudo isso? Por quê? Saímos de uma fase onde a motivação social existia. Aconteciam discussões e pronunciamentos. Muitos ismos. E de repente o ripismo. A única saída, “o álcool já era”, a defesa, a anti-agressão e finalmente o misticismo. Todos estão potencialmente vivendo uma vida religiosa, na medida em que procuram desesperadamente as suas individualidades. Não sei se é o melhor caminho. Mas é um caminho que estamos seguindo. Também não sei se “o pão e vinho” que estamos transando é o certo, mas já o estamos bebendo e comendo. Entretanto, a radical mudança impediu que as pessoas praticassem consigo mesmo a alquimia esotérica. Procuraram a sua, mas esquecem que no percurso da grande viagem devem distribuir graças pelo resto em desesperança. Qual é a tua? Careta, já era. A palavra curtição está muito mal curtida. A violência fez com que até nós estejamos nos desrespeitando. Tem muito careta por aí disfarçado. Fantasiado. Mas tem também muita gente disfarçada de careta. E aí onde é que nós ficamos???

Tais iniciativas religiosas, místicas ou de caráter orientalista, foram tomadas como uma forma de sanidade e desenvolvimento individual e, embora a prática coletiva das mesmas fosse vetada, rapidamente foram consumidas, folclorizadas e fanatizadas, assim como a introdução dos mais diversos dados sobre a cultura oriental. Podemos assinalar o interesse do *underground* pelo *Zen* Budismo, por exemplo, com a geração *Beat* dos anos 50, que procurava dar uma solução mística a seu niilismo. O deslumbramento pelo *Zen*, entretanto, foi se desgastando com o passar dos anos e a doutrina é compreendida, atualmente, de maneira menos delirante e mais equilibrada¹¹⁸. *Zen* simboliza a tradução poética e filosófica de um bom senso que perdemos e que, talvez, só possamos recuperar através de suas cortantes metáforas. O papa do *Zen* Budismo, nos Estados Unidos, foi Allan Watts

¹¹⁷ LENO. **O nosso sonho está acabando**. *Flor do Mal*, Rio de Janeiro, 3ª. Edição. 18 de agosto de 1971, p. 07.

¹¹⁸ A prática orientalista, atualmente em voga, traduz-se mais como uma forma equilibrada de interagir junto ao sistema instituído do que como uma maneira de transformar a sociedade.

que o divulgou e, ao contrário dos “especializados” em filosofia oriental, tratou do assunto com a consciência da assimilação produzida pelas categorias de pensamento ocidentais. Este aflora como um olhar ocidental sob o Oriente, o *Zen Beat*, uma versão norte-americana, maculada e sexualizada, sem a interpretação cristã, aberta aos êxtases como forma de encontrar “a face de Deus”.

(...) do hipster frio, pseudo-intelectual que busca excitação, espalhando aqui e ali migalhas de Zen e jargão de jazz para justificar uma insatisfação com a sociedade que não passa de exploração comum e grosseira de outras pessoas...Contudo, tais tipos são a sombra de uma substância, a caricatura barata que sempre acompanha os movimentos culturais e espirituais, levando-os a extremos que seus autores jamais pretenderam. Ao fazer isso, o *Zen Beat* está semeando confusão ao idealizar como arte e vida aquilo que uma pessoa deve guardar para si como terapia. (WATTS apud ROSZAK, 1972, p. 158).

Os mais tradicionalistas do *Zen* acreditavam que esta assimilação ocidental do Oriente consistia numa desvirtuação e banalização de seus princípios. Contudo, apesar da desvirtuação, caracterizou-se, pelo desapego da juventude em relação a questões materiais, aproximando-a de outras formas de entendimento do mundo, que não apenas a ocidental-capitalista, paradigma central da modernidade.

Quanto a sua banalização, na década de 60, houve: uma difusão da loga, que acabava por redundar nos modismos de gurus e guias espirituais; a Macrobiótica, como alimentação racional e natural, equilibrada, sem alimentos quimicamente tratados; e a Acupuntura e o *Do-in*, enquanto medicina sem uso de remédios ou cirurgias. Nos impressos de cunho *underground*, era notório o mercado crescente de uma cultura alternativa e também a tentativa de elucidação dessas tendências por parte de alguns teóricos do movimento no Brasil. Em “Lao-Tsé-o velho sábio”, publicada na revista *Rolling Stone*, Maciel explica ao leitor a origem do taoísmo e do *Zen* budismo. Conta-nos acerca da vida de Lao Tse (século VI a.C.), fundador do taoísmo e de sua filosofia. O Tao é imaginado como o princípio imanente da espontaneidade universal. É o princípio da evolução das coisas e de suas metamorfoses submetidas ao ritmo das estações – mas ele mesmo permanecendo imutável. É eficaz sem ter que intervir, é pura vacuidade e imparcialidade. Essa vacuidade, segundo Maciel, é utilizada impropriamente como passividade. No Tao

Te Ching, explica Lin Yutang, “vazio e cheio” são sempre usados no sentido da humildade e do orgulho respectivamente.

A expressão coração vazio em chinês significa mente aberta e é sinal de pessoa bem educada. Não se trata pois do vazio estéril e sim da receptividade fecundável do vazio. Isso, aliás, parece estar implícito na idéia de libertação (nirvana); a psique liberta das convenções do ego fica vazia e propicia assim a liberação do poder criativo latente nas profundezas do ser (inconsciente coletivo de Jung).¹¹⁹

O tema ganha ressonância em qualquer contexto, pois se relaciona a uma necessidade arquetípica de transcendência, comumente chamada de espiritual. Ela não constitui uma antítese aos instintos ou necessidades materiais, pois é uma necessidade inata, uma espécie de instinto mais complexo.

Gilberto Gil, em entrevista a Jorge Mautner, fala de sua experiência com as filosofias orientais, especificamente com a macrobiótica, com o *Ying* e o *Yang* e a correlata mudança de seu sistema nervoso.

Eu estava lendo um livro sobre o princípio único, que é a coisa dos sete céus e tudo mais, uma coisa que dá uma visão arquetípica, tá entendendo? Ao Uno, à unidade, à possibilidade do criar da existência de tudo isso...e daí para cá toda a minha visão, meu chocar de olhos com as coisas passou a ter uma resposta imediata num sistema que era aquele do Ying e do Yang. Eu começava a ter um código, em torno da bipolaridade. Unificada. Que era o oposto do pensamento ocidental, que é a bipolaridade absoluta. Então eu passei mesmo a construir essa coisa chamada consciência, através do conhecimento. Então a macrobiótica e o sistema do Princípio Único e tudo o mais vieram a ter comprovações factuais na minha relação com a vida, no meu sentido, meu corpo e meu sistema nervoso, que mudou e muda ainda, deflagrando um sistema de mudança.¹²⁰

Essa busca por uma existência autêntica levou a juventude à experimentação e à busca da transcendência, através não apenas das filosofias orientalistas, mas, também, junto a um outro elemento, que foram as drogas, especificamente as

¹¹⁹ BRITO, Themira de Oliveira. **Lao-Tsé- O velho sábio. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 09. 30/05/1972, p.14-16.

¹²⁰ MAUTNER, Jorge. **Gilberto Gil. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, no. 04, 21/03/1972, p. 27-29.

lisérgicas, como o LSD¹²¹. Em “Zen”¹²², Maciel relata as experiências do movimento psicodélico que unia o LSD às máximas dos mestres do *Zen* budismo. Seguem algumas delas:

Máxima de Tão Te Ching: “O inominado é a origem do céu e da terra; o ato de nomear é a mãe de dez mil coisas.”

O Satori de Tão-Hsin: “Tão-Hsin, em busca de sabedoria, procurou um velho mestre, Seng-ts’na.

- Qual é o caminho da libertação? – perguntou Tão-hsin
- Quem o prende? – replicou o mestre
- Ninguém me prende – disse o discípulo
- Por que, então, você vai procurar o caminho da libertação? – **concluiu Seng-tsán.** Tão-hsin teve, então, o seu satori.¹²³

Satori é o momento máximo do aprendizado *Zen*, uma revelação brusca e instantânea. Essas máximas foram tiradas do livro *The Way of Zen* de Allan Watts¹²⁴. Tal revelação dá-se no instante plenamente vivido, no conceito oriental de instantaneidade, que dilui a angústia propiciada pela temporalidade - passado e futuro -, conseqüentemente, a idéia de morte em oposição à vida. A busca do nascimento em todo o instante, abolindo a questão da “temporalidade/memória”, é a base dessa filosofia.

“Discos-voadores”, “seres mutantes”, “astrologia”, “parapsicologia” “satanismo”, “orientalismo”, entre outros assuntos marginalizados pela lógica racional, foram contemplados nestes impressos afora a questão das drogas, utilizadas, a priori, para “a abertura das portas da percepção”.

¹²¹ *Dietilamida de ácido lisérgico* é uma das mais potentes substâncias alucinógenas conhecidas. Uma dose de apenas cem microgramas causa um brutal aumento nos sentidos, afetando também os sentimentos e a memória por um período que pode variar de seis a catorze horas. O LSD, ou mais precisamente LSD-25, é um composto cristalino relacionado especialmente com os alcalóides podendo ser produzido a partir do processamento das substâncias do esporão do centeio. Foi sintetizado pela primeira vez em 1938 e, em 1943, o químico suíço Albert Hofmann descobriu os seus efeitos de uma forma acidental. A droga ganhou popularidade na década de 60, estando seu consumo culturalmente associado ao movimento *hippie*.

¹²² MACIEL, Luiz Carlos. **Zen. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 60. 13 a 19/08/1970.

¹²³ MACIEL, Luiz Carlos. **Zen. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 60. 13 a 19/08/1970.

¹²⁴ MACIEL, Luiz Carlos. **Zen. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 60. 13 a 19/08/1970.

4.2. “Batendo nas portas do céu”: A esquizofrenia sintética do *underground*

Em detrimento à esquizofrenia instaurada pelo sistema tecnocrático, os denominados *hippies* inventaram uma variante sobre este mesmo tema: as drogas sintéticas. Em todos os impressos elencados, aparece a polêmica sobre as drogas, desmistificando-as ou, até mesmo, mitificando ainda mais a esse respeito. A revista Rolling Stone, cujo público era antenado com as idéias contraculturais, nada entendeu sobre a matéria realizada na edição de número 6 com, o detetive Nelson Duarte¹²⁵, inimigo número um das drogas na cidade do Rio de Janeiro. Ele foi matéria de capa e sua história rendeu seis páginas da revista, abordando o pensamento desta controvertida personalidade que afirmava ser “o rock a pior desgraça da juventude”, que “com seu barulho provoca o entorpecimento e leva o indivíduo a caminhos diabólicos”. Afirmou que, todas as casas que revistaram, a procura de drogas, tinham, em suas paredes, pôsteres com os ídolos “envenenados” e já mortos: Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison, entre outros. Relata uma ocasião em que jovens estavam concentrados na frente da igreja Nossa Senhora da Paz, no Rio de Janeiro, de forma ilegal (não autorizados) e que recebera, neste contexto, uma denúncia que dizia ter *hippies* “maconhados” por lá.

(...) Quando cheguei na praça a esculhambação era geral. Eram cinco mil jovens, quase todos cheio de maconha e psicotrópicos, trepado nas árvores, em cima dos carros, meninas com tudo de fora, uma vergonha! Mas parecia aquelas orgias dos tempos romanos sabe? (...) Bem encaminhei todos. Muitos deles estão recuperados. Têm como obrigação, ao invés de prisões e processos, vir uma vez por semana à delegacia. São ex-viciados! Não usam cabelos cumpridos nem desgrenhados. Não têm aspecto de sujeira, dando graças a Deus por terem me encontrado.¹²⁶

Nelson Duarte explica que tinha, na delegacia, uma sala especial para os “maconhados” ficarem até passar o efeito da droga. A partir deste momento, através de uma conversa, os jovens relatavam quem tinha vendido a droga e onde tinham

¹²⁵ Nelson Duarte, na época, tinha o título de policial do ano (1964, 1965, 1966 e 1970), dado pela imprensa e medalha de fidelidade ao Estado da Guanabara e título de Cidadão Benemérito do Estado, dados pela Câmara dos Deputados.

¹²⁶ MARQUES, Carlos. **Nelson Duarte**. Rolling Stones, no.06, 18/04/1972, p.09-13.

adquirido. Após este interrogatório, eles eram obrigados a assistir às suas palestras e passavam a conhecer “a verdadeira história” do tóxico e dos males da maconha. Duarte assinala, nesta matéria, para o conhecimento de todos, quais os sintomas de um viciado: “mudança de personalidade, nervosismo, indocilidade, impaciência, olhos vermelhos, comportamento inseguro, euforia, insônia, alucinação, distúrbio neurovegetativo, agressividade, retardamento mental, falta de sensibilidade, entre outros”. Demonstra, cientificamente, que o veneno da maconha é o *tetra-hidro canabinoias*, veneno para o cérebro e para o sistema orgânico.

(...)Suas reações são diversas, dependendo da personalidade do viciado. Uns se apresentam com as reações do macaco (caretas e exaltação mímica); do leão, pela agressividade; do porco pela depressão sonolenta ou sono profundo.¹²⁷

Na seção Cartas, o leitor Victor Sérgio de Paula, de 16 anos na época, comentou ser contra as drogas, enumerando o porquê de sua utilização pelos jovens: primeiro, segundo ele, pelo “espírito de imitação”, por verem seus ídolos a adotarem como filosofia de vida; segundo, por fuga da realidade e comodismo; e terceiro, por uma revolta infrutífera.

(...)O mundo de hoje automatizado e cibernético, fez com que tudo se facilitasse para o homem, mas ao mesmo tempo toda essa facilidade trouxe problemas diversos ao homem. Guerras, poluição, fome...E esses problemas afetaram profundamente a juventude que não havia sido preparada para enfrentar esse mundo assim, sem amor e paz, onde os valores morais do homem são desprezados e sufocados pela sociedade. Com todos estes problemas a enfrentar, o jovem não suportou e adotou as drogas como meio de amenizar seus problemas. (...) Não consomem droga, bicho, ninguém faz nada debaixo de um túmulo.¹²⁸

Quanto à revolta, segundo o leitor, dá-se pelo confronto de gerações, pela falta de diálogo, pela demagogia dos pais e pelo autoritarismo. A partir disso, os filhos acabavam por se refugiar nas drogas para poderem manifestar seu descontentamento com a família e a sociedade em geral. Maciel dedica um artigo intitulado *Cannabis Sativa* na coluna *Underground*, caracterizando a “erva do

¹²⁷ IDEM, p.11.

¹²⁸ Rolling Stones, no.16. **Recado: Contra as drogas.** 15/08/1972,p.18.

demônio”: “(...)Flores femininas aclamídeas, protegidas por uma bráctea que envolve quase completamente o ovário e que se prolonga além dos estigmas. Ovário Súpero e unilocular.”¹²⁹

Denomina a maconha como um psicodélico suave que provoca a intensificação dos sentidos, principalmente, da percepção dos sons e das cores. Foi utilizada largamente no século XIX como analgésico, tranqüilizante e estimulante de apetite, ingerido como um chá. Os efeitos do “barato” advindos da droga podiam ocorrer ou não no indivíduo, havia variações. Quanto a outros aspectos, seria, segundo Maciel, puro preconceito e ignorância a respeito de sua utilização.

Em “EUA debatem a legalização da maconha”, matéria publicada na revista Rolling Stone, demonstra que os norte-americanos tinham consciência de que o consumo deveria ser descriminalizado, contudo, não incentivado. Depois de anos de pesquisa – que incluíam fumar maconha em prol do dever – a Comissão Nacional designada por Nixon para estudar o problema anunciou resultados benignos sobre o assunto. A Comissão chegou à conclusão de que seu uso não constituía ameaça pública. As pesquisas indicaram que 24 milhões de norte-americanos, a maioria dos quais jovens, já tinham experimentado a droga, mas apenas 500.000 poderiam ser considerados usuários pesados (fumando mais do que uma vez por dia).Conclui-se que a penalidade, até então praticada, era desproporcional ao crime, não justificando o uso de aparato policial para a localização e punição de usuários. O relatório, de 180 páginas, argumenta que a posse privada de maconha e seu uso não seriam ilegais: posse pública de mais do que 28.349 gramas estaria sujeita a confiscação ou multa e, plantio ou venda, com intenção de lucro, continuaria sendo um crime severamente punido. A intenção era desencorajar o uso sem proibi-lo completamente. Contudo, a intoxicação da maconha nunca seria defesa válida para qualquer ação criminosa, mas sim, um agravante. No mesmo artigo, John Kaplan, professor de Direito da Universidade de Stanford, declarou que o movimento era ineficiente. Publicou, em protesto, o livro *Marijuana, the new prohibition*, cujo ponto de vista sobre as drogas foi fator de expulsão do mesmo de um cargo público. Ele acreditava que este tipo de reforma levaria a maconha ao mesmo nível do álcool, durante a década de 20, quando a posse era legal, mas a manufatura e venda eram rigorosamente proibidas.

¹²⁹ MACIEL, Luiz Carlos. **Cannabis Sativa. O Pasquim**, Rio de Janeiro, no.30. 15 a 21/01/1970.

(...) Enquanto se permitir que a estrutura do mercado continue como está, não há possibilidade de controle de qualidade, pureza ou potência. E os traficantes continuam a ficar com o lucro todo, que podia estar revertendo para o governo, para ser usado em outras coisas, até mesmo na reabilitação de viciados em drogas pesadas. Fazer do vendedor um criminoso é a pior forma de controlar a coisa.¹³⁰

A questão principal que se impunha ia além da descriminalização do usuário das drogas ilícitas, consistindo num posicionamento menos hipócrita em relação à questão, porque o álcool e a cocaína (que produz efeitos semelhantes em alguns aspectos) geradores de estados, muitas vezes, agressivos, eram os principais detonadores de crimes, ao contrário das drogas propagadas nos anos 60, como o LSD e a maconha. Estas se relacionavam à produção de estados mentais alterados visando a abertura das portas da percepção, com um caráter introspectivo, favorável à meditação ou ao devaneio lírico.

As drogas mais típicas dos anos 60, a era “hippie”, foram as produtoras de estados mentais, sobretudo, a maconha e o ácido lisérgico (e seus afins, o haxixe, o cogumelo, a mesalina). São drogas de efeitos muito particulares. Alteram, parece a sensação do tempo, alargando ou encurtando a vivência da duração. Nisso, produzem estados incompatíveis com o tempo medido pelos relógios, que rege a vida normal, social ou profissional. São negações, drogas que contestam o tempo administrado, típico das sociedades urbanas-industriais. São drogas fantásticas que liberam a parte sensorial e imaginativa da mente humana, em detrimento das lógicas articulações da razão: ninguém consegue pilotar um avião (ou administrar uma empresa) sob o efeito de LSD. (...) A maconha e o LSD dão a tônica dos anos 60, sua recusa do “modus vivendi” careta, sua busca de uma vida mais colorida, mais perto da natureza, mais concreta, menos abstrata, mais poética e artística, menos burocrática e administrativa. Sobretudo, as drogas rainhas dos anos 60 são drogas produtoras de estados afins ao sonho. Portanto, drogas utópicas, proponentes de mundos alternativos, contramundos de antimatéria. Seus efeitos são viagens, fuga de um mundo indesejado, busca de novos horizontes, volta às origens, ao Éden, a Xangrilá. (LEMINSKI, 1986, p27).

Segundo Paulo Leminski, nos anos 70, houve um retrocesso em relação aos anos que antecederam a lisergia dos 60, que se explica pelo consumo exarcebado

¹³⁰ ATKINS, Mike. **EUA debatem sobre a legalização da maconha**. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 09. 30/05/1972, p.17.

do álcool e, posteriormente, da cocaína. A hegemonia, da primeira relaciona-se a estados altamente valorizados pela civilização industrial e urbana, principalmente, quanto à agressividade, que se impõe em todos os setores da vida.

Em “Morte pela boca”, Maciel comenta a respeito de um artigo assinado por Rick Moss, no jornal *Changes*, acerca dos efeitos desastrosos de algumas drogas legais como: açúcar, cafeína, tabaco e álcool no organismo e que não são tratadas tão severamente quanto as drogas tidas como ilícitas. Sobre o álcool comenta que:

O capítulo é longo. O álcool provoca prejuízos funcionais mesmo em pequenas quantidades – uma garrafa de cerveja, por exemplo -, da ordem de 25 a 35 % afeta veias e artérias, exigindo vitamina C para fortalecer os vasos e afeta o coração – criando mais necessidade de vitamina E para mantê-lo trabalhando direito. Quem bebe álcool, deve tomar vitamina B que é retirada dos nervos nos estados alcoólicos. Isso, naturalmente, enquanto estiver vivo. É o que eu sempre digo: cuidado com o que você põe na boca, bicho.¹³¹

Afora a ignorância e a hipocrisia a respeito das drogas, o papa das experiências com o LSD, Timothy Leary, psicanalista e, na época, professor da renomada Universidade de Harvard, colocou em prática experimentos com o LSD, causando inúmeras polêmicas até a sua expulsão da academia. Leary era a favor, não do uso indiscriminado da droga, mas de experimentos conduzidos que levassem o indivíduo a níveis diferentes de percepção e experiência, entrando em uma aventura filosófica. Essa experiência confrontava a natureza da realidade com os frágeis sistemas subjetivos de crenças, uma construção social.

Segundo Leary, o cérebro é um biocomputador subutilizado, que contém bilhões de neurônios não utilizados, sendo que a consciência normal representa uma gota em um oceano de inteligência. A consciência e a inteligência poderiam, segundo ele, ser sistematicamente expandidas, e o cérebro, assim, reprogramado. (LEARY, 1999, p.43).

A descoberta das infinitas possibilidades de percepção através das drogas provocava um mergulho interno, onde o viajero experimentava um distanciamento

¹³¹ MACIEL, Luiz Carlos. **Morte pela boca. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 109. 22/05 a 28/07/1971.

da pele, dos ossos, no limite da atração, que organiza o corpo em direção ao movimento.

Leary foi seguidor de Aldous Huxley, escritor inglês que, em seu livro *The Doors of Perception* (“As portas da percepção”, 1954), relatou suas “viagens” com a mescalina, recomendando as drogas como uma “religião química”, para aqueles que, por alguma razão, não conseguiam transcender a si mesmos por seus meios ou pela veneração religiosa cristã. Huxley assinalou como possíveis efeitos da referida droga, a capacidade para o raciocínio (visto que não sofre redução), as impressões visuais intensas e ampliadas e a sensação de unidade e contemplação. Além de conduzir a um “mergulho interno”, é no ambiente externo que se dão as alterações, a forma de “se enxergar” uma determinada realidade tida como objetiva, aniquilando a questão do tempo e do espaço.

Bastante; mas pouco se me dava a saber, exatamente quanto. Poderia, está claro, olhar para meu relógio; mas ele, sabia-o eu, estava em outro universo. Essa minha experiência tinha sido, e ainda era, de duração indefinida, também podendo ser considerada como um perpétuo presente, criado por um apocalipse em contínua transformação. (HUXLEY, 1965, p.10)

Todas as questões do mundo objetivo são sublimadas, nasce uma sensação de que “nada vale a pena”, ficando o indivíduo na inação. A projeção da viagem dá-se conforme as condições do estado de lucidez, e é nisto que consiste o “barato” ou o “bode” psicodélico.

A mescalina foi usada, inicialmente, em rituais de várias tribos pré-hispânicas, sendo isolada em 1896 e sintetizada em 1919. Seus efeitos alucinógenos na mente humana foram descritos em 1927. Carlos Castañeda, antropólogo, também a populariza e, em 1973, revê os conceitos apresentados em sua primeira obra, resultante de uma tese de doutoramento intitulada *Journey to Ixtlan - Lessons of Don Juan* (“Viagem a Ixtlan”). Sua obra consiste em onze livros autobiográficos, nos quais relata as supostas experiências decorrentes de sua associação com o *brujo* conhecido por Don Juan Matus, índio da tribo Yaqui, do deserto de Sonora, no México.

“A Erva do Diabo” (1968) tornou-se um *best-seller* entre os jovens da geração contracultural, que, rapidamente, o elegeram como um “guru” da nova era e formando assim, legiões de admiradores que queriam, por conta própria, reviver as experiências descritas no livro. Contudo, uma controvérsia formou-se em torno de sua figura, tanto por parte de seus admiradores (dos que queriam encontrar Don Juan pessoalmente, e de alguma forma fazer parte do processo de aprendizado), quanto de céticos, que queriam encontrar motivos para desacreditá-lo academicamente. Argumentavam que o testemunho fornecido em seus escritos era ficcional, apontando a escassez de fontes documentais sobre sua pesquisa de campo junto ao mestre indígena.

As experiências resultantes do uso de drogas psicodélicas são, freqüentemente, descritas em termos religiosos e os autores referem-se às mesmas como “experiência mística” ou “cósmica”, que são terminologias vagas para determinar tal experimentação. A dificuldade em introjetar essa experiência “cósmica” no mundo ocidental dá-se pelo valor e virtude do homem enquanto ego, autodeterminante e responsável, que controla a si mesmo e ao mundo, através do esforço consciente. Assim se dá a repulsa por este tipo de pensamento de crescimento espiritual ou psicológico através das drogas. A pessoa sob os efeitos de tais drogas tem, por definição, a consciência obscurecida, o discernimento diminuído e a vontade enfraquecida. Segundo Allan Watts:

Os efeitos das chamadas drogas psicodélicas (que manifestam a mente) diferem do álcool como o riso difere da raiva ou a alegria da depressão. Não existe realmente analogia entre “estar viajando” com LSD ou “alto” de uísque. É verdade que nenhum dos dois deveria dirigir um carro, mas também não se deve guiar enquanto se lê um livro, toca violino ou faz amor. Certas atividades criativas e certos estados da mente exigem uma concentração e devoção que são absolutamente incompatíveis com a pilotagem de uma máquina mortífera em alta velocidade.¹³²

Allan Watts fez experiências com cinco dos principais psicodélicos: LSD 25, mescalina, psilocibina, dimetiltriptamina (DMT) e canababis sativa. Tentou identificar os ingredientes ativos ou essenciais para a experiência mística. Parte da literatura sobre o assunto, até aquele momento, era, na concepção de Watts, vaga, tanto nas

¹³² WATTS, Allan. **Drogas psicodélicas e a experiência religiosa**. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 24. 10/10/1972, p.14-16.

descrições do “barato”, quanto nas conexões racionais entre a experiência em si e os vários métodos para se chegar a ela, como: jejum, concentração, exercícios respiratórios, orações, encantamentos e danças.¹³³

Acreditava que o conhecimento científico dessas vivências poderia, além de ampliar as capacidades humanas, descriminalizar as drogas. Com suas experimentações, Watts afirmou atingir com facilidade a consciência cósmica e, em contrapartida, ficou menos dependente das drogas, em si, para gerar a frequência específica para tal estado. A chamada “consciência psicodélica” poderia ser atingida, segundo ele, pela qualidade dessas experimentações e, principalmente, pela predisposição do indivíduo em relação a essa abertura. A primeira característica que assinala é quanto à questão da temporalidade, já apontada anteriormente por Huxley. A concentração fica fixada apenas no presente, abstraindo as preocupações obsessivas pelo futuro. O indivíduo, sob os efeitos dessas drogas, passa a ter outras percepções sobre tudo que está ao seu redor, como: as cores, os cheiros e os ruídos. Outra característica assinalada é sobre a questão chamada de polaridade, ou seja, a compreensão vívida de que estados, coisas e acontecimentos, que normalmente consideramos opostos, são interdependentes, como frente e verso, pólos de imã, vida e morte, homem e mulher. O indivíduo começa a transcender, observando que tudo faz parte da unidade chamada, pelos cristãos, de Deus.

A pessoa vê que coisas explicitamente diferentes são implicitamente uma só: ego e o outro, sujeito e objeto, esquerda e direita, macho e fêmea, e mesmo, surpreendentemente, sólido e espaço, figura e fundo, pulsação e intervalo, santos e pecadores, policial e criminoso, minorias e majorias. Cada um só é definível da sua contraparte – como comprar e vender. Não há venda sem compra, e não há compra sem venda. Se este tipo de percepção aumentar intensamente; você sente que está polarizado com o universo exterior de uma maneira tal que um implica no outro. O seu empurrão é a puxada dele, e o empurrão dele é a sua puxada, como quando se move um volante de um carro. Você está puxando ou empurrando o volante?¹³⁴

¹³³ De forma geral, os gurus não estavam predispostos a falar a respeito das drogas e da relação com o mistério, pois acreditavam que tal experimentação deveria ser vivenciada.

¹³⁴ WATTS, Allan. **Drogas psicodélicas e a experiência religiosa**. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 24. 10/10/1972, p.14-16.

A unificação entre organismo e meio ambiente poderia deixar seu “viajante” paranóico¹³⁵, confuso e, até mesmo, atemorizado. A percepção da relatividade e da hierarquização das existências promovem: a desconfiança de que há vida em outros planetas, o questionamento sobre o nosso papel na comunidade planetária, assim como o de outros seres vivos, a exemplo das formigas, das bactérias, entre outros.

A energia eterna, a unidade chamada comumente de Deus, é percebida nesta experiência psicodélica em tudo o que existe. Todos somos Deus. Contudo, tal percepção é contrária ao pensamento ocidental religioso, tida pelos mais fervorosos, católicos ou protestantes, como uma blasfêmia. A tradição judaico-cristã constituiu a imagem monárquica de Deus, que domina através da força e que culpa os pecadores (insubordinados), elevando os santos (subordinados). Esta nova percepção religiosa não é subordinada a nada e isto levou as religiões oficiais a refutá-la, temendo perder a sua soberania e autoridade, principalmente pela democratização do “céu”. O conceito monárquico de Deus tornou inconcebível a identidade entre homem e Deus ou homem e universo. As diferenças entre os conceitos oriental e ocidental, no que se refere ao seu mundo, vão além do estritamente religioso. Segundo Watts:

O cientista ocidental pode perceber racionalmente a idéia de organismo-ambiental, mas **não** sente que isso é verdade. Através do condicionamento cultural e social, ele foi hipnotizado a se sentir como um ego – um centro isolado de consciência e vontade, aprisionado num saco de pele e confrontado com um mundo externo, desconhecido e hostil. Costumamos dizer “eu vim ao mundo”, quando absolutamente não o fizemos: nós surgimos dele da mesma forma que uma fruta nasce de uma árvore.¹³⁶

As experiências “místicas” ou “cósmicas”, que tinham como características os êxtases, foram o lado extremo da contracultura, banalizados e consumidos, aleatoriamente, sem a finalidade de expansão da consciência.

¹³⁵ Doença mental cuja característica central é um delírio bem organizado, auto-referenciado e geralmente com teor persecutório; o termo é também usado vulgarmente para designar a mania da perseguição.

¹³⁶ WATTS, Allan. **Drogas psicodélicas e a experiência religiosa**. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 24. 10/10/1972, p.14-16.

Os impressos de cunho *underground* foram os grandes expoentes na divulgação dessas experiências, não apenas místicas, mas referentes a outros temas inerentes ao movimento contracultural. Tais experiências, contudo, eram entendidos por poucos, a exemplo da relação mística com drogas, que acabou por levar muitos a um “caminho sem volta”, caracterizado como “bode”, experiência ruim. A dependência destes compostos foi incompatível com o ideal do descondicionamento pregado por seus ideólogos.

A crença em gurus, devido à falta de informações no Brasil, levou muitos jovens a um fanatismo exarcebado. No “píer” de Ipanema, nas famosas “Dunas do Barato” (alusão a certos vapores que nos dias de verão subiam de suas areias), deram-se acontecimentos inusitados, constituindo este num local de encontro dos “desbundados”. Em sua maior parte, eram jovens da Zona Sul carioca, ou seja, burgueses. Mas havia também aqueles que vinham de alas menos favorecidas, para morar na praia. Cada local do pier era dividido entre várias tribos: gays, surfistas e hipongas, a “sapataria progresso” (local das homossexuais femininas), “sem tetos” da época e gurus, a exemplo de Sandro.

Um dia ele surgiu na praia com um cachorro grande e passou a dar a bênção para seu povo. Distribuía retratos seus como se fossem santinhos e, sempre que voltava de Londres, onde ia periodicamente encontrar-se com o Father, os fiéis reuniam-se à sua volta para ouvir as promessas de um mundo melhor e as sábias palavras que ensinavam a todos que era preciso viver conforme a natureza, e acima de tudo admirá-la. Chamava-se Sandro. Era um homem alto, de quase dois metros, manso como um anjo, ou como seu cão, um animal escuro, circunspecto, um cão adepto da macrobiótica. [...] Mas foi tanta devoção ao espírito que seu corpo foi deteriorando. Aos 33 anos não tinha sido ainda sacrificado, mas na sua boca não havia mais dentes [...] comunicou aos fiéis que o Father o esperava em Londres e anunciara numa visão maravilhosa, que lhe daria novos dentes, dentes de leite.¹³⁷

¹³⁷ CARTA, Mino. **Foi apenas sonho e acabou.** A história de um esgoto, de uma festa em Ipanema e de um maremoto. Veja. 07/03/1973.

Sandro, com o passar do tempo, não ganhou dentes de leite como havia previsto, mas sim a sua prisão no Afeganistão. Nas “dunas do barato”, as tribos do desbunde cantavam: “Nosso Sandro vai voltar olé, olé olá!!!! Nosso Sandro vai voltar.”

Nunca mais viram Sandro, desapareceu junto ao seu cão macrobiótico, quem sabe, encaminhado a outro planeta... Naquele contexto, as visões proféticas eram freqüentes e muitos fizeram previsões absurdas. Sandro chegou a profetizar um maremoto no Rio que assinalaria o fim de toda a humanidade. Esta previsão parece estar correta se considerarmos a assimilação do movimento à cultura instituída. Houve tentativas de contracultura, deglutições dos movimentos que ocorriam no mundo, principalmente os norte-americanos, mas cada “estômago” deglute de forma diferenciada...

A análise dessa pesquisa, através dos referidos impressos, revelam que, no Brasil, o *underground* não se deu como em sua matriz norte-americana. Há mais confluências entre o movimento estudantil europeu e os guerrilheiros brasileiros, dos que entre os *hippies* norte-americanos e sua versão brasileira prenunciada pelo “desbunde”. Foram, contudo, iniciativas de informação diferenciada de resistência ao sistema que, apesar das inúmeras dificuldades, como distribuição precária e falta de estrutura material, desenvolveram-se, graças aos esforços dos envolvidos, mais como um esfacelamento político do que como uma revolução comportamental. Nesse horizonte de possibilidades que a contracultura oferece, seu entendimento é pluralizado e não temos como sistematizar experiências que tiveram sua importância no momento que foram vividas. Seu entendimento escapa a qualquer reducionismo.

A imprensa *underground* foi marginal, porque quase anônima, e estes impressos utilizados nesta pesquisa foram os que obtiveram mais visibilidade na época. O “barato”, “a Paz e o Amor”, a tentativa de formação de um clima utópico foram diluídos frente à “cinzenta” e nada psicodélica realidade de terror instaurada no Brasil.

Depois de 1974, a luta por canais alternativos teve continuidade, superando o clima de terror vivido de 1968 a 1974. A atmosfera contracultural brasileira voltada aos “desbundes”, misticismos, entre outros legados incorporados ao sistema, foram se diluindo, dando lugar a uma imprensa mais sistemática, profissionalizada e mais fragmentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título desta pesquisa, “Provocações Brasileiras”, é inspirado no livro “Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura”. *Provos* significa “provocação” e foi também a denominação dada ao primeiro movimento contracultural da geração de 60. Teve sua origem em Amsterdam, na Holanda, iniciando-se, de forma assistemática, em 1964, e terminando em 1966¹³⁸, com um *happening* inusitado: seu próprio funeral. Anterior ao movimento *hippie* norte-americano, incentivava o *drop in* e não o *drop out*. Acreditavam que para transformar a sociedade era necessário lutar, mas estando inseridos dentro da mesma. Não bastava ir às comunidades (viver de forma tribalizada), consumir drogas, entre outras idéias de fuga comumente relacionadas à contracultura. A luta dos *provos* consistiu na politização do cotidiano, contudo, de uma forma diferenciada do discurso e da postura tradicional de esquerda. Tinham como bandeira a ecologia e a liberdade, contra a tecnocratização gradual da vida, em busca de uma humanização, não apenas do indivíduo, mas também (e, principalmente) do espaço físico. Esse movimento entre outros gerados neste contexto, tinham em comum o caráter assistemático de resistência e sua vivência em diversos lugares do planeta, adquirindo nuances locais. A mídia norte-americana alcunhou-os como “contracultura”.

A contracultura pautou-se na busca dos jovens por um estilo alternativo de vida, que se traduziu em vários comportamentos assumidos, segundo o conceito de instantaneidade oriental - “no aqui e agora”. Assim, foram expressos através das roupas, cabelos compridos, drogas alucinógenas, alimentação naturalista, festivais

¹³⁸ O grupo Provos era composto de 15 integrantes, que se expressavam através de *happenings* e do fanzine Provos, uma publicação que durou até a nona edição. Uma das ações mais lembradas do grupo foi a de pintarem suas bicicletas de branco em protesto à utilização de veículos, que destituíam o espaço físico, pois este deveria ser destinado às pessoas e não às máquinas, os carros. As bicicletas brancas eram de uso irrestrito para a população. Depois das bicicletas brancas, houve o plano das chaminés brancas, contra a poluição das indústrias e também o plano das mulheres brancas. O branco não simbolizava, naquele contexto, o racismo, mas sim a extinção da poluição propriamente dita, ou de idéias errôneas, preconceituosas. Fizeram muitas campanhas antitabagistas, apesar de seus componentes serem fumantes compulsivos. Associavam o cigarro ao sistema instituído e chegaram a construir templos contra a dependência à nicotina, onde eram entoados mantras “Cof, Cof, Cof...”, a fim de exorcizarem esse sentimento compulsivo/neurótico que os levava a fumar. Na época das eleições na Holanda para vereador, os Provos lançaram seu candidato, que, para espanto de toda população holandesa, foi eleito com mais de 30 mil votos. (Cf. GUARNACCIA, 2003).

de rock, “sexo sem culpas”, misticismo, entre outras manifestações. Se auto-denominavam como seres mutantes que estavam “predestinados” a fazer a limpeza do mundo, pautados no projeto hedonista da paz, do amor, do prazer, da liberação individual e coletiva e de tudo que se opunha ao sistema tecnocrático. Preocupavam-se com a destruição do meio ambiente, com a baixa qualidade de vida advinda do sistema (ocasionador de neuroses, compulsões, ansiedades, entre outras enfermidades psicológicas), com as guerras imperialistas, com a rigidez da moral vigente e com o pouco espaço deixado para as manifestações existenciais e artísticas. Este comportamento exótico foi vivido e sentido por parte da juventude, revelando-se em gestos “perigosos”, “ilegais” e, portanto, assumidos como contestação de caráter político.

No Brasil, com a instauração da ditadura militar em 1964, o contexto era o de cerceamento da liberdade de expressão do indivíduo, chegando ao seu ápice em 1968, com o Ato Institucional no. 05, chamado, também, de “segundo golpe”, o final de uma série de atos institucionais que, gradualmente, colocaram fim aos direitos civis. Assim, neste contexto de repressão, não havia muitas saídas, sendo um imperativo ao indivíduo posicionar-se frente à situação, pois se não o fizesse, também poderia levantar suspeitas graves, resultando em mortes e “desaparições”. Muitos jovens alinharam-se com a postura esquerdista tradicional, tornando-se guerrilheiros, caindo na clandestinidade com o recrudescer da ditadura. Outros continuaram os planos dos pais, constituindo família e colaborando com os planos da sociedade da “ordem e do progresso”. Mas houve ainda um outro discurso, diferenciado dos comumente elencados, que denominei como “provocações brasileiras”. Essas “provocações” foram proferidas por um grupo de artistas e intelectuais que tinham, como adeptos pequena parte da juventude classe média brasileira.

Para entender uma nascente contracultural, seus caminhos e descaminhos no Brasil, foram analisadas algumas das centenas de iniciativas relacionadas a essa nova sensibilidade de resistência, especificamente as publicações da chamada imprensa alternativa, de cunho *underground*.

Como objeto de estudo, tomou-se para esta pesquisa as referências de impressos produzidos no Rio de Janeiro, formulados pelo chamado “guru da contracultura brasileira”, Luiz Carlos Maciel. Este estereótipo surgiu devido ao seu trabalho ímpar de divulgação dessas informações no Brasil, abrindo algumas

nascentes: através da coluna **Underground** (1969-1971), veiculada no semanário alternativo **O Pasquim** (1969-1991); do jornal **Flor do Mal** (1971); e da versão brasileira da revista **Rolling Stone** (1972-1973). Estes impressos articularam discursos diferenciados de oposição à cultura estabelecida.

No período de 1969 até 1974, as idéias contraculturais obtiveram mais visibilidade no Brasil, exemplificadas através de uma série de experiências, tais como: produção e difusão independente da informação escrita (livros, jornais, revistas e panfletos); espetáculos musicais e teatrais; filmes e histórias em quadrinhos, como alternativas à asfixia imposta pelo esquema militar, burguês e empresarial. Esse momento marcou uma cisão interna no campo dos discursos de contestação à ditadura, com o surgimento do “desbunde”, uma versão festiva e radical pouco entendida pela maior parte da população brasileira.

Havia uma dissidência entre os impressos alternativos, pois uns alinhavam-se mais ao discurso da esquerda ortodoxa, outros, aos componentes libertários e satíricos, a exemplo de *O Pasquim*, chamados, também, de “jornais de costumes” e ainda, numa outra linhagem, os voltados para assuntos sobre arte e comportamento relacionados à contracultura, que se proliferaram na fase pós-tropicalista.

Esses jornais “*underground*”, “independentes” e “tropicalistas”, entre outros vocábulos designadores de uma contramídia, possuíam elementos de comportamento desviante, tomando a marginalidade, não como saída alternativa, mas sim como uma ameaça ao sistema, como possibilidade de agressão e transgressão (CÉSAR, 1993, p.123).

Tais impressos tinham, como referência, os jornais *underground* norte-americanos, que se relacionavam com a imprensa estudantil da época e, indiretamente, ao *New Journalism*, cujos elementos eram inovadores para o jornalismo, como a vivência frente à matéria escrita, a subjetividade, a inserção de novos temas na mídia convencional, novos formatos e a linguagem literária. No Brasil, Glauber Rocha utilizou o termo “udigrudi” de forma depreciativa, ao relacioná-lo às experiências cinematográficas de Julio Bressane e Rogério Sganzerla, que se colocavam antagonicamente às propostas do Cinema Novo. As idéias de Torquato Neto (a “Marginália”), Waly Salomão, Jorge Mautner, Gramiro de Matos, José Agrippino de Paula, entre outros, que utilizavam a estética como postura existencial, em um momento de total desalento, também eram denominadas de “marginalmente tupiniquim”.

Esta imprensa *underground* distinguiu-se pelo caráter não comercial e ideológico, sendo assistemática em relação a sua produção e à performance de seus produtores. Conseguir tais impressos foi uma difícil tarefa, assim como o agendamento das entrevistas com alguns de seus principais protagonistas. Alguns impressos mais notórios, como *O Pasquim*, são facilmente encontrados nos arquivos dos centros de documentação e pesquisa, até mesmo em bibliotecas das cidades de médio porte. Já o jornal *Flor do Mal* e a versão brasileira da revista *Rolling Stone* são de difícil acesso, pois nem seus produtores as possuem. Até mesmo na época em que foram publicados já eram raros. Logo, parte dos referidos impressos só puderam ser encontrados em arquivos pessoais, depois de muita procura e tentativas, algumas, inclusive, frustradas, devido ao sentimento recíproco de desconfiança do “ex-hippie” em relação a uma “pesquisadora de universidade...”. O mesmo clima de desconfiança permaneceu ao entrevistar os leitores e produtores desses impressos. Poucos foram aqueles dispostos a colaborar, mantendo-se sempre em alerta quanto aos questionamentos sobre a utilização das drogas e o aspecto sexual. Os que produziram os impressos, em sua maior parte, constituem, atualmente, o show *business* brasileiro ou sobrevivem através de obras que remontam à época em que viveram suas experiências contraculturais. Porém, até hoje, tais propostas da contracultura ainda não foram compreendidas, ao contrário, comumente são folclorizadas e demonizadas.

Afora as vicissitudes pessoais e os limites “temporais” colocados para a realização desta pesquisa, tentou-se aqui sistematizar, nos dois primeiros capítulos, a conjuntura mundial na qual se formularam as idéias contraculturais no Brasil e, em um segundo momento, como se caracterizaram tais propostas, através das referidas fontes, assim como sua especificidade e seu alcance.

Em 1968, o início da “viagem” contracultural brasileira foi conduzido pelo Tropicalismo, dando um passo além das manifestações políticas de resistência vigente, expressando-se num movimento que digeriu as referências nacionais e estrangeiras, do passado e do presente, em uma síntese pouco entendida para a maioria da população brasileira, que desconhecia o ideário preconizado por este grupo. O Tropicalismo foi considerado, por muitos, como a face da contracultura brasileira, especificamente em sua relação com a matriz norte-americana, por ter componentes libertários que confrontam qualquer tipo de poder instituído, principalmente a do populismo de esquerda. Não eram populistas, mas eram

populares nas suas formas de expressão, utilizando-se dos meios de comunicação de massa. Contudo, poucas pessoas entendiam as mensagens cifradas através das metáforas de suas poesias, letras de música, arranjos totalmente novos para aquele contexto, pois exigiam um certo grau de erudição. Tratava-se de uma discussão comportamental e também da construção de uma nova idéia de identidade nacional, pautada no conceito de antropofagia cultural. Através desse conceito, o grupo tropicalista pregava a necessidade de assumir todos os pecados dos que nascem nos trópicos, ou seja, o subdesenvolvimento brasileiro e suas contradições. O Tropicalismo catalisou as inquietações e impasses da situação pós-64, acabando por promover uma renovação estética e abrindo novas possibilidades de ser, sentir e pensar o Brasil. Foi uma fase “colorida e barulhenta” que durou pouco, demonstrando logo desgastes e sinais de fragilidade frente à estrutura rigidamente constituída pelos militares. Iniciou, a partir de 1969, um período que pode ser caracterizado por um sentimento de torpor frente ao recrudescimento da ditadura, com jovens militantes sendo torturados e mortos, com a dolorosa experiência do exílio e de um período denominado, por Zuenir Ventura, de “vazio cultural”.

A imprensa de cunho *underground* relacionava-se com as idéias contraculturais que se manifestaram, tardiamente, no início da década de 70, assim como o sentimento de desalento frente à ditadura e das interlocuções com o conseqüente “vazio cultural”, caracterizado pelo cerceamento das expressões de descontentamento com o regime instituído. Quando o movimento norte-americano parecia ter findado, principalmente com o Festival de Altamont, onde o grupo de rock Rolling Stones apresentou-se, havendo mortes e violência generalizada, assinalando o fim da utopia, no Brasil, especificamente nas “dunas cariocas da Gal”, o sonho parecia ter apenas começado.

“Da praia para as redações”, não necessariamente na mesma ordem, foram centenas de impressos de cunho *underground* que emergiram naquele momento, como forma de “passar a mensagem”, de se “criar uma voz”, que, contudo, era dissonante para uma maioria que desconhecia suas propostas. Até aqueles que se vestiam e falavam as gírias inerentes ao “desbundado” não tinham o entendimento preciso daquilo que ouviram falar ou que leram, seja através da mídia convencional (que distorciam as propostas contraculturais, muitas vezes demonizando-as), e, até mesmo, da mídia marginal. Na contracultura, a tradição oral foi de extrema importância para a apreensão das idéias advindas da “nova consciência”. Cada um

interpretava tais informações de forma diferenciada. Aumentava o número de messias, de gurus, de *hippies* visionando um súbito apocalipse... em um mundo atemorizado pela ameaça da bomba atômica e da ditadura estabelecida. As interpretações beiravam o absurdo e a um fanatismo igualado ao das forças conservadoras as quais combatiam, como as da tradição cristã.

A coluna *Underground*, editada por Luiz Carlos Maciel, foi veiculada no semanário *O Pasquim*, nos anos de 1969 a 1971 e foi a pioneira no trabalho de divulgação da contracultura no Brasil. *O Pasquim* foi um jornal alternativo, contudo, de caráter tradicional, não aberto às experimentações da contracultura.

De forma geral, a coluna *Underground* inserida no *O Pasquim* abordava arte e comportamento relacionados à “nova consciência”, advindos, principalmente, da experiência norte-americana. As matérias que mais causavam impacto entre os leitores (até mesmo entre os integrantes do semanário) eram as de cunho sexual e sobre drogas. Maciel recebia inúmeras cartas com dúvidas nestas duas áreas e se aborrecia, freqüentemente, com a alcunha de “guru” que lhe empuseram. Havia pouco entendimento sobre esses assuntos até então “proibidos”, e os textos partilhados na coluna pareciam oferecer opções para aqueles que não se encontravam em ideologia alguma. Sua participação no semanário deu-se pela sua estreita amizade com o editor, que, na época, era o jornalista Tarso de Castro. Este, com seu caráter anárquico e ousado, permitiu não só a Maciel, mas a todos que participavam do semanário, que escrevessem sobre o que quisessem. Com a saída de Tarso, em 1971, a “patota” (como se referiam ao grupo que compunha *O Pasquim*) resolveu não pagar mais Maciel pelas matérias que escrevia na coluna. Contudo, este continuou escrevendo sem receber, até acharem uma saída mais democrática: sua demissão...

A coluna tinha um caráter informativo sobre os movimentos que eclodiam no mundo e que causavam, em Maciel, uma curiosidade de propósitos, inicialmente, apenas jornalísticos. Esta iniciativa, porém, deu abertura a outras mais importantes no sentido da experimentação contracultural, a exemplo do jornal *Flor do Mal* e da revista *Rolling Stone*, também formulados por Maciel em sua fase assumidamente *hippie*.

O jornal *Flor do Mal* teve apenas cinco edições, suficientes para gerar algumas polêmicas. Com público restrito e de caráter totalmente experimental em todos os âmbitos, inseria um tipo de linguagem místico-profética e poética,

considerada, pelos menos familiarizados, como um absurdo “sem propósitos sérios”. O principal intuito deste impresso era dar voz aos artistas jovens, de vanguarda e malucos de forma geral, que não eram aceitos em nenhum órgão de imprensa. A idéia era a de uma publicação nada convencional, abordando filosofias orientalistas, alimentação naturalista, antipsiquiatria, apocalipse, drogas entre outros temas relacionados à contracultura. Devido a fatores financeiros, mas primeiramente pela sua não aceitação por um público maior, “desabrochou, mas logo murchou”, dando início ao surgimento de outras iniciativas de caráter efêmero.

A revista de música e comportamento *Rolling Stone* foi outra proposta de imprensa *underground* que durou apenas um ano, quando foram editados trinta e seis números. A princípio, seria uma filial da matriz norte-americana, contudo, já nas primeiras edições, o impresso tornara-se pirata, sem remuneração alguma para o grupo de editores, que acabava por recortar matérias de revistas internacionais que eram traduzidas para a versão brasileira. Os temas eram dos mais variados, abordando principalmente o rock - consagrado como hino dos movimentos contraculturais. A intenção era tratar não apenas do rock como mero estilo musical, mas, também, da postura rebelde advinda do mesmo. Porém, ambas (rock e revista) transformaram-se, ao sabor do tempo, em produtos massificados. A própria matriz da *Rolling Stone* norte-americana, ao se mudar de San Francisco para New York, já se transformara em um “grande negócio”, abrindo filiais no mundo inteiro. O que não ocorreu no Brasil. Tentou-se, através de escassa estrutura, vender assinaturas, sem obter sucesso. Tratar de rock no Brasil (embora fossem contemplados artistas nacionais de outros estilos musicais) em pleno momento de nacionalismo exarcebado, por si, já era uma ofensa, considerada um ataque ianque. A versão brasileira da *Rolling Stone* de 1972, estava localizada no Rio de Janeiro, o que lhe conferia um caráter ainda mais despojado e menos sofisticado que as produções do *underground* paulistano.

A recente publicação, em outubro de 2006, da versão brasileira da *Rolling Stone*, em São Paulo, por Ricardo Cruz, constitui um visível parâmetro do que a revista se transformou, tanto internacionalmente, quanto em suas pretensões nacionais. Matérias sem profundidade, de caráter meramente musical, reportagens de alguma importância social, e uma pequena matéria sobre a versão produzida por Maciel em 1972, sob o olhar de um leitor. No editorial, Ricardo Cruz assinala o caráter de ineditismo da revista, como se não tivesse havido nenhuma iniciativa

anterior e também sobre um possível aspecto transgressor dessa proposta, assim como outrora, na década de 60... Ao ser indagado sobre um possível expurgo histórico quanto à antiga versão de 1972, obtive como resposta o silêncio...

No terceiro capítulo, delineou-se a contracultura brasileira, através das referidas fontes. “Da política para a vida” tratou das iniciativas de informação e reflexão sobre a questão sexual, numa perspectiva social e filosófica, e sobre a busca por uma existência autêntica, que levou parte da juventude contracultural a ampliar seu conceito sobre política, estendendo-a ao corpo, ao comportamento dos indivíduos e à questão sexual. Em todas as fontes elencadas para este trabalho, a questão sexual é identificada como essencial para o descondicionamento do indivíduo. Herbert Marcuse, Norman Mailer, Norman Brown, Wilhelm Reich foram imprescindíveis na análise do comportamento do homem na sociedade industrial e da necessidade do mesmo de se curar de suas neuroses. Através de uma organização genital, poder-se-ia chegar à sanidade e mudar a sociedade.

Essas novas perspectivas de se analisar o homem e a sociedade colocaram em evidência a necessidade de transformações sociais, partindo-se da reformulação de velhas e importantes instituições como a família e a escola. Em contraponto à idéia de família patriarcal proliferava, com Reich, a idéia de tribalização, dando início às experiências pautadas no coletivismo, como a vida em comunidade. Deixar de ser reflexo passivo dos interesses do sistema instituído seria a forma encontrada para uma nova organização social. Contudo, tais iniciativas foram frustradas, pois as mudanças não se deram em sua totalidade. Ao se tentar uma vida comunitária, lutava-se contra a forma internalizada de família tradicional, o que impedia uma experiência plena, livre. As regras sociais e morais nas comunidades eram notavelmente “mais abertas” em relação à cultura vigente, mas a convivência, as neuroses eram praticamente as mesmas, ainda não superadas. Parte dessas iniciativas coletivistas diluiu-se por sentimentos oriundos da sociedade capitalista, a exemplo da posse, principalmente no plano afetivo, com o ciúme. Os chamados “relacionamentos abertos”, em voga atualmente, naquele contexto, eram uma novidade não digerida totalmente. A condenação da família tradicional, ensinada por Reich, continua sem respostas... O sistema cria as formas caracterológicas necessárias à sua preservação através, principalmente, da educação e, por melhores que tenham sido as intenções que as inspiraram, a repressão arraigada, continua em voga. Os prognósticos românticos falharam, contudo, a família, como

principal instituição social, foi, ainda assim, obrigada a se transformar para manter uma convivência possível, a despeito de todas as fragmentações que sofreu nas últimas décadas. Atualmente, para exemplificar, é aceitável ser filhos de pais separados, ser mãe solteira, ter uma possível convivência amigável entre ex-cônjuges. Os tabus quanto à perda da virgindade da mulher, à homossexualidade e à bissexualidade, apesar de estarem longe de ser assuntos superados, são mais aceitos do que no momento em que eram questões decididamente marginalizadas. Por outro lado, a proposta de revolução sexual reichiana não foi efetuada, ao contrário, há, atualmente, a repressão dos instintos de forma cada vez mais sutil e um sexismo premente, principalmente advindos de alas que anteriormente lutavam por sua identidade sexual: as mulheres e os homossexuais.

A tentativa de liberdade sexual degenerou em permissividade e, posteriormente, em mera pornografia e obscenidade, visando o lucro. A degradação promovida pela dessublimação repressiva, assinalada por Marcuse, que é a mola propulsora do capitalismo, desenvolveu-se em todos os componentes da tríade libertária clássica dos anos 60: “sexo, drogas & rock’n’roll”.

Além da psicanálise, o orientalismo e a utilização de drogas lisérgicas formaram, também, as bases propulsoras da contracultura. O quarto capítulo, “Da História para o Mistério”, trata da tentativa de orientalização do Ocidente, principalmente no que tange à questão da negação da temporalidade, ocasionadora do conflito crucial da vida: a morte. Essa negação foi de extrema importância para essa geração que almejava viver no eterno devir, de forma hedonista, sem preocupações futuras (portanto, um privilégio apenas de jovens advindos da classe média). A busca por reinos fora da história deu-se através dos êxtases proporcionados pelas drogas alucinógenas, pela desterritorialização, como busca de uma panacéia contra os males advindos do sistema tecnocrático. Buscou-se a expansão da mente e a conseqüente cura das neuroses. Intentava-se, na época, elucidar sobre os efeitos do uso de drogas, assinalando a necessidade da descriminalização do usuário, indo contra a moral hipócrita que ainda rege o sistema instituído sobre a legalidade de drogas lícitas como o álcool e os cigarros. Leary, por exemplo, defendia a utilização das drogas de forma conduzida, como profilaxia das doenças advindas do sistema, a exemplo da neurose. Tais idéias, além de não serem compreendidas, foram esvaziadas de seu conteúdo revolucionário, pois as drogas passaram a ser adquiridas licitamente ou ilicitamente nas “farmácias da vida”,

que proliferaram, tornando-se negócio lucrativo, visto a demanda de “doentes” e de novas doenças.

A influência estrangeira no Brasil, especificamente a norte-americana, e uma produção de cultura híbrida foi inevitável. Assim se deu com a contracultura. Para muitos radicais advindos das alas esquerdistas, a contracultura envolveu um ato de demissão política e consagrou a passividade. Aproximou-se do pensamento dos conservadores, através da opinião de que tudo não passava de uma promoção comercial a ser explorada pela grande imprensa, um esperto golpe capitalista numa sociedade saturada pelo consumo, consistindo em uma moda fugaz e ilusória.

Outros reconheceram a carga de contestação política implícita no movimento, mas acreditavam que, apesar disso, ele se resolveria na passividade e na contemplação vazia. Como resultado de um certo irracionalismo, a contracultura não poderia construir um futuro mais justo (mesmo porque a preocupação estava concentrada no presente intensamente vivido).

O que a contracultura propõe é a razão humana ampliada, compreendendo as imagens dos sentidos quanto aos métodos da imaginação e da intuição. Esse movimento não foi mero reflexo passivo da sociedade de consumo, mas uma resposta ativa e criadora da mesma. Envolveu uma experiência espiritual nova, que foi uma alternativa concreta para o sentimento do mundo vigente. Sua politização manifestou-se de maneira totalmente nova e não convencional, utilizando-se dos grandes meios de comunicação de massa, que a transformou em produto para o consumo, tornando-se o principal promotor de suas idéias revolucionárias. A ordem estabelecida criou, em seu próprio corpo, o veneno que ainda hão de matá-la, e que são múltiplos, assim como seus antídotos - posturas diferenciadas advindas desses movimentos dissonantes.

As décadas de 60 e 70 foram palco de explosões de revolta que eclodiram, com maior repercussão, nos centros do capitalismo avançado e tiveram desdobramentos em alguns circuitos, em toda a parte da Europa, Estados Unidos e em alguns países da América do Sul, como o Brasil. Este fenômeno *hippie* introduziu a juventude da classe média no universo das drogas; na luta das chamadas minorias pela inserção na história oficial; na procura das filosofias orientais alternativas à racionalidade capitalista; nas experiências de aproveitamento dos alimentos naturais e nas comunidades agrícolas grupais, tornando-se referência, de um modo ou de outro, comparecendo, também, como tema nos impressos *underground*.

Essa pesquisa localiza-se no limiar entre o senso comum e uma tentativa de formalização acadêmica, do chamado “desbunde” à caretice, da alegria, passando pelo torpor da própria contingência pessoal e chegando, finalmente, a uma conclusão de “viagem errada”, como comumente se referiam ao “bode” advindo de uma experiência com drogas, não satisfatória. Para os que vivenciaram a contracultura, tal iniciativa de pesquisa, por exemplo, é considerada apenas mais um golpe na contracultura, a assimilação parcial do seu conteúdo, agora instituído pela universidade. A contracultura torna-se objeto de estudo, pesquisa científica... Segundo Ernesto Bono, “as palavras são idéias que já morreram”.

E como é difícil transformar esse horizonte de possibilidades, chamado de contracultura, em trabalho acadêmico. Entrar “no clima” do objeto de estudo pode sujeitar a pesquisa ao um caráter místico, carnavalizante ou alucinógeno que a caracterizou. Chegar na festa da contracultura como sua última convidada, foi essa a impressão que tive ao fazer tal trabalho. Participar e tentar entrar em uma festa que já acabou ou até mesmo que se desconfia não ter acontecido, principalmente nos trópicos, onde “Deus está solto”, onde a festa é a forma, foi uma impressão, parodiando o livro de Heloísa Buarque de Hollanda – “de viagem”.

Houve algumas experimentações em todos os níveis, mas muitas delas não resultaram no chamado “barato” da contracultura. Muitas “viagens erradas” foram realizadas... Muitas pessoas, mesmo aqui no Brasil, “não voltaram de Woodstock” até hoje, morrendo intoxicadas ou vivendo das migalhas que o sistema lhes oferece. Outros, que voltaram “do barato” e perceberam a tempo que o sonho tinha findado, hoje, são admiráveis “homens de negócios” do sistema instituído. As décadas de sessenta e setenta e as tentativas dessa geração de transformar o mundo parecem estar (até os dias atuais) entre parênteses dentro da história oficial. Acusam tais movimentos como uma história menor dentro da história oficial, uma maluquice que não deu certo. E realmente não deu. Contudo, esse veio romântico, assinalado pelo teor desses impressos *underground*, simboliza uma resistência diferenciada frente à ditadura militar e uma certa sanidade de parte da geração da década de 60 e 70, no Brasil, frente à robotização, serialização e alienação, através da tecnocratização gradual da vida que percebemos em nossa temporalidade. O sonho acabou, mas a esperança é a última que morre. Muitos acreditam no aspecto cíclico da história. Aguardemos...

6 FONTES

6.1 PRIMÁRIAS - Imprensa Alternativa *underground*

O Pasquim* - coluna *Underground (Rio de Janeiro, 1969-1971)

Editor da coluna: Luiz Carlos Maciel
 Editor responsável: Tarso de Castro.

p.s. Os artigos da coluna *Underground* puderam ser contemplados não apenas através do semanário *O Pasquim*, mas também nas obras: “A Morte Organizada”, “Anos 60”, “O negócio é o seguinte” e “De volta para o Futuro”. (Cf. nas referências bibliográficas).

MACIEL, Luiz Carlos. **Todo mundo nú. *O Pasquim***, Rio de Janeiro, no 01.07/1969.

MACIEL, Luiz Carlos. **Os prazeres da psicanálise. *O Pasquim***, Rio de Janeiro, nº 02. 07/1969.

MACIEL, Luiz Carlos. **O Choque de Gerações. *O Pasquim***, Rio de Janeiro, nº 01.07/1969.

MACIEL, Luiz Carlos. **O Pierrot e o Arlequim. *O Pasquim***, Rio de Janeiro, nº 05. 07/1969.

MACIEL, Luiz Carlos. **Revolução Sexual. *O Pasquim***, Rio de Janeiro, nº 08. 08/1969.

MACIEL, Luiz Carlos. **O Jovem Brecht. *O Pasquim***, Rio de Janeiro, nº 16. 09 a 15/10/1969.

MACIEL, Luiz Carlos. **Marilyn Monroe. *O Pasquim***, Rio de Janeiro, nº 19. 30/10 a 05/11/1969.

MACIEL, Luiz Carlos. ***Pasquim. O Pasquim***, Rio de Janeiro, nº 20. 06 a 12/11/1969.

MACIEL, Luiz Carlos. **Cultura de Verão. *O Pasquim***, Rio de Janeiro, nº 21. 13 a 19/11/1969.

MACIEL, Luiz Carlos. **A Esquerda Pornográfica (I) - Hoje: Marshall Macluhan. *O Pasquim***, Rio de Janeiro, nº 25. 11 a 17/12/1969.

MACIEL, Luiz Carlos. **A Esquerda Pornográfica (II) - Hoje: A vez de Marcuse. *O Pasquim***, Rio de Janeiro, nº 26. 18 a 24/12/1969.

MACIEL, Luiz Carlos. **A Esquerda Pornográfica (III) – Finalmente Wilhelm Reich. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 27. 12/1969.

MACIEL, Luiz Carlos. **Cannabis Sativa. O Pasquim**, Rio de Janeiro, no.30. 15 a 21/01/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Você está na sua? Um manifesto hippie. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 29. 08 a 14/01/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Abbie. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 48. 21 a 27/05/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Declaração. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 48. 21 a 27/05/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Festão. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 48. 21 a 27/05/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Repressão. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 48. 21 a 27/05/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Convocação. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 48. 21 a 27/05/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Bob Dylan. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 50. 04 a 10/06/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Misticismo para Todos. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 50. 04 a 10/06/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **O Budismo de Aldous Huxley. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 50. 04 a 10/06/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Trechos de um artigo sobre a ação política. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 50. 04 a 10/06/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Antiuniversidade. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 54. 02 a 08/07/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Programa da Universidade Livre de Nova Iorque. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 54. 02 a 08/07/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Curso da antiuniversidade de Londres. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 54. 02 a 08/07/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Anjos do Inferno. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 59. 06 a 12/08/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Freewheelin Frank. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 59. 06 a 12/08/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Qual é a tua? O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 60. 13 a 19/08/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Festivais. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 60. 13 a 19/08/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Zen. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 60. 13 a 19/08/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **Beck e Malina. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 66. 23 a 29/09/1970.

MACIEL, Luiz Carlos. **O Povo na Bahia. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 83. 04 a 10/02/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Caetano na Bahia. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 84. 11 a 17/02/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **A Miséria de uma Filosofia. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 84. 11 a 17/02/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Krishnamurti. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 90 25 a 31/03/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **A experiência e o viver. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 98. 20 a 26/05/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **John Lennon e a Neurose. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 98. 20 a 26/05/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Thimothy Leary. O Pasquim**, Rio de Janeiro, no nº 99. 27/05 a 02/06/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Abbie Hoffman/Jerry Rubin. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 99. 27/05 a 02/06/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Gilberto Gil. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 99. 27/05 a 02/06/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Bob Dylan. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 99. 27/05 a 02/06/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **A Questão do Sexismo. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 109. 22/05 a 28/07/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Ataque e contra-ataque. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 109. 22/05 a 28/07/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Living Theater. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 109. 22/05 a 28/07/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Jim Morrison morto. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 109. 22/05 a 28/07/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Morte pela boca. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 109. 22/05 a 28/07/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Flor do Mal. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 121. 26/10 a 01/11/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Sexo no Living Theater. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 122. 02 a 08/12/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Programa sem hora. O Pasquim**, Rio de Janeiro, nº 122. 02 a 08/12/1971.

MACIEL, Luiz Carlos. **Lembrança de Torquato Neto**. Rio de Janeiro, no.835. 11 a 17/07/1985.

FLOR DO MAL (Rio de Janeiro,1971)

O Pasquim Empresa Jornalística S.A.

Presidente: Sérgio Cabral

Vice-Presidente: Sérgio Jaguaribe

Diretor Financeiro: José Glossi

Diretor Administrativo: Maria Thereza Taboada Pinheiro

Editor Responsável: Sérgio Cabral

Editor: Tite de Lemos

Equipe: Rogério Duarte, Dcinho, Leila,Vera Duarte, Waly Salomão, Capinam, Célia Maria, "Moleque" Pereira Teixeira, Luiz Carlos Maciel, etc. Redação e Administração: Rua Clarice Índio do Brasil, nº 32

Impresso no Rio de Janeiro, pela AGGS Indústrias Gráficas S/A

Distribuição Nacional pela DIJOLIR – Distribuidora de Jornais, Livros e Revistas Ltda.

TREPIDAÇÃO, Joãozinho. **Uma nova raça. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 1ª. Edição. 06/1971, p. 04-05.

David Cooper e a antipsiquiatria. Flor do Mal, Rio de Janeiro, 1ª. Edição. 06/1971, p. 06.

O Mito do Andrógino. Flor do Mal, Rio de Janeiro, 1ª. Edição. 06/1971, p. 08.

Tao-te-Ching. Flor do Mal, Rio de Janeiro, 1ª. Edição. 06/1971, p. 08.

Rilke – Cartas a um jovem poeta. Flor do Mal, Rio de Janeiro, 1ª. Edição. 06/1971, p. 08.

VICENTE, Zé. **Ser criança, namorar, passear. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 1ª. Edição. 06/1971, p. 09.

Naquele Tempo. Flor do Mal, Rio de Janeiro, 1ª. Edição. 06/1971, p.09.

BONO, Ernesto. **Hoje sim. Amanhã não. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 1ª. Edição. 06/1971, p. 10.

BRASIL, Ronaldo. **Uma vela a deus, outra ao diabo. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 2ª. Edição.1971, p.05.

BIVAR, Antônio. **Teatro do ridículo. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 2ª. Edição.1971, p. 06.

MENDES, Celso. **The New Ecclesiasths. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 2ª. Edição.1971, p. 07.

DUARTE, Rogério. **A esquizofrenia segundo um médico (muito) louco – R. Laing. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 2ª. Edição.1971, p. 08-09.

PAIXÃO. **Você nasceu. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 2ª. Edição. 1971, p. 11.

MACEDO, Joel. **Fiquemos todos. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 2ª. Edição. 1971, p.12.

MAGALHÃES, Vera de. **Budismo: nota histórica. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 2ª. Edição.1971, p.14.

BURROUGHS, Willian. **Addiction. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 3ª. Edição. 18 de agosto de 1971, p. 03.

BONO, Ernesto. **Aqui e Agora. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 3ª. Edição. 18 de agosto de 1971, p. 03.

MAUTNER, Jorge. **Para que Dionísus ressuscite. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 3ª. Edição. 18 de agosto de 1971, p. 03.

LENO. **O nosso sonho está acabando. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 3ª. Edição. 18 de agosto de 1971, p. 07.

LUIZ, André. **Flor do Mal. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 3ª. Edição. 18 de agosto de 1971, p. 08-09.

MACHADO, Franklin. **O Candomblé como *underground*. Flor do Mal**, 3ª. Edição. 18 de agosto de 1971, p. 15.

MAUTNER, Jorge. **Há um sabonete na esquina do mundo. Flor do Mal**, 4ª. Edição.1971, p.02.

WALY, Salomão. **Roteiro Turístico do Rio. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 4ª. Edição.1971, p.03.

NANDO, **Flor do Mal. O Laboratório sou eu. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 4ª. Edição.1971, p.04.

Kodokuwajima: monge e viajante. Flor do Mal, Rio de Janeiro, 4ª. Edição.1971, p.08.

Pai por que me abandonaste? Flor do Mal, Rio de Janeiro, 4ª. Edição.1971, p.11.

SAMUEL, Rogel. **Meditação segundo o Arahant. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 4ª. Edição.1971, p.13.

BONO, Ernesto. **Paz e Amor. Flor do Mal**, Rio de Janeiro, 4ª. Edição.1971, p.14.

Entrevista com Grilo. Flor do Mal, Rio de Janeiro, 5ª. Edição.1971, p. 08-09.

A perfeição do andrógino. Flor do Mal, Rio de Janeiro, 5ª. Edição.1971, p. 11.

ROLLING STONE (1972-1973)

Editor Responsável: Luiz Carlos Maciel

Assistente: Anna Maria Lobo

Departamento de Arte: Lapi e Maurício Glatti

Redação: Ezequiel Neves, Mônica Hirst, Marilene Alves da Silva

Colaboradores: Jorge Mautner, Joel Macedo, Cláudio Lysias, Fernando Lemos, Rosmarie Muraro, Narcel de Almeida

Correspondentes Internacionais: Mário Martins Moreira (Londres), Michel Escat (Paris), Hélio Oiticica (New York).

Local: Rua Visconde de Caravelas, 73, Rio de Janeiro.

Publicidade: AGEVEP – Rio.

Rolling Stone (Edição Brasileira) é publicada por Camelopardi Produções Gráficas Ltda.

Diretores: Stephen A. Banks, Stephane Gilles Escat, Theodore George, Michael J. Killingbeck.

Conteúdo de Rolling Stone (Edição Brasileira) inclui material copyright 1971-72 by Straight Arrow Publishers. San Francisco, Califórnia.

Distribuição Nacional

Impresso pela Companhia Editora Fon-Fon e Seleta, Rio de Janeiro.

SOUZA, Valter M de. **Correspondência & Consultório Sentimental. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.03.

MURARO, Rose Marie. **Feminismo e Androginia. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.06-07.

PIVA, Roberto. **Roberto Piva: Um paulistano desvairado. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.12-13.

MAUTNER, Jorge. **RC. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 03, 29/02/1972, p.14-15.

HODENFIELD, Chris. **O Disco dos Beatles que ninguém ouvirá. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.17.

ALMEIDA, Narceu de. **Elvis Presley. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 03. 29/02/1972, p.20-23.

WERBIN, Stu. **O Novo Novo John Lennon. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 04. 21/03/1972, p.08-10.

COTT, Jonathan. **Percepção extra-sensorial. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 04. 21/03/1972, p.16-17.

SÁ, Luis Carlos de. **Teste do careta. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 04. 21/03/1972, p.24-25.

Movimento de Mentalização Musical. **Correspondência & Consultório Sentimental. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.03.

NEVES, Ezequiel. **Alice no país das maravilhas. Rolling Stone (Toque)**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.04.

MAUTNER, Jorge. **Cavalo da Chuva (e da Morte). Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.06.

É só boato. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.06.

HIRST, Mônica. **Grilos no México. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.08.

MARQUES, Carlos. **Nelson Duarte. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.09-13.

FERNANDO, Luiz. **A Guerra dos Iluminados. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.15.

BARRETO, Jule. **Reich está vivo. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.16.

GREENFIELD, Robert. **Sexo para a classe média. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.17.

NEVES, Ezequiel. **Bootlegs: indústria dos discos pirata. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.19.

SION, Carlos Alberto; MACHADO, Paulo. **Rock à brasileira. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.20.

FELTON, David. **Drogas: Nova Atitude. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.21.

FRONTANA, José Luís Vivas. **O processo de estereotipação. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.28-29.

DRUMMOND, Théo. **SOM: Novo Akai. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.34.

DRUMMOND, Théo. **SOM: Transas. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.34.

DRUMMOND, Théo. **SOM: Headphones. Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.34.

Correspondência & Consultório Sentimental. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 09. 30/05/1972, p.03.

O que é a casa das palmeiras ou Dra. Nise e a anti-psiquiatria *avant la Lettre*. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 09. 30/05/1972, p.06.

Todo mundo louco - menos aqui. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 09. 30/05/1972, p.06.

Lao-Tsé-O velho sábio. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 09. 30/05/1972, p.14-16.

EUA debatem sobre a legalização da maconha. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 09. 30/05/1972, p.17.

Novos Baianos. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 09. 30/05/1972, p.22-23.

MC5 – A Guerrilha Musical. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 10. 13/06/1972, p.08.

HQ: um testemunho sobre o trabalho de Stan Lee e os super-heróis da Marvel Comics. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 10. 13/06/1972, p.14-15.

Humanos vencem. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 10. 13/06/1972, p.17.

Rolando por cima. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 10. 13/06/1972, p.17.

Gay Power protesta. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 10. 13/06/1972, p.17.

O Rito do Peyote. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 10. 13/06/1972, p.18.

Notas Ligadas. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 10. 13/06/1972, p.19.

Recado do Leitor - Som e Ego. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 10. 13/06/1972, p.20.

Recado do Leitor - Cuidado: Formigas. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 10. 13/06/1972, p.20.

Recado do Leitor - Conceito Ridículo. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 10. 13/06/1972, p.21.

Cartas. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 10. 13/06/1972, p.21.

Serviço: Classificados de graça. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 10. 13/06/1972, p.27.

De Julho em diante Rolling Stone será semanal!. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 11. 27/06/1972, p.05.

Estrada: Fuck América!!!. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 11. 27/06/1972, p.06.

Nelson Cavaquinho: Comigo, ou sem mim, sempre haverá boêmia. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 11. 27/06/1972, p.08.

O *Underground* não morreu. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 11. 27/06/1972, p.10.

Willian Burroughs. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 11. 27/06/1972, p.16-17.

Cartas: Amizade (contra o Pasquim, jornal careta, Milton G. da Silva). Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 11. 27/06/1972, p.20.

Cartas: Romero da C. Machado (crítica ao Pasquim e outros alternativos tb). Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 11. 27/06/1972, p.20.

Recado do Leitor: Altamont (Tércio Rodrigues). Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 11. 27/06/1972, p.20.

Cartas: um anônimo falando do underground brasileiro, metendo o pau. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 11. 27/06/1972, p.21.

Cuidado: Paranóia. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 11. 27/06/1972, p.22-23.

Toque: Mr. Dylan. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 16. 15/08/1972, p.07.

Bivar. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 16. 15/08/1972, p.08.

O que vai por aí: drogas legalizadas. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 16. 15/08/1972, p.09.

Alquimia e os processos inconscientes: C.Jung e o significado da Redenção da Matéria. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 16. 15/08/1972, p.16.

Posições(música). *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 16. 15/08/1972, p.17.

Recado: Contra as drogas. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 16. 15/08/1972, p.18.

O Gigante Acordou. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 16. 15/08/1972, p.18.

Bowiemanía. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 17. 22/08/1972, p.09.

Violência Policial. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 17. 22/08/1972, p.18.

Poema Gráfico. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 19. 05/09/1972, p.05.

Livros: A Contracultura de Theodore Roszak. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 19. 05/09/1972, Editora Vozes, p.06.

Rock´n´roll. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 19. 05/09/1972, p.06.

Fripp encontra a resposta: Na magia branca, velas coloridas e uma feiticeira chamada Walli Emlark. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 19. 05/09/1972, p.09.

Ângela Davis. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 19. 05/09/1972, p.10.

Estrada: Street-People. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 19. 05/09/1972, p.16.

Parapsicologia. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 19. 05/09/1972, p.17.

Recado do leitor: Alô, Camaradas. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 19. 05/09/1972, p.19.

Recado do Leitor: Sr. Editor. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 19. 05/09/1972, p.19.

Recado do Leitor: Alô daí. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 19. 05/09/1972, p.19.

Classificados de Graça: Vendo o nº Zero da Rolling Stones. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 19. 05/09/1972, p.23.

Os Mutantes (fala dos meios de comunicação) . *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 24. 10/10/1972, p.08.

Alice Cooper (fala sobre o *underground*, se a subcultura tem futuro) . *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 24. 10/10/1972, p.08.

WATTS, Allan. **Drogas psicodélicas e a experiência religiosa.** **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 24. 10/10/1972, p.14-16.

Música como Libertação (rock) . **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 24. 10/10/1972, p.18.

Top Tópicos do Psicodrama Urbano. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 24. 10/10/1972, p.18-19.

Os Mutantes (fala dos meios de comunicação) . **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 24. 10/10/1972, p.08.

Free Press: Pos Factum. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 25. 17/10/1972, p.06.

Por uma nova ética. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 25. 17/10/1972, p.09.

Gay Power X Women's Lib. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 25. 17/10/1972, p.12.

Plutão. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 25. 17/10/1972, p.16.

Estrada: Yin e Yang. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 25. 17/10/1972, p.17.

Recado do Leitor: Balacobaco Generation. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 25. 17/10/1972, p.19.

Sobre a Esquizofrenia. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 25. 17/10/1972, p.20.

Classificados de Graça. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 25. 17/10/1972, p.23.

Fontes (livros interessantes) . **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 29. 14/11/1972, p.04.

Macrobiótica. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 29. 14/11/1972, p.06.

Greenwich Village. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 29. 14/11/1972, p.10-11.

Robert Crumb. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 29. 14/11/1972, p.12-13.

Toque. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 32. 05/12/1972, p.02.

Rock'n'roll (10) . **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 32. 05/12/1972, p.08.

Stars- transa nossa: O espetáculo abacaxi-papagaio do ano. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 32. 05/12/1972, p.08.

Free-Press: três. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 32. 05/12/1972, p.10.

Free-Press: zero. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 32. 05/12/1972, p.10.

Benares. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 32. 05/12/1972, p.12.

Allan Watts. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 32. 05/12/1972, p.14-15.

Cientificismo é Religião. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 32. 05/12/1972, p.18.

Cartas. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 32. 05/12/1972, p.21.

Serviço: Classificados de graça. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 32. 05/12/1972, p.23.

Geral. Navilouca. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 33. 12/12/1972.

Geral. A Nova Toca do Rock. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 33. 12/12/1972.

A palavra do rock. Letras do LP Thick as a Brick do Jethrotull. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, nº 33. 12/12/1972, p. 16-17.

Contacto. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 33. 12/12/1972, p. 21.

Cartas. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 33. 12/12/1972, p. 22.

Recado do Leitor - Força Bruta. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 33. 12/12/1972, p. 21-22.

Contacto. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 33. 12/12/1972, p. 21-22.

Queremos que você seja nosso repórter. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 33. 12/12/1972, p. 23.

Cartas. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 33. 12/12/1972, p. 23.

Discos. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 33. 12/12/1972, p. 24.

Queremos sua crítica de discos. Rolling Stone, Rio de Janeiro, nº 33. 12/12/1972, p. 25.

BONDINHO (1970-1974)

BONDINHO, Revista Guia da cidade de São Paulo.
Arte e Comunicação Editora/Redação Publicidade e Administração.
Localização: Rua João Adolfo, 118, São Paulo.
Tiragem: 50.000
Editor: Hamilton Almeida

Reportagem: Roberto Freire, Ricardo Vespucci, Theresa Linhares, João Garcia Duarte Neto, Antônio Pisarras Marques, Wilson Noheredami, Valter Correa, Victor Carlos Morari, Goulart de Andrade.

Texto: Dante Mattiussi

Diagramação: Rudy Alves (chefe), Ary Normanha, Antônio Rafael.

Fotografia: Claudia Andujar e Roy Brewington, Amâncio Chiodi, Djalma Batista.

Correspondente em Londres: Bernardo Kucinski

Espetáculo-arte: Humberto Pereira (editor), Marco Cícero Bottino (sub-editor), Hamlet F. Paoletti (cinema), Álvaro Buarque de Holanda e Sérgio Tadeu de Oliveira (discos), Antônio Carlos Braga (livros), Antônio Ventura (teatro), Adilson Ruis e Regina Sousa Marques (infantil), Paulo de Oliveira, Freire (coluna do Paulinho).

YOUNG, Allen. **A revolta dos homossexuais nos Estados Unidos. Bondinho**, São Paulo, 09/12 a 22/12/1971, p. 07-14.

FREIRE, Roberto. **Experiência de Antônio Pisarra. Bondinho**, São Paulo, 09/12 a 22/12/1971, p. 18-26.

CARTAS. **Consciente das coisas. Bondinho**, São Paulo, 02/03 a 15/03/1972, p.02.

CARTAS. **CLUBE. Bondinho**, São Paulo, 02/03 a 15/03/1972, p.03.

CARTAS. **Profundezas Abissais. Bondinho**, São Paulo, 02/03 a 15/03/1972, p.03.

JARY. **Homem não é homem, mulhomem. Mulher não é mulher, homulher** (entrevista com Rose Marie Muraro). **Bondinho**, São Paulo. 31/03 a 13/04 de 1972, p. 45.

FREIRE, Roberto. **Peter Towshend. Bondinho**, São Paulo. 23/12 a 07/01/1972, p. 14.

BOTTINO, Cícero. **Underground** (entrevista com Luiz Carlos Maciel). **Bondinho**, São Paulo. 17/02 a 01/03 de 1972, p. 17.

FILMOGRAFIA

Rolling Stones: Gimme Shelter. Direção de David Maysles, Albert Maysles e Charlotte Zwerin. EUA, 1969.

1972. Direção de José Emílio Rondeau, produção e direção de Ana Maria Bahiana. Rio de Janeiro, 2006.

Easy Rider (“Sem Destino”). Direção de Dennis Hopper. EUA, 1969.

Woodstock. Documentário com Direção de Michael Wadleigh. EUA, 1970.

Rebel Without a cause (“Juventude Transviada”). Direção de Nicholas Ray. EUA, 1955.

Hair. Direção de Milos Forman. EUA, 1979.

ENTREVISTAS

Entrevista concedida pelo jornalista e prof. Sílvio Demétrio no dia 19 de abril de 2006, em sua residência, em Londrina. (Cf. anexos)

Entrevista concedida por Luiz Carlos Maciel, nos dias 16 e 17 de abril de 2001, em sua residência, no Leblon, Rio de Janeiro. (Cf. anexos)

Entrevista concedida por Luiz Carlos Maciel, no dia 25 de julho de 2001, em sua residência, no Leblon, Rio de Janeiro. (Cf. anexos)

Entrevista concedida por Luiz Carlos Maciel, no dia 07 de setembro de 2005, em sua residência, no Leblon, Rio de Janeiro. (Cf. anexos)

7 REFERÊNCIAS

7.1 LIVROS

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis**: punks e Darks no Espetáculo Urbano. Scritta, 1994.

BARROS, Patrícia Marcondes. **Panis et Circenses**: a idéia de nacionalidade no Movimento Tropicalista. Editora UEL, 2000.

_____. **A Contracultura na América do Sol**: Luiz Carlos Maciel e a coluna underground. Dissertação de Mestrado. Editora Booklink, Rio de Janeiro.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BOLLON, Patrice. **A moral da máscara**: merveilleux, zazous, dândis, punks, etc. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BRAGA, Regina Estela. **Imprensa Alternativa**: apogeu, queda e novos caminhos. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Cadernos da Comunicação: série Memória, 2005.

BROWN, Norman O. **A vida contra a morte**: o sentido psicanalítico da História. Editora Vozes. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Petrópolis, Vozes, 1972.

_____. **Loves Body**. Vintage Books, New York, 1966.

BRITO, Fausto Reynaldo Alves de, FREIRE, Roberto Correia. **Utopia e Paixão: a política do cotidiano**. 4^a.edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

BUENO, André Luiz. **Contracultura: As utopias em marcha**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras – PUC, Rio de Janeiro, 1978.

CACCIA BAVA, Augusto et alli. **Jovens na América Latina**. Tradução de Augusto Caccia-Bava. São Paulo, Escrituras Editora, 2004.

CALADO, Carlos. **Tropicália: A História de uma Revolução Musical**. São Paulo: Editora 34, 1997.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Poesia Marginal dos anos 70**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

CAMPOS, Augusto de. **Balanço da bossa e outras bossas**. São Paulo, Perspectiva, 1978.

CAMPOS, Paulo Mendes. **Testamento do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1966.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo, Contexto, 1988.

CARDOSO, Tom. **75kg de músculos e fúria: Tarso de Castro – a vida de um dos mais polêmicos jornalistas brasileiros**. Editora Planeta do Brasil, 2005.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da Rebeldia**. São Paulo, Editora SENAC, 2001.

CARVALHO, César Augusto. **Beats e Hippies: Uma Cartografia do Desejo**. Tese de Doutorado. UNESP, 2005.

CÉSAR, Ana Cristina. **Escritos no Rio**. Rio de Janeiro/São Paulo, UFRJ, Brasiliense, 1993.

_____. **Crítica e Tradução**. São Paulo, Editora Ática, 1999.

COHN, Nick. **WopBopaLooBopLop-BamBoom**. A golden Age of rock. Da Capo Press, New York, 1970.

COOPER, DAVID. **A Morte da Família**. Tradução de Jurandir Craveiro: revisão Margarida MC Oliva. 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1986.

CYNTRÃO, Sylvia Helena(org). **A forma da festa**. Tropicalismo: a explosão e seus estilhaços. Brasília, Editora UNB, 2000.

DIAS, Lucy. **Anos 70**: enquanto corria a barca. Editora Senac São Paulo, 2003.

DIAS, Márcia Tosta. **Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura**. Boitempo Editorial, 2000.

FARO, José Salvador. **Revista Realidade 1966-1968**: Tempo de Reportagem na Imprensa Brasileira. Editora AGE/Ilbra, 1999.

FAVARETTO, Celso. **A invenção de Hélio Oiticica**. 1 ed. São Paulo, Edusp, 1980.

FAVARETTO, Celso. **Tropicália, Alegoria, Alegria**. São Paulo, Ateliê Editorial, 1996.

FERRY, Luc. **Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo**. Tradução Roberto Markerson, Nelci do Nascimento Gonçalves. São Paulo, Ensaio, 1968.

FORACCHI, Maria Alice. **A juventude na sociedade moderna**. Livraria Editora Pioneira, 1972.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de José O.A. Abreu. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and Roll**: Uma história social. Tradução de A. Costa. 3ª. edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

FROMM, Erich. **O coração do homem**: seu gênio para o Bem e para o Mal. Tradução de Octavio Alves Velho, 2a. edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

GALBRAITH, John Kenneth. **O Novo Estado Industrial**. Apresentação de Gesner José Oliveira Filho; tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho; revisão de Aldo Bocchini Neto. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. **A Sociedade Afluente**. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Pioneira, 1987.

GARCIA, Marco Aurélio e VIEIRA, Maria Alice. **Rebeldes e Contestadores**: 1968, Brasil, França e Alemanha. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

GIANNATTASIO, Gabriel. **Próxima Parada**: O Haras Humano (ensaio). Londrina: Atrito Art Editorial, 2004.

GINSBERG, Allen. **Uivo, Kaddish e outros** (1953-1960). Tradução de Cláudio Willer. 1a. edição. Rio Grande do Sul, LPM editores, 1984.

GINSBERG, Allen e BURROUGHS, William. **Cartas do Yage**. Tradução Bettina Becker. LPM editores, Porto Alegre, 1984.

GROPPO, Luís Antônio. **O rock e a formação do mercado de consumo cultural juvenil**: a participação da música popular na transformação da juventude em mercado consumidor de produtos culturais, destacando o caso Brasil e os anos 80. IFCH, Dissertação de Mestrado, 1996.

GROSSI, Gabriel Pillar. **Rock**. Editora Abril, São Paulo, 2005.

HESSE, Herman. **O Lobo da Estepe**. Tradução de Ivo Barroso. Rio de Janeiro, editora Record, 1995.

HESSE, Herman. **Demian**. Tradução de Ivo Barroso. Editora Record, 19a. edição.

HESSE, Herman. **Sidarta**. Tradução de Herbet Caro. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro: 1974.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. O breve século XX. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

HOLLANDA, Heloísa B. e GONÇALVES, Marcos A. **Cultura e participação nos anos 60**. 3ª. edição. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde**. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

HOLLANDA, Heloísa Buarque, PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Poesia Jovem –Anos 70**. Colaboração Lula Buarque de Hollanda, consultoria Leila Miccolis e Maria Amélia Melo. São Paulo: Abril Educação, 1982.

JAMES, Willian. **Pragmatismo e outros ensaios**. Tradução de Jorge Caetano da Silva. Editora Lidor, Rio de Janeiro, 1963.

JOHNSON, Michael. **The New Journalism** - Understanding Press, the Artists of NonFiction, and Changes in the Established Media. Lawrence, Manhattan, Witchita, University Press of Kansas, 1971.

KEROUAC, Jack. **On the road**. London, André Deutsch, 1955.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários** – nos tempos da imprensa alternativa. Editora Página Aberta Ltda. São Paulo, 1991.

KURLANSKY, Mark. **1968: O ano que abalou o mundo**. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

LAING, Ronnie. **O eu dividido**: estudo existencial da sanidade e da loucura (The divided self). Tradução de Aurea Brito Weissenberg. 6ª edição, Vozes, Petrópolis, 1991.

LONTRA, Hilda. **Tropicalismo**: a explosão e seus estilhaços. In: HELENA, S. (org). A forma da festa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

MACIEL, Luís Carlos. **Sartre**: vida e obra. 2a. Edição. Rio de Janeiro, José Álvaro Editor, 1970.

_____. **Nova Consciência.** Jornalismo contracultural -1970-72. Rio de Janeiro, Editora Eldorado ,1973.

_____. **A Morte Organizada.** Rio/São Paulo, Global e Ground, 1978.

_____. **Negócio Seguinte.** 2a. Ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1982. Coleção Edições do Pasquim, v.101.

_____. **Anos 60.** Porto Alegre: L&PM, 1987.

_____. **Geração em transe:** memórias do tempo do Tropicalismo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.

_____. **As Quatro Estações.** Rio de Janeiro, Editora Record,2001.

_____. **De volta para o futuro:** antologia de textos. Edição de Maria Luiza Ocampo. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

MACLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem** (*understanding media: The Extensions of Man*). Editora Cultrix, São Paulo, 2006.

MAFFI, Mario. **La cultura underground.** Editorial Anagrama, Barcelona, 1972.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade Industrial** . Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1967.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização:** Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 7a. Ed., 1978.

MARCUSE, Herbert. **Libertando-se da sociedade opulenta.** Org. David Cooper. Dialética da Libertação.

MARCUSE, Herbert. **O fim da utopia.** Trad. Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1969.

MATTOS, Olgária C.F. **As barricadas do desejo.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

MAUTNER, Jorge. **Fundamento do Kaos**. Ched Editorial, 1985, São Paulo.

MEDEIROS, Paulo Tarso Cabral de. **Mutações do Sensível: rock, rebeldia e MPB pós-68**. Manufatura, 2004.

MELLO, Maria Amélia (organização). **Vinte anos de resistência**: Alternativas da Cultura no Regime Militar. Espaço e Tempo, Rio de Janeiro, 1986.

MUGGIATI, Roberto. **História do rock**. Editora Três, São Paulo, 1984.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira**: utopia e massificação (1950-1980). Editora Contexto, São Paulo, 2001.

NETO, Torquato. **Os últimos dias de Paupéria**. 2 ed. São Paulo, Max Limonad, 1982.

NOVAES, Aduino (organização). **Anos 70**: ainda sob a tempestade. Rio de Janeiro: Aeroplano: editora Senac Rio, 2005.

OLIVEIRA, João Henrique de Castro de. **História do Jornal Rolling Stone – versão brasileira (1972-1973)**. Contracultura, censura e primórdios do jornalismo rock no Brasil. Rio de Janeiro, dissertação de Mestrado. Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS), 2002, UFF.

PAIANO, Enor. **Tropicalismo**: bananas ao vento no coração do Brasil. São Paulo: Scipione, 1996. Livro do Professor.

PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60**: Rebeldia, Contestação e repressão política. São Paulo, Ática.

PEÇANHA, Dóris Lieth Nunes. **Movimento beat** - rebeldia de uma geração. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1988.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Retrato de época**. Rio de Janeiro. Funarte, 1981.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é Contracultura**. 6a.ed. Editora Brasiliense, 1988.

PIRES, André Monteiro Guimarães Dias Pires. **A ruptura do escorpião**: ensaio sobre Torquato Neto e o mito da marginalidade. Grupo Editorial Cone Sul, São Paulo, 2000.

REICH, Wilhelm. **A revolução sexual**. Tradução de Ary Blaustein. 5 edição. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

REZENDE FILHO, Cyro de Barros. **História Econômica Geral**. São Paulo: Contexto, 1991.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. Editora UNESP, 1993.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. **Em busca do povo brasileiro**: artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro, Editora Record, 2000.

ROQUE, Carlos. **Pedras Rolando**. Global Editora, São Paulo, 1984.

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. São Paulo, Vozes, 1972.

SALOMÃO, Waly. **Me segura que eu vou dar um troço**. José Álvaro Editora, 1972.

SARTRE, Jean Paul. **Entre quatro paredes**. Tradução de Alcione Araújo e Pedro Hussac. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.

SCHWARCZ, Roberto. **O pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

SHUKER, Roy. **Vocabulário de Música Pop**. Tradução Carlos Szlak. 1ª. edição. São Paulo: Hedra, 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª.ed., Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TAVARES, Carlos A.P. **O que são comunidades alternativas**. Editora brasiliense, São Paulo, 1983.

THOMPSON, Hunter. *Hell's Angels; Medo e Delírio sobre duas rodas*. Tradução de Ludimila Hashimoto. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

UNAMUMO, Miguel de. **Do sentimento trágico da vida**. Tradução de Maria do Carmo Silva. Editora Quarteto, 2001.

VAZ, Toninho. **Pra mim chega**. A biografia de Torquato Neto. Editora Casa Amarela, São Paulo, 2005.

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Nova Fronteira, 1988.

WOLFE, Tom. **O Teste do Ácido do Refresco Elétrico**. Tradução Rubens Figueiredo. Rocco

7.2 Artigos em revistas e jornais

AUGUSTO, Sérgio. **De 'La Chinoise' a 'Daunbailo'**. Vinte anos depois -Folha de S. Paulo - 22/03/98, p.06.

CARELLI, Wagner. **Do amor livre à camisinha**. Vinte anos depois - Folha de S. Paulo - 22/03/98, p. 04.

CARVALHO, Mário César. **Do marketing da rebeldia ao mal-estar do mercado**. Vinte anos depois - Folha de S. Paulo - 22/03/98, p.04.

CARTA, Mino. **Foi apenas sonho e acabou**: a história de um esgoto, de uma festa em Ipanema e de um maremoto. Veja. 07/03/1973. p. 40-44.

CASTRO, Tarso de. **Tarso Pasquim de Castro**. Revista Status, no. 15. Junho de 1976, p. 44-45.

EMEDIATO, Luiz Fernando. **Os alegres tempos da ditadura**. Estado de S. Paulo. 02/11/1986.

FAVARETO, Celso. **O Tropicalismo, a Contracultura e os Alternativos**. In Revista *Temporaes*, ano V, edição especial no.02, 1996, USP, p.24-30.

FIORI, Otaviano. **Ideologia de Contracultura**. In Revista *Temporaes*, ano V, edição especial no.02, 1996, USP, p.48-55.

FOLHETIM. **A Vida é agora**. Folha de S. Paulo, 28 de dezembro de 1980, p. 11.

GONÇALVES, Marco A. **Da viagem de ácido ao pó**. Vinte anos depois - Folha de S. Paulo 22/03/98, p. 05.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. Maio de 1968 na França : um mito sempre revisitado. In *TodaVIA*, UEL, 1999.

HOBSBAWM, Eric. Caderno Mais da Folha de S. Paulo. 10 de maio de 1998.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. In *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, domingo, 24 de novembro de 1985.

ISMAEL, J.C. **Uma biografia de contestação**. O Estado de São Paulo-21/10/98 - p. 02 (Suplemento CULTURA)

Revista LIBERTÁRIAS – Revista Trimestral de Cultura Libertária, no. 04. **Rebeldias**. São Paulo, Editora Imaginário, 1998, p. 31.

MACIEL, Luiz Carlos. Revista *Careta*, Ano LIII, no. 2.736, de 20/07/1981, p.19)

_____. **Ideologia de Contracultura**. In Revista *Temporaes*, ano V, edição especial no.02, 1996, USP, p.56-61.

NAPOLITANO, Marcos e VILLAÇA, Mariana M. **Tropicalismo : as relíquias em debate**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.18, no.35, p.53-75. 1998.

NAPOLITANO, Marcos. **Batman – A Contracultura na Indústria Cultural**. In Revista *Temporaes*, ano V, edição especial no.02, 1996, USP, p.42-47.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Os anos 60: Um projeto político-cultural em debate**. IN História, v.10. UNESP, 1991.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Vinte e poucos anos do Tropicalismo**. IN Pós-História, v.1. UNESP, 1993.

SANCHES, Pedro Alexandre. **A Tropicália reprimida**. Folha Ilustrada, São Paulo, 28 de abril de 2003.

SANTANA, Ana Lúcia. **Maio de 68 francês**: obra aberta. In Revista *Temporaes*, ano V, edição especial no.02, 1996, USP, p.82-90.

SCHIAVON, Perci. **Anotação de viagem** (sem data). Jornal *Nicolau*, edição 44, p.23.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Dos hippies aos yuppies**. Vinte anos depois - Folha de S. Paulo - 22/03/98, p.01.

7.3 REFERÊNCIAS VIRTUAIS

DEMÉTRIO, Sílvio Ricardo. **Jornalismo Contracultural**. In Texto Vivo: narrativas da vida real. <http://www.textovivo.com.br>. (Acessado em 19/08/2006).

FORTUNATO, Sandro. **O Cruzeiro**. <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro> (Acessado em 19/08/2006).

BAHIANA, Ana Maria. **A revista Rolling Stone brasileira**. Digestivo Cultural. Disponível em <http://www.digestivocultural.com/ensaios/>. (Acesso em 10 de maio. 2006).

ANEXOS

NEW JOURNALISM & JORNALISMO UNDERGROUND

Entrevista concedida pelo jornalista e prof. Sílvio Demétrio no dia 19 de abril de 2006, em sua residência, em Londrina.

P- Professor, comente sobre sua trajetória acadêmica. (Graduação, pós-graduação, temas de pesquisa desenvolvidas no Mestrado e Doutorado, etc...)

S - Fiz minha graduação em Londrina e foi lá que me envolvi com a pesquisa sobre imprensa alternativa. Não gosto muito desse termo, "alternativa", porque ele parece colocar as coisas entre aspas e eu também não gosto muito de aspas. Talvez esse fosse o meu grande problema com o jornalismo: as aspas. É por intermédio delas que o jornalista se desobriga das responsabilidades do que publica. Mas as aspas são sempre arbitrárias. A imprensa cria efeitos de sentido como a montagem na linguagem cinematográfica. As aspas constituem o princípio da montagem na imprensa. Foi deste contexto que parti para estudar modos e conceitos de jornalismo não convencionais. Isto me levou no meu trabalho de graduação a pesquisar sobre o New Journalism. Na época havia muito pouco material disponível sobre o assunto. Basicamente minhas fontes foram o livro Páginas Ampliadas, do Edvaldo Pereira Lima lá da ECA e o estudo de Michael Johnson sobre o tema, do qual havia uma

publicação Argentina muito antiga na biblioteca da UEL. Pois bem, acabei algum tempo depois entrando no mestrado na ECA e o Edvaldo foi meu orientador. Acabei desenvolvendo um trabalho sobre a coluna Geléia Geral de Torquato Neto, o que era, na minha opinião, uma forma radicalíssima de jornalismo para o qual uma definição vazia como "alternativo" é pouco. Torquato Neto foi uma anomalia, um sintoma que produziu algo que não se encaixa muito bem nas em escaninhos. Foi aí que entrei mais fundo ainda no tema da contracultura - tema sobre o qual estou desenvolvendo agora minha tese de doutorado sob a orientação da professora Mayra Rodrigues Gomes, também da ECA. Meu trabalho é sobre o new journalism e contracultura num recorte da literatura de não ficção americana (Hunter Thompson, Tom Wolfe e Norman Mailer). Desde o mestrado venho trabalhando com o conceito de literatura menor de Deleuze e Guattari, que é essencialmente uma forma de literatura que desterritorializa as definições do cânone. Existem certos autores que se colocam como anomalias na história do pensamento, na história da literatura também, e por que não, na história do próprio jornalismo. Aqui no Brasil tivemos um fenômeno editorial e também político e cultural que foi a imprensa nanica. Estou trabalhando com esta proposta, de pensar uma imprensa menor, que torne instável os recortes da prática jornalística. Autores contemporâneos na teoria literária, como por exemplo Stanley Fish, trabalham com uma desessencialização do conceito de literatura. Acredito que seja possível fazer o mesmo em relação ao jornalismo. A experiência de ter trabalhado com a produção jornalística de Torquato Neto me serviu de indicador de que isto é possível, pois seu estilo é uma verdadeira aporia em termos da doxa que sustenta grande parte das práticas pelas quais se dá a comunicação de massa. Daí o referencial teórico repousar em Deleuze - por ele ser impiedoso com a comunicação.

P- Comente a respeito do New Journalism. O que é, quando e onde surge?

S- O New Journalism nasceu a partir da literatura de não ficção, faction, fato+ficção. Foi um fenômeno da imprensa americana do pós-guerra. Como precursores desse estilo estão Stephen Crane, no começo do século, e I. F. Stone no final da década de 50. Um livro então se torna o marco pelo qual se pensa a eclosão desse fenômeno: In Cold Blood (A Sangue Frio) de Truman Capote, já na década de

sessenta. Capote utiliza ferramentas próprias da literatura para trabalhar sua reportagem de longo fôlego a respeito de um assassinato. Essa mistura de jornalismo com técnicas literárias era algo que estava no espírito da época porque ela vai aparecer em modulações diferentes em outros grandes autores jornalistas como Hunter Thompson, Gay Talese, Tom Wolfe, Raymond Mungo, entre outros. O termo *new journalism* é cunhado por Tom Wolfe para nomear essa tendência da qual ele colige uma coletânea com textos do panteão da literatura de não ficção americana. A coletânea *New Journalism* de Tom Wolfe serve como parâmetro pelo qual esse novo modo do fazer jornalístico encontra sua identidade. O primeiro estudo mais elaborado sobre o tema foi o de Michael Johnson, o qual trabalha com um recorte mais amplo para definir o *new journalism*, incluindo sob uma mesma perspectiva o fenômeno da contracultura e da imprensa *underground*. Hoje eu entendo o *new journalism* como uma investida contra a concepção naturalista de linguagem que é quase um dogma na profissão. O mais interessante é que esta investida aconteceu segundo uma dimensão da prática mesma. O jornalista se projeta para dentro do relato e não esconde as marcas de seus artifícios. É algo similar à concepção de teatro brechtiano. Daí que numa comparação grosso modo poder-se colocar o jornalismo convencional próprio dos padrões adotados pelas agências de notícias em relação ao *new journalism* assim como se discute comparativamente o naturalismo em relação ao realismo em termos literários. É uma questão de concepção de linguagem. Assim como o teatro realista de Brecht não esconde que é teatro, o *new journalism* é uma forma de jornalismo que acima de tudo não encobre o fato dela mesma ser uma construção e, portanto, uma visão particular, uma dada perspectiva da realidade. Já o jornalismo *underground* diz respeito ao pipocar dos jornais universitários na década de 60 e de toda mídia radical vinculada à militância pelos direitos civis e outras lutas da contracultura. Historicamente o jornalismo *underground* pode ser entendido como um fenômeno molecular de resistência à grande mídia. Aliás, quando falamos mídia, isto já nos coloca numa perspectiva de grandes estruturas - pensar o *underground* neste sentido é pensar uma contra-mídia. O filósofo Antonio Negri escreveu um breve ensaio no qual pensa as articulações e agenciamentos possíveis decorrentes de uma era pós-mídia que se começa a vislumbrar a partir das novas tecnologias de comunicação. Entendo o *underground* como essa possibilidade de desregramento

da informação, desencaminhando-a das rotinas de produção e padrões formais que impõem à imprensa convencional a triste figura do escriba arrogante e orgulhoso.

P- Sabemos que o jornalismo brasileiro do final dos anos 60 e início dos anos 70, recebeu influências da Contracultura norte-americana e do New Journalism ao abordar questões comportamentais e sociais com um "novo olhar". Como se dava esse "novo olhar" e quais "novos horizontes" foram enfocados desde então?

S- Talvez, e isto é uma opinião ainda (opinião, na minha opinião (rs), é um outro nome para hipótese), a contracultura tenha servido como mapa naquele momento histórico sufocante. A virada dos 60 para os 70 no Brasil foi uma barra pesadíssima e o tipo de contestação que a contracultura colocava em prática era algo que escapava de uma sobrecodificação dos instrumentos de coerção como a censura. Daí a contracultura colocar-se como farol para a nossa navilouca que articulava possíveis rotas de fuga. Existe um desregramento da linguagem característico em todas as expressões da contracultura - desde os beats até as letras oraculares de Robert Hunter no Grateful Dead ou ainda o Living Theatre e especialmente o teatro de guerrilha de Abbie Hoffman. Toda a linguagem da contracultura é performativa, isto é, busca-se não apenas representar alguma coisa segundo o valor utilitário do signo que faz com que o conteúdo se sobreponha à forma. Como no verso de Vicente Huidobro "não apenas falar sobre a rosa, mas fazer com que ela floresça no poema". Isto se consegue quando se rasga o véu que separa a linguagem daquilo que ela pode estruturar no campo da experiência. É doloroso ao mesmo tempo porque é por este caminho que se chega à loucura. Como escrevem Deleuze e Guattari, é preciso se ter uma certa prudência com as linhas de fuga porque elas podem resultar em paixão de abolição, o que pode ser entendido também como niilismo. Diante da impossibilidade da expressão de toda a arte e pensamento numa sociedade marcada pela moral de rebanho da classe média que desejou um regime de exceção havia a necessidade, penso eu, de escrever, pensar e criar para um povo que naquele momento não existia - escrever, pensar e criar para um povo que vem, um povo inventado no sentido nietzschiano, um exercício de fuga e busca ao mesmo tempo. Fuga como condição de não ser cadastrado e sobrecodificado pelas estruturas vigentes e busca por uma solidariedade clandestina. Assim temos não só

na arte, mas também no jornalismo, especialmente no jornalismo nanico, muito mais um valor de expressão do que comunicação. Em alemão a palavra *gemein* significa tanto comum quanto banal, portanto destituído de valor. Quando estamos falando em comunicação sempre se coloca como valor a idéia do bem comum, ora, aí existe uma contradição, como um bem pode ser comum. Sé é bem é algo que tem um valor porque é raro, singular. O Comum é a destituição de qualquer idéia de bem. Comunicar, e aqui insisto com uma tonalidade nietzschiana nesta questão, é, portanto, a despontecialização de qualquer singularidade, de qualquer valor, de qualquer bem. A comunicação é uma armadilha, um aparelho de captura. É só através da expressão que se foge dessa prisão, da comunicação. E só se foge sozinho, ou, no máximo, aos bandos. Não há como escrever, pensar e criar a não ser de uma perspectiva singularizada. O discurso objetivo da grande imprensa é o discurso do poder, é o discurso que mantém as coisas exatamente do jeito que estão porque é um discurso que é instrumentalizado a partir deste valor de sua linguagem como normalizada, objetiva e que logo sugere a idéia de uma ordem dada como natural. Não se escreve pensa e cria para todos, mas para qualquer um - Girogio Angabem fala de uma forma maravilhosa disto em seu livro *Da Comunidade que Virá*: a palavra qualquer vem do latim *quod libet*, já existe aí algo "o qual" (*quod*) "quer" (*libet*) alguma coisa, já existe um desejo que se articula e se singulariza. A contracultura em sua grande parte foi marcada por este tipo de expressão, de um discurso para qualquer um e não para todos. Daí talvez a contracultura ter sido uma referência a um "outro olhar" aqui no Brasil naquele momento, porque ela produzia uma outra linha de dissidência que não a das instituições políticas convencionais. A expressão da contracultura e sua potência garantiram algo muito mais subversivo porque falavam de uma liberdade muito mais radical. De uma liberdade que não é para todos, mas para qualquer um. Liberdade como subjetivação sem sujeito - hecceidade. Antídoto contra patrulhamentos. Aqui no Brasil toda uma geração se nutriu dessa mesma fonte: a poesia marginal, a imprensa nanica e algumas experiências como a da Revista Realidade.

P- A relação do jornalista com o fato muda com o New Journalism. Comente a respeito do mito da objetividade na imprensa e a subjetividade proposta por esse novo fazer jornalístico.

S - Em termos de prática jornalística o new journalism vai se constituir em algo como no refrão da época: "a imaginação no poder". O texto jornalístico é o resultado de todo um conjunto de procedimentos de hierarquização, portanto de valoração do que é notícia e do que não é. São vários momentos num processo coletivo de construção dessa grade de interpretação do presente que se pretende objetiva. O problema com a objetividade é que ela é produto dessa grade e não de uma experiência própria do jornalista. Este conflito separa o jornalista daquilo que ele produz, em termos nietzschianos, separa uma força daquilo que ela pode. A objetividade transforma o jornalismo em ressentimento. O new journalism assinala a perspectiva de uma potência da narração. A objetividade do jornalismo standartizado foi definida por todo um processo histórico de construção desse valor. O problema é que ela a partir de um certo momento na história do jornalismo é naturalizada na prática dos meios de comunicação e principalmente nos currículos dos cursos de jornalismo. E ela não é uma característica inquestionável da linguagem jornalística. Costuma-se colocar a objetividade como um valor que nasce da separação entre fato e comentário no jornalismo. Ora, esta separação é arbitrária e simplista. Sempre existe uma hierarquização por mais rígido que for o protocolo pelo qual se constrói o valor de objetividade. O new journalism ao se permitir à experimentação estética com o texto jornalístico funde novamente fato e comentário. Como não ficção o new journalism desconstrói a doxa da qual sobrevive a imprensa convencional. Ficção vem de fictio que quer dizer construção, logo, não-ficção pode ser entendida também com um procedimento de des-construção. Voltamos a ter não mais um jornalista, mas um narrador. Eticamente se coloca às claras a perspectiva que serve de horizonte para este narrador. Não mais um observador neutro e objetivo, um jornalista, mas um narrador que se projeta para dentro daquilo que narra através de suas percepções. Daí o new journalism ter como característica fundamental a subjetividade de um narrador que se apresenta através de seu relato. Foi uma escola de reportagem, um dos gêneros que na mídia atual está em declínio. Alguns autores como o Edvaldo Pereira Lima aproximam o new journalism da nova história porque o conceito de fonte jornalística é reavaliado tanto quanto o de fonte histórica. Não são mais os grandes fatos que servem de matéria prima para o jornalista, mas todo um contexto de informações menores, mais sutis e que desaparecem no trato da imprensa convencional. Daí que não só a subjetividade de quem narra é trabalhada de uma

forma diferente, mas também a subjetividade que se produz sobre o objeto da narração.

P- Gostaria que me falasse da vivência do jornalista nesta modalidade, ao fazer, por exemplo, uma reportagem, como o caso de Hunter Thompson, ao abordar a gangue de motociclistas norte-americanos denominados de Hell Angels.

S - Hunter Thompson é um caso muito especial. Tanto que ele ocupa um lugar único dentro da história do new journalism. Seu livro sobre os Hell Angels é considerado uma das reportagens fundamentais do new journalism. Temos a sorte de estarmos num momento em que algumas iniciativas como a da editora Conrad tem ampliado o acesso a este tipo de jornalismo com a publicação de Hell Angels no Brasil. Outras obras do new journalism também têm sido reeditadas como O Teste do Ácido do Refresco Elétrico, sem dúvida o melhor momento da carreira de Tom Wolfe e também Gay Talese com Fama e Anonimato. Há alguns anos tínhamos muito pouco acesso a estas referências em traduções. Isto permite um contato maior principalmente dos alunos de graduação. Voltando ao Hunter Thompson, Hell Angels foi uma experiência do que se chama de jornalismo de vivência. O relato é em primeira pessoa - o jornalista não se exclui. Aliás, no caso de Hunter Thompson o que há de mais interessante é uma dimensão de metadiscorso que a todo o momento se coloca. Hell Angels é uma reportagem sobre como a grande imprensa produziu o fenômeno de unificação de todas as gangues de motoqueiros americanas em meados da década de 60. É uma análise quase antropológica do contexto da subcultura das motocicletas porque é uma observação participante. Tanto que Thompson acaba levando uma surra da gangue com a qual conviveu durante algum tempo. Foi uma grande perda o suicídio de Thompson no começo deste ano.

P - Para finalizar, qual a contribuição do New Journalism para o jornalismo que se faz na atualidade?

S - Nenhuma (rs)... Nenhuma mesmo (rs)... É essencial que o new journalism não tenha contribuído para este tipo de jornalismo que assina acordos com o Pentágono para a cobertura de uma guerra hipócrita como a do Iraque. O valor do new

journalism está em que ele aponta para uma possibilidade outra. De um discurso através da mídia e não de um discurso midiático. Isto significa reinvestir as singularidades porque assim se constrói a multiplicidade. É só assim que se chega ao múltiplo. A liberdade - radicalmente o primeiro de todos os valores modernos.

ENTREVISTA COM LUIZ CARLOS MACIEL

Rio de Janeiro, 16 e 17 de abril de 2001.

Pasquim

P-Tenho algumas perguntas sobre o início do Pasquim. Como foi, como surgiu a idéia de se abrir esse espaço dentro da imprensa alternativa?

LC- Quando surgiu a idéia do Pasquim, eu não estava presente. Essa idéia surgiu com o Sérgio Cabral, o Jaguar e Tarso de Castro, principalmente; e só depois que eles tiveram a idéia e começaram a fazer o jornal, que o Tarso me chamou, porque eu o conhecia de Porto Alegre, nós dois somos do Rio Grande do Sul e aí então ele me chamou. O Tarso sempre me chamava para todos os projetos dele. Quando ele

chegou ao Rio, ele fez um jornal para o Brizola, porque ele conhecia também o Brizola lá do sul, chamado Panfleto. Aí me chamou, e eu trabalhei no Panfleto, que teve poucos números porque daí veio o golpe de 64 e acabou com o jornal. Mas quando chegou em 1969, cinco anos depois, eles fizeram o Pasquim e eu soube, quando a coisa já estava andando, que a origem tinha sido o fato de que uma distribuidora chamada distribuidora Imprensa, que distribuía até as revistas de Bloch Editores (a Bloch Editores que agora faliu), mas na época era uma potência, imprimia as revistas, que não tinham distribuidora própria. Mas essa distribuidora tinha crescido, distribuindo os Bloch e tudo, e que ela tinha feito uma coisa com o Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, que era um semanário de humor, em formato tablóide, que chamava Carapuça. Esse jornaleco A Carapuça, o Sérgio escrevia ele inteiro, tudo. Era ele só com a ajuda de um secretário que ele tinha, um rapaz chamado Alberto Eça, que tinha aprendido a escrever igual a ele. Então muito das coisas que era o Stanislaw Ponte Preta, na verdade era o Eça que tinha escrito. Mas então os dois faziam o jornalzinho todo, parecia que tinha sido só o Sérgio que tinha feito e vendeu bem, quer dizer, vendeu...não sei quanto vendeu, mas vendeu uma quantidade que a distribuidora Imprensa já achava que tinha valido a pena ter aquilo nas bancas. Aí, o Sérgio Porto morreu. O Sérgio Porto morreu e não podia o Eça fazer o jornal, porque quem era dono do jornal era o Stanislaw Ponte Preta. Aí então, lá na distribuidora Imprensa, ele chegava e falava “A gente poderia fazer um outro tablóide de humor para substituir A Carapuça” e aí parece que eles procuraram o Jaguar. Então, a origem do Pasquim foi o Jaguar. E realmente, na época do Pasquim, quando o Pasquim estava muito mal, que o Tarso já tinha saído, até morrido e o Sérgio Cabral tinha saído também, o Jaguar segurou o Pasquim durante vários anos. Segurou ali! Só com a fé! Porque não tinha grana. Mas o Jaguar chamou o Sérgio Cabral e o Tarso e esses três foram os fundadores do Pasquim.

P - Penso que o Pasquim teve várias fases. Se sim, me fale um pouco a respeito das mesmas.

LC- É, eu considero que o Pasquim teve realmente várias fases, muitas fases, mas no meu ponto de vista pessoal ele teve duas fases fundamentais, que foi a primeira fase; curtinha, que durou dois anos, que foi com o Tarso e a segunda fase; a posterior, foi sem o Tarso. Então, se você for estudar a história do Pasquim você vai ver que o grande sucesso do Pasquim foi quando o Tarso estava lá, foi quando o

Tarso era editor do Pasquim. Quando o Tarso saiu brigado, os outros todos que brigaram com o Tarso: Millor, Ziraldo, Jaguar (todo mundo brigou com o Tarso!) costumavam dizer que isso é apenas uma coincidência, que o jornal fez sucesso não foi por causa de Tarso e que depois ele começou ladeira abaixo e não foi porque o Tarso saiu. Mas de qualquer maneira é uma coincidência engraçada não é? Enquanto o Tarso estava lá, o jornal vendia horrores, Tarso saiu, passou cada vez mais a vender menos até entrar num buraco do qual ele não conseguiu sair mais. As tentativas de tirar o Pasquim desse buraco que ele ia entrando cada vez mais, foram as outras fases do Pasquim. Por exemplo, teve uma fase que o Ziraldo assumiu. Daí ele chegou dizendo “Ah, vamos resolver esse negócio do Pasquim”. “Como é que vai resolver?” “Primeiro o Pasquim vai ser um jornal de tamanho grande e com cor”... Você sabia que existia isso? Existem alguns números do Pasquim em determinadas fases, do tamanho grande de jornal, de jornal tablóide, tamanho de um jornal e com essas páginas externas em cor. Teve então essa fase que o Ziraldo acreditou que o Pasquim ia ter sucesso, deixando de ser tablóide. Depois assumiu o Jaguar, aí depois o Jaguar vendeu o Pasquim, teve até uma fase de um rapaz, eu não lembro do nome dele, que era um rapaz que não tinha nada a ver com a história do Pasquim e que resolveu comprar o jornal, e investiu, lutou, fez fé que o Pasquim ia voltar, mas não adiantou nada... O Pasquim continuou se esfarelado até desaparecer. O que ficou do Pasquim, o que eu acho que ficou mesmo, foi a fase do “fenômeno Pasquim”, que foi a primeira fase, a fase do Tarso. Eu acho que os meus outros companheiros do Pasquim, eu até nem sei assim... eles me tratam muito bem, gostam de mim eu também gosto muito deles e tudo mas...aquela coisa! Mas eu nunca escondi que eu acho que eles são injustos em relação ao Tarso, porque eles procuram minimizá-lo em função da briga que tiveram com ele. Eles procuram minimizar a importância do Tarso no Pasquim, como uma espécie de expurgo histórico, stalinista (risos). Faz de conta que não existiu! Tem um livro da Norma Pereira Rego que eu acho um escândalo! Que de onde é que ela tirou essas informações do Pasquim? Norma Pereira Rego foi até minha colega no jornal Última Hora. E ela conta como se o Tarso não tivesse feito absolutamente nada! Eu não li o livro todo. Eu peguei na livraria comecei a ler e fiquei escandalizado! Como é que essa moça diz isto? Mas que cara de pau! Pior do que o Stalin! (risos) De expurgar as pessoas da história!

O Underground no Pasquim

P- Como surgiu a idéia de se fazer a Coluna *Underground*? O que o motivava a fazer isso num país que se reconhecia principalmente através de setores ideológicos ortodoxos, tanto da esquerda quanto da direita?

LC- É, eu tinha uma certa pré-história de interesse neste assunto, porque a minha formação em Porto Alegre, quando eu era adolescente, muito garoto ainda, que eu comecei a estudar Filosofia, a moda era existencialismo, Sartre e etc. Então eu fiquei existencialista. Eu me interessei por isso, achei que a idéia da liberdade em Sartre era fascinante! Virei um existencialista. Aí eu ganhei uma bolsa para estudar teatro nos Estados Unidos. Aí chegando lá, tinha a linha existencialista, eu descobri os existencialistas americanos que eram os *beats*, os *beatnicks*, a *beat generation*... Norman Mailer fala que o *hipster* é o existencialista americano. Tinha aqueles pontos de contato: a liberdade, ser desbundado né? Ser maluco, então eu me interessei pela *beat generation* e Norman Mailer e tudo mais. Falava do *hipster*, quer dizer, quando apareceram os hippies, que já é um diminutivo de *hipster*, um "*hipsterzinho*", então já tive interessado por aquela história e comecei a ler e me informar, embora aqui não houvesse muita informação, mas o que eu conseguia, eu fiquei conhecendo mais do que as outras pessoas do *Pasquim* que não se interessavam e também não sabiam nada. E aí, quando conversava com o Tarso e contava dessas coisas que estavam acontecendo, o Tarso falava "Então vamos botar isso aí no *Pasquim* porque isso é um assunto novo, é uma área jornalística nova, ninguém está fazendo isso e você está se metendo nisso, então vamos fazer. Eu vou dar duas páginas para você editar, botar o que você bem entender nessas páginas." Então foi isto, foi assim que surgiu o *Underground*, batizado pelo Tarso, ele deu o nome e me deu carta branca. Ninguém dava palpite, porque ninguém sabia do que estava se tratando aquilo ali.

P- Essa fase inicial do *Pasquim* então foi mais libertária?

LC- Não. Só libertária como ideologia, mas libertária internamente. Essa fase em que o Tarso era editor, ele recolhia as coisas, ele cozinhava o jornal, dava uma forma, escolhia a capa, etc, mas ele não determinava sobre o que as pessoas iam

escrever. Cada um fazia o que bem entendia. Como a maior parte dos caras do jornal já eram mais ou menos “estrelas” né? Paulo Francis, Millor Fernandes, ninguém ia admitir que o Tarso dissesse o que deveria ser escrito ou não. Então isso ficou mais ou menos uma regra geral do Pasquim, mesmo quem não era “estrela”, conhecido, como eu, usufruía da mesma liberdade, fazia o que bem entendia. E foi a fase do Pasquim que o público se identificou mais. Porque, posteriormente, quando a venda do Pasquim começou a abaixar dos mais de 200 e não sei quantos mil exemplares que chegou a vender, aí cada vez mais tentavam botar as coisas nos eixos, através de providências editoriais! “Ah, então vamos fazer isso!”, “Ah, então você escreve sobre isso e aquilo!”, cada vez mais parecido de como funcionam os jornais e as revistas da chamada imprensa normal, que é assim: têm reuniões de pauta, o editor resolve o que vai ser feito, distribui as tarefas, “Você vai escrever isso!” “Fazer uma matéria sobre aquilo!”, começou a ficar cada vez mais assim e quanto mais ficava assim, menos ia interessando o público que tinha.

P- Qual o impacto de sua coluna no imaginário da época? Qual era a resposta dos leitores, quanto às suas idéias de formação de uma nova consciência? Isso porque você se transformou na época, para seus leitores, numa espécie de psicólogo, num “mentor espiritual”, entre outros estereótipos. Todos acreditavam que você daria soluções para suas vidas, seus problemas...

LC-(risos) Isso é verdade... Se eu tivesse guardado! É que eu sou muito desorganizado, minha vida atravessou muitos transtornos e eu não sei o que é que foi feito com aquele monte de cartas que eu tinha, que eu passei a receber. Eram cartas assim, de pessoas que procuravam soluções para suas vidas de uma maneira não convencional. Viam aquilo como uma saída para eles. E tinham aquelas cartas todas e eu dizia assim “Pô! Eu não posso virar conselheiro sentimental, não vou ficar bancando o conselheiro dessas pessoas, guia espiritual dessas pessoas!” E então, eu me esvaziei de qualquer coisa nesse sentido. Eram documentos sociológicos, documentos da época, interessantes estas cartas! Tinha um amigo meu, o jornalista Carlos Max, que me pedia “pelo amor de Deus não coloca fora isso! Dá um livro fantástico, dá pesquisa, isso dá mil coisas...” não sei o quê, e eu dizia “mas eu não sei o que eu vou fazer com isso!” ele me respondia “Guarda! Guarda que esse

negócio ainda vai ser importante!” Eu tentei guardar, mas infelizmente não consegui, acabei perdendo, não sei o que foi feito.

P- Qual o teor dessas cartas em sua maioria?

LC- A grande maioria, a coisa mais forte assim, que parecia, era a questão sexual. Era uma coisa contra a repressão: “Ah, quer dizer que eu posso?” Era um anseio generalizado (risos) por uma liberdade sexual maior. Isso era o que animava todo mundo e que motivava todo mundo. Era mulher que queria deixar o marido, “dar por aí”, o outro rapaz que queria ser gay, a menina também que queria ser sapata, sabe, era esse negócio assim de liberdade sexual, o grande apelo da transação toda, era essa coisa das pessoas encontrarem liberdade sexual e atingirem a felicidade através da liberdade, porque estavam submetidas às repressões externas e internas. Alguns reclamavam das repressões externas, outros, pela repressão interna que não permitia que eles fizessem as coisas que eles queriam fazer. Então, eu acho que esse foi o grande impacto e a transformação de comportamento, nessa área de sexo. Acho que foi a mais profunda que houve naquela época. Porque até esta fase da contracultura e tudo, os costumes sexuais eram inteiramente repressivos mesmo! A mulher não podia casar se não fosse virgem. Era um escândalo. Mil coisas que, hoje, não têm a menor importância, tinham uma importância incrível! Então foi uma coisa assim libertadora, que aliviou muita gente (risos). Não precisa então ficar sujeito a essas coisas ou...Então isso poderia ser verificado nessas cartas. Ah, uma outra coisa secundária em relação a essa que não era tão generalizada, mas que aparecia também, era a questão de drogas, que era: “quero ter minha liberdade para fumar minha maconha”, quer dizer “ah mas posso fumar maconha? Não faz mal?” Não sei o quê... Então tinha essa questão das drogas, mas não se compara ao volume e intensidade de preocupação com a questão sexual.

P- Em que outros jornais e revistas, você trabalhou?

LC- Eu colaborei para tantos jornais e revistas que eu próprio não sei direito.

P- E na Imprensa alternativa?

LC- Aí, é mais fácil, porque não teve tanta coisa assim. Mas eu também não colaborei muito na imprensa alternativa brasileira, muito esporadicamente, o que eu fiz foi depois do Pasquim: *A Flor do Mal*, que durou cinco números e a *Rolling Stone Pirata* que durou um ano.

Da primavera da revolução ao outono da alienação

P- Me fale a respeito de sua mais recente produção, o livro “Quatro Estações”?

LC- Esse é um livro de memória e de reflexões, o gênero que o destino me deu... (risos) Vai ser lançado no dia 9 de maio (2003), pela editora Record. É um livro sobre a minha trajetória intelectual e certamente de toda a minha geração. Porque eu dividi uns quarenta anos em quatro décadas, em quatro estações do ano; eu fiz uma analogia. Tem um historiador alemão, Oswald Spengler, o autor da “Decadência do Ocidente”, aquela monumental obra histórica sobre a civilização ocidental e ele interpreta a história da civilização, pela metáfora das estações do ano. Então, na interpretação dele, da civilização do ocidente, no fim do século passado no começo deste, já estava no inverno, já tinha tido a primavera, o verão, o outono e já estava no inverno porque o ocidente tinha entrado em decadência, que é o título do livro “A decadência do Ocidente” *Decline of West*, mas ele escreveu em alemão, alemão eu não sei citar, só olhando. Então, essa idéia das estações, as pessoas me perguntam geralmente “essas quatro estações você tirou por causa do Vivaldi, né?” Daí eu respondo: “não, foi por causa da Sandy e Júnior” (risos). A Sandy e Júnior fizeram um show agora, “As quatro estações”. Alguns acham que foi por causa do Legião Urbana. O Legião Urbana fez um disco chamado “As quatro estações”, todo mundo fez “As quatro estações”; é o título mais usado no mundo! Ednardo, aquele cara do Ceará também fez um disco, um show chamado “As quatro estações”. As quatro estações têm disco de rock “Four Seasons”. “As quatro estações” é o título mais usado, eu acho que dá sorte...(risos) É um título que não há numerólogo algum que pode chegar e dizer assim: “Não! As quatro estações pela numerologia não dá sorte!” Não pode né? Depois de Vivaldi, a Sandy e o Júnior, né? Tem que dar sorte, então botei: “As quatro estações” e fiz isso, dividi minha trajetória

em quatro estações. A primeira é o começo da minha vida em Porto Alegre, quando eu comecei a estudar Filosofia, e comecei a escrever poemas. Fazia parte de um grupo literário de Porto Alegre chamado Pixote; tinham também outros jovens poetas. Nós ficávamos nas madrugadas de Porto Alegre, nos bares, tomando, bebendo e mostrando poemas uns para os outros. Eram madrugadas muito frias; em Porto Alegre, faz muito frio e sopra aquele vento minuano... E aí para essa parte eu coloquei o nome de “Inverno no Ocidente”, lembrando de Spengler e de Porto Alegre, misturando, não sei por que eu faço essas coisas, não tenho... embora...quando saiu o livro do Caetano, eu escrevi uma coisa enorme a respeito dele, saiu no Globo, né? Então eu falava que Caetano estava com uma ansiedade de racionalidade, que ele quer ser contra as superstições, quer ser contra a mistificação, misticismos, magia, quer ser contraste para todo esse obscurantismo, ele quer ser racional e... eu falava disso, daí eu encontrei com ele, a gente comentou isso, e ele disse “que eu sou o contrário, que eu é que gosto dessas coisas malucas, mágicas” e ele continuou dizendo para mim “eu sou irracionalista e você é racionalista! Você deveria ser muito racionalista, por isso é que você gosta dessas coisas e eu sou irracionalista, então eu tenho medo dessas coisas...” (risos). Mas até é uma coisa bem interpretada por parte dele, inteligente né? Então eu tive uma origem racionalista, vamos dizer assim, mas fui cada vez mais seduzido, até prá fazer as coisas... sabe, por essas coisas que são relações poéticas, metafóricas e meio malucas também sabe, porque eu tenho que misturar o inverno, a decadência do Ocidente de Spengler com os invernos de Porto Alegre? Eu não sei! Mas aí eu conto que foi porque me tornei existencialista, e como é que o existencialismo apareceu nesse contexto e tudo mais. Eu estou contando meu livro, não sei...porque eu falei do inverno, mas tem também outras três estações...Depois do inverno, vem o quê? Depois do inverno vem a primavera, então foi a fase que não só eu, mas toda a minha geração, nós nos politizamos. Eu acompanhei meu mestre Sartre que se aproximou do marxismo e que foi aquela fase em que a nossa geração iria fazer a revolução social no Brasil e foi aquela fase de agitação de 68; não só no Brasil, na Europa, nos Estados Unidos e tudo mais, e eu misturei essa coisa marxista também com a minha descoberta da beat generation, sabe, do Willian Burroughs, de Allen Ginsberg misturado com o marxismo, chamei isso de “A Primavera da Revolução”. E a terceira estação, já foi a minha experiência na Contracultura, “sexo, drogas e rock’roll” e magia ocidental e pensamento oriental, discos voadores (risos), todas

essas maluquices que eu chamei de “O verão da Contracultura”. Porque foi um verão, essa fase da Contracultura eu vivia na Praia de Ipanema, nas “dunas do barato”. Fica ali onde tem o Hotel “Sol de Ipanema”. Foi ali que eram as “dunas da gal”. Ali que eles tinham feito o emissário submarino, tinha um negócio que avançava no mar assim, que era prá botar os encanamentos pra jogar o cocô do Rio de Janeiro todo dentro do mar, lá adiante. Então aí, formaram-se aquelas dunas. Que primeiro chamaram de “dunas da gal”, mais conhecida como “dunas do barato”, porque o pessoal queimava fumo lá. Então foi o verão da Contracultura e aí a Contracultura foi uma festa mesmo né? Tem uma coisa até que eu botei na Nova Consciência, um manifesto que saiu no jornal International Times de Londres, que dizia uma coisa profética, porque ele falava do movimento da Contracultura e dizia assim: “mas se no futuro, quando a gente ficar velho e essa coisa toda não tiver dado em nada, não tem importância, porque sempre a gente pode se lembrar como a gente se divertiu”.(risos) Então é isso, não dá pra você se arrepender de nada, porque você se divertiu muito! E sempre tem bode, chateação, claro, isso é da vida humana, né? Mas de maneira geral foi uma geração que se divertiu muito, talvez tenha se divertido mais que as outras, né? Porque se permitiu tudo, quis ter todas as experiências que lhe deram na veneta. Experiências sexuais ricas, então foi uma festa, “O verão da Contracultura”. E, finalmente, a última parte, dos últimos anos do século, um clima que se estende até agora no alvorecer do terceiro milênio e é caracterizado por essa robotização crescente, essa coisa de estar transformando as pessoas em robôs e tudo mais. Hoje em dia, você tem vários serviços que você pega o telefone e atende uma gravação né? Diz: “digite tanto!” E lá pelas tantas diz assim “ou espere um dos nossos atendentes”, aí vem um ser humano que fala com você como se fosse uma máquina, um robozinho também...(risos) Você não sabe se é uma máquina ou uma pessoa! (risos) Porque ele repete as coisas, não dá pra bolar uma conversação em que se desvie de alguma coisa, ele não permite! É aquele negócio “Tchá! Tchá! Tchá!” é como uma máquina! Então é uma coisa de robotização geral e tudo! E nessa fase também, eu passei duas décadas na TV Globo, trabalhando lá. Então, eu chamo essa última fase de “O Outono da Alienação”. E digo que é um processo de alienação crescente em nosso mundo, não que eu seja pessimista em nada. Alguns já disseram “ô Maciel, mas o que vai vir depois disso?” Eu não sei o que vai vir! Vai ver que é até uma coisa muito boa, né?

P- Me fale a respeito de sua prisão em 1971.

LC-A nossa prisão foi motivada pela insatisfação das autoridades militares com o sucesso que o Pasquim estava fazendo. Ficava um pouco difícil você exercer uma censura encima do Pasquim, porque era um jornal debochado, era uma coisa de brincadeira, né? Regimes totalitários têm uma dificuldade em tratar o humor, né? Eu me lembro que sempre diziam que em Portugal, durante o Salazar, a única coisa permitida era o teatro de revista, que os comédicos portugueses podiam até “esculhambar” o governo, não acontecia nada. Então, isso incomodava os militares e eles resolveram exercer uma pressão encima da gente, que, de uma certa maneira, deu até resultado, né, porque daí por diante coincidiu também com a saída do Tarso e a queda de venda do Pasquim. Foi depois que nós fomos presos e que se instalou uma censura prévia. Então nós, um belo dia, fomos presos, apanhados por militares em nossas residências. Primeiro, eles foram a redação, mas eles foram a noite, não tinha ninguém, quase ninguém. Levaram lá os empregados para a Vila Militar. Foram na minha casa de manhã, tocaram em casa e eu fui olhar...naquela época não tinha esses controles que tem hoje de...contra ladrão, de ter interfone, não tinha nada disso! Você entrava no edifício e ia direto! Então tinha uma coisa chamada “olho mágico”, você olhava pra ver quem estava do lado de fora. Então daí eu olhei assim, tinha um rapagão que notou que eu tinha olhado porque ele botou a carteira no olho mágico, estava escrito brigada URTS, aí eu vi que ele era militar, pára-queda. Abri a porta, ele entrou e disse que eu estava convidado a dar esclarecimentos e tal para as autoridades. Aí, eu disse assim: “o senhor acha que é aconselhado que eu leve minha escova de dente pra esses esclarecimentos?” Daí ele disse: “é sim!”. (risos) Fiquei dois meses preso. Aí eu fui. Daí, quando eu cheguei na Vila Militar, encontrei outros caras que tinham sido apanhados e começou aquela coisa. O Ziraldo estava achando que ia soltar logo, mas eu dizia pro Ziraldo: “Nós vamos ficar dois meses presos”. Era fácil de adivinhar por um motivo muito simples. Nós estávamos sendo presos pela lei de segurança nacional, então vigente, que permitia a repressão deter qualquer cidadão brasileiro sem notificação judicial nenhuma, mais completo arbítrio. Era chamado “detenção para averiguações”. Eles resolviam deter, detinham! Bumba! Batiam o martelo! Mas a própria lei de segurança nacional, que era esse instrumento de um arbítrio completo, estabelecia um limite para essa detenção de 60 dias. Então depois de 60 dias, as averiguações deveriam determinar uma culpa e tudo para

então as autoridades judiciais fossem notificadas e decretassem uma prisão preventiva para você ficar preso! Pra você ficar preso, você tem que ter prisão preventiva! Você tem que ter feito alguma coisa que justifique a prisão preventiva! Senão como é que você vai ficar preso? Era só chamar o advogado, que o advogado solta. Mas com essa lei de segurança nacional não soltava. Tanto é, que os meninos lá chamaram o Fragoso, Gerson Tavares, que eram os advogados oficiais dos presos políticos da época e os advogados chegavam lá e diziam que não podiam fazer nada! “Por quê?” “Porque vocês não estão oficialmente presos”. Não existe nada que conste que vocês estão presos. Como é que nós vamos soltar vocês? Se não tem nada, tem que esperar 60 dias, se em 60 dias eles pedirem a prisão preventiva de vocês, com alguma evidência de algum delito, aí então alguma coisa pode ser feita. Então era evidente que esses 60 dias eram um castigo: “Os meninos mal comportados vão ver o sol nascer quadrado durante sessenta dias, pra ver se se comportam!”(risos). Mas evidentemente foi isso, né?

P-Atualmente, a contracultura é muito pesquisada nos Estados Unidos, contudo, ela é vista comumente de forma demonizada. Exemplos: que a liberação sexual dos anos 60 abriu caminhos para a AIDS, que a crítica a instituição/família propiciou a degeneração mental dos jovens de hoje, etc. Qual sua impressão sobre esse fenômeno?

LC- Eu não conheço essas pesquisas, mas acho isso uma reação normal do sistema, né? O que a contracultura colocou em xeque foi o sistema! Não apenas no sistema político e econômico, mas na maneira de viver. Um sistema que é um estilo de vida. Então é natural que o sistema reaja e não queira que aquilo se repita de novo, nem de uma forma, nem de outra e faça este tipo de exegese, né? Procurando ressaltar todos os aspectos negativos. A Contracultura como toda produção humana tem seus aspectos positivos e seus aspectos negativos. Você vê, para muitas pessoas, vamos dar um exemplo próximo, eu, por exemplo, eu vivi tudo da Contracultura, nem por isso me desagreguei, nem desagreguei minha família, nem morri por causa de drogas, nem nada! Tenho 63 anos, sou saudável, tenho umas coisas de velho sim...mas não é nada que...(risos) Pelo contrário! Até me sinto melhor, fisicamente, mentalmente, espiritualmente do que muitos caretões da minha idade... Porque a vida careta, a vida desse sistema é assassina, ela desgasta as

peças, mata cedo as pessoas. A organização do sistema visa à morte prematura e a substituição precoce pelos mais jovens. Não é pra velho ficar muito tempo enchendo o saco não! Você vê que as providências do sistema como governamentais e tudo, só pra acabar com a aposentadoria é pra os velhos morrerem logo! A nossa geração, por exemplo, é uma geração que apresenta, não sou só eu não, apresenta uma vitalidade assim muito maior que as gerações antigas. Eu me lembro do meu avô com 63 anos de idade, na minha idade. Era um velhinho! Um macróbio, um velhinho! Tava pronto pra morrer daqui a pouco, com 67 parece...quatro anos depois de 63. Mas com 63 ele já era um velhinho. Então é por isso, a maneira careta de se viver, que é a maneira da tradição, essa maneira que está sendo tão defendida pelos críticos da contracultura, dizendo “Mas como! Estão acabando com a família!” A maneira da família... “Estão se destruindo com drogas!” a maneira de não tomar drogas... Essa maneira é uma maneira neurotizante e destruidora, sempre matou gente muito cedo. Norman Mailer diz que essa maneira criou o câncer, aí diz assim “A contracultura fez isso ou aquilo” e vocês que fizeram o câncer!” “Ah, fez a AIDS!”, que a contracultura inventou a AIDS. Tem que primeiro provar que foi a contracultura que inventou a AIDS. Tem que saber donde é que saiu essa coisa de AIDS, que até hoje é uma história mal contada. Saiu dos macacos africanos direto para os hippies? Os hippies nunca tiveram AIDS por falar nisso.

P- Você acredita que a AIDS possa ter sido desenvolvida em laboratórios?

LC- Eu não queria fazer essa suposição por não ter provas... Tem até um escrito: a AIDS é uma coisa tão horrível que só pode ter sido criada por cabeça de gente. (risos) Deve ter sido uma coisa maquinada pela cabeça humana. Porque todos os horrores da vida são maquinados pela cabeça humana...O mundo é maravilhoso, a vida é maravilhosa, mas o que as pessoas fazem é horrível e infernal. Nós não podemos confundir o mundo com o que as pessoas fazem, são termos claríssimos de Castaneda, na vida de D. Juan, ele diz: “não confunda o mundo com o que as pessoas fazem”. O mundo não fabrica a AIDS, as pessoas fabricam a AIDS, produzem a AIDS, eu acredito nisso...

P-Como a contracultura dos anos 60 desembocou nessa geração de yuppies (Young Urban Professionals), conservadores. Na sua opinião, a contracultura abriu novos caminhos para as gerações seguintes ou, realmente, “o sonho acabou”?

LC- Não. A contracultura é uma história agora. Ela é uma história de uma coisa que aconteceu; ela vai ser um ponto de referência. Ela vai ser falada de muitas maneiras, ela tanto poderá servir para uma imagem romântica, idealizada e cor-de-rosa como na novela das seis da TV Globo, como com essa imagem satânica, demoníaca dessas pesquisas americanas e pode também servir como inspiração para aqueles que aspiram por uma vida mais livre, mais saudável, menos neurótica, menos escrava de mecanismos que nós somos obrigados a nos sujeitar e obedecer, sem querer, como se fosse uma obrigação fatal da vida que você tem que se sujeitar a esses mecanismos. Então, quem achar que esses mecanismos são cruéis e quiser achar uma maneira de se livrar deles, vai ter também na Contracultura uma inspiração, né? Foi uma coisa que aconteceu, a vida humana, essa vida coletiva, não tem solução, nem pelo comunismo, nem pela contracultura, nem pelo neoliberalismo, nem pela religião cristã, nem por nada! Essa experiência que nós vivemos, os hindus chamam de Maya, isso é uma loucura! É uma loucura efêmera pela qual nós passamos e que cada um procura se equilibrar dentro dessa loucura, ou controlar essa loucura, como diria Castaneda, “você tem que viver sua loucura de uma maneira controlada” da melhor maneira possível, daí você inventa coisas. Uma coisa razoável de ter sido inventada foi a Contracultura, muito mais razoável que outras loucuras mais desvairadas que inventam por aí, né? Mas é uma história que passou; foi aquele momento, naquela época, aquelas pessoas, que então eram jovens, agora já é tudo coroa. Os jovens inventaram aquilo e se lembram daquilo porque se divertiram muito. E isso vai ser visto agora de várias maneiras. Como que a Contracultura, nuclearmente, na sua essência, como um objeto, não é nada! Porque não existe objeto na Contracultura, não existe, existem interpretações variadas, visões, versões, mas um objeto substancial não existe pra você dizer é isto ou aquilo, é bom ou mau, é bonito ou feio, não existe.

P-O romantismo inerente à Contracultura dos anos 60, ou seja, sentimentos de inconformismo, reação através da ação individual que se revelaria posteriormente numa ação social, atualmente são colocados por parte da juventude como careta,

valores ultrapassados, etc. O que você pensa sobre isso? O que é ser careta para você hoje?

LC-O romantismo, a visão romântica da vida é a mais divertida que existe, por isso que a gente pode lembrar da nossa juventude e ver como nós nos divertimos, porque só essa visão romântica, utópica, viajante, é divertida. Porque ela expande os horizontes da vida, você deslumbra horizontes infinitos por si mesmo, mesmo que não explore tudo, mas você deslumbra! Agora a visão realista é uma visão que fecha, que empareda, que não é divertida, que obriga você a trabalhar o tempo todo, a se chatear o tempo todo, a se neurotizar o tempo todo e ter doenças terríveis por causa disso, feito câncer, úlceras e não sei mais o que...enxaqueca, reumatismo, dores de cabeça (risos) está sempre se sentindo mal! Tem que ir na farmácia. Sabe o que é melhor negócio no comércio, o que mais prospera? A farmácia... Tem aqui no Leblon muitos lugares que já foram várias coisas que não deu certo. A loja de discos não deu certo, o bar não deu certo, depois não sei o quê não deu certo, o que acabou dando certo foi a farmácia! Farmácia é um negócio que dá certo. Coloca uma farmácia em qualquer lugar, dá certo! Tenta no Leblon...você não caminha duas quadras sem tropeçar numa farmácia, porque todo mundo toma remédio o tempo inteiro! Ou seja, está todo mundo se sentindo mal o tempo todo! Então eu acho isso, isso é o realismo! Isso é a careteice! A careteice é você se achar uma grande coisa “o rei da cocada preta, o cara que descobriu a pólvora, você que sabe o que é a realidade”, quando na verdade você está sendo mais um tolo, um babaca, um otário. E um outro que parece um maluquinho, viajante, está se divertindo mais que você!

P- Você coloca na obra Anos 60, que a consciência e o caráter dos homens são facilmente moldados através do emprego dos meios de comunicação de massa. Como anda, na sua opinião, a TV atualmente? Digo televisão, porque ela ainda é um meio de comunicação importante. Existe a Internet, mas apenas uma parcela da população de classe média no Brasil tem acesso...

LC-Olha, todas essas mídias quanto mais massificadas elas são, mais elas têm que cumprir uma função alienante, porque a preservação ao sistema exige a alienação em massa e quanto menos pessoas atingem maior é o grau de liberdade e democracia que esses meios têm. Você vê como que a TV aberta é muito pior que a

TV a cabo. Não que a TV a cabo seja a santa, mas a TV aberta atinge mais gente. Aí na internet é uma margem de liberdade muito grande, só porque ela atinge pouquíssima gente. Na medida em que a internet se massificar, o sistema vai ter que encontrar meios para torná-la também alienante, sem dúvida nenhuma! De certa maneira, nós ainda vivemos épocas de uma certa democracia na internet e que já foi até maior. Antes que os provedores começassem a estender seus tentáculos e a dominar tudo. Porque antes, não havia provedor, antes você poderia botar um site que tinha bastantes visitas porque as pessoas estavam procurando e achavam seu site. Agora não! Elas só vão à UOL, Terra, Globo, não sei o quê e entram por onde aquele portal encaminhar. Isso pode se desenvolver na Internet e pode prender tudo. Então eu vejo assim, isso é uma coisa do sistema, que procura domesticar todas as mídias. É mais fácil um jornal de grande circulação ser alienante do que um jornalzinho... Há maior liberdade no jornalzinho. Mas nos grandes...até que você vê que nos grandes jornais brasileiros, Rio, São Paulo são todos iguais, porque todos obedecem igualmente, como o sistema orienta as coisas. Aliás, falando em imprensa, eu também sou jornalista e tenho essa coisa de ver o jornal, achei tão engraçado esse documento da ONU, o Jornal do Brasil, não! No Jornal do Brasil deu, os outros não, O Globo, por exemplo, silenciou completamente, que esse documento da ONU denuncia uma cultura da brutalidade no Brasil apoiada pela opinião pública, apoiada pela classe média brasileira que considera direitos humanos uma defesa dos bandidos. Então, se não há direitos humanos para os bandidos, eles estão defendendo a brutalidade policial, as estruturas dentro das delegacias e tudo mais! Apoiado pela mídia que enfatiza essas coisas, é apoiado por políticos que querem votos, um até, César Maia, que até se elegeu falando da violência e tudo mais. Se fala muito em violência, em bandidos e a violência como sendo as classes mais baixas como responsáveis, mas está se omitindo a enorme responsabilidade da classe média por esse crescimento de violência, porque violência gera violência e a classe média é violenta! Você cansa de ver nas cartas para leitores, as pessoas dizendo assim, por exemplo "Ah, falam dos direitos humanos dos bandidos, mas e os direitos humanos das vítimas?" Quer dizer direitos humanos, você tem que saber quem é que está aplicando os direitos humanos. No caso das vítimas, são os bandidos. Então eles não respeitam os direitos humanos. No caso dos bandidos, são as autoridades, então elas têm que respeitar os direitos humanos. Porque se elas não respeitam também como os bandidos, ficam iguais

aos bandidos! Então fica tudo mundo bandido! Então o que a classe média quer é que todo mundo fique bandido! Isso é a cultura da brutalidade. Não se comentou isso nos jornais...

Por onde anda Maciel?

P- Conte a respeito de seus projetos, incluindo o da China com Lucélia Santos.

LC- Aquele projeto da China com a Lucélia não saiu. Mas ela está dizendo que vai sair. Ela está me dizendo que vai para a China, agora com um grupo de empresários brasileiros que ficaram interessados em negociar com a China, a estabelecer relações comerciais com a China e pode interessar para eles então que esse negócio saía e que apareça o dinheiro. Uma co-produção chinesa-brasileira, sino-brasileira. Então a parte do dinheiro chinês não tem problema é estatal, agora a parte brasileira é com a Lucélia, ela tem que conseguir empresas que se interessem e invistam nisso. Ela tem que captar recursos. É uma mini-série de 20 capítulos a ser gravada na China e no Brasil com atores chineses e brasileiros, diretores brasileiros e chineses, tudo brasileiros e chineses... É um trabalho, um dos meus biscates, biscate gordo, aliás, esse, uma coisa muito interessante. Você estava me falando dos meus interesses pessoais, né? O interesse mais recente é esse, o da ficção científica, e eu estou cada vez mais entrando neste mundo. Já me preparando para outros próximos mundos que tiver que viajar... e esse negócio de ficção científica, está me fascinando muito. Eu vou dar um curso de filosofia de cinco aulas, "filosofias para leigos", não filosofia universitária, acadêmica, porque eu não segui essa carreira de professor de filosofia. Mas como eu me interesso por filosofia, pretendo ter entendido alguma coisa, então, gosto de falar o que eu entendi. Nas aulas de Filosofia todo mundo me entende, não é como aula de professor de filosofia que ninguém entende nada! Geralmente é assim, apenas os outros professores de filosofia, mesmo assim nem todos conseguem entender o que um deles diz. Mas então eu vou falar dos pré-socráticos que é outro interesse meu. De toda a história da filosofia o meu grande interesse é pelos filósofos pré-socráticos, isso atendendo a uma indicação de Heidegger. Heidegger percebeu a importância dos pré-socráticos

que não são filósofos, diz Heidegger, são pensadores. Os filósofos começam na fase clássica da filosofia grega: Sócrates, Platão, Aristóteles. Mas então, eu estava vendo as histórias de science fiction sobre viagem no tempo...Então, tem dois tipos de histórias de viagem no tempo. Quando você viaja para o passado, por exemplo. Tem as histórias que você viaja para o passado e você pode ter a intenção de mudar os acontecimentos, e na história científica é assim, o cara vai para matar o Hitler, ou para salvar não sei quem, né? Então não consegue. Muitas vezes o personagem que vai fazer uma interferência na história, a ação dele acaba provocando aquilo que está registrado na história. Quer dizer, o arco do tempo é imutável, você não pode modificar o passado, o que é, é. Esta é uma visão parmenídea do ser, dos acontecimentos. É uma visão em que nada se transforma, o que está estabelecido, está estabelecido. Agora em outros há modificações. Você vai e sem querer, modifica tudo. O conto clássico de Ray Bradbury, *A Sound of Thunder*, conta que no futuro os homens fazem safári no passado, eles vão a pré-história, onde tem dinossauros e tudo e nesse safári não podem tocar em nada, não podem mexer em coisa nenhuma. No conto o homem vai ao safári e mata uma borboleta, quando volta o mundo está totalmente diferente do que ele tinha deixado. Ou seja, o passado também é plástico, flexível, mutável, se você for lá e mexer, você mexe em tudo, então essa é uma visão mais de Heráclito do que Parmênides, em que a realidade é mutação total, é um vôo, diz Heráclito, tudo está sempre se transformando, tudo está em eterna e contínua mutação. Se você vai para o passado e mexe no passado, muda tudo. São duas visões, qual é a que você se simpatiza mais?

ENTREVISTA COM LUIZ CARLOS MACIEL

Rio de Janeiro, 25 de julho de 2001

P- Quando você fala em seu livro no capítulo “Outono da Alienação”, você se refere a Rede Globo? Você ingressou na Rede Globo em 1975, na qual trabalhou durante vinte anos, como foi a entrada e a saída dessa experiência?

LC – Não, Não! Por que eu faria isso com um emprego que me sustentou durante tantos anos? Eu só falo na Rede Globo naquela parte que eu digo que os últimos anos que caracterizaram por um fenômeno de alienação na nossa sociedade e acho que na nossa vida cotidiana a gente pode verificar isso, que é esse processo de alienação, que é necessário para o controle da sociedade pelo sistema. Isso foi

aperfeiçoado, foi sofisticado, né? Que na nossa juventude a gente nem poderia imaginar! E eu disse que, por coincidência, os anos que esse processo cresceu, foram os anos que eu passei na TV Globo, mas isso é apenas uma coincidência...(risos). Não sei se podemos dizer se é uma coincidência significativa ou não. Quanto a minha experiência na Globo, posso falar dos aspectos agradáveis primeiros (risos). Quanto ao aspecto agradável é que o pagamento não atrasava! Era todo mês depositado na minha conta bancária, eu podia passar cheques sem verificar a conta se o dinheiro tinha entrado ou não. Era uma coisa religiosa, o Dr. Roberto fazia questão disso, então no dia marcado o dinheiro estava no banco. Só depois que eu sai da Globo que eu vi que isto é uma felicidade muito grande. Hoje nunca sei quando tenho dinheiro, quanto tenho que pagar, nunca mais eu soube (risos). Aí eu pensei assim, mas eu falava tão mal da Rede Globo, lá, lá, lá e essa colher de chá não tem em outros lugares que eu trabalhei, não tem essa facilidade não! De ficar recebendo. Às vezes, você tem que trabalhar mais para receber do que para ganhar, né? É uma realidade, custa mais receber do que ganhar! (risos) Agora para receber em certos lugares...é difícil. Então tem isso. Agora, quanto à minha relação com a TV Globo, eu procurei manter uma relação distante sabe...uma relação platônica, e não uma relação carnal...Nunca estive numa relação carnal (risos). Nunca tive, nunca parti para ter relações carnis com a TV Globo, não incomodar muito eles, para eles não me incomodarem muito também e esse dinheirinho poder aparecer na minha conta no fim do mês. Não queria também ser escroto nessa relação, de falar da Globo. Quando eles me mandaram embora, eu não tinha sabido porque eles tinham me mandado embora, e nem eles tiveram o trabalho de me dizer o porquê. Aí as pessoas me dizem “Você deve ter dito algumas coisas, falar mal da Globo e eles devem ter sabido disso”. Não sei, tem outros casos de pessoas que falam mal da Globo e que continuam lá, uma coisa muito difícil de entender, de precisar isso né?

P- Você trabalhou roteiro?

LC- É, eu trabalhei ficção, programas de auditório, jornalismo, nestes vinte anos eu passei de uma coisa para outra e fiz muitas coisas lá realmente. Assim, procurando manter essa relação profissional nunca deixei de fazer o que me mandavam fazer profissionalmente lá dentro, foi uma troca. Embora em alguns debates que eu fui

teve garotos que disseram assim “Que o Maciel, antes de se vender para a Globo...”(risos). Aí eu disse “Alguém tem que me vender eu não tenho dinheiro”(risos). Se eu não me vender para a Globo, vou me vender para o jornal do Brasil, vou ter que me vender para alguém! Força de trabalho né? Se eu tivesse nascido rico, pronto! Filhinho de papai eu poderia me dar esse luxo de não me vender pra ninguém né? Só vou me vender para meu pai. Seria o meu proprietário de nascença né? Para me dar um dinheirinho...(risos). Mas foi isso, minha relação com a Globo foi isso...eu particularmente não tenho nada contra a Globo, ela é uma empresa capitalista como tantas outras...Ela é muito poderosa...Porque conseguiu esta situação anômala, até no contexto capitalista de ter o monopólio da televisão no país. Praticamente um monopólio, maior a audiência né? Os profissionais que querem uma carreira mais estável tem que ficar rezando para ser contratado pela Globo, que as outras ninguém sabe nunca o que vai acontecer, tem um emprego de dois meses e depois não tem...muda tudo, está todo hora tudo mudando, eles não se acertam nunca, todas elas! Bandeirantes, Sílvio Santos, tudo assim. A única que tem uma instabilidade é a Globo.

P – O que pensa sobre um trabalho acadêmico sobre você, sobre suas idéias (risos)?

LC- Eu acho que por uma questão de predestinação eu sou imune a qualquer possibilidade de ser institucionalizado, ou “academicizado”, vão fazer força mas não conseguirão (risos). Eu fico muito relax! É até interessante, muito agradável né? Eu gosto muito daí eu digo para a minha mulher “Sabe sou objeto de estudo universitário... (risos) Veja bem! Você está pensando o quê! Que eu sou um marginal da Contracultura???”(risos). Acho engraçado, mas vocês vão ver o meu último livro não escreveram nada sobre ele. Por exemplo, aqui no Rio de Janeiro, não escreveram sobre o livro...talvez porque não tenham gostado, talvez seja por isso...Mas eu acho que é porque não sabem o que dizer do livro. Acho que tem esse elemento também. As pessoas dizem assim “Ah interessante, que mistura esquisita, conta umas piadas depois tem umas partes de filosofia”. Eu me permito fazer isso, eu me permito fazer qualquer coisa. Fica meio assim, inclassificável, não tem onde agarrar aquilo sabe? Definir, rotular, a prática maior da definição crítica por exemplo, é a prática da rotulagem...Quando fica difícil colocar o rótulo, fica uma coisa meio esquisita, melhor não tocar naquilo né? E se você fala bem e depois é uma bosta! Ou você fala mal e é uma obra de gênio né? É melhor não falar nada né? Você fica

salvo, você fica preservado! Então eu fico assim, saiu o livro e ninguém falou, decerto não compreenderam ou não estão sabendo, o que é que eu posso fazer, vou fazer outro livro, botar outro livro!!! (risos)

ENTREVISTA COM LUIZ CARLOS MACIEL

Rio de Janeiro, 07 de setembro de 2005

O UNDERGROUND EM COLUNA

P- Na coluna *Underground*, você apresentava textos, informações, sugestões e teorias estreitamente vinculadas à utopia iniciada pela geração *beat*, continuada nos anos 60 com os festivais de rock, os *hippies*, os movimentos *underground*, assim como os seus símbolos e os reflexos ocorridos no Brasil. E, como no Brasil, essas agitações nunca tiveram a extensão do que ocorreu principalmente nos Estados Unidos, a maioria dos textos era a respeito do que acontecia no exterior. Nesse sentido, discutir os problemas de uma cultura dependente, num país capitalista e subdesenvolvido, não era a intenção da coluna, embora o problema não fosse ignorado, como bem mostra uma matéria intitulada “Questão Teórica”, publicada em 1970, na qual você se coloca diante da contracultura norte-americana, o interesse em divulgá-la em outro contexto e os eventuais riscos dessa importação. Em sua opinião, qual a contribuição da contracultura norte-americana para a brasileira? Como que essas idéias foram realocadas em nosso contexto e quais foram os riscos dessa importação?

LC - Bom... este “transplante de cultura” (risos) eu acho que se não houver más intenções, eu acho que ocorre de maneira mais ou menos natural, espontânea, porque aquilo era uma informação que veio a alimentar o processo que já está ocorrendo, um processo cultural no caso um país subdesenvolvido como o Brasil, então é uma informação que vêm de um país desenvolvido que acho que esta absorção acontece naturalmente e ela é positiva, ela fecunda o processo que a adota né, que a importa. Sem haver necessariamente princípios, nenhuma coisa de sujeição e de subordinação a esta cultura exterior, uma relação colonizada que era o que se falava antes da contracultura sobre todas das influências estrangeiras e

norte-americanas, embora a influência tenha sido permanente na cultura brasileira. A cultura brasileira não é autônoma, ela nasceu da cultura européia, eram os franceses, portugueses, ingleses e esse transplante primeiro aconteceu naturalmente. A cultura brasileira desenvolveu com sua cara, com suas características próprias e tudo, então era uma coisa natural que acontecesse. Eu via isso acontecer em mim, porque eu fiz a Coluna Underground porque eu fiquei interessado nessas informações. Eu quando morei nos Estados Unidos me interessei, mas não tão intensa quanto na época do Pasquim, porque aí eu estava conhecendo a Beat Generation americana, era parecido com o existencialismo europeu que era o que eu estava mais ligado, mas não havia uma motivação existencial maior da minha parte que já na época do Pasquim havia, era a época da ditadura militar. Então aquela informação aparecia como uma possibilidade de ação, de discurso, de reação naquele contexto autoritário da ditadura por isso que me interessou pessoalmente. Eu tava escrevendo no Pasquim no começo o jornal não estava sob censura, mas depois até acabou ficando sob censura. Eu não tinha uma vocação de escritor de humor, embora tivesse feito no início, porque o Tarso me falou que era um jornal de humor, depois descobri que não era tanto assim de humor, era mais “a casa da mãe Joana” podia qualquer coisa, eu comecei a escrever outras coisas. Mas eu estava procurando o que escrever e naturalmente eu queria aproveitar aquela oportunidade do Pasquim, porque o Tarso era meu amigo e todo mundo lá fazia o que bem entendia. Eu tinha uma liberdade para fazer uma coisa que eu pudesse dar uma contribuição original de qualquer maneira. Então foi por isso que eu fiz, a maneira que eu absorvia aquilo deveria ser a mesma dos leitores da contracultura. Eu acho que esse transplante cultural se desvirtua, esse que eu vivi, como tudo na vida que envolve o vil metal né? Quando aquilo é utilizado para ganhar dinheiro, para promoção comercial, aí então é que vem as distorções de tudo, pelo processo indiciado pelo objetivo da grana, então não fica uma coisa autêntica. Fica uma coisa para faturar. Um produto para faturar no mercado né? Então...o que acontecia na época...a própria Rolling Stone a gente tinha que adaptar ali, a gente precisava de dinheiro. Então as gravadoras principalmente a Phonograma e a Continental, as duas estavam lançando muito rock, então elas achavam que era o veículo adequado e davam então dinheiro. Mas você vê, aquilo era uma enxurrada de rock aqui para cima, não era o mesmo processo da gente. Não era um processo meu, na Flor do Mal ou na Rolling Stone, era uma coisa do

comércio, de vender disco de rock, indústria cultural. Existe uma diferença quando a gente, os nossos temas de rock na Rolling Stone eram escolhidos, eram temas que a gente achava interessante que eram artistas que mereciam consideração. Na gravadora, não é assim ...eles lançam os discos que vão vender mais mesmo, que seja bom ou péssimo, piração né, o critério é outro, critério comercial.

COMO A FLOR DO MAL DESABROCHOU

P - Após sua saída do Pasquim, a prisão em 1971, você volta no cenário contracultural brasileiro com o jornal de cunho independente e marginal, A Flor do Mal, fundado em 1971, por você e pelos poetas Tito de Lemos, Torquato Mendonça e Rogério Duarte. Contemplava poesias em verso, poemas em prosa e alguns textos considerados pelos menos familiarizados com o tema, absurdos. Como essa flor desabrochou?

LC – Ela nasceu na verdade, na Vila Militar, na prisão, sabe? Eu estava preso na mesma cela com o Sérgio Cabral. Não o novo Sérgio Cabral, o pai dele, aquele que escreve sobre música popular; e aí, eu já tinha feito a Coluna Underground, falando do fenômeno de contracultura e aí o Sérgio com aquela solidariedade de preso que se cria dentro de cela, daí o Sérgio falou assim: “quando a gente sair daqui, cada um de vocês que estiveram presos aqui comigo vão ter o Pasquim pra fazer o que quiserem podem pedir alguma coisa. Daí eu cheguei e disse assim: “Vou te pedir agora, já! Eu quero que o Pasquim edite um jornalzinho semanal, tablóide e tal, mas só com os nossos assuntos do underground sabe?” Daí ele topou e disse: “Já está atendido o seu pedido”. Claro, quando a gente saiu fui cobrar logo, mas a Flor do Mal não saiu do jeito que eu pensava, não foi uma extensão do Underground, porque envolveu outras pessoas: o Torquato, o Tite e o Rogério. Então, não saiu mais da minha cabeça, eu não fui editor da Flor do Mal, tanto é que meu nome nem está no expediente. Os editores eram Tite e Torquato, eu não sei se meu nome está no expediente ou não. Eu sei que tinha que colocar eles na frente e o Rogério Duarte como produtor da arte. Então foi do nosso encontro que foi dando forma, o interesse principal era dar voz aos artistas jovens, de vanguarda, contraculturais,

malucos que não tinham...que não eram aceitos em nenhum órgão de imprensa. Então eram os próprios Tite, Torquato, Rogério, poemas deles e tal, e as pessoas que eles conheciam que eram levadas para lá. Algumas delas bem malucas, porque alguma delas foram levadas pelo Rogério que tinha conhecido quando ele estava internado (risos). Daí, é aquela história que eu sempre conto, do psiquiatra que viu a Flor do Mal e disse assim: “Lindo! Parece aquele jornalzinho que os meus pacientes fazem no hospício”.(risos) Essa era a idéia! Exatamente o que a gente estava querendo. Então a Flor do Mal tinha essa característica assim de ser assim, uma coisa pessoal, muito blog, como se diria hoje, mais do que uma publicação da imprensa convencional. Isto era intencional. Iam tendo idéias e de sentir como ia desmanchar a cara da imprensa tradicional. O Rogério Duarte disse que tinha que ser tudo escrito a mão, deveria ter uma equipe de calígrafos, como os calígrafos da Idade Média. (risos) Então era uma proposta de imprensa contra os critérios estabelecidos. O Pasquim era imprensa alternativa tradicional feita por jornalistas, era jornalístico. A Flor do Mal não era jornalístico, era uma coisa assim que parecia um álbum de poesias, uma coisa particular. E a gente cultivava isso. A fotografia, que foi no primeiro número por exemplo, Torquato Neto achou no chão da redação do jornal Última Hora, pisoteado. Bom isso é só para caracterizar o espírito da Flor do Mal, que durou cinco números porque o pessoal do Pasquim...daí o Sérgio me chamou e disse assim: “Pô Maciel eu falei que ia investir no jornal, fiz, mas não dá! Não vende!” (risos). Era semanal, deveria ter sido mensal, uma coisa assim, de vez em quando, mas eu tinha mania de ir às bancas como todo mundo. A Rolling Stone era quinzenal, a Flor era semanal, porque eu resolvi que era semanal, devia ser mensal!!! Não fazer o contrário, mas eu tinha pressa, e achava que podia acelerar o processo das coisas.

P- No texto, intitulado Pai, porque me abandonastes, misturam-se as imagens proféticas e apocalípticas com a de um Cristo descristianizado, um Prometeu sem castigo, com a de um Édipo liberado, resultando num santo guerreiro que busca a verdade, livre das repressões, da autoridade, da idéia de pecado. Você diz (...)O novo Cristo é o homem que se liberte de seu pai, imagem psicanalística da autoridade, e com uma espada vai buscar o fogo do Olimpo para dá-lo aos homens. Mas ele não é punido como Prometeu. É Prometeu-Édipo o novo Cristo, com fígado intacto e olhos bem abertos, sem correntes, sem calvários ou crucificações. (Flor do

Mal. Rio de Janeiro, O Pasquim, Empresa Jornalística, n.4, 1971). Podemos visualizar suas leituras sobre Norman Brown e Reich, contribuidoras do pensamento contracultural. Como era o entendimento dessa nova política, a do corpo e a do comportamento para seus leitores? Aliás, quem eram os leitores da Flor?

LC – Eram todos *hippies*, eram todos *drop outs*, loucos, meia dúzia de gatos pingados. Mas existia um sentimento assim de fraternidade dos excluídos por opção. Nós achávamos bonito ser marginais, estarmos à margem, ser contra o estabelecido, não apenas contra, mas não participar do que estava estabelecido. Que é a idéia principal da contracultura de inventar seus próprios meios de expressões, das quais a mais forte foi a imprensa alternativa. A imprensa underground que estávamos propondo fazer, que foi a Flor do Mal. Então, havia essa coisa da fraternidade, essa coisa de *brother*, a gente não chamava de *brother* ou irmão, mas esse espírito existia. Aliás, o *brother* vai aparecer acho com o *Black Power*, chamava *man*, aqui chamava “bicho”, Roberto Carlos usava muito. Mas havia o sentimento de que uma fraternidade seria necessária, porque nós éramos poucos e estávamos querendo mudar uma coisa que era adotada por muitos que era a maneira de viver tradicional. E a gente estava propondo uma nova maneira de vida, e essa nova fraternidade, que é uma característica de um grupo em fusão. O grupo em fusão precede o grupo organizado, como na Revolução Francesa, o grupo se une porque tem um inimigo comum e tem uma proposta em comum, daí eles se fundem e daí há esta coisa da fraternidade do grupo em fusão. É uma necessidade de preservação, de defesa. Então na época a gente tinha muito. A coisa do Norman O. Brown foi num sentido de revelação, tudo a ver. Eu fiquei fascinada pela obra “A Vida contra a Morte”, mas mais ainda com a obra *Loves Body*, que é um livro cheio de epigramas, textinhos curtos, todos estilosos e poéticos, então eu fiquei fascinado. O a “Vida contra a Morte” eu tenho até um pouco de responsabilidade por ter sido lançado em português. Porque a “Vida contra a Morte” foi sugerido pela Rose Maria Muraro que trabalhava na Editora Vozes, de Petrópolis. Editora católica, da igreja católica. Mas a Rose Marie conseguiu convencer os padres de que aquele livro era importante e foi traduzido e lançado. E quem falou do “Vida contra a Morte” para a Rose Marie fui eu.

PEDRAS QUE ROLARAM: A ROLLING STONES BRASILEIRA

P- A revista de música e comportamento, Rolling Stone, lançada em 1972 por você e Gabriel O. Meara, com o mesmo título da similar americana, teve como intuito não apenas divulgar informações acerca dos grandes astros da música pop internacional e nacional, como também de discutir sobre literatura, cinema, filosofia, comportamento, sexualidade, drogas, enfim, uma publicação voltada para a rebelião juvenil e o contexto da contracultura. Inicialmente mensal, e depois de periodicidade semanal, persistiu até o trigésimo sexto número (a revista durou um ano) e podemos afirmar que foi uma das precursoras do gênero no país. Como que foi esta experiência? Como você conheceu Mick Killinbeck? Qual a trajetória da Rolling Stone?

LC – O Gabriel não teve essa importância que apareceu aí. O Gab era mero colaborador. Foi editada por mim só. Pertencia ao Mick, a um americano e a um francês. A revista pertencia a Mick que era inglês, esse americano e o francesinho. Este francês não tinha nada a ver com rock, mas foi chamado para administrar com eles e tudo e o Mick era um fanático por rock. O cara que gostava mesmo, que puxou a Rolling Stone foi o Mick. Mick foi ao Pasquim e me chamou para eu ser editor da Rolling Stone brasileira, eu era ligado ao assunto devido ao underground, e eles precisavam de um jornalista brasileiro, que fosse o diretor responsável pela publicação. Não sei se hoje em dia existe isso, de ter que ser brasileiro, ser responsável pela publicação, mas na época era. Daí eu topei e começamos a fazer. Eu reuni uma turma bem eclética: o Ezequiel Neves, o Zeca, que ficava lá o dia todo, escolhia as matérias, discutia a pauta comigo. Muito mais editor de que o Gab, o Gab só ia lá para entregar matéria. Agora o Ezequiel participava ativamente, a Ana Maria Baihana... e o Mautner aparecia para visitar a redação e acabava escrevendo sobre qualquer coisa. Ana Maria Bahiana fez um filme inspirado na Rolling Stone, se passa nos anos 70 e foi na redação do jornal, tinha os personagens jovens e tal. Eu sei disso porque ela nos chamou. Foi eu, o Ezequiel e o Dropello, que era um garoto na época que fazia vendas do jornal na rua, fazia outras coisas (risos) e escrever

não era o forte dele. Para conversar com o elenco, contar como era na época. O Zeca é essencial para falar da Rolling Stone. E aí aconteceu isto na época, tinha os roqueiros, a Cremira, que era uma senhora que participava no grupo de estudos da Dra. Lise da Silveira, psicanalista. Essa mulher é muito famosa no Rio de Janeiro, é uma velhinha que morreu já com oitenta e poucos anos de idade. Estão fazendo um livro sobre a vida dela, uma figura mítica, de orientação yunguiana, ela é apaixonada por Yung. Então através da Cremira eu até me aproximei da Dra. Lise, fui lá nas reuniões do grupo de estudo, discutia-se a psicologia de Yung, o inconsciente coletivo, essa coisa de hippie, contracultura, o que isso tem a ver com o inconsciente coletivo. A Dra. Lise e o pessoal dela se interessava pelo fenômeno de contracultura, porque achavam que era uma coisa que Yung explicava sabe...e a Cremira conseguiu um emprego de revisora lá, foi contratada como revisora e ela ia todos os dias lá. Ela não tinha nada a ver com o rock, então ela conversava comigo e ela forçava minha barra para eu ampliar a área da Rolling Stone para além do rock e discutir estes assuntos de comportamento, daí eu comecei a fazer também. Quanto a verba para a Rolling Stone, o Mick tinha fechado com a Rolling Stone de lá para mandar royalties, para receber o material deles, fotos e textos e tudo e ele pagava um royalty. Nunca pagou nada, nem um primeiro pagamento desses famosos royalties. E o Mick é que corria atrás do dinheiro, ia nas gravadoras e tudo. Mas ele também tinha dezessete anos e era físico nuclear, tava aqui no Brasil fazendo não sei o que, tava inventando a bomba atômica no Brasil (risos). Mas era assim fã de rock, doído, apaixonado! Ele tinha isso, ele contratava as pessoas, pagava direito, tinha uma secretária que pagava um bom salário, aí contratava, todo mundo foi contratado para a redação, todo mundo tinha salário, quer dizer ele não tinha esse negócio brasileiro...porque os jornais contraculturais ninguém ganhava nada, na Flor ninguém ganhava nada! Vide o Navilouca, o Bondinho...ninguém ganhava nada! Só pagava porque era gringo, era um americano, um inglês, um francês, tem que pagar né? Mas daí por conta disso acho que eles não seguraram o negócio do jornal. Primeiro não pagaram os royalties e a Rolling Stone simplesmente parou de mandar material, mas daí a gente roubava do mesmo jeito, né? Daí virou pirata, roubava as matérias todas e... finalmente chegou num ponto que não dava mais para sustentar.

P- A partir da revista Rolling Stone, você estreitou sua amizade com Jorge Mautner, e depois se reúnem para fazer uma nova revista underground no Brasil. Surge,

então, o projeto da revista KAOS, em 1974. Nos anos 50, Mautner tinha lançado o movimento do KAOS com K, que consistia na subversão e na contestação dos valores vigentes – não apenas políticos, econômicos e sociais, mas principalmente morais, psicológicos e existenciais. Como surgia essa idéia e por que se tornou inviável?

LC - O Rogério Duarte é peça fundamental em todas essas produções, exceto a Rolling Stone. A Rolling Stone era do Lapi, mas Rogério estava na Flor do Mal e no Caos com K, inclusive ele fez um projeto gráfico lindo. A gente ia fazer uma revista enorme, do tamanho de um bonde assim, tirado de uma revista européia. O Rogério tirou, apanhou para a gente a revista que era grandona, bom papel, impressão a cores, um luxo...e o Rogério fez um boneco, fez o planejamento gráfico, fez o logotipo. Era um Kaos que parecia uma coisa oriental, mas o Rogério falou que era para dar um ar oriental, mas ao mesmo tempo ser só um rabisco. Mas era muito bonito, uma coisa mais marcante no projeto do Kaos foi o projeto visual. A idéia do release gravado foi idéia do Mautner junto com o Caetano, conversar sobre o projeto e mandar para os jornais. Não deu em nada, falaram que era coisa de maluco, maconhado...imagina...o Caetano não fuma maconha, era o Caretano, mas acharam que era maluco. E realmente era maluco. Nós descobrimos isso porque nossa esperança era uma parceria com a livraria Archete francesa, eles editavam coisas aqui. Nós fomos conversar com o diretor da revista responsável no Brasil. Aí nós explicamos o projeto para ele, tava tudo cem por cento!!! Até o momento que a gente entregou o primeiro número... Aí ele disse: Isso é coisa de hippie! (risos) Daí ele não quis fazer...Foi mais um não fazer na minha vida (gargalhadas)... e a na do Rogério também que é um campeão de não fazer. Nós tínhamos inúmeros projetos juntos, um deles era o “Além Disso”. O Rogério fez o planejamento gráfico, o boneco, fez tudo de novo, fez tudo diferente. Quando eu pensei o nome, pensei em relação à imprensa, que eles falam uma porção de coisas, mas além do que eles falam, temos outras coisas para falar. “Além Disso” tudo que está aí na banca... sai na banca, o “Além Disso” é diferente. Mas ninguém quis saber mais nada além disso...(risos). O Rogério tinha uma visão metafísica do “Além Disso”: além do mundo material, uma realidade infinita, maior.

P- Maciel, você tem alguma dessas produções?

LC – Eu infelizmente não tenho mais nenhuma dessas produções. Tem um monte de papelada velha, se aparecer alguma dessas produções eu te encaminho.

P- Percebemos um novo conservadorismo, uma geração conformista, que aceita ser peça útil e ajustada ao sistema, enfim, mais um produto a ser consumido. Como você disse na última conversa nossa, a época é de uma total robotização do indivíduo. O que pode ser considerado contracultura hoje?

LC- Olha, eu vou para um evento em Porto Alegre, vai ter um evento cultural lá, organizado pela Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, ele se chama “4X Brasil”. E o tema, a idéia do evento, ele teve, vendo o meu livro As Quatro Estações, que como eu falo lá de quatro décadas, quatro experiências minha com a cultura brasileira, as quatro décadas do século, os anos: 50, 60, 70 e 80. Então vai ter palestras, exposição, exibição de filme, vai ter show de música. Vai ter uns eventos no auditório Borges de Medeiros, na Rua da Praia, bem central. Aonde eu vou falar, vou participar de uma mesa com Afonso de Santana, Fernando Gabeira e o Nelson Motta, para falar dessas coisas. Eles vão editar um livro relacionado ao evento então pediram aos professores, convidados contribuições. Este livro é patrocinado pela COPESUL. Aí eles me pediram para eu escrever meu texto antes, porque eles querem lançar o livro, já na semana que vem, dia 13. Vai ter o lançamento do livro, depois o seminário, debates e tudo mais. Daí, eu fiquei pensando...sobre o que vou escrever? Daí eles falaram: “Não, escreve sobre seu livro! Porque o evento tem a ver com seu livro, escreve sobre seu livro. Daí, pensei: quem não quiser ler meu livro, leia o meu artigo e pronto... Daí, eu precisava fazer uma coisa diferente, uma coisa nova. Daí, eu li um livro que a Luciana Vilas Boas da Record me encaminhou chamado “A Ilusão Vital” de Jean Baudrillard. Então, eu estava lendo o Baudrillard. Daí, ele conta aquelas coisas malucas, porque o Baudrillard é um artista da Filosofia, ele não tem compromisso com o sistema conceitual organizado, nem nada. Ele joga idéias, o escrito dele é de uma idéia que ele teve, sobre clones, muitas coisas contemporâneas, a verdade virtual. Ele fala que o processo histórico chegou a um momento de saturação onde há uma reversão. Aliás, todos os processos contemporâneos ele acha que houve uma reversão. Ele chama de a reversão da História. E isso aconteceu, segundo ele, no final dos anos 70, anos 80 que houve

essa rebordosa. Mas ele não se preocupa em dizer porque que houve isso. Só diz que houve, que ele observa. O Baudrillard fala de coisas que ele observa, imagens fotográficas, ele é fotógrafo. Ele adora fotografar. Ele se apresenta como fotógrafo e professor. Então eu pensei que idéia interessante, mais ou menos um resumo das coisas que estou observando no meu livro...o outono, o inverno, pô o cara está observando que a história está andando em marcha ré. Pô isso é uma idéia realmente maluca. Porque a própria idéia de história é de uma coisa que vai sempre para frente né? A história filosófica moderna de Hegel fala da evolução do escrito, é o escrito indo para sua marcha dialética através das contradições, está caminhando assim para o espírito absoluto né? É o que Marx falava, que a história vai sempre para frente só que Hegel está de cabeça para baixo. Vamos colocar ele em pé, em pé são as condições materiais humanas e que a humanidade não está caminhando para o espírito absoluto e sim para a sociedade comunista. O comunismo que vai culminar este processo. Eu acho que essas idéias todas, essa idéia histórica da filosofia alemã uma coisa que avança vem de Mestre Eckhart, místico alemão do século XVII. Mestre Eckhart acreditava que nós dependemos de Deus da mesma forma que Deus depende da gente. Deus está se fazendo... Que a nossa evolução que consta em erros e acertos vai fazendo o Deus. Deus é uma coisa dinâmica, não é uma coisa extática, falar Deus e pronto. Então no artigo eu falo sobre pós-modernidade, da reversão. Eu não quero nenhum compromisso sério com o pensamento geral de Jean Baudrillard, acho muito louco, mas tudo bem também!!! Mas o que eu peguei também foi essa idéia da reversão da história. E aí, teve o lançamento do evento lá que eu fui, um jantar em Passo Fundo, num Congresso Literário, como esse de Parati, os gaúchos tem o deles lá também. Aí, teve o jantar, teve o discurso, daí eu fui falar, estava o Sergio Paulo Rouanet, Junqueira, presidente da Academia Brasileira de Letras, o professor Araújo, dramaturgo, outros intelectuais. Daí, eu falei sobre a reversão da história e foi um escândalo! Então eu acho que esse escândalo vai acabar se repetindo, para agitar e vou largar esta...Terei certamente oposição do Gabeira. Vai sair no livro que eles vão publicar "4 X Brasil". Quanto poder existir contracultura hoje, no sentido histórico da contracultura daquela fase certamente não. É uma coisa ligada àquela época, era uma coisa que brotou ali naturalmente, que era daquele tempo. Agora a contracultura tem um sentido de ser uma crítica radical, uma crítica assim que não é contra a economia, a política, nem a filosofia, nem ao comportamento, nem a

estética. Mas é uma coisa que envolve todos estes aspectos da nossa vida né? Tem a religião da contracultura que não é a religião tradicional, a política da contracultura que não é a tradicional, a estética musical da contracultura que não é tradicional. Me lembrei da Flor do Mal que era uma coisa literária, mas não era literatura convencional. Quem deu depoimento que era uma maluquice, deve ter sido um literato, um poeta ou escritor, das letras, é das letras!!! Mas então essa postura...pode se repetir, pode voltar. Há elementos, fenômenos da nossa época, hip-hop essa coisa marginal, há elementos assim semelhantes. Pode ter movimentos semelhantes, até em maior número. E até se refira com a contracultura de alguma maneira, mas repetir não, não repete. Eu até espero que alguma coisa aconteça, aliás, acho que vai acontecer, como eu tive a experiência da contracultura, vi ela surgir e experimentei, quando ela surgiu, eu posso declarar que a fonte dela é a liberdade. Liberdade do indivíduo. Essa coisa final da liberdade, uma coisa sartreana, coisa que eu acredito, que é o que renova, que é o que faz a vida andar para a frente! É essa a liberdade, isso não pode ser destruído, por maior que seja a alienação ou coisas piores do que a alienação, que Baudrillard fala, do fenômeno do nosso tempo: simulacro, dessublimação, muito mais graves do que alienação. Alienação é um conceito antigo, completamente superada, uma coisa que...ou a dialética, uma coisa que leva a uma resolução do conflito, não tem nada a ver... no nosso mundo não há nada que sintetize. Os radicalismos são antagônicos e extremistas, conforme o fenômeno de terrorismo que ele analisou, o fenômeno que está acontecendo nos Estados Unidos. Então é uma situação que parece muito mais grave. Eu lembro que tinha antecipado controle subliminar, conformismo generalizado é muito mais grave que a alienação dos anos 60, que precisava ser rompido então...é um caso muito mais sério. Mas não tão suficientemente sério e poderoso a ponto de anular essa fonte que é tudo para a gente, que é a liberdade.

P- Quais são os seus projetos atualmente?

LC – Agora você vai achar graça. Eu consegui um emprego, depois de nove anos desempregado. Eu vivia como freelance, agora fui contratado na TV Record em São Paulo. Então agora eu estou colaborando na novela “Prova de Amor” do meu amigo e ex-aluno Tiago Santiago. E estou fazendo outros serviços para a Record também, fazer análises de projetos de dramaturgia, curso para escrever telenovela. Mas

então estou empregado na área de teledramaturgia da TV Record. Aí tem outros projetos, o Júlio Braga, irmão da Sônia, ele é ator e também produtor. Está fazendo um espetáculo de um texto de um poeta inglês sobre o Jim Morrison, chamado “Rei Lagarto”, que vai ter banda do The Doors, um musical. Então esse “Rei Lagarto” vamos ver aí... eles estão na fase de captação, mas agora eles pegaram a crise do PT então está uma atrapalhada danada né? Vamos ver se essa coisa se acalma aí, se saí. Eu também de vez em quando dou aula, estou terminando de dar um Curso na Casa da Gávea, depois eu vou dar uma parada de aula, porque o negócio da Record pode dar muito trabalho. Dar aula é uma maldição que se abateu sobre mim...e olha que tenho jeito para a coisa, me sinto em casa. Em um seminário de Centenário da obra de Sartre, um professor jovem me indagou que deveria entrar para a faculdade de Filosofia para me dar mais autoridade ao falar sobre Sartre. (risos)

PROVOCAÇÕES BRASILEIRAS

A IMPRENSA CONTRACULTURAL
MADE IN BRAZIL (1967 - 1973)



ma
ma
epo
cad
lega
et a
"En
trutu
está,
trole
tência.
a ficar
dia est
no, pai
sas, até
vicinios
do vend

OS ARQUIVOS INCRÍVEIS DE JOÃO ANTÔNIO

BRASIL



TRAFFIC ARTS UNDERGROUND

o primeiro jornal - Nº 0 - 1971

* "O ESPAÇO VITAL"



VISITE A FEIRA
P.ª G.ª OSÓRIO



SUPER



YPA



20.000 - tiragem - offset

contribuição 0,50

Jornal Traffic Arts Underground – “o espaço vital”, nº 0, 1971

Responda para

Cx. Postal

N.º

3246

ROLLING STONE
brasileira

Gostaria de receber gratis
o folheto com informações sobre o
lançamento da Revista **ROLLING STONE**.

Trident Limiteda

Escreva no verso o que voce
espera encontrar na **ROLLING STONE**.

Nome

Endereço

Cidade

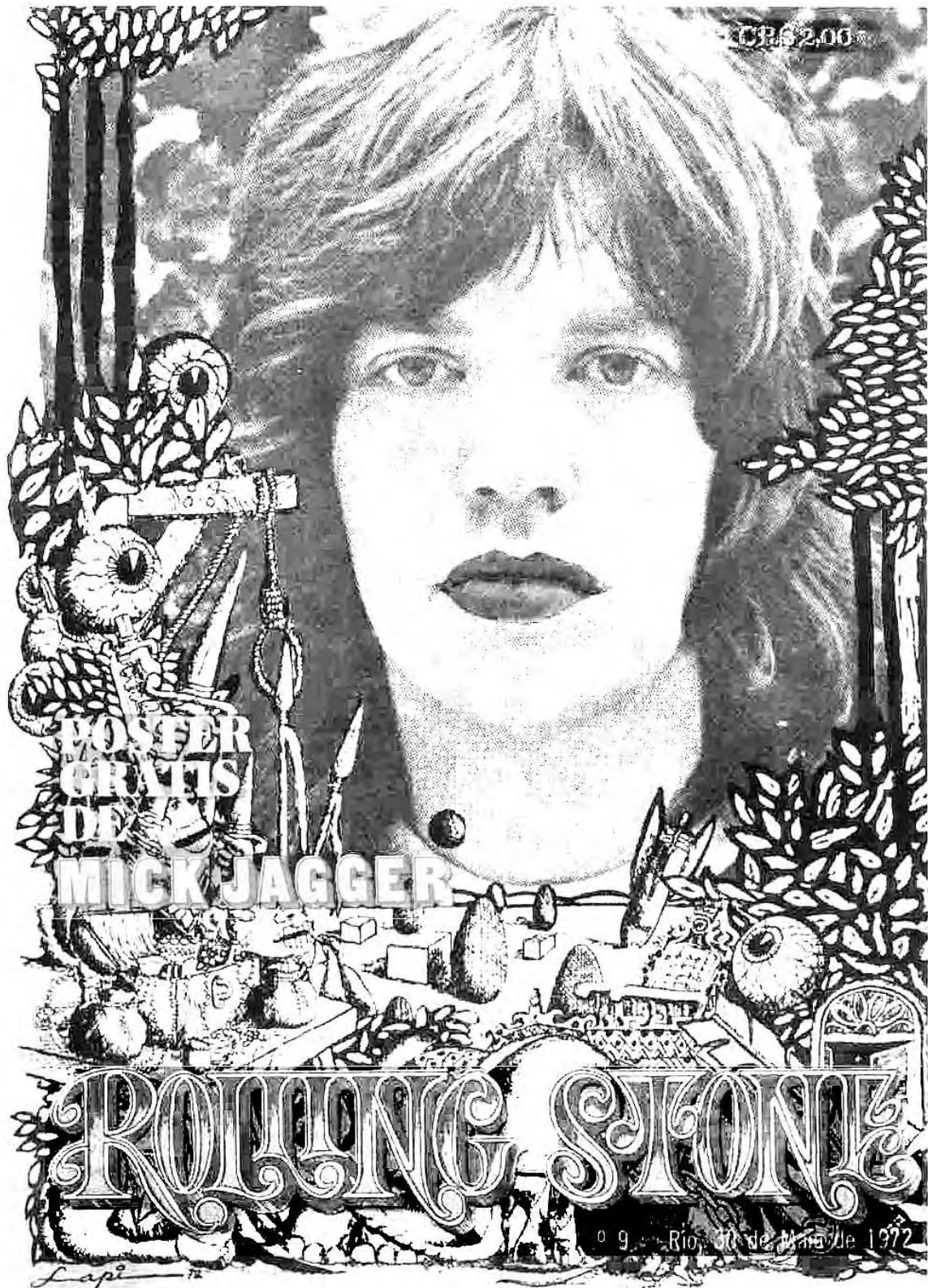
Correio

Bairro

Sim

Não

Preserve os Índios, Animais e Plantas



Capa da Rolling Stone nº 9 – Rio de Janeiro, 30 de maio de 1972

CORRESPONDÊNCIA & CONSULTÓRIO SENTIMENTAL



Oi, caras,
Qual é a do jornal? Sem essa de bajular um cara (RS nº 6) que diz ser o som a pior desgraça da juventude, ao contrário dessa e da patota local que se amarra num som bucana. Até música está fazendo mal, agora! Metradora faz coisas piores, cara.

Reny Azambuja
Mato Grosso

Ilmo. Sr. Editor,
Dirijo-me por intermédio desta a V.ª para firmar meus protestos de consideração pela brilhante reportagem com o Detetive Nelson Duarte, contra as drogas. Sou pai de três filhos e muito me preocupo com os truques da vida. Nos tempos de hoje é muito difícil para nós, pais, encaminhar nossos filhos, pois não recebemos mais o devido respeito. Sua publicação, acredite, é uma preciosa

ajuda para nós. Pretendendo ser breve para não tomar seu tempo, que acredito é muito precioso, despeço-me realizando meus protestos de consideração.

Artur Amorim de Melo
Mucelô — AL

Oi, gente,
Eu achava que o Nelson Duarte fosse mais careta, mas depois que li a reportagem que vocês fizeram cheguei à conclusão de que o diabo não é tão feio como pintam.

Maria Cecília
Rio — GB

Amizades

Parece que um gol contra já botou este sr. Detetive aí. Bem, tá certo que é *it is pretty stupid*. E, pensando bem, acho que tá certo. Só acho que ele é muito radical. Naquela concentração que houve na Praça N.S. da Paz eu estava presente com vários irmãos e nenhum de nós estava sob efeito de nenhum tipo de droga. E esse negócio de dizer que as garotas estavam com tudo de fora, qual é? Elas lavam como andam normalmente (inclusive a filha dele vide foto). Onde é que ele viu tanta "consciência"?

Usumari da C. França
Rio — GB

Chega de palhaçada

Seus sbuitres, vocês não olham o que publicam? Luiz Gonzaga, Nelson Duarte, e produtos similares são afrontas a nós, leitores. Enforquem, desfigurem este repórter imbecil que deixa este Sr. denominado Nelson Duarte dizer que o som corrompe a juventude.

Paulo César Bittencourt
Florianópolis — SC

Amigo
Sou leitor assíduo do Rolling Stone e, ao comprar o nº 6, me assustei, primeiro com a capa e depois com a reportagem com o detetive. Não quero ver polícia nem em foto. A Rolling Stone (a melhor revista around) publicando este tipo de entrevista?!? Achei a reportagem com um leve toque fascista... fotos de metralhadora, etc.

João da Silva
Rio — GB

Caretas

Pô, que negócio é esse? Uma revista como a de vocês, que se propõe a ser uma revista *underground*, não pode de modo algum boiar em dois nºs (5 e 6) entrevista com Luiz Gonzaga e outra (nº6) com Nelson Duarte, oh caras, isto não é ser *underground* nem por um caramba. Deixo claro que nem sou a favor das drogas, pois cada um na sua desde que não prejudique a alheia, nem contra Luiz Gonzaga, eu sou parado na Asa Branca, mas espera aí, só porque o Caetano cantou não vai me dizer que ela é *underground*. Corra essa de N. Duarte e Luiz Gonzaga, se ainda fosse o filho, vá lá, mas o pai não. Qual é a de vocês?

Orlando Silva
Rio — GB

Sr. Editor

Parabens pela excelente reportagem com essa obra-prima de subdesenvolvimento que é o sr. detetive Nelson Duarte. Foi um trabalho jornalístico de primeira qualidade. Continuem assim que vocês vão bem.

Ricardo Pires
Rio — GB

Alô moçoide

Como é que vocês têm coragem de

pôr na capa do jornal a asquerosa figura que é esse panaca do Nelson Duarte: seme-analfabeto e James Bond de Madureira?

Jorge Ricardo Dias
Rio — GB

Amizades

Achei legal a coragem que vocês tiveram, como acho também que o moço, o detetive, tem direito de falar o que ele acha. Mas não sei não... a realidade dele é muito violenta, vocês não acham? A visão dele é um pouco distorcida né? Lá sei rapaz, já que tem que ter lei, acho que deveria ser um pouco mais consciente.

José Ricardo
Casias — RJ

Eu não entendi muito bem esse negócio de vocês fazerem reportagem com o Nelson Duarte sobre drogas. Pelo que estou sabendo, ele nem é especializado no assunto. E depois, ele fala coisas que não são verdadeiras. Olhe, eu estava lá na praia, sim senhor, e não lembro de ter visto nada da maneira que ele falou. Ele diz que som é a pior desgraça da juventude, e eu já acho que é a violência. Se ele tem direito a opinião eu também tenho, portanto, não vejo nenhum problema de vocês editarem essa carta.

Maria Madalena
Rio — GB

Senhores

Level um susto mesmo, podem ter quando vi a fotografia do sr. Comendador, detetive e inspetor Nelson Duarte na capa do Rolling Stone E, eu acho que vocês deveriam levar algum tempo sem publicar coisas tão... pesadas.

Lurdes Nogueira
São Paulo — Capital

THE YES



celente de Bill Bruford nunca fica no caminho de ninguém. Quanto aos vocais, o Yes tem um oitavo especial para harmonias, e tira o melhor partido disso. Na primeira

em cadeiras duras num "sarrau" qualquer, e em que não havia leis regulamentando o trabalho de menores. Musorgsky escreveu uma peça para piano chamada Pictures

vez majestosa e carregada no bumbo: ficaria ótima numa festa de formatura de colégio. A seguir, o tema original The Hut of Baba Yoga, que se referia a uma bruxa

bastante desorientador. Exceção pela faixa **Rock Steady**, não há nada que lembre seu estilo antigo — na verdade parece mais um disco pop do que soul. Duas das canções

Yes

Uma das seções da Rolling Stone nº 9 – Rio de Janeiro, 30 de maio de 1972

CHUCK BERRY



1956

CHUCK BERRY

Chuck Berry volta a ser o grande ídolo da Nova Roma. Chuck, agora com 44 anos, se encontra com Bo Diddley e John Lee Hooker no palco do Anderson Theatre, no Lower East Side e dá o concerto mais importante e acontecido em Nova Iorque desde que os Noiners estouraram o Fillmore East há um ano. O encontro foi chamado de **Evolution of the Rock** e na Babilônia dos 70 só se respira o som dos 50.

O grupo mais maravilhoso da cidade se chama Elephant's Memory e eles fazem **rock n'roll** puro, da fonte, sem nenhum toque do som dos sessenta. Depois de ouvir o Elephant's Memory me deu uma certa pena do Ten Years After e outros grupos ingleses que pensam que estão fazendo **rock n'roll**. O Elephant's é um grupo de dança, um grupo circense, do esporte e do barulho. Big Stan pula, grita, desafina de pronóssito com seu sax. diz



JOEL MACEDO



Notas Ligadas

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) está precisando de conjunto quente para tocar **gratuitamente** nos bailes mensais dos alunos do Centro de Aprendizagem Ocupacional, Rua Ernestina, 87-Lins. O baile é no último sábado de cada mês, de 19 às 22 h e a APAE dá condução e lanche. O conjunto **The Nice Grazies** tocou muitos meses com uma boa vontade incrível. Depois do disco aparecem mais convites pagos e é natural que os meninos ganhem seu dinheirinho. Quem resolveu o problema do último baile foi o garí da DLU, Djalma de Sousa, encarregado de varrer a rua da escola. Conversando com ele, os alunos disseram: "Você não é do samba? Traz aquelas mulatas pra sambar com a gente." Djalma não se fez de rogado. Falou com a diretora D. Natércia e, no sábado, 29 de abril, estava lá com o **Bloco Carnavalesco Cara de Bol**. Não houve o baile de sempre, mas foi um tremendo sucesso a

(CORTA)

Ação — saímos com o 3º número do jornal. Ao mesmo tempo dissolvíamos tudo. A sala da redação foi entregue. Dividimos entre nós o que havia nela. Viajamos.

o jornal a **Tribo**, criado em Brasília, foi desativado no 3º número. Como a **Presença** no Rio. Mas nem por isso Brasília foi demolida ou desgramada

JEFFERSON DROPE TOMMASI

TRES

SURGE TOKE EM ARACAJU

Recebemos o *Toke*, o caçula da imprensa paralela, nascido em Aracaju.

O jornal é de uma força e de uma feitura gráfica aprimorada, e o seu conteúdo é tudo aquilo que um grupo de desbundados consegue fazer.

O *Toke* foi recebido com carinho e emoção aqui na redação do ROLLING STONE. O Maciel e o Lapi (Flor do Mal e Traffic Underground) gostaram muito.

O concurso de maior tesão foi recebido com muita euforia pelo Ezequiel que sugeriu o nome de Paul Buckmaster na amostragem.

Estou imaginando agora o processo de feitura do *Toke*: as pessoas se reunindo, trocando idéias, se enchendo de disposição e pronto: o jornal está nas ruas, no mundo, no planeta onde será curtido por aqueles que querem sacar este tipo de coisas.

Metam bronca e mandem números para cá (Free Press) e nós faremos um ouriço.

Gostaríamos também de nos comunicarmos sempre a respeito de coisas que fizéssemos juntos. Escrevam.

A Comissão de Nixon

WASHINGTON — Depois de um ano de estudos — que incluíam fumar maconha em prol do dever — a Comissão Nacional designada por Nixon para estudar o problema da maconha anunciou resultados surpreendentemente benignos sobre o assunto. "Pelo que se conhece até agora sobre a maconha", disse a Comissão, "seu uso não constitui uma ameaça palpável à saúde pública." A junta de treze membros pouco faltou para pedir a legalização imediata da droga, mas insistiu na suspensão das penalidades relativas ao seu uso. Esse foi o maior passo dado até hoje no sentido de tornar a maconha respeitável.

As pesquisas da Comissão indicam que 24 milhões de americanos, a maioria dos quais jovens, já experimentou a droga, mas apenas 500.000 podem ser considerados "usuários pesados" (mais do que uma vez por dia). A Comissão é de opinião que a penalidade é desproporcional ao crime: "O potencial relativo que a droga tem para prejudicar a sociedade não justifica uma política destinada a localizar e punir as pessoas que a usam."

O relatório de 180 páginas recomenda três coisas: posse privada de maconha, e seu uso, não seriam ilegais; posse pública de mais do que uma onça (28,349 gramas) estaria sujeita a confiscação ou multa; e plantio ou venda com intenção de lucro continuaria sendo um crime severamente punido. A intenção da Comissão é desencorajar o uso de maconha sem proibi-la completamente.

Por outro lado, intoxicação de maconha nunca seria defesa válida

EUA DEBATEM LEGALIZAÇÃO DA MACONHA

"O potencial relativo que a droga tem para prejudicar a sociedade" - afirma a Comissão nomeada por Nixon - "não justifica uma política destinada a localizar e punir as pessoas que a usam."



TO QUE ASSEGURE A QUALQUER PESSOA MAIOR DE DEZOITO ANOS O DIREITO DE PLANTAR, CULTIVAR, PRODUZIR, PREPARAR, COZINHAR, SECAR, TRANSPORTAR, POSSUIR OU USAR MACONHA, MANTER A LEGISLAÇÃO EXISTENTE QUE PROIBI AS PESSOAS SOB O EFEITO DE MACONHA EXERCER ATIVIDADES OU CONDUTA QUE PONHAM EM PERIGO A SEGURANÇA DE OUTROS".

Esta medida não afetaria as leis atuais que proíbem a venda, posse em grande escala com intenção de venda, cultivo com intenção de venda e importação.

John Kaplan, professor de direito da Universidade de Stanford, acha que o movimento é ineficiente, "porque não vai resolver uma porção de problemas". Kaplan recentemente publicou um livro chamado *Marijuana, the New Prohibition*, cujo ponto de vista sobre a droga lhe valeu a expulsão de um cargo público.

Ele acha que esse tipo de reforma serviria somente para levar a maconha ao nível da bebida na época da Proibição, durante a década de 20, quando a posse era legal mas a manufatura e venda eram rigorosamente proibidas. "Enquanto se permitir que a estrutura do mercado continue como está, não há possibilidade de controle de qualidade, pureza ou potência. E os traficantes continuam a ficar com o lucro todo, que poderia estar revertendo para o governo, para ser usado em outras coisas, até mesmo na reabilitação de viciados em drogas pesadas. Fazer do vendedor um criminoso é a pior

de pertencem por si, e, em vez de serem gravados em fita, nem se fala. São uma parada.

A trama é que, percebendo o tremendo mercado que representam os aparelhos de som, os técnicos e engenheiros das grandes fábricas resolveram

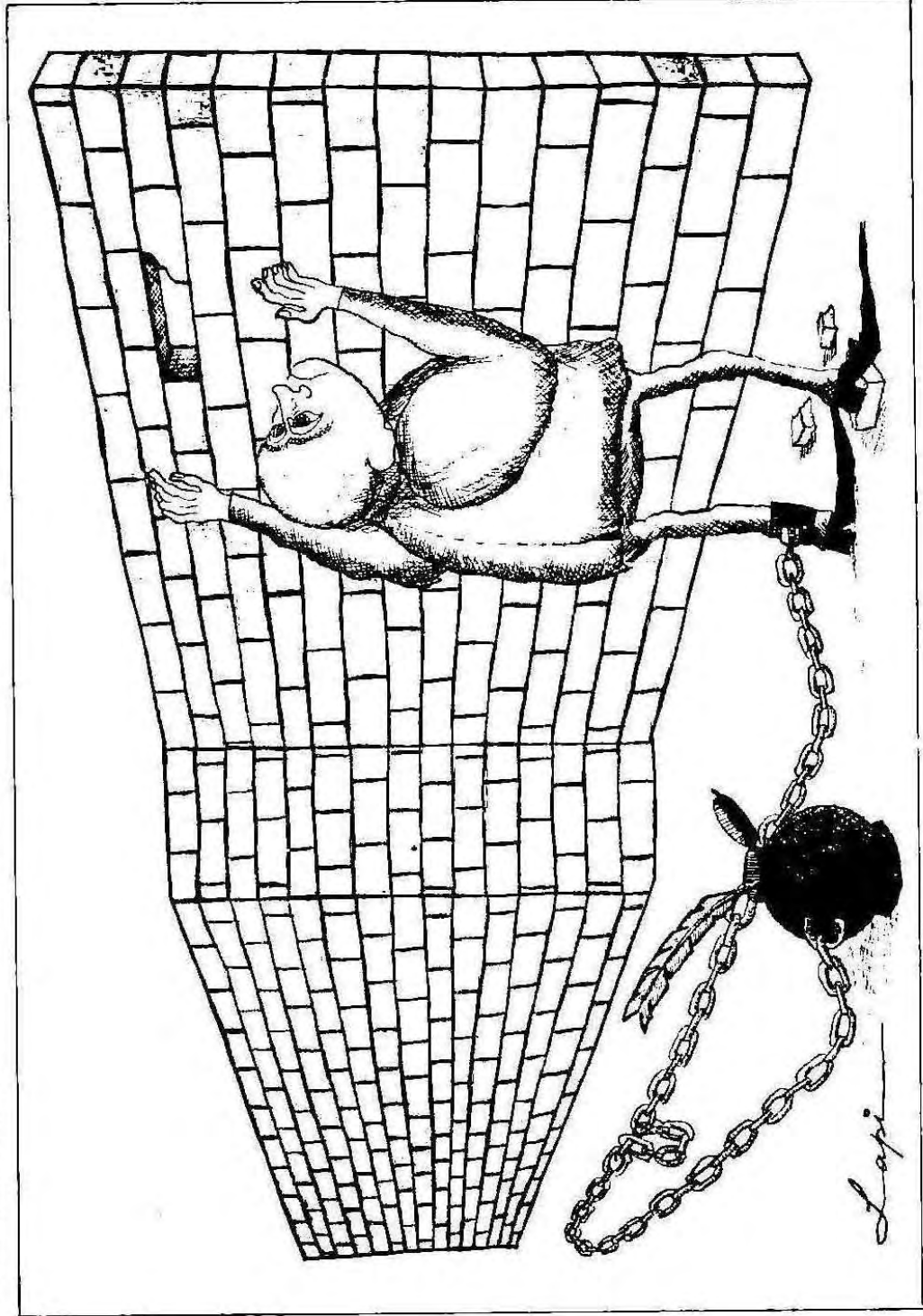
porte enchem as filas de ruidos na hora da gravação. Quando chega a hora de ouvir, já viu, é aquela água. Se nos aparelhos mais sofisticados o ruído já enche o saco, imagine o que não devia acontecer com os aparelhos com

gravação Dolby (vide figura 1) são elevadas em 10 decibéis, toda vez que o sinal de entrada for inferior a — 20 decibéis.

Princípios da redução de ruídos.

apenas um bofãozinho. Toda a maravilha deste sistema genial resume-se apenas num bofãozinho. E que diferença que ele faz!

TITO FILAK DRUMMOND



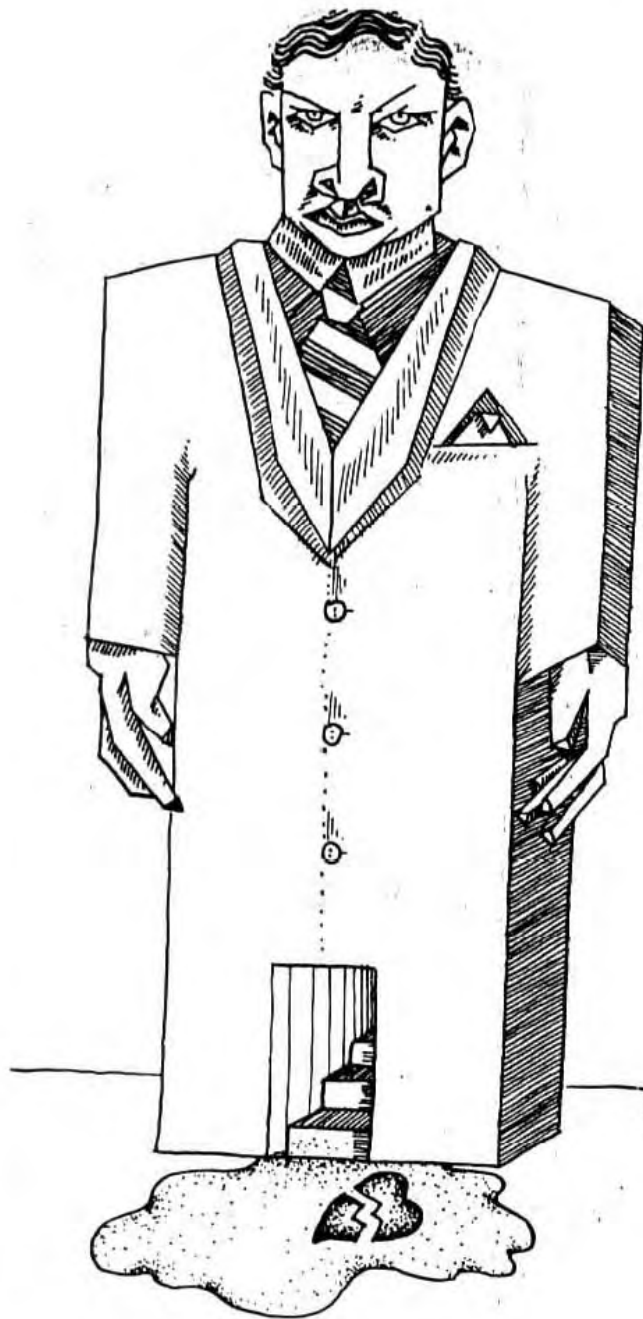
FRAÇO DE LAPI



ZÉLUCO apareceu na imprensa underground lá por 1971, publicou algum tempo e lá pelo fim dos anos 70 desapareceu. Estes desenhos são de ROLLING STONES, 1972



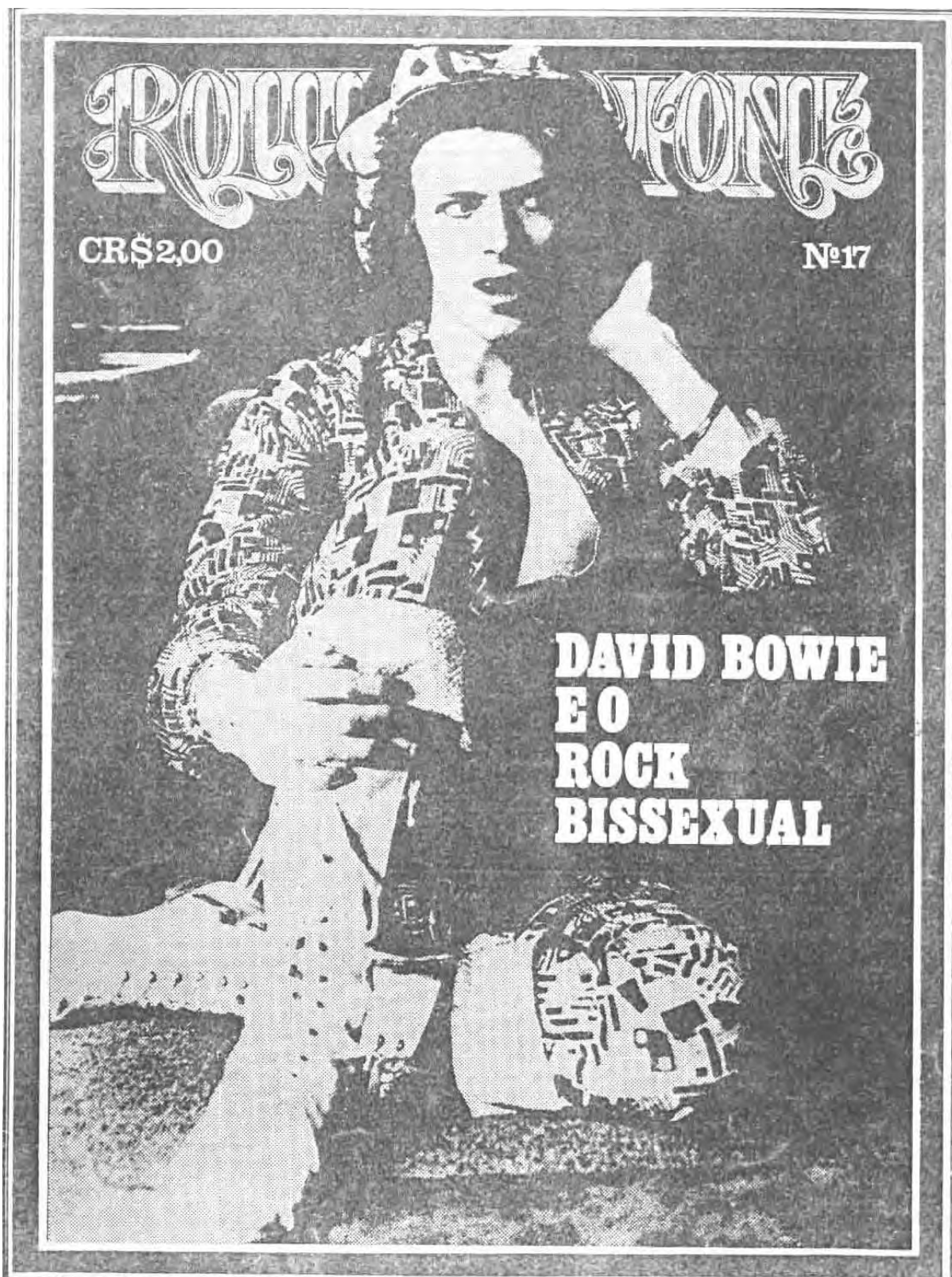
Em 1972 o ZÉLUCO chegou a publicar a sua revista ALMANAKE LILLIPUTI.



Esta edição é
uma homenagem
ao ZÉLUCO e
um agradeci-
mento ao outro
ZÉ. Trata-se
de ZÉRAMOS,
que gentilmente
me ofertou sua
maravilhosa
coleção de
ROLLING STONES.



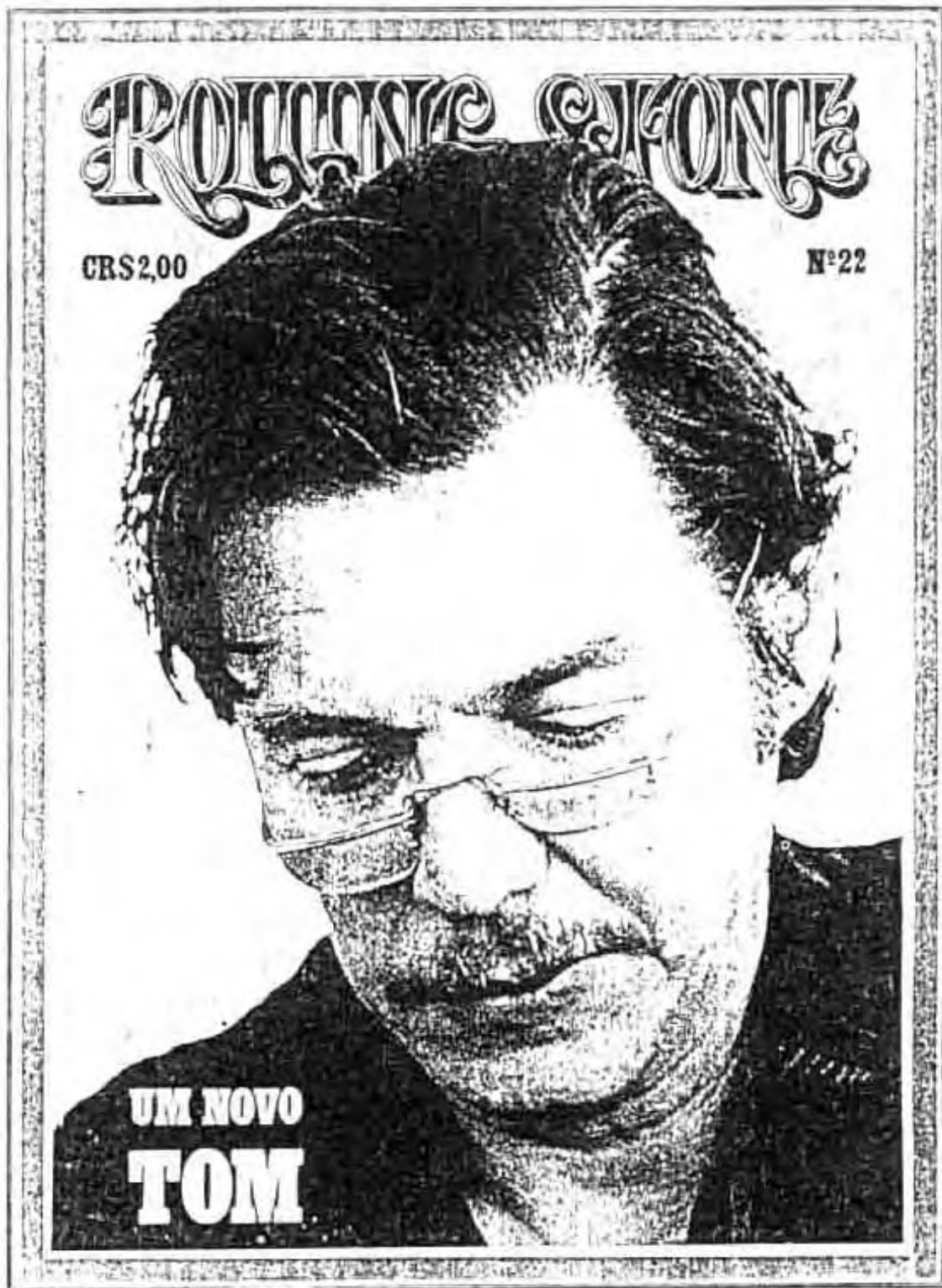
Capa da Rolling Stone nº 15



Capa da Rolling Stone nº 17



Capa da Rolling Stone nº 20



Capa da Rolling Stone nº 20

FLOMPS*

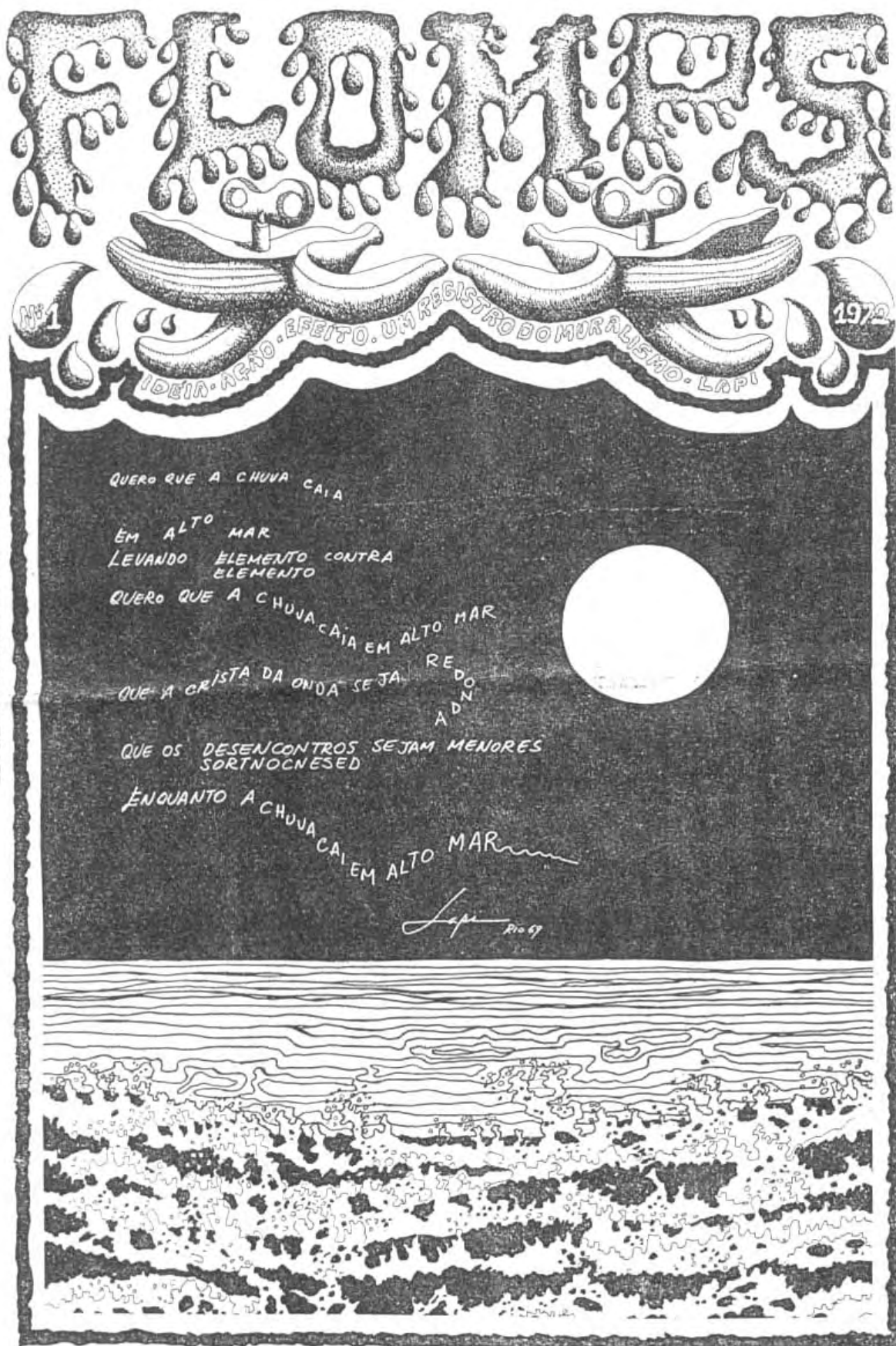


* Vai ser uma trauza incrível

OS ARQUIVOS INCRÍVEIS DE JOÃO ANTÔNIO

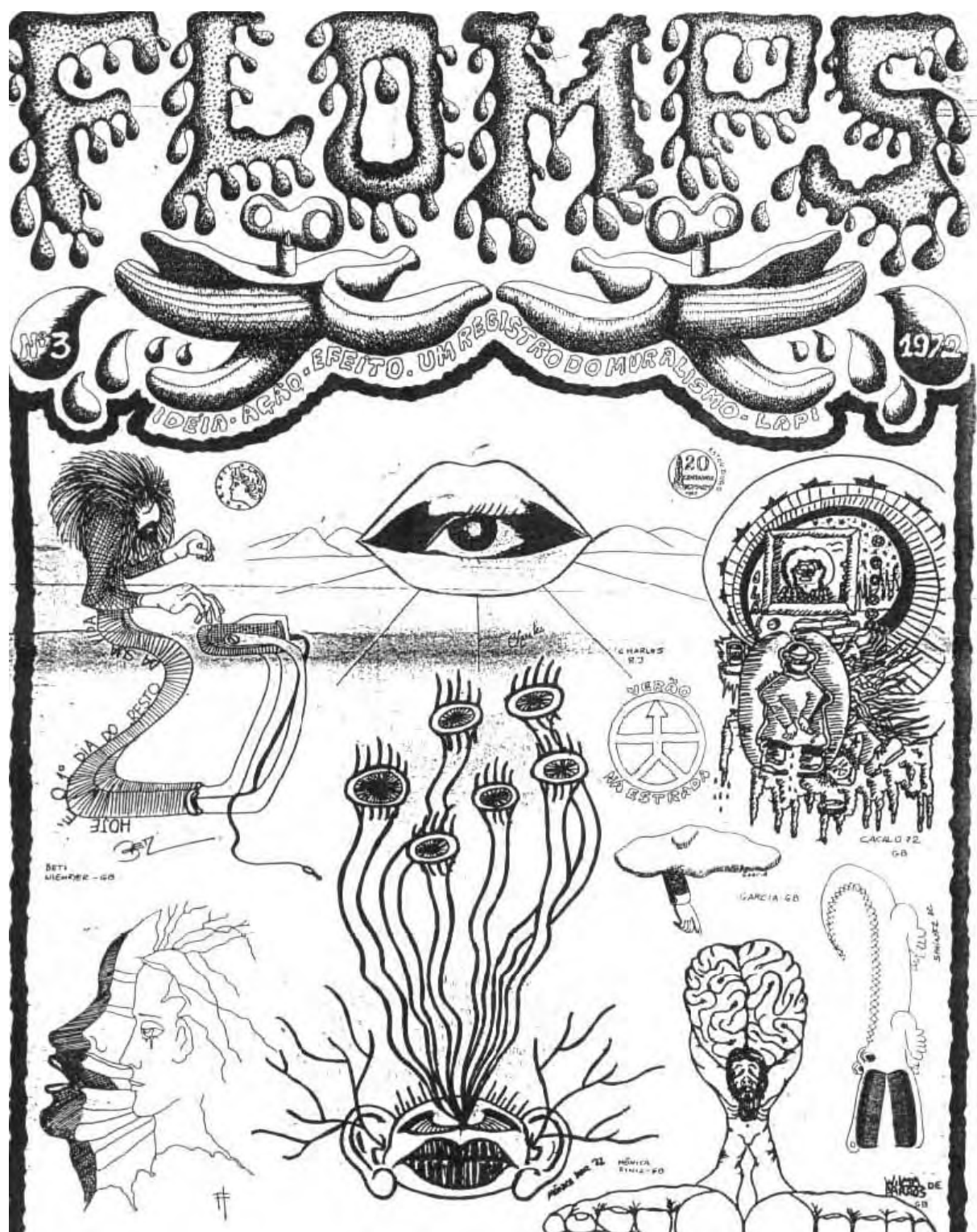
OS ARQUIVOS INCRÍVEIS DE JOÃO ANTÔNIO

Edição fac. Similar do jornal FLOMPS – suplemento encartado dentro do jornal Rolling Stone nº 34 (22/12/72). Esta edição de FLOMPS + em apenas duas páginas. Foi editada pelo saudoso Lapi. Estas chamadas de FLOMPS, que antecederam o fac. Símile, saíram nas edições anteriores de Rolling Stone.



OS ARQUIVOS INCRÁVEIS DE JOÃO ANTÔNIO

Capa do FLOMPS nº 1, 1972



Capa do FLOMPS nº 3, 1972

ROLLING STONE

Uma aventura à brasileira

Leonor Amarante

O Brasil também teve a sua Rolling Stone. A versão verde e amarela foi lançada no Brasil em 1972, cinco anos depois da norte-americana, e durou exatamente 12 meses. Nasceu na época em que Okky de Souza era simplesmente Okkey, Rose Marie Muraro já era feminista, Sérgio Augusto perambulava pelos cinemas de San Francisco, Ezequiel Neyes defendia com unhas e dentes The Mamas and Papas, e Luiz Carlos Maciel acreditava no jornalismo moderno. Todos integrantes de um dos expedientes mais heterogêneos do jornalismo dos anos 70. Sérgio Augusto, em 1971, ainda estava no Pasquim, quando ouviu dizer que Hamilton Almeida Filho (Ex. Bondinho) pensava em comprar os direitos autorais da Rolling Stone. "Parti para San Francisco e, depois, soube que o Luiz Carlos Maciel foi quem lançou a revista. Nunca fui roqueiro, os últimos cantores do gênero que curti foram Little Richard, Elvis Presley e Bill Haley. Escrevia sobre cinema. A revista era aberta a todas as áreas, como a norte-americana." Foi com essa abertura que dona Lalá, líder máxima da Tradicional Família Mineira,



mereceu duas páginas do n° 21, confessando-se uma "velha praferentex".

Tentando ganhar um público igualmente diversificado, a Rolling Stone nunca se fechou no círculo do rock e soube garimpar os melhores momentos de Gil, Rita Lee, Gal Costa, Macalé, entre outros. A capa do n° 1 trazia, por exemplo, o Blg Boy, um dos disc-jóqueis mais badalados da época que animava as noites da rádio Globo do Rio. O n° 8 exaltava os requebros de Mick Jagger no auge da carreira, mas, em compensação, o n° 19 exibiu a nudez de Lavinia, uma lustrre desconhecida, talvez musa no século passado que nem mesmo foi citada nos artigos. A Rolling Stone chegou a publicar, na capa, ninguém menos que Nelson Duarte, um detetive que ficou famoso no Programa Flávio Cavalcanti, falando contra as drogas.

Sérgio Augusto não sabe exatamente por que a revista fechou, ao contrário de sua inspiradora, que se tornou o maior sucesso editorial na década. "Foi pena que aqui não tenha dado certo. Nos Estados Unidos, a Rolling Stone e a Ramparts foram as duas grandes fontes de reportagens-denúncias, que conseguiram atrair ótimos profissionais, os melhores da área do cinema e isso poderia ter acontecido por aqui."

Mas não aconteceu. Nascida para ser mensal, em 27 de junho a página cinco, praticamente branca, anunciava no rodapé que a revista passaria a semanal. Euforia, o ritmo continuou acelerado, e um belo dia, sem preconceitos, rasgava a seda na matéria Gay Power X Women's Lib, com fotos ousadas para o Brasil de Ernesto Giesel. Mesmo sem Chernobyl e o césio, as tiras de Lapi já denunciavam um futuro negro. Assim, sem muito barulho, em dezembro de 72 a Rolling Stone desapareceu. Seu último artigo discutia em tom sério: Cientificismo e Religião? Uma busca que eles esperavam talvez aprofundar no próximo número.

Matéria sobre a Rolling Stone, publicada no jornal O Estado de São Paulo, em 25/10/1987

Gerado no cosmo
Colocado no âmago
duma mulher

Você nasceu?

Do outono à primavera ele cresceu conseqüentemente o ventre dela
Ela sentiu o peso, a fome, as cambalhotas do filho - curria a dor antes da hora
- o tempo não marca o nascimento - esse acontece naturalmente
Independente da vontade - Assim ela pensava
Enquanto isso, lá dentro a coisa já caotisa de fora
Ele forçava naturalmente a saída qual germinar da semente do ventre
da Terra

Os anos passaram - ei-lo pelas ruas emburrado nas coisas.
Os indivíduos eram iguais a ele -
a moda, o social, queriam
despersonalizavam-se

que desceriam dos um
para proteção desse sinal
os direitos do pensa-
do, mais poderosos pa-
perseguidores da libera-
tomara-se o poder
e ela o mesmo em
o cordão umbilical era
psicó, psiquiá, soció, etc
bras de cada indivíduo - se
trous, mantinham os seus

TEMPO PASSOU dentro
um homem sem cordão!

e a multidão parou horrorizada
Segurando seus cordões,
temeram o nascimento



assim, embarcações do-se
nos cordões umbilicais
piqos logando-se no
matana-se, no baso-se
mento livre
giantes marinhos
São intuitiva
dentro da mãe
cada um.
sagrado -
se empulhavam nos cere-
comseguiram afitar os dos que
ficara o que eu mando, não gero
dele!
gritara a multidão.
Correu 7 sete metros
Das mãos sibilantes
Serpentes
foram aliradas

Paixão



Capa do jornal Flor do Mal nº 3



Capa da Flor do Mal nº 4

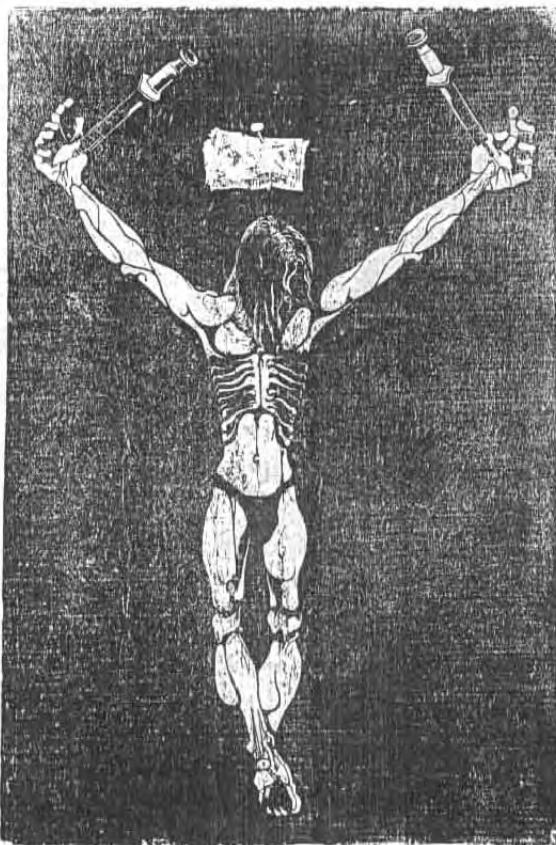
O uso do ópio e dos derivados do ópio conduz a um estado que define limites e descreve a "dependência". O termo é imprópriamente usado para indicar qualquer coisa a que uma pessoa está habituada ou deseja. Falamos de dependência em relação a doces, café, tabaco, calor, televisão, histórias policíacas, palavras cruzadas). Não mal empregado, o termo perde todo o seu significado. O uso da morfina leva ao estado de dependência metabólica da morfina. A morfina transforma-se numa necessidade biológica, como a água, e o consumidor pode morrer quando é súbitamente privado dela. O diabético morre sem insulina, mas não é dependente da insulina. Sua necessidade de insulina não é provocada pelo uso da insulina. Ele precisa da insulina para manter um metabolismo normal. O dependente precisa de morfina para manter um metabolismo morfinico e assim evitar a volta extremamente dolorosa a um metabolismo normal. Experimentei numerosas drogas "narcóticas" ao longo de um período de vinte anos. Algumas dessas drogas criam dependência no sentido descrito acima. Com a maioria delas, entretanto, isso não acontece.

OPIACEOS

Durante vinte anos tomei ópio, fumando-o ou por via oral (injeção na pele provoca abscessos. Injeção na veia é desagradável e talvez perigosa), heroína injetada na pele, na veia, no músculo, ou cheirada (quando não dispunha de nenhuma agulha), morfina, dilaudid, pantopon, eukodol, paracodina, diomina, codina, demerol, metadona. Todos são formadores de hábito em graus variáveis. E não faz muita diferença o modo como a droga é administrada: fumada, cheirada, injetada, tomada por via oral, introduzida em supositórios retais, o resultado final será o mesmo: dependência. E o hábito de fumar é tão difícil de quebrar quanto o contraído por injeções intravenosas. O conceito de que a hábito adquirido através de injeções é particularmente prejudicial provém de um medo irracional de agulhas — ("as injeções envenenam a corrente sanguínea" — como se a corrente sanguínea fosse menos envenenada por substâncias absorvidas pelo estômago, pelos pulmões ou pela membrana mucosa). O demerol cria talvez menos dependência que a morfina. É também menos satisfatório para o dependente, e menos eficaz como analgésico. Embora a dependência do demerol seja mais fácil de eliminar do que a da morfina, o demerol é certamente mais prejudicial à saúde e particularmente ao sistema nervoso. Certa vez tomei demerol durante três meses e surgiram numerosos sintomas de perturbação: mãos trêmulas (com morfina minhas mãos estão sempre firmes), perda progressiva da coordenação, contrações musculares, obsessões paranoicas, medo da loucura. Por fim contrai uma oportuna intolerância pelo demerol — uma medida de auto-preservação, sem dúvida — e passei para a metadona. Imediatamente desapareceram todos aqueles sintomas. Pode-se acrescentar que o demerol ataca o sistema digestivo tanto quanto a morfina, que exerce um efeito ainda mais depressivo sobre o apetite e as funções sexuais, sem no entanto contrair as pupilas. Durante muitos anos tomei milhares de injeções com agulhas não esterilizadas e até sujas, e nunca tive uma infecção até tomar demerol. Começaram então a aparecer vários abscessos, um dos quais teve de ser lancetado e espreñado. Em resumo, o demerol me parece uma droga mais perigosa que a morfina. A metadona é plenamente satisfatória para o dependente, um excelente analgésico e cria dependência em proporção pelo menos igual à morfina.

Tomei morfina contra a dor aguda. Qualquer opiáceo que efetivamente alivie a dor alivia também, na mesma proporção, os sintomas de retirada. A conclusão é óbvia: qualquer opiáceo que alivie a dor é formador de hábito, e quanto mais efetivamente ele alivia a dor, tanto mais formador de hábito é. A molécula que forma hábito e a molécula que aliviam a dor, na morfina, são provavelmente idênticas, e o processo pelo qual a morfina alivia a dor é o mesmo que leva à tolerância e à dependência. A morfina que não forma hábito parece ser uma pedra filosofal ainda por descobrir. Por outro lado, certas variedades de apomorfina podem mostrar-se extremamente efetivas no controle do síndrome da retirada. Mas não devemos esperar que esta droga seja também eficiente como analgésico. Os fenômenos relativos à dependência da morfina são bem conhecidos, e não

ADDICTION (ou, se preferirem dependência)



Um depoimento de Burroughs, ex-morfínomo, ex-heroinômano, ex-opiômano e muitos outros ex, sobre suas experiências de cura da dependência das drogas. Leia e aguardie a continuação no próximo número da Flor.

há razão para tratar deles aqui. Alguns pontos, parece-me, não têm merecido a devida atenção: A incompatibilidade metabólica entre a morfina e o álcool tem sido observada, mas ninguém, que eu saiba, forneceu uma explicação para isso. Se um morfínomo bebe álcool, não experimenta sensações agradáveis nem eufóricas. Verifica-se uma sensação de desconforto que aumenta gradativamente e a necessidade de outra injeção. O álcool parece ser curto-circuitado, provavelmente pelo fígado. Uma vez tentei beber ainda em estado de convalescença de um ataque de icterícia (não estava tomando morfina nessa época). A sensação metabólica era idêntica. Num dos casos o fígado estava parcialmente fora de ação pela icterícia, no outro estava literalmente pre-ocupado por um metabolismo morfinico. Em nenhum dos dois casos poderia metabolizar o álcool. Se um alcoólatra torna-se

dependente da morfina, esta substitui o álcool invariavelmente e de modo completo. Conheci vários alcoólatras que passaram a tomar morfina. Eram capazes de absorver imediatamente grandes doses de morfina (uma grama numa picada) sem efeitos moléstos, e em poucos dias paravam de tomar álcool. O inverso jamais acontece. O morfínomo não consegue tolerar o álcool quando está sob o efeito da morfina ou na fase de retirada da droga. A capacidade de tolerar álcool é um sinal seguro de desintoxicação. Por conseguinte, o álcool não pode nunca ser substituído diretamente pela morfina. É claro que um dependente desintoxicado pode começar a beber e tornar-se um alcoólatra.

Durante a retirada, o dependente mantém-se agudamente consciente da realidade circundante. As impressões sensoriais são aguçadas até o ponto da

alucinação. Os objetos familiares parecem agitar-se com uma vida trêmula e furtiva. O dependente fica sujeito a uma barreira externa e visceral de sensações. Pode experimentar momentos de beleza e nostalgia, mas a situação geral é extremamente dolorosa — (Talvez as sensações sejam dolorosas devido à sua intensidade. Uma sensação de prazer pode tornar-se intolerável depois que uma certa intensidade é atingida).

Observei duas reações particulares na primeira fase da retirada: 1. tudo parece ameaçador; 2. paranoia suave. Os médicos e enfermeiras parecem mistos de malícia. No decorrer de várias curas, achei que estava cercado por perigosos lunáticos. Conversei com um dos pacientes do Dr. Dent, que se submetera a uma desintoxicação de um hábito de petulidina. Ele descreveu-me uma experiência idêntica, disse-me que durante 24 horas as enfermeiras e os médicos tinham-lhe parecido "brutais e repugnantes". E tudo parecia triste. Falei com outros dependentes que experimentaram as mesmas reações. A base psicológica para o aparecimento de ideias paranóicas durante a retirada é bem evidente. A semelhança entre os fenômenos da retirada e certos estados de intoxicação provocada por drogas é marcante. O haxixe, a bannisteria caspi (harmalina) e peyoti (mescalina) produzem estados de sensibilidade aguda, de um ponto-de-vida alucinatório. Tudo parece ter vida. As ideias paranóicas são frequentes, especialmente nas doses excessivas. Depois de tomar bannisteria caspi, fiquei convencido de que o Grande Mestre Medicinal e seu aprendiz estavam conspirando para me assassinar. Parece ser verdade que certos estados metabólicos do corpo podem reproduzir os efeitos de várias drogas.

Nos Estados Unidos os heroínômanos estão sendo beneficiados com uma cura de redução, involuntária, da parte dos traficantes, que vêm diluindo progressivamente suas doses com açúcar láctico e barbitúricos. O resultado é que vários viciados que procuram tratamento apresentam-se em estado de dependência leve, o que permite a desintoxicação completa em pouco tempo (sete a oito dias). Recuperam-se rapidamente sem medicação. Ao mesmo tempo, qualquer tranqüilizante, anti-álérgico ou sedativo proporcionará um certo alívio, especialmente se for injetado. O dependente sente-se melhor quando sabe que há alguma substância estranha circulando em sua corrente sanguínea. O toberol, a thorazina e os "tranqüilizantes" afins, todas as variedades de barbitúricos, Chloral e Paraldehyde, os anti-histamínicos, a cortisona, a reserpina e até mesmo o choque (será que estamos tão longe da lobotomia?) todos têm sido empregados, com resultados descritos geralmente como "encorajadores". Minha própria experiência aconselha a que estes resultados sejam feitos com reservas. É claro que o tratamento sintomático é indicado, e todas essas drogas (com exceção talvez da droga mais comumente usada: os barbitúricos) têm um papel no tratamento do sintoma da retirada. Mas nenhuma dessas drogas é por si só a resposta para a retirada. Os sintomas da retirada variam com o metabolismo individual e o tipo físico. Pessoas com problemas de estômago, ou sujeitas a asma e febre apresentam, com grande intensidade, sintomas alérgicos durante a retirada: nariz entupido, coriza, olhos lacrimejantes, dificuldade de respirar. Em tais casos, a cortisona e as drogas anti-histamínicas podem proporcionar alívio definitivo. Os vômitos podem às vezes ser controlados através de drogas contra náuseas, como a thorazina.

Submeti-me a dez "curas", no decurso das quais todas essas drogas foram empregadas. Experimentei reduções rápidas e lentas, sonoterapia, apomorfina, anti-histamínicos, um sistema francês baseado num produto inútil conhecido como "amorfina", tudo menos o choque. (Estou interessado em conhecer os resultados de experiências com tratamento de choque em alguma outra pessoa.) O sucesso de qualquer tratamento depende do grau de intensidade e duração do processo de dependência, do estágio em que se encontra a retirada (drogas eficientes nas fases finais ou brandas da retirada podem ser desastrosas na fase aguda), de sintomas individuais, do estado de saúde do paciente, sua idade, etc. Um método de tratamento pode mostrar-se completamente inefetivo num determinado momento e dar excelentes resultados em outro. Um tratamento pode não me trazer nenhum benefício e ser útil para outra pessoa. Não tenho o pretensão de estabelecer qualquer juízo definitivo, mas apenas de relatar minhas próprias reações a várias drogas e métodos de tratamento.

WILLIAM S. BURROUGHS

Uma das matérias publicadas no jornal Flor do Mal

O jornalismo clandestino é o mais novo desafio lançado contra as autoridades pelos jovens dos EUA, URSS, Escandinávia e França

A IMPRENSA SUBTERRÂNEA

Nos últimos anos, cada norte-americano é um indivíduo. Não há mais o indivíduo médio, uma América sem rosto, um indivíduo vendido-se inocul, amoldado pelas grandes e consuetudinárias forças da América atual de seu país, procura e se protesta sem ter que sair para se manifestar.

Esses indivíduos são, em maioria estrangeiros, jovens de menos de 30 anos. E inventaram, como meio de expressão, a imprensa subterrânea. Com um nome que não se trata de uma imprensa clandestina, mas sim marginal. Com artigos, poemas e charges, ela debate e comenta as questões políticas e denuncia a injustiça do mundo. Ela não se preocupa com o lucro e se uniu, a despeito, para lutar contra os seus inimigos e se estabelecer solidamente estabelecido ou em via de se estabelecer.

E uma luta de alguns milhares contra uma sociedade de milhões, considerada esta como um todo integrado e homogêneo.

Em sua Europa também, principalmente os Estados Unidos, de esquerda contra os quais Jean-Paul Sartre e Jean-Paul de Gaudemar, em 1964, publicaram o livro "A imprensa subterrânea", um pequeno grupo com o máximo possível de outros países.

Portanto, para definir a imprensa Underground, antes de misturar a transcendental importância que vem adquirindo nos últimos anos, é preciso definir o que é a imprensa subterrânea em nível artesanal. Uma espécie de volta à carta de palavra impressa, como se Gutenberg e não o computador, o rádio, o telefone, a televisão, a imprensa e o vídeo fossem os meios de comunicação.

Isso há em Nova York um Sindicato da Imprensa Underground. Seu presidente, Thomas King Forzade, não é um jornalista profissional, mas sim um estudante de jornalismo. O sindicato é um órgão de comunicação e de luta política, e quase todos os membros vivem quando nos Estados Unidos e quando não nos Estados Unidos, vivem em outros países.

Em Londres, a imprensa subterrânea é conhecida como "The Underground Press". Ela é uma imprensa que se preocupa com a realidade social e política do mundo inteiro compreendida. Significa resistência ao poder estabelecido e ao sistema de valores que ele representa. Ela é uma imprensa que se preocupa com o futuro e não com o presente. Ela é uma imprensa que se preocupa com o futuro e não com o presente. Ela é uma imprensa que se preocupa com o futuro e não com o presente.

descobriam as situações, estas foram publicadas, juntamente com seus colaboradores.



Onde há oposição, eles estão sempre contra. Nos Estados Unidos, como em vários outros países, a imprensa subterrânea tem produzido pontos de vista dos jovens e de minorias ideológicas em linguagem violenta ou irreverente.



????